

	<p><b>Fundação Universidade Federal de Rondônia</b></p> <p><b>Núcleo de Ciências Humanas</b></p> <p><b>Departamento de Línguas Vernáculas</b></p> <p><b>Programa de Pós-Graduação</b></p> <p><b>Letras Mestrado Acadêmico em Letras</b></p>	
---	---	---

**RENATA CÂNDIDO DE MOURA FÉ**

**NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS: Memória e cultura no linguajar  
rondoniense**

**PORTO VELHO-RO**

**2023**

**RENATA CÂNDIDO DE MOURA FÉ**

**NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS: Memória e cultura no linguajar  
rondoniense**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras (PPGML) como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia.

**LINHA DE PESQUISA:** Estudos de  
Diversidade Cultural.

**Orientador:** Prof. Pós-Doutor Valdir Vegini

**Porto Velho-RO**

**2023**

Catalogação da Publicação na Fonte  
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

---

F288n Fé, Renata Candido de Moura.  
Narrativas orais de experiências pessoais: memória e cultura no linguajar rondoniense /  
Renata Candido de Moura Fé. - Porto Velho, 2023.

169 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Vegini.

Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras (PPGML),  
Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Narrativa. 2. Eixo formal. 3. Eixo funcional. I. Vegini, Valdir. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 82-3(043.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

**RENATA CÂNDIDO DE MOURA FÉ**

**NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS: MEMÓRIA E CULTURA NO LINGUAJAR RONDONIENSE**

Dissertação apresentada em 21 de agosto de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Valdir Vegini, Presidente da Banca e Orientador (UNIR);

Professor Dr. Élcio Aloisio Fragoso, Membro Interno ao Programa (UNIR);

Professor Dr. Fernando Simplicio dos Santos, Membro Externo ao Programa (UNIR);

Professora Dra. Maria do Socorro Dias Loura Jorrin, Membro Externa ao Programa (UNIR)



Documento assinado eletronicamente por **ELCIO ALOISIO FRAGOSO, Coordenador(a)**, em 28/08/2023, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DO SOCORRO DIAS LOURA JORRIN, Docente**, em 28/08/2023, às 11:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **FERNANDO SIMPLICIO DOS SANTOS, Docente**, em 28/08/2023, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **VALDIR VEGINI, Docente**, em 29/08/2023, às 22:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unir.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1455144** e o código CRC **7C18E663**.

---

---

**Referência:** Processo nº 23118.010036/2023-84

SEI nº 1455144

Dedico este trabalho ao meu pai, Antônio de Moura Fé, pela confiança que deposita em mim e por sempre mostrar que sou capaz de conquistar tudo que desejo!

E a minha mãe, Silvia Maria Cândida Ferreira, que incessantemente está ao meu lado.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que segue me conduzindo com as devidas lições de amor, fraternidade e compaixão hoje e sempre.

Aos meus pais, Antônio de Moura Fé e Silvia Maria Cândida Ferreira, que sempre estão ao meu lado nas horas mais difíceis e felizes da minha vida, ouvindo minhas angústias e me acalmando nos momentos de desesperos sempre me pondo para cima e me fazendo acreditar que sou capaz de tudo que me proponho a fazer.

Ao meu irmão, Renato Cândido de Moura fé, que sempre me apoia, mantém o meu foco e está ao meu lado para enfrentar qualquer obstáculo.

Ao meu esposo, Talisson Castro Antunes, que sempre me acompanha e deu todo o suporte e apoio para que frequentasse a universidade.

Ao meu filho, Henrique de Moura Fé e minha filha Tiffany Eline de Moura Fé Antunes, companheiros de todas as horas que, compreenderam com carinho e paciência a minha ausência.

Ao meu querido professor e orientador, Valdir Vegini, que hoje é meu amigo, pois desde a primeira conversa relacionada a mestrado não hesitou momento algum para ser meu orientador, demonstrando grande empatia pela minha pessoa, podendo assim, contar com ele sem medo. Agradeço-lhe pelos puxões de orelhas e horas a fio incansáveis que passamos juntos corroborando para o meu crescimento acadêmico. Dessa forma, para mim a nossa relação não pode ser somente de orientador com orientanda, mas sim de amigos que presam o melhor para o outro, obrigado professor por permitir o fomento dessa amizade.

A Rebecca Louize por sua educação e carisma.

Aos professores Dr. Fernando Simplício, Dr. Élcio Fragoso e a professora Dr. Socorro Jorin, que me acompanham desde a graduação até a pós-graduação por terem aceitado o convite para participarem da banca examinadora de defesa.

À Universidade Federal de Rondônia por ter oferecido o curso de Mestrado em Letras e me possibilitar esta qualificação.

À CAPES pelo apoio a pesquisa por meio da concessão da bolsa de estudo.

Aos professores do programa de Mestrado em Letra da UNIR, pelos incentivos e conhecimentos compartilhados.

Aos moradores de Porto Velho, especialmente, aos que me receberam com tanto carinho e compartilharam comigo suas experiências de vida.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a efetivação deste trabalho. Pois ninguém é vencedor sozinho, obrigada a todos!

## RESUMO

O objeto de pesquisa desta dissertação são narrativas orais de experiências pessoais dos moradores de Rondônia com destaque para Porto Velho. Dessa maneira, a motivação para desenvolver essa temática veio da constatação de que é necessário investigar, registrar e compreender o processo de constituição da cultura rondoniense através das narrativas como forma de contribuir cientificamente, valorizar e preservar, pelo menos parcialmente, a memória cultural de Rondônia, um Estado eminentemente construído por fluxos migratórios desde os mais remotos tempos. Nesse sentido, o objetivo geral a ser alcançado foi analisar essas narrativas com o intuito de identificar, em um primeiro momento, as características da narrativa como aponta Waletzky e Labov, retomadas por Labov e posteriormente por Ferreira Neto; em um segundo momento, extrair delas aspectos culturais incluindo identidade cultural, hibridismo cultural e etnolinguística pelas perspectivas, principalmente, dos teóricos Edward Tylor, Cuche, Laraia, Hall, Bauman e Canclini. Os métodos adotados foram o etnolinguístico, baseado no pensamento de Coseriu e Lima Barreto, além das abordagens bibliográfica, exploratória, hermenêutica e narrativa. Para a coleta de dados foi utilizado um aparelho *smartphone* para efetuar as gravações via entrevista não-estruturada, ou seja, o participante fala livremente a partir de uma pergunta disparadora. Nesse processo de construção do *corpus*, foram selecionadas quatro narrativas orais de experiências pessoais dos participantes que passaram ou vivenciaram de alguma forma os fluxos migratórios da década de 80 e da contemporaneidade. Por meio da análise realizada nesses quatro relatos, em consonância com as teorias, foi possível identificar os aspectos culturais que elas refletem bem como os identitários e híbridos, pois ao longo de suas trajetórias as suas culturas e identidades foram se transformando para se adaptarem a cada novo ambiente e a cada nova realidade. Em relação a etnolinguística ocorreu o reconhecimento do tripé entre língua, cultura e sociedade. Por fim, os estudos narratológicos realizados nessas narrativas permitiram compreender, pelo menos parcialmente, que o Estado de Rondônia e sua capital são formados desde os mais longínquos tempos por um caldeirão de diversidade cultural.

**Palavras-chave:** Narrativa; Eixo formal; Eixo funcional; Cultura.

## ABSTRACT

The subject of this dissertation is oral narratives of the personal experiences of the residents of Rondônia, especially Porto Velho. Thus, the motivation to develop this theme came from the realization that it is necessary to investigate, record and understand the process of constitution of Rondonian culture through narratives as a way of contributing scientifically, valuing and preserving, at least partially, the cultural memory of Rondonia, a state eminently built by migratory flows from the earliest times. In this sense, the general objective to be achieved was to analyze these narratives in order to identify, firstly, the characteristics of the narrative as pointed out by Waletzky and Labov, taken up by Labov and later by Ferreira Neto; secondly, to extract from them cultural aspects including cultural identity, cultural hybridity and ethnolinguistics from the perspectives, mainly, of the theorists Edward Tylor, Cuche, Laraia, Hall, Bauman and Canclini. The methods adopted were ethnolinguistic, based on the thinking of Coseriu and Lima Barreto, as well as bibliographical, exploratory, hermeneutic and narrative approaches. A smartphone was used to collect the data to make the recordings via an unstructured interview, the participant speaks freely based on a triggering question. In this process of constructing the corpus, four oral narratives were selected from the personal experiences of participants who had experienced or had experienced in some way the migratory flows of the 1980s and the present day. Through the analysis carried out on these four accounts, in line with the theories, it was possible to identify the cultural aspects they reflect as well as the identity and hybrid aspects, since throughout their trajectories their cultures and identities have been transformed to adapt to each new environment and each new reality. Ethnolinguistics has recognized the tripod between language, culture and society. Finally, the narratological studies carried out on these narratives have made it possible to understand, at least partially, that the state of Rondônia and its capital have been made up of a melting pot of cultural diversity since the earliest times.

**Keywords:** Narrative; Formal axis; Functional axis; Culture.

## **LISTA DE ABREVIÁTURAS**

AC - Ação Complicadora

E-N - Enunciador (a) Narrador (a)

I-O - Interlocutor ouvinte

NOEP - Narrativa Oral de Experiência Pessoal

PIBIC - Programa de Iniciação Científica

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>1. NARRATIVAS ORAIS: Instrumento da Transmissão do saber</b>	17
<b>2. EIXO FORMAL: Estrutura Interna das Narrativas</b>	21
<b>2.1 A Organização Temporal da Narrativa</b>	23
<b>2.2 Tipos Temporais de Sentenças Narrativas</b>	24
<b>2.3 Tipos Estruturais de Sentenças Narrativas</b>	25
<b>3. EIXO FUNCIONAL: Estrutura Externa das Narrativas</b>	26
<b>3.1 Avaliação</b>	26
<b>3.2 Relatibilidade</b>	27
<b>3.3 Credibilidade</b>	28
<b>3.4 Causalidade</b>	28
<b>3.5 Atribuição do Elogio e da Culpa</b>	28
<b>3.6 Ponto de Vista</b>	29
<b>3.7 Objetividade</b>	29
<b>3.8 Resolução</b>	30
<b>4. MEMÓRIA: Lembrando e Relembrando</b>	31
<b>4.1 Memória Individual</b>	32
<b>4.2 Memória Coletiva</b>	33
<b>5. CULTURA: O Modo de Ver o Mundo</b>	35
<b>5.1 Identidade Cultural</b>	38
<b>5.2 Hibridismo Cultural</b>	40
<b>5.3 Etnolinguística: Língua, Cultura e Sociedade</b>	42
<b>6. APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES</b>	45
<b>7. COTEJAMENTO E DISCUSSÕES</b>	47
<b>7.1 Estrutura das NOEP: Eixo Formal</b>	47
<u>7.1.1</u> Resumo	47
<u>7.1.2</u> Orientação	48
<u>7.1.3</u> Ação complicadora	55
<u>7.1.4</u> Coda	66
<b>7.2 Eixo Funcional</b>	67
<u>7.2.1</u> Avaliação	67

__7.2.2 Relatabilidade	72
__7.2.3 Credibilidade	79
__7.2.4 Causalidade	82
__7.2.5 Atribuição Do Elogio E Da Culpa	84
__7.2.6 Ponto De Vista	91
__7.2.7 Objetividade	94
<b>7.3 Interpretando a Memória Individual</b>	96
__7.3.1 Interpretando a Memória Coletiva	97
<b>7.4 Interpretando a Cultura dos participantes</b>	100
__7.4.1 Interpretando a Identidade Cultural	106
__7.4.2 Analisando o Hibridismo Cultural	107
__7.4.3 Interpretando a Etnolinguística	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	115
<b>REFERÊNCIAS</b>	120
<b>ANEXOS</b>	120
<b>Anexo A: Narrativa 01</b>	120
<b>Anexo B: Narrativa 02</b>	125
<b>Anexo C: Narrativa 03</b>	133
<b>Anexo D: Narrativa 04</b>	144

## APRESENTAÇÃO

Nasci na cidade de Porto Velho, sou filha de pai migrante do Nordeste e mãe portovelhense. Meu pai veio para essa cidade em busca de dias melhores, pois enxergou aqui, principalmente na época do garimpo, uma oportunidade maior para realizar alguns de seus sonhos. Entretanto, ao trabalhar na profissão percebeu que o risco de vida não valia a pena e que ficar rico às custas do garimpo não era algo que ele quisesse arriscar. Apesar de seus primeiros planos não terem ocorrido de maneira satisfatória, o inesperado aconteceu, que foi a constituição da nossa família, pois isso sim não estava nos planos! Ele era só um e se transformou em seis, eu sou a mais nova e a única menina entre os filhos. As dificuldades enfrentadas por nossos pais para nos criar foram muitas, mas foram elas que fizeram a diferença nas nossas vidas. Primeiro, que meu pai nunca se conformou em ter vindo de Floriano, interior do Piauí, para ser pedreiro<sup>1</sup> aqui em Porto Velho, logo, esse foi o ponto de partida, a indignação! E segundo, que meu pai sempre deixou claro para nós, os filhos, que o estudo é a porta do sucesso para qualquer pessoa. Tendo em vista, que ele mesmo é fruto desse dizer, pois, deixou de ser pedreiro, entrou na Universidade Federal de Rondônia com muito esforço, conseguiu permanecer e se formar, apesar de ter cinco bocas que dependiam dele para se alimentar. Posterior, passou em um concurso público para ser professor. Dessa maneira, com essas palavras ditas quase sempre e com o exemplo que tínhamos dentro de casa nós sabíamos que com os estudos poderíamos ser o que desejássemos. Então, eu fui em busca de ser o que eu queria! A princípio, acho que por ser jovem não sabia o que o futuro me reservava, mas sabia que se eu estudasse eu alcançaria o sucesso desejado. O que eu não esperava era que os obstáculos chegassem primeiro que a glória, dado que, quando eu estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio engravidei, mas isso não foi um impasse para abandonar os estudos, pois sempre sonhei em fazer uma graduação na mesma universidade que meu pai se formou! Então, continuei estudando com muitas dificuldades porque eu tinha um filho que dependia de mim, mas isso não foi problema devido eu sempre poder contar com a ajuda do meu marido. Dessa forma, consegui terminar o Ensino Médio e em seguida prestar o vestibular, e na minha primeira tentativa consegui passar para Letras Português, que alegria! Entrei pela primeira vez na Universidade Federal de Rondônia/UNIR em 2012, nossa! Fiquei encantada com tudo o que tive contato na universidade, e em pouco tempo já estava envolvida em projetos, PIBID, entre outras coisas, mas no quarto período descobri que estava grávida novamente, e isso me deixou

---

<sup>1</sup> Operário que trabalha em obras de pedra, cimento e cal

muito reflexiva, de tal forma que eu não consegui conciliar a gravidez com os estudos e infelizmente tive que trancar o curso. Fiquei três anos afastada, só retornei depois que minha filha começou a estudar na creche. Porém, como nada é simplesmente fácil, no retorno para a UNIR a grade curricular do meu curso tinha mudado e iria ser muito burocrático para que eu retornasse os estudos. Isso me deixou muito chateada e me abalou um pouco, porém, eu pensei, se eu já passei uma vez no ENEM eu posso passar de novo! E assim eu fiz, mas só que agora com um diferencial, em 2015 prestei o vestibular junto com o meu irmão e passamos, passamos e eu consegui convencer ele a fazer o mesmo curso que eu já havia começado antes. Que maravilha! Foram anos maravilhosos de aprendizados, amadurecimento e muitos conhecimentos que pudemos compartilhar juntos. E foi na ocasião da graduação que a Narratologia entrou na minha vida, dado que, em uma das disciplinas do curso, tivemos a oportunidade de conhecer o professor Valdir Vegini que ministrava a disciplina de Latim I e II em nosso curso. Em uma de suas aulas ele estava comentando sobre o projeto de pesquisa “Narrativas do Linguajar Rondoniense” que ele era e é coordenador, e foi o nome que pode até parecer brincadeira mais foi o nome do projeto do professor que despertou em mim o interesse de querer saber mais informações a respeito do tema, visto que, meu pai por ser migrante de outra região contava muitas histórias para nós quando éramos criança e eu ficava encantada, mas não porque eram histórias inventadas, mas porque eram histórias da vida dele, experiências dele. Então, o nome e o objetivo que o projeto aborda me fez lembrar da minha infância, que ao meu ver leigo o que era apenas uma história poderia ser muito mais que isso, ou seja, uma narrativa oral de experiência pessoal pode deixar emergir da alma humana tanto aspectos narratológicos, linguísticos, etnolinguísticos quanto o fenômeno-bio-psíquico-social. Por conseguinte, ingressei no projeto de pesquisa e iniciei as primeiras leituras e fui me envolvendo e me deslumbrando cada vez mais com a temática. E, esse tema me cativou tanto que foi a escolha do meu trabalho de conclusão de curso (TCC). E, no dia da defesa do meu trabalho, eu pude constatar que fiz a escolha certa para finalizar a minha graduação, pois os professores que me avaliaram gostaram muito de como ele era rico em detalhes narratológicos e que eu não poderia finalizar a minha vida acadêmica somente com a graduação, pois o meu trabalho de conclusão de curso merecia ser transformado em uma dissertação de mestrado e que era um tema muito interessante, e assim, foram surgindo muitas orientações sobre como eu poderia desenvolver e me aprofundar mais nessa temática. E em meio a todas essas orientações que estavam surgindo a sugestão da professora Maria do Socorro Dias Louro Jorrin foi a que mais chamou muito a minha atenção quando ela disse que eu poderia verificar as narrativas dos migrantes, pois ela mesmo era uma migrante do Nordeste e veio para Porto Velho na esperança

de dias melhores. Essa informação foi muito importante para mim, pois era mais uma narrativa oral que se entrelaçam com a do meu pai, afinal os dois eram nordestinos, logo, eu comecei a pensar na construção do estado de Rondônia e percebi que no nosso Estado houve uma miscigenação muito grande no decorrer do seu desenvolvimento, então, com todas essas informações eu não perdi tempo e comecei a escrever o meu projeto de mestrado para submeter na próxima turma, a turma de 2021. Dessa forma, ingressei no mestrado com muita gratidão e sigo tendo essa gratidão às pessoas que estão envolvidas de alguma maneira nessa minha jornada. Mas gostaria de destacar nesse momento o programa de bolsas da CAPES, pois sem o recebimento da bolsa de estudos eu não conseguiria estar permanecendo e nem seguindo a minha jornada com tranquilidade, ainda mais devido ter dois filhos, então esse é um programa do governo que é fundamental para a permanência de muitos estudantes em instituições federais e eu sou muito grata por existir essa assistência aos alunos do mestrado em Letras da UNIR.

## INTRODUÇÃO

A língua como instrumento de interação social pode se manifestar de diversas maneiras, entre elas, a oralidade é uma das mais expressivas que conhecemos. (COUTO E VEGINI, 2014 P.13). Com base nessa citação, entendo que o uso do gênero narrativo faz parte do cotidiano e todos os indivíduos de uma sociedade fazem uso dele para interagirem socialmente. E isso me fez levantar uma questão-problema para iniciar a minha pesquisa, tendo em vista que, meus estudos têm mostrado a relevância de “ouvir as vozes” e/ou “deixar falar as vozes” Vegini (2018) dos participantes narradores de Porto Velho. Portanto, me veio o seguinte questionamento: como esses sujeitos narradores mergulham na memória para que deixem aflorar as narrativas e, como por meio delas, emergi o fenômeno linguístico bio-psico-social para ter o entendimento da construção da cultura, identidade cultural, hibridismo cultural e etnolinguística no linguajar rondoniense? Essa é a questão principal a ser investigada. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objeto de estudo narrativas orais de experiências pessoais dos moradores de Rondônia e migrantes com destaque em Porto Velho que serão analisadas primeiramente, sob a ótica dos teóricos que estudam sobre os conceitos e características das narrativas orais de experiência pessoal e, posteriormente aos estudiosos que conceituam o termo memória e, por fim, os teóricos que definem cultura incluindo identidade cultural, hibridismo cultural e etnolinguística.

Como primeiro ponto a considerar, quero de imediato, definir claramente os dois vínculos sobre os quais se assentam o estudo que vai ser desenvolvido nesta pesquisa. O liame do primeiro deles diz diretamente à Linha 2 do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, que tem consagrados no seu projeto os seguintes princípios:

Estudos de Diversidade Cultural: Consideram-se aqui, na base epistemológica, as sociedades como constituídas por complexidades linguístico-sociais em configurações linguístico-culturais específicas em lugares menores que o país ou qualquer delimitação político-administrativa, uma vez que essas coletividades estão em processo de conformação ditado por movimentos plurívocos de migrações, vivências e de mundialização. É preciso um instrumental voltado a compreender as diferenças entre comunidades, em termos de língua, variedades, variações, falares e escritos artísticos, localizando as características próprias da Amazônia. Pretende-se assim analisar os processos discursivos como experiências culturais na sua diversidade e nos seus vínculos entre os vários matizes da brasilidade poliglota (ribeirinhos, barbadianos, feirantes, quilombolas, indígena, etc.), com discursos

relativos a diferentes períodos históricos ou práticas socioculturais, interconectadas ou não.

Como segundo elo, não menos importante que o primeiro, diz respeito ao que o Projeto de Pesquisa “Narrativas do Linguajar Rondoniense-NLR”, atualmente sob a liderança do orientador deste trabalho que assim prescreve seu princípio diretriz:

A oralidade, como um fenômeno linguístico bio-psico-social integrado, um verdadeiro amálgama de elementos diferentes ou heterogêneos que formam um todo e estão presentes em todas as culturas e ações humanas. Diz respeito, portanto, não somente à fala como antônimo da escrita, mas a de todos os indivíduos de uma sociedade sejam eles letrados, não-letrados ou ágrafos, e o uso que dela fazem para interagir socialmente. O que este projeto busca essencialmente é a oralidade ‘pura’ em relação a não-vinculação com a cultura-escrita, mas, quando as narrativas, as da tradição ancestral, sobretudo, foram transformadas em narrativas escritas como forma de preservação, essas também terão um lugar especial nos estudos narratológicos. (MORIN, 2002, p. 52-3)

As narrativas a serem analisadas foram coletadas em trabalho etnolinguístico<sup>2</sup> e/ou de campo, a partir da seguinte pergunta disparadora formulada aos participantes voluntários: Você pode me contar sua história de vida? Esse questionamento, como ensina Labov (1997, P. 2), estimula os participantes a produzirem narrativas nas quais deixam emergir a alma humana pessoal revelando momentos eufóricos e disfóricos, ou seja, momentos felizes e outros não tão felizes. Dessa forma, é através da memória que será extraída as narrativas para depois analisar o que elas deixam revelar sobre como é construída a cultura Rondoniense, considerando que esses participantes são tantos moradores natos de Porto Velho, quanto migrantes que residem na capital há mais de cinco anos e também que alguns vivenciaram fluxos migratórios da década de 80 e outros fluxos mais recentes.

Uma narrativa oral de experiência pessoal é caracterizada por apresentar em seu corpus sentenças presas, livres e restritivas que por sua vez, formam o eixo formal e o eixo funcional. Onde, o primeiro compreende a organização temporal das narrativas, os tipos temporais de sentenças narrativas e os tipos estruturais de sentenças da narrativa. Nesta pesquisa adotarei a

---

<sup>2</sup> Conjunto de disciplinas que estudam as relações entre língua, cultura e sociedade, focalizando especialmente, as questões do relacionamento entre língua e visão de mundo, e entre estruturas linguísticas e estruturas sociais. (HOUAÏSS, 2001).

nomenclatura “eixo formal” apenas para indicar a estrutura da narrativa, que é assim constituída:

a) resumo (facultativo, é uma introdução do texto que, em geral, resume o que vai ser tratado; é (geralmente) a sentença inicial, que relata uma sequência de eventos da narrativa e, portanto, se constitui numa sentença livre.);

b) orientação (oferece informações sobre tempo, pessoas, lugares e situação, necessárias, segundo o autor do texto, para a compreensão dos eventos narrados; Assim como o resumo, é uma sentença livre.);

c) complicação ou ação complicadora (é basicamente o conteúdo da narrativa e descreve os fatos ocorridos; são as sentenças sequenciais que relatam um evento seguinte como resposta a uma questão potencial “E [então] o que aconteceu?”; são praticamente todas as que fazem o encadeamento narrativo por meio de junturas temporais.)

d) coda (encerra a narrativa, retornando os leitores/ouvintes ao momento da enunciação; sentença final, que retorna a narrativa ao tempo do falante, impedindo uma questão potencial como “E [então] o que aconteceu?”. Assim como a ação complicadora, é uma sentença sequencial presa com juntura temporal somente em relação à antecedente; é livre, sem juntura temporal, em relação ao final da narrativa. (LABOV, 1997, P.5-6)

O segundo, abrange sete categorias de análise: avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição do elogio e culpa, ponto de vista e objetividade. (LABOV, 1997, p. 7-16) e (FERREIRA NETO, 2008, p. 45-52). Dessa maneira, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar através da memória as narrativas orais de experiências pessoais que surgem identificando nelas sua estrutura formal e estrutura funcional, ou seja, a sua organização interna e externa bem como revelar o que elas deixam transparecer acerca da cultura, identidade cultura, hibridismo cultural e etnolinguística dos moradores de Rondônia.

Para a hipótese desta pesquisa, pressupus que pelo fato de os participantes voluntários serem migrantes há mais de cinco anos e moradores de um Estado construído por uma variedade cultural considerável, uma vez que, Rondônia teve em sua história diversos períodos econômicos que atraíram numerosas pessoas para trabalharem e/ou residirem aqui seria possível então, extrair das narrativas fragmentos culturais, identitários, híbridos e etnolinguísticos.

A motivação para desenvolver esse tema veio da constatação de que é necessário investigar, registrar e compreender o processo de constituição da cultura rondoniense nas narrativas de experiência pessoal como forma de contribuir cientificamente, valorizar e preservar, pelo menos parcialmente, a memória cultural de Rondônia, um estado

eminentemente construído por fluxos migratórios desde os mais remotos tempos. E é exatamente essas movimentações migratórias mais longínquas, que chamavam essa terra de lar, foram ignoradas pelos desbravadores a partir, principalmente, do final do séc. XIX e, pasmem, até os dias atuais. Se de um lado essa região era habitada por inúmeros grupos aborígenes que se deslocavam por vastas extensões de terras e que nesses deslocamentos alguns deles mantiveram contatos entre si, na maioria das vezes de caráter belicoso, acarretando grandes guerras intertribais que redundaram não só em movimentos de população, como também em divisões, por outro lado, não reagiram de maneira uniforme e pacífica à entrada do explorador. E, com a chegada dos dominadores, falando línguas diferentes e com diferentes organizações sócio-econômicas, houve enfrentamentos diversos, ocasionando disputas sangrentas, que culminaram no total extermínio de muitos povos originários e, conseqüentemente, na redução drástica dos primeiros habitantes do Brasil cuja população estava na casa dos milhões em 1500 e hoje não chega a um milhão.

Esse massacre teve início a partir da carta de Pero Vaz de Caminha em 1500, considerada o primeiro documento escrito da história do Brasil onde os indígenas foram constituídos pela imagem de que eram seres selvagens que precisavam ser catequizados, disciplinados e civilizados, e, portanto, subjugados às leis dos conquistadores, pois para estes, os povos indígenas não possuíam capacidade de discernimento, ou seja, não tinham condições por si, de administrar, cuidar e zelar da terra onde viviam. De acordo com Gondim (2007, p. 9) “os povos originários eram considerados nômades, sem vontade própria, sem sociedade, o nativo não é anão, é um híbrido, algo intermediário entre o réptil e o vegetal que o camufla, apesar de ter sido produzido pela obra divina”. Então, foi por este ponto de vista que os dominadores justificaram o processo de habitação do Brasil, sempre deixando as margens os povos nativos e assim, preenchendo o vazio demográfico que eles achavam que tinham que preencher a qualquer custo.

Rondônia viveu o processo de ocupação, a partir do século XVIII, momento em que Portugal e Espanha empenhavam-se nas ocupações da região centro-oeste por meio de diversas expedições para marcar os limites territoriais. E, a partir dessas expedições, houve contatos ocasionais com os povos indígenas, mas devido às dificuldades de acesso, grande parte dessa região ainda permaneceu desconhecida pelos colonizadores por muito tempo (TEIXEIRA, 2001; FONSECA, 2001). Gondim (2007, P. 10) relata o ponto de vista dos colonizadores europeus em relação ao Novo Mundo, desde o século XV ao XX. Para essa autora a região amazônica não foi descoberta, nem tampouco construída, ela foi “inventada” a partir dos relatos de viagens e crônicas dos expedicionários, que ao se depararem com a beleza das terras, sua

grande extensão, a quantidade de povos e diferenças culturais, começaram a relatar tudo o que viam, o que era diferente e o que não entendiam. Então, o processo de colonização dessa região foi constituído pelos traços, características e estereótipos difundidos a partir das narrativas produzidas pelos colonizadores. Como afirma Gondim (2007), “os nativos são agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco – essa é a conclusão a que praticamente todos os viajantes chegaram depois de visitar o paraíso infernal amazônico” (GONDIM, 2007, p. 163). Foi assim que o homem branco olhou o autóctone, com uma visão etnocêntrica, de superioridade, de não aceitação do outro. Diante disso, os povos originários para fugirem dos dominadores travaram batalhas contínuas para a sua sobrevivência em suas próprias terras. Para Oliveira (1991, p. 15)

Os povos indígenas foram os primeiros a conhecerem a sanha de terra dos colonizadores que aqui chegaram. Este genocídio histórico a que vem sendo submetidos, há quase quinhentos anos [...]. O território brasileiro foi produto da conquista e destruição do território indígena. Espaço e tempo do universo cultural índio foram sendo moldados ao espaço e tempo do capital. (...) Talvez, estivesse aí o início da primeira luta entre desiguais. A luta do capital em processo de expansão, desenvolvimento, em busca de acumulação, ainda que primitiva, e a luta dos “filhos do sol” em busca da manutenção do seu espaço de vida no território invadido. [...].

Para sobreviver a todos esses conflitos, alguns povos indígenas reuniram forças para se protegerem de grupos indígenas mais fortes e também para a proteção contra os dominadores, que cada vez mais avançavam e invadiam seus territórios. Muitas atrocidades contra esses povos originários foram feitas, e não há nada que justifique tamanha desumanidade, principalmente na região amazônica. Para Meireles (1983). Esse processo foi cruel e doloroso, pois os indígenas passaram a ser reféns do projeto econômico, político e religioso do império português, sobretudo, na região Amazônica e, por consequência, também no Estado de Rondônia. De acordo com Meireles (1983, p. 39):

A violência com as populações indígenas predominou durante todo o processo de ocupação da área. De maneira direta, através da escravização, da usurpação das terras, da tomada das roças de subsistência desses povos, da desagregação das suas famílias. Ou de maneira mais sutil, mas não menos violenta, através das organizações eclesásticas e laicas, que, mantendo-os sob o seu domínio, fizeram das aldeias e aldeamentos verdadeiros reservatórios de mão-de-obra, direcionando-os para seus interesses. (MEIRELES, 1983, p. 39)

A autora aborda três situações que foram determinantes para a ocupação de Rondônia. A primeira, foi a busca de força de trabalho indígena. A segunda, a descoberta e a exploração das minas auríferas no século XVIII. E a terceira, a questão fronteiriça com o império espanhol, que era uma das maiores preocupações da política oficial.

Durante o século XX, a busca para o desenvolvimento e ocupação do estado de Rondônia continuaram, e a estrada de Ferro Madeira Mamoré iniciada em 1907 e finalizada em 1912 foi fundamental para a fundação do Estado, tendo em vista que, segundo Cotinguiba (2015, p. 48) a construção dessa estrada pode ser considerada como o primeiro ciclo de imigração intensa da história de Rondônia, pois trouxe milhares de trabalhadores nacionais e internacionais. E apesar das muitas mortes que ocorreram durante o processo de construção da ferrovia, ao seu final muitos desses trabalhadores resolveram ficar em Porto Velho e formar as primeiras comunidades mesmo com a grande diversidade de nacionalidade.

Outro marco para a criação do estado foi a rodovia federal que atravessa Rondônia desde a divisa com Mato Grosso até a fronteira com o Acre. Cotinguiba (2015, P. 51) relata que:

os migrantes internos se instalaram e fundaram várias cidades. Construída praticamente no curso das linhas telegráficas instaladas pela equipe do Marechal Rondon e da BR-29, no governo JK, a BR-364 abriu caminho para a colonização da região. No período da ditadura militar (1964-1985), especialmente na década de 1970, houve a “doação” de terra para as pessoas que quisessem ocupar a região, imortalizando diversos conflitos entre a população já estabelecida, os indígenas e os “invasores brancos”. Com a transformação do Território em estado, a migração de colonização intensificou-se no período da ditadura militar sob o lema de “uma terra sem homens para homens sem-terra”.

Com a construção da BR-364 o fluxo migratório aumentou significativamente, pois interligou com o Sul, Centro-Oeste e Sudeste, considerando que antes não era possível o trânsito via terrestre com as outras regiões, uma vez que, Rondônia só tinha relações com Manaus através das hidrovias pelos rios Madeira e Amazonas. Portanto, com a implantação da rodovia federal o Estado teve o seu aumento populacional por pessoas que vieram do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Ceará e Paraíba. Com esse aumento populacional os migrantes tomaram para si a identidade de pioneiros formadores do Estado, massacrando ainda mais os povos originários que aqui viviam como afirma Cotinguiba (2015, P. 52) “Pioneiro é, nesse sentido, o colono que chegou, derrubou a floresta, expulsou o índio, fundou vilas – que mais tarde se tornaram as cidades – ao lado da BR-364 e demarcou o território.”

Em 1970 com a pavimentação da BR-364 a ação do governo federal se intensifica e a exploração econômica agrícola no estado acaba por resultar profundas transformações no espaço geográfico. O fluxo migratório dessa década também se caracteriza pelas buscas de terras para a produção agrícola, por meio de pequenos produtores com suas famílias que vieram para Rondônia na esperança de ter acesso à terra (TEIXEIRA e FONSECA, 2003). Com essas famílias em busca de terras para o plantio o governo militar colocou em prática a Política de Integração Nacional–PIN e a Política de Ocupação da Região Amazônica (BECKER, 1990, p. 148). Rondônia se tornou “por força de sua condição político–jurídica, o espaço de ação direta do estado, que manifestou sua intervenção num processo dirigido e controlado de apropriação e utilização, representando o cenário mais expressivo de colonização no âmbito nacional” (MIRANDA, 1990, p. 66). Essa ação direta do governo federal sobre Rondônia resultou na consolidação do ciclo agrícola, tornando esse território em um importante produtor e entreposto comercial da Região Norte do país.

Na contemporaneidade, sobretudo a partir de 2010, o estado de Rondônia passou a receber mais um fluxo migratório, pois em Porto Velho, houve a construção de duas hidrelétricas na calha do rio Madeira. A primeira, é a usina de Santo Antônio, distante cerca 8 km da cidade e a segunda é a usina de Jirau, situada aproximadamente 120 km do centro da cidade, no distrito de Jaci Paraná. Segundo Cotinguiba (2015, P. 52) Rondônia vem registrando no século XXI, de acordo com dados do IBGE, um aumento considerável de sua população. Em 2000, o contingente populacional era de 1.379.787, passando em uma década, para 1.562.409, quando o Censo de 2010 registrou um aumento de 182.622 pessoas. O ritmo de crescimento populacional foi maior entre 2010 e 2013, quando no espaço de quatro anos, a população somou 1.728.214, com um aumento de 165.805 habitantes nesse período. Portanto, como descrito em toda a minha introdução Rondônia apresenta grande diversidade em sua população o que fez nascer em mim a vontade de mergulhar nesse caldeirão de culturas para desvendar alguns poucos mistérios da construção, instalação e desenvolvimento de Porto Velho através das mnemônicas individuais e coletivas.

Tendo por pano de fundo esse contexto histórico, a realização deste tipo de pesquisa contribui para melhorar o entendimento da estruturação da experiência humana dado que organizamos nossas experiências e nossas memórias, principalmente através da narrativa (BRUNER 1991, p. 04). Por conseguinte, a importância de uma pesquisa desta natureza, imagino, poderá prestar significativas contribuições aos estudos narratológicos em geral e particularmente também para os moradores do estado de Rondônia. Em outros termos, este

trabalho preenche as expectativas e os interesses da sociedade como um todo e, em particular, a qualificação da autora como profissional da área de Letras.

Para desenvolver uma pesquisa científica são necessários vários procedimentos metodológicos, pois como afirma Fonseca (2002), a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso realizado com o objetivo de resolver um problema, tornando-se indispensável selecionar os métodos e instrumentos a serem utilizados para desenvolver o estudo. Dessa forma, para nortear o caminho e justificar os argumentos formulados para desenvolver o objetivo deste trabalho eu fiz uso de algumas vertentes científicas-metodológicas tais como a pesquisa bibliográfica, que tem como meta contextualizar e mostrar o que já existe sobre o objeto investigado (MACEDO, 1994, p. 13); a pesquisa exploratória, posto que ela tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 1996, p. 45); a pesquisa etnolinguística, que procura investigar os relacionamentos entre língua e visão de mundo, a partir do contexto em que ela é produzida (LIMA BARRETO, 2010); a pesquisa hermenêutica, que busca interpretar e compreender a subjacências da textualidade (WELLER, 2010); a pesquisa narrativa, já que neste estudo ela é o ponto focal onde estará voltada a minha atenção analítica, comparativa, descritiva, explicativa, etnolinguísticas e hermenêutica. Segundo Paiva (2019, p. 87) Quando falamos em pesquisa narrativa, os primeiros nomes que nos vêm à mente são: na linguística, os de Joshua Waletzky & William Labov (1967), William Labov (1997) e, na psicologia, o de Jerome Bruner (1991, 1997, 1998), pois existe neles o diferencial dos estudos narrativos das últimas décadas do século passado. A amostra da pesquisa de campo a ser observada inclui de cinco a dez participantes voluntários do estado de Rondônia, de acordo com os seguintes critérios: a) portovelhenses natos; b) portovelhenses natos filhos de migrantes; c) não - natos, mas radicados na capital a mais de cinco anos; d) indígenas que não residem nas aldeias. As estratégias e/ou instrumentos utilizados durante a coleta de dados foram as da entrevista não estruturada denominada não-diretiva, ou seja, o entrevistado foi solicitado a falar livremente a respeito do tema pesquisado sob sua perspectiva particular e/ou geral (TATIANA & DENISE 2009, p. 72). Para tanto, eu formulei uma pergunta, considerada disparadora, nos termos: Você pode me contar sua história de vida? A partir dessa pergunta, foi constatado o que já havia sido previsto por Labov (1997), ou seja, os entrevistados sentiram a necessidade de narrar experiências pessoais de cunho eufórico e/ou disfórico, isto é, momentos felizes e outros não tão felizes. Dessa forma, a ferramenta para a coleta de dados foi a utilização de um aparelho smartphone; as gravações foram transcritas mais próximas possíveis da forma falada e os textos colocados dentro de célula dupla: à esquerda os números sequenciais e à direita o texto e, posteriormente, analisadas sob a ótica dos teóricos, que trabalham com

narrativas, Labov & Waletzky (1967), Bruner (1991/1997), Labov (1997), Hank (2003), Ferreira Neto (2008), Vansina (1982/2011), Couto e Vegini (2014) e Flannery (2015), memória Pollak (1992) e Halbwachs (2006) e cultura, Edward Tylor (1871) Cuche (1999), Laraia (2000) e Canclini (2007/2013/2015).

Como elemento final dessa introdução, definirei como será organizado ou estruturado o meu estudo. Para tanto, depois da introdução, darei atenção ao aporte teórico, que terá por finalidade mais adiante sustentar a análise das narrativas orais de experiências pessoais coletadas em trabalho etnolinguístico e/ou de campo que escolhi para trabalhar. Nesse sentido, dividirei o aporte teórico em oito seções.

Na seção primeira, trago a importância dos estudos narratológicos para a humanidade e a sua universalização com os teóricos Aristóteles (384 a.C – 322 a.C), Barthes (2011), Vansina (1988), entre outros. Apresento também o modelo para analisar as narrativas de Vladimir Propp (1928-1970) e, a partir desse modelo manifesto o aprimoramento para a análise das narrativas orais de experiência pessoal com os estudos de Labov e Waleztky (1967), Bruner (1991) e Labov (1997). Nesta seção, também registro o estudo de Ferreira Neto (2008) e Couto e Vegini (2014).

Na seção dois, abordo as NOEP a partir do seu eixo formal apresentando a sua organização interna, que é constituída por: resumo, orientação, ação complicadora e coda. Labov, (1997, p. 06), Hanke (2003, p. 120) e Ferreira Neto (2008, p. 43).

Na seção três, trago o eixo funcional que discorro sobre a organização externa da narrativa que versa sobre sete categorias de análise: avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição do elogio e culpa, ponto de vista e objetividade. Labov (1997, p. 7-16), Ferreira Neto (2008, p. 45-52) e Couto e Vegini (2014, p.)

Na seção quatro, exponho os embasamentos teóricos que auxiliaram na minha investigação e análise. Dessa forma, são apresentados aspectos conceituais relevantes sobre memória.

Na seção cinco, teorizo sobre cultura aos quais incluo como subseções (Identidade cultural, Hibridismo cultural e Etnolinguística).

Na seção seis, apresento os participantes voluntários.

Na seção sete, desenvolvo a análise, esse é o momento que discuto os dados e faço reflexões pertinentes ao estudo composto pelos autores que versam sobre as NOEP, memória e cultura.

Por fim, apresento as considerações finais, retomando o objetivo da pesquisa e a partir dele, aponto uma síntese dos resultados mais relevantes ao longo de toda a minha pesquisa.

## 1. NARRATIVAS ORAIS: Instrumento da Transmissão do Saber

Como primeiro ponto a considerar, gostaria de enfatizar a universalidade das narrativas orais na história da humanidade como cita Barthes (2011, p.19):

“A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, frequentemente, elas são apreciadas e comuns por pessoas de culturas diferentes e mesmo opostas”. Barthes (2011, p.19):

Dessa maneira, percebo a grandiosidade que é fazer estudos que tratam sobre narrativas, pois elas estão intrinsecamente relacionadas com o passado, o presente e o futuro da humanidade. E um dos precursores a definir narrativa foi Aristóteles (384 a.C – 322 a.C), em “A Poética” ele a considerava como uma forma de linguagem, que permite ao indivíduo demonstrar sua competência comunicativa, considerando que as narrativas podem funcionar como instrumentos de transmissão de saberes acumulados e visão de mundo.

Para Vansina (1988, p. 157) uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que posso chamar de elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Segundo Ferreira Neto (2008) a tradição oral pode ser uma fonte riquíssima para a reconstrução do passado, pois por meio das narrativas orais as histórias e a cultura podem se perpetuarem. Logo, as narrativas podem desempenhar o papel de transmitir a cultura, os costumes, os aspectos da sociedade, a literatura, enfim. Portanto, seria ingenuidade ler um texto oral uma ou duas vezes e supor que já o compreendemos, pois ele deve ser escutado, decorado, digerido internamente, como um poema, e cuidadosamente examinado para que se possam apreender seus muitos significados. (VANSINA, 1982, p. 158). Diante disto, as narrativas despertaram o interesse de muitos estudiosos ao longo dos anos, inclusive para a observação de suas unidades estruturais que poderiam revelar sua função. Um dos pioneiros do estudo dessa estrutura foi Vladimir Propp (1928-1970) que recolheu vários contos de fadas russos e percebeu neles as suas unidades estruturais e, também observando a atitude dos personagens, o autor perceber que há ações constantes, denominando-as de funções, estabelecendo com isso as bases para os estudos narratológicos, com essa descoberta Propp (1928-1970) realizou um modelo de

análise, porém, ficou restrito apenas para os contos. Isto posto, Greimas (1966) aperfeiçoa esse estudo das unidades estruturais da narrativa e estabelece um modelo capaz de ser aplicado a todo texto narrativo, para esse autor, a narrativa é uma unidade discursiva podendo ser comparada a um algoritmo, ou seja, uma sequência de enunciados que representam linguisticamente um conjunto de comportamentos direcionados para um objetivo. Por conta dessa sequência de enunciados, a narrativa apresenta uma dimensão temporal, o que significa que os comportamentos narrados são entrelaçados por uma relação de anterioridade e posterioridade. Assim, a narrativa é uma sequência de enunciados organizada em uma dimensão temporal.

No campo da Psicologia, Bruner (1991, p. 4) publica um ensaio intitulado “A construção narrativa da realidade”, no qual ele afirma que as narrativas são construções que só podem alcançar verossimilhança, assim, elas são uma versão da realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por necessidade narrativa, e não por verificação empírica e precisão lógica e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas. Para Ferreira Netto (2008) apenas na década de 80 foi que os psicólogos tomaram conhecimento da possibilidade que a narrativa não era somente uma forma de representar, mas também da construção da realidade. Para esses dois autores, a preocupação focal não é como o texto narrativo é construído, mas como ele opera como um instrumento mental de construção de realidade. A par disso, Bruner (1991, P. 5-17) elabora dez características existentes na narrativa: diacronicidade narrativa, particularidade, vínculos de estados emocionais, composicionalidade hermenêutica, canonicidade e violação, referencialidade, genericidade, normatividade, sensibilidade de contexto e negociabilidade e acréscimo narrativo, assim, literalmente, os descreve:

1. Diacronicidade narrativa. Uma narrativa é uma exposição de eventos que ocorrem com o passar do tempo. É irredutivelmente durativa. [...]
2. Particularidade. Narrativas têm acontecimentos particulares como sua referência ostensiva. [...]
3. Vínculos de estados intencionais. Narrativas são sobre pessoas que agem em um cenário, e os acontecimentos devem ser pertinentes a seus estados intencionais enquanto estiverem atuando - com suas convicções, desejos, teorias, valores, e assim por diante. [...]
4. Composicionalidade Hermenêutica. Uma explicação preliminar é necessária. O termo hermenêutico implica haver um texto ou algo semelhante por meio do qual alguém esteja tentando expressar um significado e alguém esteja tentando extrair um significado. Isso, por sua vez, implica uma diferença entre o que é expresso no texto e o que o texto poderia significar, e implica também a ausência de uma solução única para a tarefa de determinar o significado para a expressão.
5. Canonicidade e violação. Para começar, nem toda sucessão de eventos recontada constitui uma narrativa, mesmo quando é diacrônica, particular, e organizada a partir de estados intencionais. Alguns acontecimentos não justificam que

se fale sobre eles e diz-se serem “sem-graça”, e não uma história. Para se tornar apta a ser contada, uma história precisa ter implicitamente um enredo canônico que foi quebrado, violado [...] Tais violações são prontamente reconhecíveis como situações familiares humanas: a esposa traidora, o marido corneado, o inocente espoliado, e assim em diante. [...]

6. Referencialidade. Obviamente a aceitabilidade de uma narrativa não pode depender de sua correta referência à realidade, caso contrário não haveria nenhuma ficção. Realismo em ficção deve ser então realmente uma convenção literária e não uma questão de referência correta. A “verdade” narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade. Isso parece apontar para o fato de que há algum sentido em dizer que a narrativa mais do que referir a “realidade”, pode criá-la da mesma maneira que a “ficção” cria um “mundo” para si própria. [...]

7. Genericidade. Todos nós sabemos que há “tipos” reconhecíveis de narrativa: farsa, humor negro, tragédia, autobiografia, romance, sátira, viagem, saga, e assim em diante. O gênero narrativo, desta maneira, não só pode ser pensado como um modo de construir situações humanas mas também como um guia para usar a mente, na medida em que o uso de mente é guiado pelo uso de uma linguagem habilitadora. [...]

8. Normatividade. Por causa de sua “narrabilidade” como uma forma de discurso basear-se em uma violação da expectativa convencional, a narrativa é necessariamente normativa. Uma violação pressupõe uma norma. [...]

9. Sensibilidade de contexto e negociabilidade. Certamente, a visão predominante é a de que a noção de suspender totalmente as descrenças é muito mais uma idealização do leitor e, na pior das hipóteses, uma distorção do que o processo de compreensão da narrativa envolve. [...]

10. Acréscimo narrativo. O acréscimo narrativo não é fundamental no sentido científico. As narrativas fazem acréscimos e, como insistem os antropólogos, os acréscimos eventualmente criam algo bastante variado chamado “cultura” ou “história” ou, mais livremente, “tradição” [...] (BRUNER, 1991, p. 5-17).

A partir dos traços característicos das narrativas, Ferreira Netto (2008, p. 53) os organiza da seguinte forma, primeiro, as de níveis baixos que atuam de forma concreta diretamente relacionadas aos aspectos materiais da narrativa relacionando-se aos elementos internos da narrativa e aos fatos próprios da enunciação e de suas referências, sendo elas: particularidade, referencialidade, genericidade, sensibilidade ao contexto e acréscimo narrativo. Segundo, as de níveis altos que são referências ou fenômenos subjetivos que atuam indiretamente sobre a realidade e são gerados a partir da existência da própria narrativa que são: diacronicidade da narrativa, vínculos de estados emocionais, composicionalidade hermenêutica, canonicidade e violação e normatividade. Dito isto, não posso esquecer que ambos os grupos atuam diretamente na formação das narrativas e são imprescindíveis para a sua manutenção, embora cada um deles, como se pode observar, opere nelas sob aspecto bastante diferenciado.

Na Sociolinguística<sup>3</sup>, os primeiros passos na análise das narrativas, foram dados por William Labov e Joshua Waletzky (1967). Labov foi um dos colaboradores para a discussão

---

<sup>3</sup> Área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

entre língua e sociedade, primeiramente em parceria com Waletzky (1967) e posteriormente, de forma isolada (1997). Com Waletzky, seu objetivo era identificar o vernáculo da língua inglesa e propor um modelo de análise linguística das Narrativas Oraís de Experiências Pessoais (NOEP). Segundo a teoria desses dois autores, as narrativas do cotidiano, permitem a coleta de uma linguagem mais pura e sem lapidações, pois o participante utiliza a expressão oral de forma mais espontânea e próxima da realização social da língua possibilitando a assertiva de que o relato de uma experiência pessoal é uma narrativa, visto que, interpretam um momento específico e uma dada realidade. Portanto, Waletzky e Labov (1967) acreditavam que a recapitulação de experiências é uma narrativa, pois alude-se a um acontecimento específico e não a hábitos passados ou ações recorrentes. Além disso, estrutura-se em uma sequência temporal e é constituída de um ou mais eventos relatáveis. “Nessa perspectiva, o esforço para compreender uma narrativa é responsável por uma estrutura formal, particularmente na definição de narrativa como a escolha de uma técnica linguística específica para remeter a eventos passados” (LABOV, 1997, p. 1). Logo, Labov e Waletzky (1967) estabeleceram particularidades de análise para as narrativas do cotidiano. Para eles, há distinção entre as propriedades formais e as funcionais. E baseado nesses dois, Hanke (2003) contextualiza que:

Propriedades formais são estruturas típicas, que podem ser encontradas tanto no nível de sentenças como também na narrativa como um todo, e permitem compreender a estrutura interna das narrativas. A análise funcional destaca que, uma série de elementos colocados numa ordem temporária ainda não constituem uma narrativa, mas apenas uma descrição. Para que seja constituída uma narrativa, é necessária uma função, ou seja, um motivo pelo qual ela é contada, um interesse de ordem pessoal. Enquanto as propriedades formais correspondem ao nível de referência dos acontecimentos, as propriedades funcionais correspondem à avaliação pessoal do narrador, seus interesses e seus motivos. (HANKE, 2003, 119-120)

Então, conseqüentemente o modelo laboviano considera, assim, que a narrativa precisa ter um porquê para ser contada, necessita de um interesse tanto por parte do Enunciador Narrador (E-N) quanto do Interlocutor Ouvinte (I-O). Quem fala deve apresentar sua narrativa de forma relatável para garantir atenção.

Couto e Vegini (2014, p. 192), acrescenta às NOEP que “ao narrar, deixamos transparecer nossa cultura, nossas experiências, nossas lembranças. Para as pesquisas sociolinguísticas, as narrativas orais funcionam como registro da variação linguística, uma vez que, se tem o vernáculo “puro”, sem lapidações”. Diante disso, o E-N organizará os eventos mais significativos de sua biografia de vida em acontecimentos sequenciais cronológicos.

## 2. EIXO FORMAL: ESTRUTURA INTERNA DAS NARRATIVAS

A análise formal da estruturação da sintaxe narrativa foi inaugurada por Labov/Waletzky (1967), que através de uma análise estrutural, deram início à pesquisa linguística na área de narrativa conversacional e orientaram trabalhos posteriores nessa área. Segundo esses teóricos, produtos da tradição literária ou verbal têm estruturas narrativas, que só podem ser analisadas segundo a sua função no contexto de origem. Essas estruturas fundamentais podem ser encontradas em versões verbais de experiências pessoais, em narrações cotidianas de pessoas comuns. Para Bruner (1991, p. 14-21), as narrativas servem como meio de percepção e a nossa realidade é resultado de uma construção narrativa. Narrar contribui para a estruturação da experiência humana, pois organizamos nossas experiências e nossas memórias principalmente através da narrativa. E, sendo assim, elas servem como ponto de fuga através do qual torna-se possível a apreensão do cotidiano. Para Mendonça (2001, p. 9) as narrativas são meios de sociabilidades, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas públicas ou socialmente conhecidas. Para Hanke (2003) em relação à natureza dos elementos obrigatórios numa narrativa não há um consenso entre os teóricos. A estrutura básica, obviamente, é composta por um início, meio e fim, e segundo Chafe (1990, p. 94) uma narrativa precisa de uma introdução, de um momento (quando?), um local (onde?), personagens atuantes (quem?) e uma situação de fundo (“background activity”), no qual o conteúdo da narrativa se desenvolva. Mas esses conteúdos devem ser constituídos por uma série de eventos conectados que foram realizados ou experienciados pelos sujeitos. Para Labov/Waletzky, a exigência mínima para se caracterizar uma narrativa é uma ligação temporal entre pelo menos duas sentenças. Apesar das dificuldades de se caracterizar uma narrativa cotidiana a partir de elementos obrigatórios, estas podem ser identificadas facilmente por causa da sua natureza dialógica, ou seja, sua inserção num discurso. Assim, uma vez identificadas através das marcações de início e fim, as narrativas podem ser isoladas como partes de um discurso e, assim segmentadas, terem a sua estrutura analisada.

O primeiro modelo elaborado por Labov e Waletzky (1967) constitui os seguintes elementos estruturais do eixo formal:

- 1 Resumo: uma síntese do que se trata a narrativa; a natureza do seu conteúdo;
- 2 Orientação: apresenta referências ao local, tempo e pessoas envolvidas (Onde? Quando? Quem?).

- 3 Complicação: sequência dos acontecimentos e ações que formam o corpo da narração; o evento inesperado;
- 4 Avaliação: narrador apresenta suas emoções;
- 5 Resolução: uma solução; o resultado; como isso acabou?
- 6 Coda: é uma sentença final que retorna a narrativa ao tempo do falante, impedindo a questão “Então, o que aconteceu?”.

Se a resolução é o desfecho da história, como diferenciá-la da coda? Para Labov e Waletzky (1967) a coda é um elemento acessório, facultativo; as codas podem apresentar observações gerais, julgamentos, ou os efeitos dos eventos narrados.

A estrutura apresentada por esses teóricos para analisar narrativas orais de experiências pessoais mostrou-se útil na abordagem de uma grande variedade de situações e de tipos de narrativas, incluindo memórias orais, contos tradicionais, entrevistas terapêuticas e, mais importante ainda, narrativas banais da vida cotidiana. Desse modo, as narrativas se tornaram formas privilegiadas do discurso que tem um papel central em quase todas as conversas. Para Labov (1997, p.2) os esforços para definir outros eventos de fala com comparável precisão, mostraram que as narrativas é o protótipo, talvez o único exemplo de um evento de fala bem formado, com um começo, um meio e um fim.

30 anos depois da publicação a respeito do trabalho de Labov e Waletzky (1967), Labov (1997) apresenta algumas alterações ao modelo e sua nova estrutura, para o eixo formal/estrutura interna é formado pelo resumo, orientação, ação complicadora e coda. Mesmo reconhecendo as funções dos elementos do eixo formal, Labov julga que apenas a ação complicadora é fundamental, pois as demais partes funcionam como meros esclarecedores da ação e são também autoexplicativos.

A abordagem laboviana para as narrativas orais recebeu algumas críticas. Uma delas veio do teórico Severo (2009), afirmando que mesmo que Labov veja o indivíduo como ponto de articulação entre dados linguísticos e categorias sociais, ele reconhece que explicar a mudança linguística é imprescindível que além de identificar o sujeito, também se conheça a sua história, suas relações sociais, entre outros. Ele “privilegia as formas linguísticas – que podem ter agregadas a si, com maior, ou menor intensidade, um valor social” (SEVERO, 2009, p. 271).

Desse modo, o modelo laboviano se propaga e muitas outras abordagens surgem, entre elas a da sociolinguística interacional, Flannery (2011) que faz análises de conversas.

a sociolinguística interacional lança as bases para uma análise linguística que enxerga até no não dito aquilo que pode contribuir para a compreensão, para as diferenças no estilo comunicativo, e para como a junção destes fatores acaba por determinar significados (FLANNERY, 2011, p. 114)

Essa abordagem destaca as relações entre atores sociais que contribuem para a comunicação interacional evidenciando a construção das identidades. Quanto à Análise da Conversa, Flannery (2011) faz as seguintes ponderações:

A análise da conversa ocupa-se de eventos comunicativos, gravados, que ocorrem em contextos reais, sem a inicialização de um pesquisador, como ocorre nas entrevistas sociolinguísticas modeladas de acordo com o padrão Laboviano.[...] Para a AC, os dados devem ser interpretados no âmbito local das sequências comunicativas de um dado evento, sem se considerar o que um falante sabe ou qual a sua formação, ou tradição cultural. (FLANNERY, 2011, p. 116)

Porém, por mais que existam outras abordagens para analisar as narrativas em estudos sociolinguísticos, reconhecerei para esta pesquisa os teóricos Labov e Waletzky (1967) e Labov (1997) como teóricos principais, pois as narrativas orais de experiências pessoais de acordo com o modelo por esses teóricos estabelecidos nos permitem conhecer a realidade social dos indivíduos, além de demonstrar coerência em sua divisão de análise.

Na concepção de Labov (1997, p. 03), narrar não é apenas contar uma história ou recontar o passado, especialmente, nas NOEP, “a experiência precisa ter lugar na biografia do falante”. Assim os eventos vividos serão social e emocionalmente avaliados. Adiante, mostrarei os pontos da narrativa relevantes para Labov (1997) que formam o eixo formal/estrutura interna e o eixo funcional/estrutura externa. O primeiro, compreende a organização temporal da narrativa, os tipos temporais de sentenças narrativas e os tipos estruturais de sentenças narrativas. Nesta pesquisa, adotarei a nomenclatura “eixo formal” apenas para indicar a estrutura da narrativa. O segundo, compreende as categorias avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição de elogio e culpa, ponto de vista, objetividade e resolução.

## **2.1 A Organização Temporal da Narrativa**

Para Labov (1997, p. 03-04), Ferreira Netto (2008) e Vegini (2012) a organização temporal da narrativa segue os seguintes princípios:

- a) Juntura temporal: é a dependência que duas ou mais sentenças possuem, e a sua inversão na ordem da sequência da narrativa resulta na mudança que o ouvinte faz na interpretação da ordem dos eventos descritos, e é a maneira mais simples de recontar, mais conveniente ou não-marcada de recontar o passado.
- b) Narrativa mínima: é constituída por duas sentenças sequenciais vinculadas a uma juntura temporal por meio do raio de ação.
- c) Sentença sequencial: é uma sentença que pode ser um elemento de uma juntura temporal. E todas as sentenças sequenciais estão no modo *realiz*, ou seja, o presente (com função de passado) e passado perfeito ou imperfeito, e os fatos devem ser apresentados objetivamente, em outras palavras, tem que ser como se os eventos estivessem ocorrendo.
- d) Sentença narrativa: é um conjunto de sentenças restritivas, presas e livres; é a base das sentenças sequenciais apresentando relações temporais.

## 2.2 Tipos Temporais de Sentenças Narrativas

Para Labov (1997, p. 04-05), Ferreira Netto (2008, p. 40 a 44) e Vegini (2012) às sentenças narrativas apresentam vários elementos, sejam eles:

Com a sentença narrativa definida sobre a base de sentenças sequenciais é possível focalizar especialmente as relações temporais de sentenças narrativas e excluir outras.

a) O raio de ação é o conjunto das sentenças sequenciais que formam a sentença narrativa, ou seja, é a soma das duas, após uma juntura temporal.

b) Sentença livre: é uma sentença que refere à uma condição que seja verdadeira durante toda a narrativa. E ela não está vinculada a uma juntura temporal; pode ser também definida semanticamente e não sintaticamente.

c) Sentença Presa: todas as sentenças que formam uma narrativa são presas a uma sentença precedente e a uma subsequente, com exceção da primeira (grau zero em relação à precedente, que recebe o nome de Sentença Restritiva ou sentença cabeça), e da última (grau zero em relação à subsequente); por conta do raio de ação, todas as Sentenças presas são Sentenças sequenciais. (COUTO E VEGINI, 2014, P.26)

d) Sentença restritiva: é toda Sentença narrativa com um raio de ação maior do que zero; todas as sentenças que formam uma narrativa são presas a uma sentença precedente e a uma subsequente, com exceção da primeira (grau zero em relação à precedente); é também chamada

de sentença cabeça porque é a partir dela que a narrativa tem início. (COUTO E VEGINI, 2014, P.26)

### 2.3 Tipos Estruturais de Sentenças Narrativas

Para Labov (1997, p. 06-07) e Couto e Vegini (2014, p.28) a narrativa se estrutura nas seguintes partes:

Labov (1997) considera os tipos estruturais de sentenças narrativas introduzidas por Labov e Waletzky (1987) e faz um acréscimo a essa parte da estrutura é que sentenças de ação complicadoras são sentenças necessariamente sequenciais, elas podem participar de junturas temporais e isso não é verdadeiro para resumos, orientações e codas.

a) **Resumo:** (facultativo), é uma sentença inicial em uma narrativa que relata uma sequência de eventos da narrativa, ou seja, é uma introdução do texto que, em geral, resume o que vai ser tratado; é (geralmente) a sentença inicial, que relata uma sequência de eventos da narrativa e, portanto, se constitui numa sentença livre.

b) **Orientação:** é uma sentença que dá informações sobre o tempo, lugar dos eventos de uma narrativa, a identidade dos participantes e seu comportamento inicial. Assim como o resumo, é uma sentença livre.

c) **Complicação ou Ação Complicadora (AC):** é uma sentença sequencial que relata um evento seguinte como uma resposta a uma questão potencial “E (então) o que aconteceu?”. É basicamente o conteúdo da narrativa e descreve os fatos ocorridos.

d) **Coda:** é uma sentença final que retorna a narrativa ao tempo do falante, impedindo uma questão potencial “E, então, o que aconteceu?”. Assim como a Ação complicadora, é uma sentença sequencial presa com juntura temporal somente em relação à antecedente; é livre, sem juntura temporal, em relação ao final da narrativa.

Todos esses elementos podem ser entendidos como respostas para as perguntas correspondentes e constituem a estruturação da sintaxe narrativa. Assim, as narrativas podem servir como argumentos devido à sua estruturação sintática, a narrativa tem uma coerência lógica interna, a qual estabelece uma relação entre as suas partes constitutivas. Por ser uma forma de comunicação cotidiana, a narrativa sempre faz parte de um discurso falado, o que implica uma situação concreta de narrar “hic et nunc”, quer dizer, um momento definido, uma situação, circunstâncias espaço temporais. Todas, também são muito auto-explicativas, mas também muito incompletas. Falta até agora a noção de uma conclusão ou de uma resolução, que pode ser definida até o conceito de “evento mais relatável” ser introduzido.

### 3. EIXO FUNCIONAL: ESTRUTURA EXTERNA DAS NARRATIVAS

Como já mencionado anteriormente, Labov (1997) publica isoladamente o ensaio "Alguns passos iniciais na análise da narrativa". E nele, apresenta algumas modificações quanto a sua estrutura e acrescenta novos aspectos relacionado aos estudos das narrativas, a saber: avaliação, relatabilidade, credibilidade, objetividade, causalidade e atribuição de louvor e de censura. Ferreira Netto (2008, p. 40-1) junta as duas propostas e as apresenta da seguinte forma:

1. Organização temporal da
2. narrativa: juntura temporal, sentença sequencial, narrativa mínima, sentença narrativa e modo realis;
3. Tipos temporais de sentenças narrativas: raio de ação da sentença narrativa, sentença livre, sentença presa;
4. Tipos estruturais de sentenças narrativas: resumo, orientação, ação complicadora e coda;
5. Avaliação: sentença avaliadora, modo irrealis;
6. relatabilidade: evento relatável, evento mais relatável, reatribuição de turno;
7. Credibilidade: paradoxo da credibilidade;
8. Causalidade: teoria pessoal da causalidade;
9. Atribuição do elogio e da culpa;
10. Ponto de vista: narrador, contador, não-flashback;
11. Objetividade: evento objetivo, evento subjetivo;
12. Resolução: marca de finalização.

Para Labov (1997, p.3) uma narrativa oral de experiência pessoal é definida como o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais. Dessa forma, os eventos vividos por ele são avaliados tanto emocional quanto socialmente e transformados pela sua experiência.

#### 1.1 Avaliação

A avaliação de um evento narrativo é a informação sobre as consequências desse evento para as necessidades e para os desejos humanos e uma sentença avaliadora é a avaliação de um evento narrativo. (LABOV, 1997, P.7). E, em relação à estrutura das narrativas, há muitos tipos

de estruturas linguísticas que serviram à função de avaliar eventos narrativos, incluindo: ênfase, estruturas paralelas e comparativas. Dentre esses, os mais importantes são os modais, os negativos e os futuros. E isso ocorrerá em uma narrativa em processo quando o narrador avalia seus eventos comparando-os com eventos em uma realidade alternativa que não foi de fato realizada, assim, emprega o modo *irrealis* (o subjuntivo no português, mas também o indicativo: imperfeito, condicional, futuro). Mas esse modo só ocorre com frequência em narradores com maior maturidade, pois esses conseguem avaliar melhor suas experiências.

O material avaliador normalmente é espalhado ao longo de todo o relato, porém, mais frequentemente ele está concentrado de uma maneira que suspende o movimento seguinte da ação, ou seja, a avaliação está caracteristicamente concentrada em uma seção avaliadora localizada exatamente antes da mais importante ação avaliação ou ponto da narrativa. Segundo Labov (1997) objetivamente seria necessário atingir o nível mais abstrato da ação; contudo, afirma, é no nível da gramática das sentenças que se pode encontrar pistas mais diretas para a avaliação.

### 3.1 Relatabilidade

Segundo Labov (1997) a relatabilidade é um dos conceitos mais difíceis, apesar de essencial, na análise da narrativa. E isso porque o narrador tem que ocupar um espaço social maior, ou seja, manter o turno da fala por mais tempo do que em outras trocas conversacionais, logo a narrativa precisa produzir muito interesse nos ouvintes para que justifique essa ação. E dada a dificuldade de se mensurar o interesse da narrativa ou de seus propósitos em competição, essa abordagem da relatabilidade é, ela própria, de interesse limitado. Já o conceito de o evento mais relatável é central para a estrutura organizadora da narrativa. Outra possibilidade de tentar esclarecer essa questão de o narrador ter um espaço social maior durante a fala, pode ser esclarecido como sugeriu Sacks (1992) ao dizer que não se trata de “manter o turno por mais tempo”, mas como controlar a atribuição de falante. E para conseguir manter o turno de fala por mais tempo, deve ser considerado um ato social aceitável, ou seja, uma narrativa oral de experiência pessoal precisa conter pelo menos um evento relatável, que justifique a automática retribuição do papel do falante ao narrador. E segundo Labov (1997, p.9) a relatabilidade de um mesmo evento vai variar bastante dependendo da idade, da experiência, dos padrões culturais do falante, e, mais importante, do contexto social imediato com suas propostas competindo por uma retribuição do papel do falante.

Dessa maneira, Labov (1997, p. 9) elenca os princípios universais de interesse que subjazem para a análise de uma narrativa, isto é, ele estabelece que alguns eventos são sempre portadores de um grau maior de relatabilidade: morte, tragédia, sexo e indignação social. Fora desses parâmetros, só haverá relatabilidade se houver alto grau de contextualização, ou seja, somente uma pessoa intimamente familiarizada com a audiência (com o conhecimento da questão por parte dos ouvintes) e conhecedora da história recente da situação social envolvida no relato é que poderá estar segura de não errar na introdução da narrativa.

### **3.2 Credibilidade**

A credibilidade de uma narrativa é a extensão em que os ouvintes acreditam que os eventos descritos tenham ocorrido de fato na forma descrita pelo E-N, em outras palavras, uma narrativa tem que estar baseada em explicações sérias e diretas dos eventos que são expostos, e não em piadas, contos, sonhos ou outros gêneros de natureza menos sérias. Nesse sentido, Ferreira Netto afirma que “a narrativa terá maior credibilidade quanto mais descritiva for os eventos que apresentar” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 47).

### **3.3 Causalidade**

A partir da pergunta disparadora “Conte-me sua história de vida?” O enunciador narrador busca os eventos mais relatáveis de sua vida para expor, em seguida, ele procura responder o porquê desses eventos terem acontecido, ou seja, há um evento relatável e o porquê desse evento ter ocorrido gerando uma causa e uma consequência.

Não há evidências diretas da sequência dos passos a serem seguidos para a construção da causalidade, a visão da narrativa como uma teoria popular da causalidade não decorre de nenhuma observação. É apenas uma implicação necessária de todas as definições e implicações da relatabilidade e da credibilidade. Há muitos detalhes e complicações na descrição completa das opções disponíveis para o narrador construir sua teoria causal. Tendo em vista que, nem sempre estão explícitas as consequências.

### **3.4 Atribuição do Elogio e da Culpa**

A construção da narrativa é equivalente à atribuição de uma teoria da causalidade, pois na explicação do conflito entre atores humanos, ou o esforço dos atores humanos contra forças

naturais, o narrador e os ouvintes inevitavelmente atribuem elogio e culpa, em outras palavras, existe um dualismo (bem/mal) pode ser notado nas narrativas quando o antagonista é visto transgredindo as normas sociais e o protagonista conformando-se maximamente a elas. Dessa maneira, o estudo de como os narradores atribuem elogio e culpa é um aspecto importante da análise da narrativa.

Para Labov (1997, p.12) uma compreensão de como os eventos subjacentes são apresentados pode ser obtida por meio de uma visão mais abrangente das causas mais comuns dos eventos envolvidos, não restando dúvidas que o ponto de vista do narrador é que vai atribuir o elogio e a culpa. E essa informação não estará explícita na narrativa, ou seja, o narrador não transmite conscientemente essa informação para o ouvinte, o que ocorre é uma estrutura ideológica a partir da qual os eventos são vistos.

### 3.5 Ponto de Vista

Segundo Labov (1997) e Ferreira Netto (2008) O ponto de vista de uma narrativa é o domínio espacial e temporal a partir do qual a informação transmitida por uma sequência pode ser obtida por um observador, ou seja, é a visão que o E-N tem sobre os eventos ocorridos na narrativa. Isto é, os eventos são vistos unicamente pelos olhos do narrador no momento em que estão sendo relatados, não possibilitando o uso de *flashback*. “Não há *flashbacks* nas narrativas orais de experiência pessoal. Dessa forma, são esses traços que distinguem uma narrativa oral de experiência pessoal de uma narrativa literária, pois, na literatura, pode-se mudar o ponto de vista para apresentar informações acerca de outros eventos, pode-se utilizar um ponto de vista impessoal e utilizar o recurso do narrador-onisciente, que entra no inconsciente das personagens, que sabe o que eles pensam ou sentem, sendo possível o uso da técnica do *flashback*.”

### 3.6 Objetividade

Labov (1997) afirma que recontar narrativas indicam uma escala de valores um pouco diferente e que os relatos que prendem a atenção dos ouvintes e permitem-lhes compartilhar a experiência do narrador são as que usam os meios de expressão mais objetivo, ou seja, existem dois eventos. O primeiro, é um evento objetivo que é aquele que se torna conhecido do narrador por meio da experiência dos sentidos, e o segundo, que é o evento subjetivo onde o narrador é informado através de memória, da reação emocional ou na sensação interna. E em geral, as

narrativas que relatam a experiência são mais objetivas e mais eficazes, entretanto, não é uma afirmação fortemente evidenciada, não havendo dados fortes para sustentar isso. Todavia, evidências experimentais garantem a crença de que a objetividade aumenta a credibilidade ou, conforme a proposição de Labov (1997, p. 15), “Uma vez que se concorde que a observação do narrador pode ser afetada por seu estado interno (emocional), relatos de eventos objetivos são mais críveis do que eventos subjetivos”, tornando a objetividade uma condição essencial para a capacidade de narrativas para transmitir a experiência aos ouvintes. No entanto criasse um paradoxo, pois a transferência da experiência é um fenômeno subjetivo, que não é fácil de observar ou medir, pois o paradoxo argumenta que se obtêm essa experiência subjetiva somente por meio da apresentação objetiva dos eventos. (LABOV, 1997, p. 15).

### **3.7 Resolução**

Nos estudos de Labov e Waletzky (1967), a resolução da narrativa era simplesmente o fim ou a consequência. Não havendo um meio que conseguisse distingui-la das últimas ações complicadoras. Mas a situação é alterada com a introdução da ação do conceito do evento mais relatável. Assim, a situação da unidade estrutural de uma narrativa oral de experiência pessoal alterou-se.

A resolução pode ser vista logicamente como a série de ações complicadoras que seguem o evento zero igual ao evento mais relatável e não as que o precedem. Dessa maneira, Labov (1997, p. 16) define a resolução como sendo um conjunto de ações complicadoras que seguem o evento mais relatável.

Labov e Waletzky (1967) definiram a coda como a sentença ou sentenças que apresentam o retorno narrativo quando a história está sendo contada de tal forma que a questão “E o que aconteceu depois” deixa de ser adequada. Isso não significa que o ouvinte esteja automaticamente satisfeito com toda a informação dada como consequência do evento mais relatável. Todavia, se a Resolução não é satisfatória nesse aspecto, fica a impressão para o ouvinte que a narrativa está incompleta.

Portanto, é assim que Labov (1997), Bruner (1991) , Ferreira Neto (2008) e Couto e Vegini (2014) estruturam as narrativas orais de experiência pessoal. E, é essa teorização que servirá de base para a seção de análise. Além, desses pontos elencados, para alcançar o objetivo da minha pesquisa apresentarei algumas considerações necessárias a respeito da cultura e suas vertentes, pois são elementos que caminham juntos, acredito eu, na construção do relato das experiências.

#### 4. MEMÓRIA: LEMBRANDO E RELEMBRANDO

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já sabia que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações e mudanças constantes. Para Pollak (1992, p. 2) A memória individual é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. Ela também sofre flutuações em função do momento em que é articulada e expressa, constituindo um elemento de estruturação. Isso é verdade, pois o mesmo acontece em relação à memória coletiva. Um exemplo disso são as datas comemorativas oficiais, pois todos sabem que elas são fortemente estruturadas do ponto de vista político, o que as tornam memórias nacionais que vão ser gravadas na história de um povo, ou seja, é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada, e que podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.

Na década 20, esse autor, estabeleceu o conceito de memória coletiva no campo da Sociologia, acreditando que a memória é influenciada pelos quadros sociais que a antecedem e determinam, e que a sua concepção, portanto, baseava-se na ideia de que esta era formada através dos laços sociais existentes entre indivíduos constituídos no presente e entendia que os quadros sociais da memória eram combinações das lembranças individuais de vários membros de uma mesma sociedade. Em sua tese, Halbwachs refletiu sobre a diversidade dos comportamentos, tendências e sentimentos humanos, e concebeu a ideia de que o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração do tecido das relações sociais. E mostra que não é possível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças sem tomar como referência os contextos sociais que são a base para a construção da memória. Logo, para esse autor, a memória sempre tem um fundo social, coletivo. Isto é, ninguém poderia lembrar realmente de algo fora do âmbito da sociedade, pois a evocação de recordações é sempre feita recorrendo aos outros, seja a família, ou ademais grupos. Para Todorov, (1999, p. 26-7), a memória não é apenas um ato de recordar, ela revela os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano fornecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e

identidades. Mas há uma observação que deve ser destacada em relação a memória que é o fato dela ser seletiva, pois nem tudo fica gravado e nem tudo fica registrado, por exemplo, na memória nacional existem conflitos que são comuns para determinarem quais datas e quais acontecimentos vão ser gravadas na memória de um povo, logo, a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Para Pollak (1992, p. 5) essa construção, em nível individual, quer dizer que os modos de construção podem tanto ser consciente como inconsciente. O que a memória individual grava, concentra, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

#### **4.1 Memória Individual**

A memória individual realiza-se a partir de experiências vividas de formas pessoais, incluindo também a vida social, pois a memória não está inteiramente isolada e fechada, ela é constituída a partir de “quadros” já estabelecidos, ou seja, impostos pelo meio social. fazendo com que ao evocar experiências, em geral, a pessoa tende a recorrer as lembranças de outras e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Como afirma Halbwachs (2006):

não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

De acordo com essa citação, a memória individual é uma construção social, o que a torna sempre uma composição entre eventos efetivamente lembrados pelo indivíduo e eventos narrados por terceiros (Ferreira Neto, 2008, p.30). Desse ponto de vista da composição híbrida da memória individual, entende-se que seu caráter fragmentário exige o preenchimento constante dos “silêncios” do passado para a configuração de um todo coerente e passível de ser explorado. E, segundo Ferreira Netto (2008, p. 31) a fonte primeira para tais preenchimentos advém da própria vida social que fornece o contato interpessoal e a constante troca de informação. E essa troca, na forma de interlocuções, que atua como geradora de fatos e eventos memorizáveis que completam as memórias efetivamente individuais.

## 4.2 Memória Coletiva

Halbwachs argumenta que o pensamento coletivo comanda a sociedade através de uma “lógica da percepção que se impõe ao grupo e que ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (HALBWACHS, 2006, P. 61), ou seja, essa “representação lógica” seria a representação do espaço, através da geografia, topografia, física, do grupo, e lemos esses objetos segundo essas noções que nos são ensinadas pela sociedade desde cedo. Além disso, a memória coletiva é formada através da convivência e por mais pessoal que seja é construída socialmente, pois a partir do contato com o outro é que ela é gerada, tendo em vista, que os seres humanos tendem por viverem em grupo, organizando-se em sociedade, já que muito poucos sabem viver isoladamente. Então, a partir desse convívio são criados laços, afinidades, memórias comuns, elementos que constituem uma memória social e por isso, coletiva. Halbwachs acrescenta a esse conceito que mesmo apenas um indivíduo tenha a percepção de ter vivenciado certos eventos e contemplado objetos, acontecimentos e etc., nos quais apenas ele viu e/ou presenciou, mesmo assim as lembranças acerca desses continuam sendo coletivas, podendo ainda ser evocadas por outros que não necessariamente vivenciaram e/ou presenciaram tais acontecimentos, visto que para “confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Para Ferreira Netto (2008, p. 32) a memória coletiva, bem que o nome aponte para o grupo, é, de fato, individual, pois depende do indivíduo para a sua manutenção. Desse ponto de vista, a memória coletiva ganha mais uma restrição, que é particular do próprio indivíduo. A duração dessa memória é menor ou igual a duração do indivíduo. Ultrapassar esses limites será decorrência do estabelecimento de sua constante divulgação para outros indivíduos, que acrescentam, na medida do possível, os fatos memorizados pelo narrador aos seus próprios, reconstruindo assim a própria memória coletiva, agora acrescida das contribuições do ouvinte. Do ponto de vista, feito por Ferreira Neto, Halbwachs acrescenta que:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido, ou que dele teve consequências, que a ele assistiu ou dele recebeu um a descrição ao vivo de atores e expectadores de primeira mão - quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhes são decididamente exteriores, então o único modo de preservar essas lembranças é fixa-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem (HALBWACH 2003. P.101).

Portanto, para preservar uma lembrança e fazer com que ela seja extraída do mundo abstrato da memória é possível materializar essa lembrança a partir do registro de uma narrativa. Como última observação a respeito das mnemônicas coletivas, deve ser destacado que a mensagem essencial talvez a respeito seja, que, por mais que tentamos, nunca estamos sozinhos. A nossa vida, em relação com o outro, produz representações, imagens, recordações. Perceber essa alteridade na memória foi uma das grandes contribuições de Halbwachs, apesar que faltou em sua teoria constatar que a memória é um bem político que pode ser objeto de conflitos.

## 5. CULTURA: O MODO DE VER O MUNDO

A palavra cultura tem sido utilizada em diferentes campos semânticos em referência a outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia”. Dessa forma, Cuche (1999, p. 204) demonstra que “o uso sem controle da noção de cultura provoca uma confusão conceitual”, ou seja, esse termo possui uma multiplicidade de sentidos e no decorrer deste capítulo trarei alguns teóricos que conceituam esse termo para me apoiar nas análises das narrativas orais de experiência pessoal (NOEP).

No final do século XVIII, a palavra cultura começa a ser utilizada sem seus complementos<sup>4</sup> e passa a ser empregada apenas para designar, a formação, a educação do espírito, ou seja, o nível de escolaridade do sujeito e/ou se este está inserido no meio acadêmico. Em seguida, deixa de ser aplicada como ação (ação de instruir) e passa a ser caracterizada como estado (estado do espírito cultivado pela instrução, estado de um indivíduo que tem cultura). A cultura também acaba sendo associada às ideias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época<sup>5</sup>. Cuche (1999, P. 21) acrescenta que o termo também passou por outras modificações e acabou atrelado ao conceito de civilização, que buscava o afinamento dos costumes e o processo de arrancar a humanidade da ignorância e da irracionalidade, ou seja, a evolução dos costumes por povos mais ‘avançados’, que poderiam submeter os seus costumes ou a sua cultura aos povos ‘não civilizados’. Entretanto, esses conceitos acabaram por se opor, assim como a profundidade se opõe à superficialidade, isto é, a cultura passou a ser definida a tudo o que era autêntico e que contribuía para o enriquecimento intelectual e espiritual, enquanto, civilização passou a ser conceituada somente como aparência brilhante, leviandade e refinamento superficial. (CUCHE, 1999, P. 25). No decorrer desse mesmo século, as discussões sobre cultura e civilização se desenvolveram no contexto das revoluções burguesas, com destaque para a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e a Revolução dos Estados Unidos, em que o ideal racionalista da ciência se apresentava. Emergindo, assim, outras concepções de cultura e civilização. Já no séc. XIX segundo Cuche (1999, P. 28) ‘na França a evolução da palavra cultura se enriqueceu com a dimensão coletiva e não se referia mais somente ao desenvolvimento intelectual do indivíduo’, isto é, passou a

---

<sup>4</sup> Cuche (1999, p. 20) diz que o termo cultura, no sentido figurado, estava ligado ao cognitivo, já que era uma “faculdade”. O conceito era sempre seguido de um complemento: “fala-se da ‘cultura das artes’, da ‘cultura das letras’, da ‘cultura das ciências’, como se fosse preciso que a coisa cultivada estivesse explicitada”.

<sup>5</sup> Século XVIII ou Século das Luzes foi o período em que surgiu o Iluminismo. Os pensadores que romperam com a ideal medieval e que acreditavam no progresso dos pensamentos científicos.

designar um conjunto de caracteres próprios da comunidade, mas em um sentido geral vasto e impreciso. Na Alemanha, esse conceito evoluiu considerando a ideia do nacionalismo fazendo uma relação com a definição de nação, ou seja, a cultura vem da alma, do gênio de um povo, a nação cultural precede e chama a nação política, em outras palavras, a cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem um patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade. (CUCHE, 1999, P. 29) Essas duas concepções sobre cultura que é uma universalista e outra particularista refletem na base de definição das ciências contemporâneas.

O conceito que de fato conseguiu universalizar a expressão cultura foi o de Edward Tylor (1871) quando definiu o termo inglês *culture*, como, “conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, os direitos, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”, com essa definição Tylor (1871) abrangeu em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. A partir desse ponto de vista, cultura é uma forma ou maneira de um grupo humano viver a vida diariamente, ou seja, nossos hábitos, comportamentos, modos de pensar, de agir, de se vestir, de construir casas, de caminhar, de comer, de rezar, isto é, vai variar de acordo com a cultura em que estamos inseridos. Para chegar nessa concepção houve vários estudos que tentaram explicar essas diferenças comportamentais do ser humano como por exemplo: o determinismo geográfico (o meio ambiente que determina o comportamento das pessoas) e o determinismo biológico (características físicas e psicológicas do ser humano são determinadas por sua raça, nacionalidade ou por qualquer outro tipo específico a qual ele pertença). Segundo Laraia (2001), não existe qualquer correlação entre os caracteres genéticos e o comportamento cultural, quer dizer, qualquer criança seja ela, nórdica, negra, alemã, japonesa ou brasileira pode ser educada em qualquer cultura se for colocada desde o início em situação de aprendizado. E, existe sim uma diferenciação em relação ao dimorfismo sexual, mas é falso que o comportamento existente entre pessoas de sexo diferente seja determinado pelos órgãos genitais. Portanto, fica claro que cultura é todo o comportamento aprendido e transmitido no convívio humano, não podendo ser, de fato, um apanhado de genes, como afirma Laraia:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa

desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (Laraia, 2001, p. 45)

E, concordando com Laraia (2001) Morin (2007) enfatiza que a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração para geração e se reproduz em cada indivíduo, controlando a existência da sociedade e mantendo a complexidade psicológica e social. Ele afirma também que não há sociedade arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular, ou seja, a cultura só existirá se houver as culturas, pois a cultura existe apenas por meio das culturas. (Morin,2007, p. 56)

A Cultura também opera como se fosse uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas. E Laraia (2001, p. 67) exemplifica essa referência levando em conta os conhecimentos que cada pessoa tem sobre determinada coisa, trazendo como exemplo uma visão que um antropólogo desprovido de um razoável conhecimento de botânica tem sobre a floresta amazônica (que não passa de um amontoado confuso de árvores e arbustos dos mais diversos tamanhos e variedade de tonalidades de verde), e a visão de um aborígene que tem desse mesmo cenário uma visão completamente diferente, pois para esse ele cada árvore, arbustos e cor tem um significado diferente.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. E o fato de o homem ver o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. Laraia defini etnocentrismo como:

Um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista (LARAIA, 2001, P. 73)

E isso acaba gerando o costume da discriminação aos que são diferentes, e tais comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes, além de poder ser encontrada também em grupos de uma mesma sociedade. Pois, a participação de um indivíduo em sua cultura é sempre limitada, visto que, nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Sobre isso Laraia (2001) diz:

[...] qualquer que seja a sociedade, não existe possibilidade de um indivíduo dominar todos os aspectos de cultura. Isto porque, como afirmou Marion Levy Jr., “nenhum sistema de socialização é idealmente perfeito, em nenhuma sociedade são todos os indivíduos igualmente bem socializados, e ninguém, é perfeitamente socializado. Um indivíduo não pode ser igualmente familiarizado com todos os aspectos de sua sociedade; pelo contrário, ele pode permanecer completamente ignorante a respeito de alguns aspectos”. Exemplificando: Einstein era um gênio na física, um medíocre violinista e, provavelmente, seria um completo desastre como pintor. (LARAIA, 2001, P. 67)

Dessa forma, o que deve existir é uma participação do indivíduo em relação ao conhecimento da cultura que permita a sua articulação com os demais membros da sociedade que vive, ou seja, todos necessitam saber como agir nas mais diversas situações para que não ocorra conflitos dentro dessa sociedade.

## **5.1 Identidade Cultural**

A essência do termo identidade que antes estabilizava o mundo social, segundo Hall (2001, P. 7) ‘se encontra em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno’. Dessa maneira, um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas a partir do final do século XX. E isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais, ou seja, estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados e segundo Hall (2001, p. 9) ‘esta perda de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito’, ou seja, isso quer dizer que o sujeito se encontra em uma crise de identidade. Hall (2001, P.11-14) aponta três concepções de identidades sendo elas:

1. Sujeito do Iluminismo,

2. Sujeito sociológico e
3. Sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo, isto é, o seu gênio não pode ser modificado nem alterado, desde o seu nascimento, durante a sua vivência até o fim de sua vida.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediarão os valores, sentidos e símbolos do mundo que este sujeito habitava, em outras palavras, esse sujeito precisa de uma interação social para que haja a troca de conhecimento, não conseguindo assim ser autônomo em uma vivência isolada, para esse sujeito a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade.

O sujeito pós-moderno está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas, logo são esses processos que produzem o sujeito pós-moderno, definindo-o como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Assim, torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Diante dessas exposições referentes à construção do sujeito percebo que a construção de sua identidade é frágil a qualquer modificação que possa ocorrer com o sujeito, pois como afirma Bauman (2005, P. 80)

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido Bauman (2005, P. 80).

Dessa maneira, percebo que as crises de identidades irão ocorrer, principalmente, nos processos de migração e/ou imigração, como comenta Bauman (2005, P. 82):

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Bauman (2005, P. 82)

A partir dessas concepções, concluo e concordo com Bauman (2005, P. 84) quando ele afirma que o que importa é como se sente a necessidade planejada da construção e reconstrução da identidade, como ela é percebida “de dentro”, como ela é “vívida”. Seja genuíno ou putativo aos olhos do analista, o status frouxo, “associativo”, da identidade, a oportunidade de “ir às compras”, de escolher e descartar o “verdadeiro eu”, de “estar em movimento”, veio a significar liberdade na sociedade do consumo atual. Portanto, quando a identidade do sujeito se tornou fragmentada na pós-modernidade, acabou abrindo um leque de possíveis identidades que uma pessoa pode adquirir inconsciente ou conscientemente no decorrer de sua vida.

## 5.2 Hibridismo Cultural

Para Laraia (2001), existem dois tipos de mudança cultural. A primeira, é a interna, que resulta do próprio sistema cultural, podendo ser lento, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos, mas o ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos, seja por uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato. E, a segunda mudança, pode ser mais rápida e brusca, como por exemplo, a chegada do homem branco no Brasil, que para os indígenas representou uma verdadeira catástrofe. No entanto, esse processo de hibridismo cultural, pode ser menos radical, com a troca de padrões culturais ocorrendo sem grandes traumas. Quanto a esse processo de mudança, Laraia afirma:

Além de ser o mais estudado, é o mais atuante na maior parte das sociedades humanas. É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Isto somente seria possível no caso, quase absurdo, de um povo totalmente isolado dos demais. Por isto, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma grande atenção por parte dos antropólogos. (LARAIA, 2001, P.96)

Dessa maneira, as mudanças oriundas das causas externas precisavam ter um esquema conceitual específico, foi então, que surgiu o conceito de aculturação. E segundo, o antropólogo americano J.W Powell (1880) aculturação é uma ideia que pressupõe que a situação de contato opera como pura e simples conversão de uma cultura à outra, e que ela é um processo normal na vida das sociedades. Logo, conclui que cada sistema cultural está sempre em mudança, e entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma, é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, sendo necessário também saber entender as diferenças culturais que ocorrem dentro do mesmo sistema. A respeito dessas mudanças culturais que ocorrem, Canclini (2013) as definem como culturas híbridas, e esse termo foi criado para explicar espaços multiculturais dentro de uma mesma comunidade de pessoas, por exemplo, existem diversos grupos sociais e mesmo dentro de um grande grupo pode haver costumes, concepções do mundo, organizações familiares e sociais, valores diversos. E essa hibridização é resultado de “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2013, P. 01) Esse autor também dedica a sua atenção em primeiro lugar, na ‘noção que aparece nas ciências sociais como substituto do que já não pode ser entendido sob os rótulos de culto ou popular, permutando esses dois termos para cultura urbana a fim de conter as formas dispersas da modernidade (CANCLINI, [1989] 2015, P. 280); em segundo lugar, ocupa-se de três processos fundamentais para explicar a hibridização, ou seja, a quebra das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros. Mas para esta pesquisa usarei apenas uma vertente indicada por Canclini, a da desterritorialização onde ocorre o processo de perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais, ou seja, esses movimentos estão relacionados com o desprendimento daquilo que se conhece. E a reterritorialização que é a realocação em outro território, isto é, as práticas socioculturais adquiridas pelo sujeito nesse novo ambiente. Santos e Conceição (2020, p. 247) explicam esses dois processos, o primeiro, aponta para o desprender-se de suas origens, no sentido de terra natal, pois pessoas que migram saem de seus locais facilitando o contato com outras identidades, havendo trocas culturais. E o segundo, faz menção ao processo de adequar-se ao novo território, ou melhor, adotar para si os novos traços de identidade com os quais passam a entrar em contato em um novo território.

Canclini afirma também, que sem dúvida, a expansão urbana é igualmente uma das causas que intensificaram a hibridização cultural. (CANCLINI, [1989] 2015, pág. 284-5).

[...] Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. (CANCLINI, N.G, 2007, p. 288.)

Portanto, com a expansão urbana, “o tradicional se misturou com o moderno, dissolvendo as fronteiras geográficas e culturais entre as pessoas que saíram do campo para morar nas cidades”. E isso modificou a estrutura social das cidades. Todavia, essa mistura trouxe como consequência a massificação do que era central e localizado. Ou seja, os meios massivos também contribuíram para superar a fragmentação social e, nesse sentido, a mídia se transformou, até certo ponto, na grande mediadora e mediatizadora de outras interações coletivas. E a publicidade comercial e os lemas políticos que vemos na televisão são os que reencontramos nas ruas, e vice-versa: umas ressoam nas outras. (CANCLINI, [1989] 2015, pág. 285-290)

### **5.3 Etnolinguística: Língua, Cultura e Sociedade**

As relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde começa uma e termina a outra. Para tanto, com a criação da etnolinguística pode-se investigar os relacionamentos entre a língua e visão de mundo, a partir do contexto em que a língua é produzida, analisando a sua adaptação ao contexto e seu poder de expressão, ou seja, é por meio da etnolinguística que é possível perceber de que forma a visão de mundo de um grupo está relacionada às suas experiências. Portanto, ao se analisar uma língua, consegue-se extrair informações como a realidade cultural. Dessa forma, a linguagem torna-se um símbolo utilizado pelos seres humanos em que se pode avaliar hábitos de um grupo, construindo, assim, uma realidade linguística.

Os primeiros estudos dessa disciplina, datam do final do século XIX, com pesquisas feitas pelos norte-americanos que começaram a pesquisar grupos tribais e suas respectivas línguas com o objetivo de identificar a sua organização, classificando-os linguisticamente e etnicamente. Nessas pesquisas, cada sociedade e cada língua foram analisadas em particular, sem estabelecer relação entre elas. Um desses pesquisadores foi Franz Boas, da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, que realizou uma pesquisa que gerou um novo direcionamento à linguística. No seu estudo, que tinha como objetivo ‘estudar as sociedades

indígenas em sua própria estrutura”, ele pôde descrever com objetividade e rigor cada grupo, relacionando os fenômenos culturais aos fenômenos linguísticos e diante dessas relações foram considerados que ambos os fenômenos são de natureza inconsciente, ou seja, segundo Boas os fenômenos linguísticos jamais chegam a ser conscientes, enquanto os culturais podem atingir o nível da consciência individual. Mas isso não compromete o relacionamento entre eles e, assim, é possível utilizar-se de métodos etnológicos e linguísticos nas pesquisas, como se percebe na Etnolinguística.

A partir dos estudos desenvolvidos, Eugenio Coserius (1978) conseguiu delimitar com precisão o objeto de estudo dessa disciplina. Mesmo que o método de estudo possa variar de acordo com o interesse de cada pesquisado, no entanto, Coserius (1978) Limita a etnolinguística ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação à civilização e a cultura. Isto é, faz uma distinção entre uma Etnolinguística propriamente dita e uma “Etnografia linguística”. Partindo da correlação linguagem-cultura, sendo a primeira, a ocupação dos fatos linguísticos determinados pelos “saberes” acerca das coisas, e a segunda, a preocupação com a cultura, dos “saberes” acerca das “coisas” expressos pela linguagem enquanto manifestação cultural. Logo, para melhor delimitar as tarefas específicas da etnolinguística Coserius (1978) propõe três planos estruturais da linguagem que correspondem aos saberes e conteúdos linguísticos distintos, sendo eles:

1. o plano universal do falar geral, ao qual corresponde o *saber elocucional*, independente da língua em uso, e a *designação*, referência à realidade, a “coisas” e “estados de coisas”;
2. o plano histórico das línguas, ao qual corresponde o *saber idiomático*, domínio de uma língua e o *significado*, conteúdo dado pelas oposições idiomáticas;
3. o plano individual do discurso, ao qual corresponde ao *saber expressivo*, adequação do discurso ao contexto e o *sentido*, conteúdo próprio do discurso determinado por fatores extralinguísticos.

Dessa forma, recorrendo a esses três planos estruturais da linguagem a etnolinguística define três abordagens diferentes que por sua vez definiu três linguísticas diferentes: a do falar, a das línguas e a do discurso, assim é proposto também três etnolinguística: a do falar em geral, a das línguas e a do discurso que possuem tarefas e sentidos distintos. Isto é, a primeira, concerne no estudo da linguagem definida pelo conhecimento universal do mundo e pelos saberes extralinguísticos. A segunda, se preocupa com os fatos de uma língua determinados pelos “saberes” acerca das “coisas” e, conseqüentemente, pela estratificação social das

comunidades e da linguagem em si. E a terceira, por sua vez, estuda os discursos, seus tipos e estruturas determinados pela cultura de uma comunidade.

Portanto, trabalhar com a etnolinguística é saber que ela está intrinsecamente ligada **com a** ciência da linguagem e que a linguagem tem estreita relação com a identidade social e, ao falar, cada indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permitem a um interlocutor não só depreender seu estilo pessoal, mas também confirmá-la em um determinado grupo como afirma Dick (1998), “A linguagem como fator social põe em destaque ações, atividades, valores e referenciais do cotidiano do grupo”. Dessa forma, a entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identificam o país ou a região de onde cada indivíduo se origina. Para tanto, observo também que as visões de mundo, as crenças, as ideologias de uma sociedade que são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, demonstram que a língua representa as marcas sociais e culturais de um povo e que é por meio da língua que o homem expressa as ideias de sua geração, da comunidade, de seu tempo, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida e contribui para sua renovação e constante transformação. Assim, cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e modificador de sua língua, produzindo inúmeras situações de fala de acordo com a necessidade de seu tempo.

## 6. APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Para efeitos de contextualização, descrevo alguns dados sobre os participantes voluntários que foram selecionados por suas narrativas conterem todos os requisitos que uma narrativa oral de experiência pessoal precisa reunir, ou seja, elas possuíam o eixo formal e o eixo funcional. Dessa forma, as informações expostas para a contextualização ocorreram a partir das gravações realizadas no momento das entrevistas. Em seguida, apresento as NOEP transcritas o mais próximas possíveis da forma falada e as insiro dentro de célula dupla: à esquerda os números sequenciais e à direita o relato.

O participante um tem 42 anos é neto por parte de mãe dos povos originários do Amazonas e filho de migrante do Ceará, veio para Porto Velho com 11 anos, depois que seu pai foi assassinado. Segundo ele, gosta muito de contar histórias de sua vida, apesar de não dominar muito bem as palavras, pois como ele mesmo afirma considera-se uma pessoa analfabeta, visto que, em seu relato ele declara “aprendi o básico da época que era aprender a escrever o meu nome pra assinar pra não ter que ir pra colocar o dedo como assinatura”.

O participante dois tem 43 anos é natural de Pinheiro, interior do Maranhão, veio conhecer as belezas de Porto Velho e atualmente é radicada na capital de Rondônia há mais de nove anos. Segundo ela, não tem costume de contar muitos relatos de sua vida, mas sempre que pode exaltar essa cidade ela o faz, pois para ela Porto Velho foi como uma mãe, uma vez que pode realizar muitos de seus sonhos.

O participante três tem 37 anos, é natural de Porto Velho, filho de mãe portovelhense e de pai migrante do interior do Piauí. Segundo ele, gosta muito de contar suas aventuras e pegou esse gosto desde criança, pois seu pai tinha esse costume de contar histórias para ele e seus irmãos.

O participante quatro tem 63 anos, é natural de Floriano, mas manifesta que seu coração é rondoniense, veio para Porto Velho há mais de 20 anos para ser garimpeiro, pois se vislumbrou com as notícias que passavam na televisão na época. Segundo ele, aqui criou raízes e viu desabrochar um ser que teve muitas oportunidades que provavelmente no Nordeste poderia ser que não teria, como ele mesmo afirma “aqui é minha pasárgada”.

Diante desses dados, observa-se superficialmente uma diversidade cultural muito grande, pois entre os participantes voluntários existem migrantes de várias cidades do Brasil, outro dado a ser observado é a particularidade dos participantes migrantes que vieram a residir

na cidade de Porto Velho. Dessa forma, a seguir apresentarei as NOEP de cada enunciador-narrador (E-N).

## 7. COTEJAMENTO E DISCUSSÕES

Nesta seção foram realizadas as análises acerca da estrutura formal (resumo, orientação, ação complicadora e coda); estrutura funcional (avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição do elogio e da culpa, ponto de vista e objetividade); memória (individual e coletiva); e cultura (identidade cultural, hibridismo cultural e etnolinguística).

### 7.1 Estrutura das NOEP: Eixo Formal

Conforme apresentado na seção quatro, a análise da estrutura formal das NOEP foi inaugurada por Labov/Waletzky em 1967, e posteriormente por Labov (1997) compreendendo que a estrutura interna das narrativas orais de experiências pessoais é formada por: resumo; orientação; ação complicadora; e coda. E esse é o momento que eu exemplificarei cada elemento dessa estrutura.

#### 7.1.1 Resumo

A primeira estrutura formal analisada é o resumo (*‘abstract* “do que se trata?”), que é uma síntese da narrativa e indica qual a natureza do seu conteúdo, isto é, ele indica uma ideia geral do que se trata a narrativa e é também (geralmente) uma sentença inicial, que relata uma sentença de eventos posteriores. Segundo Labov (1997) ele é facultativo. Entretanto, em todas as NOEP analisadas, nesta pesquisa, o resumo está presente.

##### a) NOEP 1

A NOEP 1 apresenta o resumo nas linhas 1, 2 e 3.

01	Como surgiu o [...] no caso um filho de um cearense com uma
02	amazonense índia mesmo do interior chamada [...], filha de índia original
03	da aldeia

##### b) NOEP 2

Na NOEP 2 o resumo se apresenta nas linhas 1,2,3 e 4.

01	Minha história de vida começa no maranhão com muito sofrimento, minha
02	infância foi sofrida porque assim meu pai sempre trabalhou muito, ralou
03	muito, pra fora viajando nos acompanhou pouco quando a gente era pequeno,
04	nós fomos mais tempo criado em casa com minha mãe

## c) NOEP 3

Na NOEP 3 o resumo está nas linhas 1,2 e 3.

01	Primeiramente [...] e eu tenho muito orgulho desse
02	sobrenome [...] que é do meu pai né, a minha trajetória, a minha
03	biografia eu acho ela muito engraçada, né.

## d) NOEP 4

Na NOEP 4 o resumo é identificado nas linhas 1, 2, 3, 4 e 5.

01	Bom, meu nome é [...] tenho 62 anos e nasci na cidade de
02	Florianópolis, o meu pai é [...] e minha mãe [...]
03	sou de uma família de 11 filhos e eu sou o antepenúltimo
04	dos homens né, porque são 4 homens e 7 mulheres eu sou o terceiro dos
05	homens e estão todos vivos,

## 7.1.2 Orientação

A orientação (“*orientation*”, quem? Quando? O que? Onde?) que dá referências do local, hora da cena e das pessoas envolvidas, ou seja, identifica tempo, espaço, lugar e personagens, isto é, contextualiza a narrativa. Portanto, é nesse item do eixo formal que os E-N relatam as principais pessoas, os lugares e os momentos mais significativos de sua trajetória de vida. E devido a extensão das NOEP organizei essas informações em blocos temáticos para melhor visualização.

## a) NOEP 1

Adoção da mãe

03	Mas a minha mãe acabou sendo adotada por uma família rica que
04	Mexia com soldado da borracha, naquele tempo da malva da juta. Aí
05	Aconteceu que minha mãe foi adotada na aldeia que era no interior
06	Em Guari Laranjeira que é interior de Manaus.

## Namoro proibido

09	minha mãe já jovem conheceu meu pai, aí foi um namoro proibido, meu
----	---

10	pai era vendedor do jogo do bicho da loteria, naquele tempo não tinha
11	computador essas coisas, ele andava nos Estados tudim , São Paulo
12	Rio de Janeiro, ele era vendedor.

#### Nascimento do E-N e de suas irmãs

15	Eu nasci, aí meu pai teve que tirar minha mãe da família dela
16	e aconteceu de tirar ela demais e levar pra fortaleza, eu com 6 meses
17	de idade, aí lá em fortaleza nasceu mais duas irmãs minhas
18	a [...] e a [...]

#### Migração para Porto Velho

23	meu pai não se deu de novo com a família de minha mãe e arrastou de
24	novo a minha mãe, só que agora aqui pra Porto Velho,
25	nos chegemos aqui em Porto Velho, na década de 80

#### Filhos do E-N

43	Aos 19 anos, surgiu o meu primeiro filho, aí foi o tempo que eu criei juízo
66	aí foi tudo em sequência com 19 anos tinha um caso de 6 meses já
67	largava arrumava outra e tinha outro filho e nisso foi ficando 3 crianças
68	pra traz. Com a mãe do [...] eu fiquei 6 meses com a mãe da
69	[...] mais seis, aí com a outra mais 4 meses

#### Primeiro emprego

54	o Super 10 lá na Amador dos Reis e eu tava com 19 anos
55	do lado do Tancredo Carne

#### Segundo emprego

71	aí quando eu tava com dez anos de açougueiro já com meus 34 anos
72	surgiu as Usinas no Rio Madeira.
79	é o seguinte chega de negócio de açougue, aí eu peguei fiz o curso
80	Acreditar da Odebrecht fiz o curso de pedreiro deu certo fui um dos
81	primeiros da turma, aí eu fui pra ser pedreiro de acabamento

#### Terceiro emprego

92	hoje eu sou autônomo, aí quando eu saí da usina eu fui pro garimpo
----	--

93	cheguei no garimpo trabalhando de boa mesmo
95	O garimpo era clandestino
96	no Mucuím perto de São Carlos

## b) NOEP 2

## Família

05	estudamos em colégio de padre seguimos uma doutrina do catolicismo,
06	nós somos em quatro irmãos sendo três meninos e eu,

## Trabalho dos pais

23	E, assim a gente foi indo meu pai vivia viajando trabalhando fora
24	motorista nessas empresas Camargo Correa, Odebrecht essas
25	empresas assim né, e minha mãe vivia ali, cuidando de nós lavando
26	roupa pro zoto, fazendo faxina pra complementar a renda
37	meu pai foi trabalhar na feira municipal de Pinheiro.

## Cidade grande

53	Quando eu completei 19 anos eu saí da minha cidadezinha pequena
54	lá no interior do Maranhão chamada Pinheiro e eu vim embora pra
55	Capital

## Primeiro emprego

64	quando eu cheguei em São Luiz eu já sabia fazer unha, assim mesmo
65	bem profissional, né, aí uma colega disse: - tem um salão ali que tá
66	precisando de manicure tu não quer ir fazer unha lá por enquanto e tal e?
67	Eu comecei a fazer unha lá, né.

## Primeira gravidez

77	minha amiga que nós morávamos juntas conhecia a futura vó do meu
78	primeiro filho dona [...] aí eu fiz amizade com a dona [...] assim
79	primeiro eu conheci ela e depois eu conheci o seu filho que é o pai da
80	Meu filho [...]

## Familiares

112	Sabe, eu sempre ouvi falar de Porto Velho sempre na minha vida,
-----	---

113	porque pra cá veio o meu irmão caçula que já está há muito anos aqui,
114	depois veio o meu irmão mais velho né o [...] que é o [...] que chama,
115	e fora outros familiares meus que já estão aqui há muitos anos.

#### A vinda para Porto Velho

147	se eu vinha pra Porto Velho mesmo e eu disse que vinha sim! Mas só
148	pra passar 30 dias e que depois eu voltava
151	eu quero ir eu quero conhecer Porto Velho eu quero saber como é que
152	é, rapaz e eu vim.

#### Segundo emprego

179	minha cunhada a mulher do meu irmão caçula o [...] foi e me
180	chamou pra trabalhar na Claro falou: - bora ficar aqui, tem uma vaga aqui
181	trabalha aqui

#### Marido atual

198	foi quando eu fui morar na casa de outra tia minha porque ficava mais
199	perto do meu trabalho e foi nessa casa da minha tia que eu conheci o
200	meu atual marido

#### Estabilidade profissional

187	Porto velho né, é aqui eu sou uma pessoa que foi formada tenho uma
188	Profissão, eu sou assistente social atuante, eu sou conselheira do
189	CONETICA, sou representante do conselho Estadual do CREAS

#### c) NOEP 3

##### Família

05	meu pai parece que tinha 25 ano, já era um cara já vivido né, um cara
06	viajado é migrante do Nordeste pra região Norte, e aí ralou muito para
07	nos criar.
08	filho mais velho de quatro irmãos,
37	meu pai era mestre de obras né, trabalhava em construção civil e minha
38	mãe era do lar dona de casa

#### Estudo dos pais

52	aí meu pai foi estudar com cinco bocas pra alimentar, né
----	--

61	e aí se deu ele foi estudar, depois ele se formou, ingressou na
62	faculdade pública, na UNIR
69	Então, minha mãe também não perdeu tempo ela foi atrás de se formar

#### Primeiro emprego

120	o trabalho era um trabalho de servente de pedreiro, e aí eu aceitei esse
121	trabalho de servente de pedreiro, né, sem experiência nenhuma, com a
122	carteira assinada, e aí fui pro meu trabalho

#### Questionamentos dos amigos

176	passou três, eu trabalhava nas firmas, ignorei a opinião do meu pai, eu
177	tinha que trabalhar mesmo dane-se pro que meu pai tá falando, e aí eu
178	fiquei três ano na construção civil e eu era muito questionado pelos
179	meus colegas de trabalhado: - cara do céu, não pelo amor de Deus homi
180	eu to aqui hoje trabalhando de servente porque eu não sei nem assinar
181	meu nome tu tem o ensino médio homi o que tu ta fazendo aqui?

#### Mudança de cidade e primeira família

192	chamei o patrão e falei que eu não podia ficar desempregado porque
193	eu tinha família, tinha filho pra criar
195	- a única opção que eu tenho pra ti é tu trabalhar no Candeias 20 km da
196	capital, mas, aí né, eu já tava envolvido naquele compromisso de cuidar
197	de mulher e de filho, e eu conheci essa jovem ela tinha 28 anos e eu 20
198	ela tinha 3 filhos sendo que 2 moravam com ela e um com o pai,

#### Mudança de vida

246	entrei na cidade de Candeias e eu falei: - cara, essa cidade de Candeias
247	só é pequena né, mas olha o fluxo de gente nessa cidade, e aí a mulher
248	do caixa falou assim: - não, é porque tá tendo um concurso público
366	mas naquele momento ali dentro daquela prefeitura propriamente dita
367	ali naquele setor de RH da prefeitura de Candeias, meu pai me deu um
368	abraço mais um abraço que nunca esqueci aquele abraço até hoje o
372	- e poxa, tu passou foi em primeiro!

#### d) NOEP 4

##### Família

01	e nasci na cidade de
----	----------------------

02	Floriano Piauí, o meu pai é [...]e minha mãe [...]
03	sou de uma família de 11 filhos e eu sou o antepenúltimo dos
04	homens né, porque são 4 homens e 7 mulheres, eu sou o terceiro dos homens e
05	estão todos vivos
06	a minha madrinha dando umas voltas lá pelo meu pai disse que não tinha
07	nenhum filho homem e pediu para eles deixarem eu passar uns dias com ela
08	e quando eu vi eu estava morando com a minha madrinha.
32	Ela só teve uma filha e criava quatro filhos (meus meios irmãos)
297	em julho de 83 eu conheci a minha nega
342	aí quando foi em final de dezembro rolou o rala e rola e ela contou pra mãe
343	dela, a mãe dela ficou nervosa porque a gente ainda ia marca a data do
344	casamento e que o pai dela ia ficar com raiva disso e tal
444	tenho 4 filhos.

#### Cidades que morou

01	nasci na cidade de Florianó Piauí
09	no final da década de 60 e quando eu vi eu estava morando na cidade de Bacabal
70	lá na cidade de Macapá onde eu morava tava abrindo um garimpo
74	Aí quando eu saí do exército eu me mandei pra Belém
76	depois fui pra Imperatriz em Bacabal onde na minha adolescência eu morei
85	aí eu desci pra Goiânia
187	e assim foi toda a minha caminhada até eu conseguir chegar em Porto Velho
244	cheguei em Campo Novo no final da tarde

#### Trabalhos que exerceu

19	tinha um comércio e a gente ficava no comércio e só fechava de noitão,
20	aí no outro dia tinha que ir 4:30 da manhã pro mercado pra levar as coisas, umas
21	bacias na cabeça, e sete horas tinha que ir pra escola, chegava meio-dia, - vai trabalhar
63	entrei no exército, fui cabo, aí fiz a escola de sargento sou da turma de 79
128	eu consegui arranjar um serviço pra vender plano funerário
129	na empresa Pax Paz Eterna
185	limpei a cozinha

186	toda pro dono da churrascaria e depois ele me deu comida e assim foi toda a
187	minha caminhada até eu conseguir chegar em Porto Velho, pedindo carona e
188	trabalhando por uma refeição
216	eu era bom em datilografar, eu fiz o curso pelo SENAC, aí o pessoal falou:
217	- Então, tá bom você vai ser nosso datilografo
282	eu ia ficar responsável pela banca de frutas que ficava no mercado
334	vi em um estabelecimento um cartaz dizendo
335	que precisava de técnico de contabilidade marminino eu fui lá e consegui esse
336	emprego, e foi o meu primeiro emprego de carteira assinada
360	aí eu perguntei: - o que ajudante de serviço geral fazia? E eles disseram que
361	ajudava em tudo e foi esse emprego mesmo que eu abracei
373	foi aí que fomos pra essa Vila e eu fui como pintor de automóvel,
378	aí ele falou que eu ia trabalhar com veneno, eu falei: - com assim, veneno?
379	Ele disse: - vai ser assim, tem uma máquina aqui que a gente coloca malatou
403	eu fui pro garimpo com um conhecido meu
408	foi aí que eu virei pedreiro e fui um pedreiro respeitado
433	ali eu descobri a minha profissão! Professor! Eu sou professor

#### Datas e momentos importantes

08	no final da década de 60 e quando eu vi eu estava morando na cidade de Bacabal
11	em 1976 eu me aborreci com ela e disse que ia embora, juntei minhas coisas
61	Dei graças a Deus quando eu inteirei 18 ano pra mim entrar no exército
63	sou da turma de 79 e no exército não sei o que aconteceu eu fiquei três anos
85	aí eu chegando em Goiânia muito difícil ali no começo dos anos 80/82 final
86	de 82 começo de 83 a situação tava dificultosa assim pra arrumar emprego
110	ela rica na década de 70 e depois na década de 80 não ter mais dinheiro
124	Aí eu vendo né, aquela situação no ano de 1983 minha madrinha pobre,
132	eu disse: - eu vou embora, e isso em abril de 1983
161	e aí eu disse: - mana venha cá, me dê um abraço, era 16:00 horas da tarde,
162	só não me lembro o dia mais era em abril,
233	aí eu lembrei que em 1972 ele tinha largado de minha madrinha e veio pra Porto
234	Velho ser funcionário dessa empresa, então eu pensei, vai que ele tá por aqui
235	ainda né, e isso era 83, aí deu duas horas a empresa abriu eu fui lá

297	em julho de 83, eu conheci a minha nega, na casa da dona [...]
342	aí quando foi em final de dezembro rolou o rala e rola e ela contou pra mãe
346	em dezembro de 1983 eu fui morar na casa da minha sogra
419	fiz o vestibular da UNIR, fiz e passei, passei em quarta colocação para o curso
420	de matemática
422	me falaram que professor de matemática não ficava desempregado
423	comecei o curso no início de 1992 e em agosto, no segundo semestre como eu
425	era um aluno muito dedicado e esforçado um dos meus professores me indicou
426	para o chefe de departamento e na época o chefe de departamento foi lá na sala
427	perguntou se eu tinha coragem de encarar uma sala de aula e eu sem hesitar
428	respondi que sim! Foi aí que ele me levou na SEDUC e me apresentou como professor.
430	entrei em uma sala de aula pela primeira vez como professor no dia 26 de agosto
431	as 19:30 minutos, eu me vejo dentro da sala de aula e esse é o dia mais feliz da minha vida

### 7.1.3 Ação complicadora

A complicação ou Ação Complicadora (AC) é uma sentença sequencial que segundo Labov (1997) relata um evento seguinte como uma resposta a uma questão potencial “E (então) o que aconteceu?”. É basicamente, o conteúdo da narrativa e descreve os fatos ocorridos. E por se tratar de uma narrativa que relata a história de vida dos enunciadore narradores, espero que ocorram muitas ações complicadores. Entretanto, não exemplificarei todas devido à extensão de algumas das NOEP.

#### a) NOEP 1

Na NOEP 1 o enunciador narrador inicia a ação complicadora com a adoção da mãe, (linhas 05-6) que desencadeia as próximas AC: namoro proibido e afastamento da família, (linhas 11-15/22-3), em sequência, ocorre a morte do pai (linhas 27-8) e em seguida, a adaptação da mãe para criar os filhos sozinhas (linhas 32-3/44-5.) Outras ações complicadoras são: como surgiu o primeiro emprego (linhas 45-7), depois a mudança de emprego que ocorreu devido a indignação de não ter tempo para viver a vida (linhas 69-72), depois a vida no garimpo, (linhas 84-6) que manifesta várias ações, como por exemplo: a não regularização das balsas

para o garimpo o que resulta na explosão de todas que não estavam legalizadas (linhas 104-7/121-2/129-132).

#### Adoção da mãe

05	minha mãe foi adotada por essa família e foi para Manaus porque eles
06	tinha um galpão em Guari.

#### Namoro proibido e afastamento da família

11	Eu sei que era um namoro proibido porque minha mãe era adotada e
12	era um ciúme da minha mãe porque trouxeram ela do interior e tal, só
13	sei que era um namoro meio conturbado, aí nisso veio eu. Eu nasci, aí
14	meu pai teve que tirar minha mãe da família dela e aconteceu de tirar
16	ela demais e levar pra fortaleza,
22	e arrastou de novo minha mãe, só que agora aqui pra Porto Velho, na
23	década de 80 nos chegemos aqui.

#### Morte do pai

27	quando foi em 89 meu pai morreu, aí nos ficamos rodados aqui eu,
28	minha mãe e minhas duas irmã sozinhos, sem parente, sem aderente,

#### Uma nova vida

32	não tinha como ela trabalhar e cuidar da gente aí pegou ficou
33	trabalhando se resgatou, se recuperou financeiramente, começou a
34	Trabalhar, montou um restaurante já tava com um fusquinha, aí ela
35	voltou lá pra busca nós

#### Primeiro emprego

45	o primeiro emprego eu passei uma humilhação por conta de
46	padrasto, tipo padrasto me chamar de vagabundo dizendo: - dessa idade
47	dentro de casa ainda sem trabalhar

#### Segundo emprego para viver melhor

69	açougue abria seis horas e fechava as oito horas da noite, de segunda
70	a segunda eu folgava uma vez na semana, uma terça, uma quarta, não
71	aproveitava nada, aí quando surgiu as Usinas eu disse: - rapaz eu vou
72	mudar de profissão

#### A vida no garimpo

84	quando eu saí da usina eu fui pro garimpo, cheguei no garimpo
85	trabalhando de boa mesmo tirando meus mil, mil e quinhentos reais por
86	semana, aí quando foi agora no dia das crianças acabaram com tudo.

#### A não regularização da balsa

104	Bolsonaro assinou pra acabar com o garimpo ilegal ele não fez nada de
105	errado ele só cumpriu com o que já vinha sendo feito no passado só
106	que como ninguém conseguiu legalizar não tinha direito nenhum, aí
107	chegaram e explodiu tudo.
121	eles ia lá colocavam as dinamites puxa o fio e explodiam
122	tudo dentro de dez minutos as balsa estavam tudo explodidas
129	12/10/2022 de manhã cedo já chegou helicóptero tanta covardia eles
130	soltavam bomba de gás em nós, o helicóptero soltava gás que nem
131	chuva em cima do povo, pro povo sair das balsas, o pessoal chorando,
132	era muito desespero.

#### b) NOEP 2

A ação complicadora nessa narrativa tem início com a religião na infância (linhas 04-6) em seguida, a dificuldade para sobreviver (linhas 21-5), e a conversa da mãe com o pai da enunciativa narradora (linhas 29-31). Outra indicação de ação, ocorre quando a E-N sai de sua cidade natal para a capital (linhas 48-50) e conseqüentemente, provoca novas ações, tais como: primeiro emprego (linhas 53-9/61-2), o primeiro marido (linhas 72-4), nascimento do filho (linhas 86-91). Mais adiante, as ações complicadoras decorrem da vinda da enunciativa para Porto Velho (linhas 105, 106, 108/121-3/131-2).

#### Religião

04	estudamos em colégio de padre seguimos uma doutrina do
----	--

05	catolicismo, sabe ali a gente aprendeu a rezar o terço a fazer tudo lá
06	desde o jardim de infância até o quarto ano,

#### Dificuldade para sobreviver

21	meu pai vivia viajando trabalhando fora
22	motorista nessas empresas Camargo Correa, Odebrecht essas
23	empresas, assim né, e minha mãe vivia ali, cuidando de nós lavando
24	roupa pro zoto, fazendo faxina pra complementar a renda, porque era
25	muito pouco a dispersa era muito grande nós vivíamos mesmo no limite

#### Diálogo entre os pais

28	e quando a gente foi ficando maiorzinho já, assim
29	adolescente com doze treze anos, aí a minha mãe teve uma conversa
30	com meu pai e já falou: - agora é hora de você ficar em casa, os meninos
31	já estão crescendo precisam de um acompanhamento do pai, né, sabe

#### Saída da cidade natal

48	Quando eu completei 19 anos, eu saí da minha
49	cidadezinha pequena lá no interior do Maranhão chamada Pinheiro
50	e eu vim embora pra capital, aquele sonho de menina né,

#### Primeiro emprego

53	comecei a trabalhar,
58	quando eu cheguei em São Luiz eu já sabia fazer unha, assim mesmo
59	bem profissional né, aí uma colega disse: - tem um salão ali que tá
61	precisando de manicure tu não quer ir fazer unha lá por enquanto e tal?
62	e eu comecei a fazer unha lá, né, já tinha terminado o ensino médio

#### Primeiro marido

72	Eu tive um relacionamento com esse rapaz bastante
73	tempo né e depois eu fiquei grávida com 22 anos eu tive
74	o meu primeiro filho o [...],

#### Nascimento do filho

86	o [...] desde o primeiro
----	--------------------------

87	momento quando [...] nasceu, já nasceu doente, desde o parto teve
88	O [...] nasceu na Santa Casa de
89	Misericórdia que é uma casa, assim que é da época dos portugueses,
90	dos franceses do início da história do São Luiz, aquelas casas antigas
91	que lá mesmo até hoje eles conservam

#### Migração para Porto Velho

105	todo mundo falando muito de Porto Velho
106	porque lá é bom, que o comércio de Porto Velho é ótimo,
108	Porto Velho te dá oportunidade de trabalho
121	quando foi um dia, aí eu conversando com meu irmão caçula ele disse:
122	- se tu quiser vir eu te dou uma passagem de avião, pago a tua passagem
123	de vinda e tu paga só a de volta,
131	Aí ele comprou a passagem pra mim e eu vim, em 2013 me
132	lembro como se fosse hoje, dia 13 de agosto de 2013 eu cheguei aqui

#### c) NOEP 3

A complicação começa com a oportunidade que o pai tem para continuar os estudos (linhas 43-8), depois a formação da mãe (linhas 61-3), em sequência, a AC é a não formação dos irmãos mais velhos (linhas 74-7). As ações seguintes, decorrem das ações anteriores como: o primeiro emprego do E-N (linhas 105-7/111) e a decepção do pai (linhas 124-7/130-3). Outros traços de ações, ocorrem nas linhas 176-181/186-8, com a preocupação do narrador em não poder perder o emprego, em seguida, a humilhação que passou em um desses empregos (linhas 209-222). Com isso, o narrador sente uma indignação e vê em um concurso público uma solução para mudar de vida (linhas 225-7). Há também, as dificuldades que o E-N teve para passar no concurso público (linhas 260-2/274-6). E por fim, a consagração de ter conseguido passar e obter uma estabilidade na vida financeira (linhas 315-8).

#### Estudos do pai

43	não foi apenas aquela
44	oportunidade teve outras, mas aquela oportunidade e o momento foi pá
45	né para que ele abraçasse a oportunidade e teve todo o suporte da
46	minha mãe, e ela falou: - você pode ir agora estudar que eu vou lhe dar
47	todo o suporte pra que você vá e seja o que Deus quiser, aí meu pai foi
48	estudar com cinco bocas pra alimentar, né.

## Formação da mãe

61	aí minha mãe entra também
62	querendo realizar o sonho, vendo que aquilo ali dava futuro, o estudo,
63	então minha mãe também não perdeu tempo ela foi atrás de se formar

## Os irmãos mais velhos

74	e aí mesmo dessa forma
75	eu e o meu outro irmão, ainda fomos contaminados pela aquela cultura
76	do trabalho, de que tem que ralar pra sobreviver, tanto que até hoje, isso
77	foi um problema na nossa vida que nós não conseguimos nos formar,

## O primeiro emprego

105	recebi a minha primeira proposta de emprego e
106	eu fiquei muito feliz de ter recebido essa proposta de emprego, tendo em
107	vista que, eu já tava já ali ocioso já né, só com o ensino médio coisa que
111	aceitei esse trabalho de servente de pedreiro né, sem experiência

## A decepção do pai

124	quando eu cheguei em casa né, meu pai tava pra escola ainda e quando
125	ele chegou que eu entrei ele tava sentado né lendo um livro e eu passei
126	por ele, ele olhou pra mim e falou assim: - que que significa isso aí rapaz?
127	aí eu falei: - não, eu tava trabalhando, trabalhando de que ele? falou,
130	meu pai olhou pra mim e falou assim: - cara do céu, pelo
131	amor de Deus, se eu soubesse que tu queria ser pião, com cinco ano de
132	idade eu tinha botado uma caixa de engraxate na tuas costas e uma
133	caixa de isopor pra tu vender dindin saí da minha frente,

## A cidade de Candeias do Jamari

176	chamei o patrão e falei que eu não podia ficar
177	desempregado porque eu tinha família, tinha filho pra criar,
179	aí o cara
180	Falou: -olha cara, a única opção que eu tenho pra ti é tu trabalhar no
181	Candeias, 20 km da capital
186	aí fui pra Candeias desenvolver um trabalho lá na
187	casa do patrão era uma chácara e não sabendo eu que ali foi onde eu

188	ia passar o meu deserto ou melhor o meu período de transformação.
-----	---

#### A indignação no emprego

209	chegou um dia, e ele chegou lá né, na fazenda com
210	Carne, cerveja e me chamou pra comer porque eu tava trabalhando né,
212	trabalhamos um pouquinho ali com ele né, e nisso eu fui perguntar: - e aí
213	dia 20 de dezembro o que vai ter pra nós, vai ter alguma coisinha pra
214	nos porque já estamos passando necessidade aqui? Aí ele falou assim
215	pra mim: - e esse monte de manga aí? E esse monte de tucumã? Cara,
216	isso desceu, assim no meu pescoço, eu fiquei olhando, ele disse: - tem
217	isso aí pra fazer e não tá feito, tem aquilo outro ali que era uma roçada,
218	eu me lembro
219	como se fosse hoje eu olhei pro céu e falei: - senhor, eu não sei o que o
220	senhor tem pra mim o ano que vem, em 2006, mas eu peço meu pai
221	não sei o que eu vou tá fazendo ano que vem, mas eu não quero tá
222	mais nessa situação passando por isso,

#### Concurso público

225	- essa cidade de Candeias só é pequena né, mas olha o fluxo de gente
226	nessa cidade, e aí a mulher do caixa falou assim: - não, é porque tá tendo
227	um concurso público aqui, aí vem muita gente de Porto Velho fazer, aí eu
233	não tinha o dinheiro pra fazer a inscrição, peguei a bicicleta fui pra
234	Porto Velho pedir o dinheiro emprestado, consegui, voltei em Candeias
235	fiz minha inscrição,

#### Obstáculos para a aprovação

260	fui estudar pra prova, mas dois dias depois peguei malária
261	e nunca tinha pego malária na minha vida, e aí fiquei pensando como
262	eu ia estudar,
274	chegando na nossa casa que faltava uns
275	40 metros que foi quando eu olhei eu não quis nem acreditar que
276	minha casa tava aberta, a casa tinham feito a mudança, levaram tudo,

#### Aprovação e estabilidade financeira

315	aí dia nove de fevereiro, que foi o dia que eu fiz a prova e fui aguarda
316	o resultado. Um belo dia, eu to dormindo, e aí acordo com aquela gritaria:
317	- tu passou cara! Tu passou cara, tu passou e o jornal em cima de mim!
318	E eu passei, em primeiro lugar nesse concurso tava lá meu nome

## d) NOEP 4

Na NOEP 4, devido a narrativa ser muito extensa existem muitas ações complicadoras, e como Labov (1997) afirma que uma narrativa oral de experiência pessoal necessita de apenas uma ação complicadora, eu destacarei, as que a meu ver são mais relevantes. A ação complicadora tem início com a adoção do E-N por sua madrinha (linhas 05-10), essa ação desencadeia as ações do primeiro trabalho do narrador (linhas 18-22) e também no aborrecimento com os seus pais (linhas 58-60). Em seguida, a Ac é a maior idade e o ingresso para o exército brasileiro (linhas 61-3). Depois, a saída do exército e a busca pela sua madrinha (linhas 73-9) com o encontro com sua madrinha e irmã as ações complicadoras ficam em torno de a madrinha ter ficado pobre e a irmã ser surrada todos os dias (linhas 94-103). Outra ação complicadora é a peregrinação para sair de Goiânia rumo à Porto Velho (linhas 176-194). As ações seguintes, acontecem depois da chegada do E-N em Porto Velho, a primeira, inicia na chegada à rodoviária, pois estava ocorrendo um cadastramento dos migrantes organizado pelo governo do Estado de Rondônia (linhas 194-200/204-9). A segunda, acontece quando o E-N conhece um passageiro em um ônibus (linhas 259-270) e por meio dessa amizade o narrador acaba conhecendo a sua mulher e, assim, ele acaba constituindo sua família (linhas 306-322/444).

## Adoção do E-N

05	e o mais interessante de tudo é que quando eu ia fazer sete anos a minha madrinha
06	dando umas voltas lá pelo meu pai disse que não tinha nenhum filho homem e pediu
07	para eles deixarem eu passar uns dias com ela e isso foi no final da década de 60 e
08	quando eu vi eu estava morando na cidade de Bacabal com a minha madrinha e
09	fiquei morando com ela como se fosse filho dela e perdi o contato com a minha família

## Primeiro trabalho

18	só que eu trabalhava muito, quando eu chegava da escola já tinha que ir ajudar,
19	porque ela tinha um comércio e a gente ficava no comércio e só fechava de noitão,
20	aí no outro dia tinha que ir 4:30 da manhã pro mercado pra levar as coisas, umas
21	bacias na cabeça, e sete horas tinha que ir pra escola, chegava meio-dia, vai
22	trabalhar, e eu não reclamo

## Rompimento com a família

58	Só que antes de eu voltar eu falei pro meu pai: - olhe meu pai o senhor pode ter
59	certeza que eu nunca mais volto aqui! E deixei minha mãe chorando e meus irmãos
60	e segui a vida né, morando com minha tia

## Exército brasileiro

61	Dei graças a Deus quando eu inteirei 18 ano pra mim entrar no exército, aí eu já
62	tinha terminado meu ensino médio e era técnico em contabilidade, entrei no
63	exército, fui cabo, aí fiz a escola de sargento, sou da turma de 79

## A busca pela madrinha

73	Aí quando
74	eu saí do exército eu me mandei pra Belém e ela ficou lá no Amapá. Chegando em
75	Belém, eu fique em Belém alguns dias, depois fui pra Imperatriz em Bacabal onde
76	na minha adolescência eu morei e estudei o ensino médio, mas a minha madrinha
77	a gente não tinha mais contato desde que eu entrei no exército, ou seja, nós
78	estávamos três anos que não conversávamos, aí eu voltei né, pra Imperatriz
79	pensando que ela morava lá, mas ela não morava mais em Imperatriz,

## A vida da madrinha e de sua irmã

94	a minha madrinha também não tinha casa e morava na casa da filha dela a única
95	filha dela mesmo e eu descobri que a filha dela era deficiente, ela tinha um grau
96	de deficiência, não sei dizer o que era mais tinha tipo autismo, mas não era de
97	muita intensidade só sei que ela tem essa deficiência, né. E eu só sei que o marido
98	dela espancava ela todo dia e eu ficava vendo aquilo e não podia falar nada porque
99	eu tava na casa dele e eu ficava vendo ele maltratar a minha irmã, que tudo bem
101	não era irmã legítima, mas era irmã de criação e a minha madrinha devido a esse
102	fato ela sumia e só voltava na hora de dormi e ela trabalhava. Agora, eu não sei
103	como aquela mulher perdeu tudo porque ela tinha muito dinheiro,

## Peregrinação para chegar em Porto Velho

175	e nisso tava vindo um ônibus e ele mandou eu pegar esse ônibus que ia pra BR, aí
-----	--

176	eu pedi um vale transporte dele e o ordinário só me deu um, mas tá bom né, fazer
177	o que, entrei no ônibus perdi a parada que ele falou onde era pra mim descer e tive
178	que descer no meio da Br onde não tinha nada. Andei e avistei uma placa com o
179	nome Guapó, 27 quilômetros e foi pra lá que eu fui, e todo carro que passava eu
180	dava com a mão pedindo carona até que parou um caminhão e perguntou pra onde
181	eu ia e eu falei que ia pra Jataí o homem falou que não ia até lá, mas que poderia
182	me dar uma carona, aí depois de um tempo ele me deixou em um posto né, e foi
183	embora, e nesse posto eu vi que tinha uma churrascaria, como eu não tinha dinheiro
184	eu fui pedir pra fazer qualquer coisa em troca de um prato de comida e deu certo
185	isso, limpei a cozinha toda pro dono da churrascaria e depois ele me deu comida e
186	assim foi toda a minha caminhada até eu conseguir chegar em Porto Velho,
187	pedindo carona e trabalhando por uma refeição. E teve nesse percurso uma história
188	engraçada que foi eu me passar por sargento do exército pra consegui carona
189	porque eu ainda tinha uma farda completa da época que eu servi, e assim, eu peguei
191	uma carona no carro do exército até um certo ponto porque antes uma viagem
192	dessas demorava uns 15 dias pra fazer, porque a estrada era ruim demais, mas eu
193	consegui, cheguei na Rodoviária de Porto Velho, eu e minha mochila que eu
194	chamava de mocó.

#### A chegada em Porto Velho

194	Cheguei na rodoviária fiquei olhando, na hora que eu pisei na calçada da rodoviária
195	tinha uma Kombi com o nome nela “Governo do Estado de Rondônia” e me
196	Perguntaram: - o senhor é migrante? E eu disse: - sou, acabei de chegar em porto
197	Velho, - pois então venha cá assinar aqui, vem de onde? Aí eu disse que vim do
198	Maranhão que era de onde eu vinha mesmo porque eu passei na minha madrinha
199	só de passagem, mandaram eu assinar uns papeis lá e disseram que eu tinha uma
200	semana de diária de hotel paga.
204	aí disseram assim: - olha, amanhã de manhã 8:00 horas a gente passa aqui pra lhe
205	pegar pra ir trabalhar, aí eu fiquei assim, pra ir trabalhar? (risos)Aí quando foi no
206	outro dia de manhã tinha um ônibus lá “Governo do Estado de Rondônia” porque
207	os hospedes daquele hotel era tudo migrante, aí tufáíamos dentro do ônibus e levou
208	a gente lá pra praça da Esplanada das secretarias onde hoje é o CPA, mas antes era

209	Tudo de madeira lá
-----	--------------------

#### Um amigo

259	eu fui embora de ônibus, na estrada uma árvore tinha caído e tivemos que corta ela
260	pra poder seguir viagem, e nisso subiu no ônibus mais quatro cidadãos e um deles
261	sentou do meu lado e viemos conversando bastante e ele me perguntou o que eu
262	vinha fazer em Porto Velho, eu falei que ainda não sabia porque eu não conhecia
263	ninguém e vinha pra arrumar um serviço, aí no nome dele tinha [...]e meu nome
264	é [...] e ele ficava falando: - rapaz eu acho que somo é parente, e eu dizia: - somos
265	não, porque meu nome é [...] e [...] tem muitos, agora [...] não, só tem
266	eu, eu sou o único (risos). Mas tudo bem é porque como tu não tem pra onde ir tu
267	pode morar lá em casa, minha casa é grande, aí eu disse: - e teu pai e a tua mãe? Não
268	se preocupa mainha a gente conversa com ela, chega lá eu vou falar pra minha mãe
269	que tu é parente dela, que tu é primo dela que veio do Acre, eu disse: eita porra!
270	(muitos risos)

#### Família

306	quando foi em setembro, estamos no bar da [...] que era o point na época, eu tava
307	lá pedi uma dose de Martini porque eu sempre gostei de bebida doce, tava com o
308	meu sobrinho e perguntei dele o que ele ia bebe? E ele pediu uma chumbada, e era
309	uma sexta-feira dia de forrozão, aí eu pedi uma garrafa de champagne porque eu
310	sempre gostei de ostentar né, aí a gente tá lá sentado bebendo e passa aquela
311	morena da porra, aí o [...] falou que era a nega dele e já chamou ela pra nossa
312	mesa, mas ela falou que ia pra outra discoteca e tal, só sei que a gente combinou
313	de ir nós tudin pra essa discoteca, e aí a gente foi, chegou lá eu comprei as entradas,
314	como eu gostava de cerveja também pedi uma pra nossa mesa e ela e meu sobrinho
315	ficaram tomando essa tal de chumbada que era cachaça com catuaba, nisso quando
316	eu levantei da vista meu sobrinho deixava a nega sentada lá comigo e ia dançar no
317	salão com outras meninas, aí foi a deixa, eu perguntei dela se eles estavam juntos
318	ela respondeu que não, aí maravilha pra mim, já me agarrei com ela. E o [...],
319	quando voltou quis frescar, mas a nega deu logo um chega pra lá nele, aí ele foi
320	pro salão de novo e voltou com outra mulher e ficamos nós quatro lá bebendo,

321	dançando, porque eu fui dançar com a minha moreninha agora, né, a música menina
322	Veneno
444	tenho 4 filhos.

#### 7.1.4 Coda

A coda é uma sentença final que retorna a narrativa ao tempo do falante, impedindo a questão “Então, o que aconteceu?”.

##### a) NOEP 1

143	E é isso, tô agora aqui na cidade desempregado e só trabalho quando aparece
144	uns servicinhos de pedreiro.

##### b) NOEP 2

268	hoje eu tenho casa própria aqui na
269	capital tenho um marido, uma família porque tive uma filha e trouxe o meu
270	filho pra vir morar aqui também, tenho uma profissão, e digamos assim isso
271	tudo durante vamos dizer, assim que, durante esses 10 anos né, eu tive toda essa
272	trajetória que foi, assim uma trajetória somente beneficente pra mim

##### c) NOEP 3

343	hoje sou
344	funcionário público e dali eu conquistei minha casa própria, minha habilitação,
345	tudo, minha organização financeira, tudo porque o que eu tenho hoje eu devo a
346	essa prefeitura né, conheci a minha esposa nesse tempo, eu tenho um filho
447	fora do casamento e essa é a minha história né, venci.

##### d) NOEP 4

439	E assim como eu sou filho de um homem que possui muita terra eu tinha na minha
440	cabeça que eu precisava conquista a minha terrinha e eu consegui conquistar,
441	graças ao meu trabalho que é ser professor, e lá nessa minha terrinha mais da nega
442	se tornou o encontro das nossas famílias, e assim comemoramos, festejamos muito
443	e curtimos bastante toda a nossa família, porque eu sou uma pessoa realizada em
444	tudo, tenho 4 filhos e os dois filhos mais velhos são funcionários públicos, um é
445	cabo da PM e o outro trabalha na prefeitura do Candeias e estão encaminhados na
446	vida e os dois filhos mais novos são formados em português, um tá terminando a
447	pós-graduação na IFRO e a outra que é uma menina a mais nova vai se qualificar

448	daqui uns dias como Mestra que é o meu orgulho maior, então, o que é que eu
449	quero mais da vida, somente paz de espírito, e muito obrigado.

## 7.2 EIXO FUNCIONAL

### 7.2.1 Avaliação

Como mencionado na subseção 5.1, uma sentença avaliadora é a avaliação de um evento na narrativa e para Labov (1997) e Ferreira Netto (2008) a avaliação de um evento narrativo se realiza quando se registra uma informação sobre as consequências desse evento para as necessidades e para os desejos humanos. A identificação das sentenças avaliativas nas narrativas orais de experiências pessoais se dá, segundo Ferreira Netto (2008) pelo uso do subjuntivo, o modo *irrealis*, podendo aparecer no indicativo, modo *realis*, nas formas do imperfeito, condicional e futuro. Outras formas gramaticais que devem ser entendidas também como formas de avaliação são: o uso de negativos; intensificadores; comparações; e repetições. Hanke (2003 p. 120) sustenta que “a avaliação deixa de ser um gesto isolado, feito num instante exato e único da narrativa, para estar presente de forma contínua e diversificada no desenrolar da narrativa”. Nesse sentido, notei que as NOEP possuem várias sentenças avaliativas e para demonstrar da melhor maneira possível, destacarei em negrito nas sentenças as manifestações avaliativas.

#### NOEP 1

Observei na primeira narrativa a presença dos verbos mexer (linha 03), ser (linha 05), andar (linha 10), ter (linha 32), querer (linha 37), dizer (linha 48), largar, arrumar (linha 61), trabalhar (66), precisar (linha 69), folgar (linha 70), aproveitar (linha 71), todos no modo *realis*, ou seja, no imperfeito do indicativo. Há também a ocorrência dos verbos acontecer (linha 110), ser (linha 114), poder (linha 116), explodir (linha 135) todos no modo *irrealis*, isto é, os verbos conjugados no subjuntivo como aponta Labov (1997) e Ferreira Netto (2008)

Outras manifestações das ações avaliativas, aparecem através dos advérbios de negação nas linhas 10, 21, 25, 29, 32, 37, 71, 81, 83,105, 107. Além, dos intensificadores demais (linha 15), mais (linha 37), longa (linha 38), muito (linha 49).

#### Verbos no modo *realis*

03	família rica que <b>mexia</b> com soldado da borracha,
05	minha mãe foi adotada na aldeia que <b>era</b> no interior em Guari Laranjeira

10	ele <b>andava</b> nos Estados tudim
32	porque não <b>tinha</b> como ela trabalhar
37	Marrapaz, eu não <b>queria</b> mais ir embora dali não
48	<b>era</b> humilhado, aí minha mãe <b>dizia</b> : - meu filho
61	<b>largava, arrumava</b> outra e tinha outro filho e nisso foi ficando 3 crianças
66	aí eu disse: - rapaz, que negócio de açougue porque eu <b>trabalhava</b> todo dia
69	meus meninos tudo <b>precisava</b> de mim
70	de segunda a segunda eu <b>folgava</b> uma vez na semana uma terça, uma quarta
71	não <b>aproveitava</b> nada, aí quando surgiu as Usinas eu disse: - rapaz eu vou mudar

#### Verbos no modo *irrealis*

110	isso aí se <b>acontecesse</b> de todo mundo morar em Porto Velho
114	se alguém <b>fosse</b> falar eles
116	então, tu saía catando o que tu <b>pudesse</b> dentro da balsa
135	tentar evitar que eles <b>explodissem</b> a balsa

#### Advérbios de negação

10	naquele tempo <b>não tinha</b> computador essas coisas,
21	fomos para Manaus chegando lá meu pai <b>não</b> se deu de novo
25	aí a veia minha vó já não gostou e disse que <b>não cabia</b> nós lá,
29	minha mãe <b>não tinha</b> condições de criar nós
32	porque <b>não tinha</b> como ela trabalhar e cuidar da gente
37	Marrapaz, eu <b>não queria</b> mais ir embora dali não
71	uma terça, uma quarta, <b>não aproveitava</b> nada
81	minhas munhecas <b>não aguentaram</b> e das usinas eu <b>não consegui</b> nada
83	hoje tô aí tentando assinar a carteira <b>não consegui</b> e hoje, eu sou autônomo
105	ele <b>não fez</b> nada de errado ele só cumpriu com o que já vinha sendo feito
107	Só que eles <b>não enxergam</b> uma coisa, eles não enxergam tipo

#### Intensificadores

15	aconteceu de tirar ela <b>demais</b> e levar pra fortaleza,
37	eu não queria <b>mais</b> ir embora
38	eu queria ficar por ali, aí com uma <b>longa</b> briga
49	sou cliente lá há <b>muito</b> tempo

#### NOEP2

Na NOEP 2, identifiquei os verbos ser (linha 03), cobrar (linha 09), pagar (linha 10), estudar (linha 18), comprar (linha 39), ter (linha 39), passar (linha 46), lavar (linha 46), começar (linha 57), morar (linha 70), ficar (linha 111), estar (linha 117), chegar (linha 127), buscar (linha 158), tirar (linha 175) precisar (linha 185) todos no imperfeito do indicativo o que caracteriza o modo *realis*, em seguida, identifiquei também os verbos ter (linha 13), comprar (linha 37), trabalhar (linha 42), ser (linha 132) no modo *irrealis* indicando o subjuntivo. Existem também

nessa narrativa além dos verbos os intensificadores mais (linha 04), muito (linha 24), muitas (linhas 25) e os advérbio de negação linhas 11, 32, 35, 36, 38, 41, 43, 44, 50, 55, 62, 75, 82, 146, 150, 155, 210, 211, 246.

#### Verbos no modo *realis*

03	a gente <b>era</b> pequeno
09	mas ela só <b>cobrava</b> de dois filhos a mensalidade
10	mas assim <b>era</b> particular, mas só <b>pagava</b> um valor simbólico
18	eu <b>estudava</b> em colégio de padre
39	na feira comprava as coisas você <b>tinha</b> que pagar pro carroceiro levar
46	minha mãe <b>passava</b> roupa pros outros <b>fazia</b> faxina e lavava roupa pra fora
57	<b>começava</b> a mexer nas coisas dela
70	nós <b>morávamos</b> juntas
111	aí eu <b>ficava</b> com aquilo, né
117	nessa época eu <b>estava</b> desempregada e <b>estava</b> só recebendo os meus direitos
127	ele saía de manhã e só <b>chegava</b> de noite
158	aí me <b>buscava</b> na casa de minha tia nós saía
175	na época eu <b>tirava</b> quase \$2.000 reais na Claro
185	que <b>tinha</b> chegado uma sobrinha dela do Maranhão e que ele <b>precisava</b> conhecer

#### Verbos no modo *irrealis*

13	sempre quis que a gente <b>tivesse</b> o melhor,
37	se você <b>comprasse</b> um saco de cimento
42	meus pais nunca quis que nós <b>trabalhasse</b> ,
132	me lembro como se <b>fosse</b> hoje

#### Intensificadores

04	nós fomos <b>mais</b> tempo criado em casa com minha mãe
24	porque era <b>muito pouco</b>
25	as dispersas era <b>muito</b> grande

#### Advérbios de negação

11	assim <b>não</b> era nada muito cara
32	- eu sozinha aqui <b>não vou</b> dar conta
35	na época <b>não tinha</b>
36	antigamente <b>não tinha</b> isso
39	<b>não sei</b> se aqui vocês tinha isso
41	meus pais <b>nunca quis</b> que nós trabalhasse,
43	<b>nunca</b> precisamos,
44	<b>nunca colocou</b> a gente pra vender nada na feira ou na rua
50	eu <b>não</b> quero mais viver aqui

55	minha mãe <b>não tinha</b> condições de pagar uma manicure
62	apenas um irmão que <b>não quis</b> saber de terminar os estudos,
75	<b>não é fácil</b> e no Maranhão é uma situação bem difícil
82	muitas vezes <b>não dava</b> nem um salário
146	no primeiro momento o impacto <b>não foi</b> legal
150	só <b>não tem</b> emprego
155	esse lugar é feio, <b>eu não</b> vou gostar
210	mas eu <b>nunca</b> quis, mas <b>eu nunca quis</b>
211	porque <b>nunca foi</b> ensinado pra mim
246	mulher dele <b>não estudava, não</b> saía de casa pra ir pra escola,

### NOEP3

Nesse relato encontrei o intensificador muito nas linhas 01,03, 06, 11, 25, 39, em seguida, os advérbios de negação nas linhas 09, 19, 33, 57, 77, 88, 94, 103, 116, 136, 149, 165, 169, 192, 202, depois os verbos ser (linha 05),trabalhar (linha 34), falar (linha 40), utilizar (linha 51), estar (linha 61), ficar (linha 67), olhar (linha 119), trabalhar (linha 161), perguntar (linha 167), falar (linha 167), precisar (linha 202), gostar (linha 204), chegar (linha 208) todos no modo *realis* que estão conjugados no imperfeito do indicativo, além dos verbos poder (linha 14), ser (linha 27), abraçar (linha 44), no modo *irrealis* que estão conjugados no modo subjuntivo.

### Intensificadores

01	tenho <b>muito</b> orgulho
03	eu acho ela <b>muito engraçada</b> né
06	e aí <b>ralou muito</b> para nos criar.
11	começam a ter responsabilidades <b>muito cedo, muito jovens</b>
25	era <b>muito</b> próximo um do outro,
39	eu lembro <b>muito bem</b> que meu pai falava

### Advérbios de negação

09	<b>não é</b> fácil ser o irmão mais velho
19	<b>não tinha</b> esse negócio de ter que sair pra trabalhar,
33	Meus pais <b>não tinham</b> estudo,
57	porque <b>não era</b> fácil na época
77	<b>nós não</b> conseguimos nos formar, <b>não foi</b> por falta de oportunidade
88	ainda <b>não somos</b> formados
94	- cara, <b>não</b> para por ai
103	e nisso num ato né, <b>não vou</b> colocar como desespero
116	esse trabalho <b>não exigia</b> muito
136	- eu te falei que papai <b>não ia</b> gostar, te falei
149	aconteceu, eu fiz o vestibular, e <b>não passei</b>
165	porque eu <b>não sei</b> nem assinar meu nome

192	então, eu <b>não</b> dava conta de ir e voltar todo dia
202	porque <b>não precisava</b> fazer nada, só cuidar

Verbos no modo *realis*

05	já <b>era</b> um cara já vivido
34	meu pai <b>era</b> mestre de obras né, <b>trabalhava</b> em construção civil
40	ele <b>falava</b> : - mulher vai estudar
51	- você é um pião (que é o termo né que <b>utilizava</b> )
61	<b>estava</b> começando,
67	a gente <b>ficava</b> sozinho em casa né,
119	eu me <b>olhava</b> , eu <b>achava</b> que aquilo ali ia ter um impacto, né.
161	eu <b>trabalhava</b> nas firmas,
167	o cara <b>falava</b> isso pra mim <b>perguntava</b> se eu era revoltado
202	porque não <b>precisava</b> fazer nada só cuidar pra não deixar roubarem
204	que era coisa que eu <b>gostava</b> mesmo de fazer
208	ele <b>chegava</b> lá, eu <b>perguntava</b> : - cara cadê meu salário e tal?

Verbos no modo *irrealis*

14	pra que meu pai <b>pudesse</b> trabalhar
27	porque todo o sacrifício que <b>fosse</b> necessário
44	e o momento foi pá né para que ele <b>abraçasse</b> a oportunidade

## NOEP 4

Assim como nas outras NOEP, nessa narrativa também possui os verbos no modo *realis* que estão conjugados no indicativo do pretérito imperfeito, assim como, também os verbos no modo *irrealis* conjugados no subjuntivo. Há também, a presença dos intensificadores e dos advérbios de negação, ou seja, nesta NOEP, ocorre todas as características das ações avaliativas.

Verbos no modo *realis*

08	quando eu vi eu <b>estava</b> morando na cidade de Bacabal
12	eu já <b>era</b> adolescente mesmo.
17	só que eu <b>trabalhava</b> muito, quando eu <b>chegava</b> da escola
19	e a gente <b>ficava</b> no comércio e só fechava de noitão
29	ela <b>colocava</b> os dinheiros
40	porque lá ela <b>cobrava</b> bastante
71	e lá na cidade de Macapá onde eu <b>morava</b>
99	- eu <b>ficava</b> vendo aquilo e não podia falar nada

Verbos no modo *irrealis*

09	fiquei morando com ela como se <b>fosse</b> filho dela
----	--

23	mas se <b>fosse</b> com o meu pai eu era mais feliz
27	não que ela não <b>tivesse</b> posse
28	ela era tão rica que se eu <b>enchesse</b> as mãos de dinheiro
36	porque se um <b>apanhasse</b> todo mundo tinha que apanhar

#### Intensificadores

16	eu fui pra lá pra estudar e <b>agradeço muito</b>
17	só que eu <b>trabalhava muito</b> ,
27	ela era <b>muito</b> rica
42	meu pai e ele é dono de terra, tinha <b>muito gado</b> naquela época
43	tinha muita criação
49	fizeram uma festa lá <b>muito bonita</b>
50	pai pediu a atenção de toda a família e disse que tava <b>muito feliz</b>
65	lá também a disciplina era <b>muito rígida</b>
66	eu saí do exército <b>muito novo</b> e eu ganhei <b>muito dinheiro</b> no exército
82	mas aí eu pedi pra ver a casa e relembrei <b>muitas coisas</b>

#### Advérbios de negação

12	E meus pais <b>não foram</b> atrás de saber de mim
22	e eu <b>não reclamo</b> , porque é eu fico observando hoje em dia trabalhar <b>não faz</b>
23	<b>mal</b> a ninguém e <b>se não fizer</b> bem mal também <b>não vai fazer</b>
47	eu tinha falado pro meu pai e minha mãe que eu queria ficar lá com eles <b>não queria</b>
54	mas a minha família <b>não me apoiou</b>
99	eu ficava vendo aquilo e <b>não podia falar</b> nada porque eu tava na casa dele
136	o dinheiro que eu tenho <b>não dá pra pagar</b> uma passagem
154	<b>eu não</b> aguento ficar aqui não vendo esse negócio aí
156	<b>eu não</b> conheço essa cidade

#### 7.2.2 Relatabilidade

Tendo em vista, que as narrativas escolhidas para esse estudo versam sobre narrativas orais de experiências pessoais, é quase que óbvio que os enunciador-narrador manteriam o maior turno de fala, pois como afirma Ferreira Netto (2008, p.45)

para fazer uma narrativa, o enunciador-narrador terá de apropriar-se da fala durante mais tempo do que seria o comum entre os interlocutores, e terá, ainda, de obter a atenção silenciosa de seus interlocutores, será necessário que esses mesmos interlocutores permitam que isso ocorra, tratando-se, pois, de um acordo feito ad hoc,

justificado pela segurança de que todos que permanecerem silenciosamente atentos ouvindo a narrativa do enunciador-narrador serão recompensados pela apresentação de um evento interessante que trará algum tipo de satisfação (FERREIRA NETTO, 2008, p. 45).

Dessa forma, para que os interlocutores mantenham o interesse na fala dos E-N é necessário que existam eventos relatáveis que chamem a atenção ou que pelo menos tragam para eles algum tipo de satisfação, ou seja, como já mencionado anteriormente nesta dissertação, existem os princípios universais mais relatáveis que são: morte, tragédia, sexo e indignação social. Logo, nas NOEP eu pude observar que existem eventos mais relatáveis do que outros, e por não ser um tema específico, não há um evento único. Portanto, para apresentar alguns dos eventos mais relatáveis das narrativas eu os colocarei em blocos temáticos para melhor compreensão.

#### NOEP 1

Na primeira narrativa, o primeiro evento relatável é a morte do pai que gera uma instabilidade familiar (linhas 27-8), o segundo, é o nascimento do primeiro filho que faz com que o E-N abandone a vida desregrada que levava (linhas 39-41), o terceiro, é o relacionamento conturbado com o padrasto (linhas 45-8) e o quarto, é o fim do garimpo ilegal (linha 92-8/102-6) e as explosões das balsas (linhas 120-1/129,132).

#### Morte do pai

27	cheguemos aqui em Porto Velho em 1987, aí quando foi em 89 meu pai morreu, aí
28	nos ficamos rodados aqui eu, minha mãe e minhas duas irmã sozinhos

#### Nascimento do primeiro filho

39	Aos 19 anos, surgiu o meu primeiro filho
40	aí foi o tempo que eu criei juízo né, foi o tempo que eu vi que aquilo
41	que era do meu passado de infância dentre droga, bebida, tudo isso

#### Relação com o padrasto

45	eu passei uma humilhação
46	por conta de padrasto, tipo padrasto me chamar de vagabundo dizendo:
47	- dessa idade dentro de casa ainda sem trabalhar e tal e eu com
48	os meus 18 anos de maior era humilhado

### O garimpo ilegal

92	o pessoal do Lula que o era o
93	pessoal do PT chegou lá com a gente era um representante da marinha pegou e
94	Falou: - vocês vão ter que respeitar a reserva, mediu a reserva pra gente com o
95	satélite e a topografia
97	- vocês vão ter que ir na
98	marinha registrar a balsa de vocês na marinha
102	Mas só que ninguém
103	deu ouvido, ninguém foi atrás de registrar nada, e aí pegaram como ninguém foi
104	atrás de nada e esse novo comandante aí que é o Bolsonaro assinou pra acabar
105	com o garimpo ilegal ele não fez nada de errado ele só cumpriu com o que já
106	vinha sendo feito no passado só que como ninguém conseguiu legalizar

### Explosão das balsas

120	eu ficava
121	olhando eles ia lá colocavam as dinamites puxa o fio e explodiam tudo dentro
129	foi um pesadelo o dia 12/10/2022 de manhã cedo já chegou helicóptero tanta
130	covardia eles soltavam bomba de gás em nós, o helicóptero soltava gás que
131	nem chuva em cima do povo, pro povo sair das balsas, o pessoal chorando era,
132	muito desespero.

### NOEP2

Nessa NOEP, o primeiro evento relatável é a religiosidade que a E-N possuía na infância (linhas 15-7), o segundo, é a priorização dos estudos que os pais tinham para com os filhos (linhas 41-5), o terceiro, é a decepção com o irmão por ele não ter terminado os estudos (linhas 62-6), o quarto, é o nascimento do primeiro filho (linhas 88-94), o quinto, é a vinda para Porto Velho e a sua primeira impressão (linhas 138-9/140-7) o sexto, é a relação com o atual marido (linhas 193-8/200-2) e por fim, o último evento o o relacionamento dos pais (linhas 242-6).

### Religiosidade na infância

15	nós éramos religiosos, dificilmente uma pessoa que é nascida e criada no
16	Nordeste ele não vai ser religioso, porque isso já é de berço, a religião já é
17	impregnada né, o cristão e tal, a gente lá é ensinado a ser religioso

### Os estudos

41	meus pais nunca quis
42	que nós trabalhasse, isso foi uma coisa que minha mãe sempre priorizou pra
43	nós, nós nunca trabalhamos quando éramos criança, nunca precisamos, assim
44	nunca colocou a gente pra vender nada na feira ou na rua, porque minha mãe
45	trabalhou muito, era minha mãe de um lado e meu pai do outro

## A decepção dos pais

62	porque assim de nós quatro teve apenas um irmão que não quis
63	saber de terminar os estudos, mas por questão dele mesmo porque ele ia pra
64	escola e gazetava aula e não conseguiu terminar, mas por ele mesmo, minha
65	mãe ainda insistiu muito, mas ele não quis saber, foi logo pro mundo da
66	cachaça né, teve o mundo da droga na vida desse meu irmão

## Primeiro filho

88	E detalhes o [...] nasceu na Santa Casa de Misericórdia
89	que é uma casa assim que é da época dos portugueses, dos franceses do início
90	da história do São Luiz, aquelas casas antigas que lá mesmo até hoje eles
91	conservam, então quando você vai ter um filho ali é pela misericórdia de
92	Deus, meu filho ali passou da hora de nascer é muito sofrimento, é muito
93	sofrimento, foi uma coisa assim que me traumatizou muito eu demorei muito
94	pra ter outro filho, porque eu fiquei tão traumatizada desse menino

## A vinda para porto velho

138	rapaz e eu vim, mas assim
139	no meio do percurso eu já tipo assim quis me arrepender porque eu achei
140	muito longe né, primeira vez na minha vida andando de avião
144	quando cheguei no aeroporto meu irmão estava me
145	esperando foi me busca pra me levar lá pra casa da minha tia na zona sul, e
146	assim no primeiro momento o impacto não foi legal de Porto Velho né, não foi
147	a primeira impressão não foi legal, meu Deus,

## Relacionamento com o atual marido

193	Olha, tu acredita que assim, quando ele chegou que começamos a beber
194	ele falou pra mim que o coração dele tinha me escolhido e que quando isso
195	acontece é pra valer e já disse pra gente casar, eu ri muito da cara dele, ele
196	disse pra gente se juntar ir morar junto, eu perguntei se ele tava ficando doido
197	eu nem conhecia ele direito e já ia casar, eu esnobei na hora né, dei uma de
198	Gracinha.
200	dia 4 de
201	abril vai fazer nove anos que moramos juntos aos trancos e barrancos como
202	diz minha mãe, né.

## Relacionamento dos pais

242	minha mãe estudou até a 5ª série quis mais
243	ir pra frente, quando conheceu meu pai, né. Casou com 16 anos quis estudar pra
244	ser uma professora, se formar porque na época era o que as meninas queriam
245	ser né, mas o meu pai por cultura machista, ignorante falou que mulher dele
246	não estudava, não saía de casa pra ir pra escola

## NOEP 3

A relatibilidade nessa NOEP, ocorre através de oito eventos relatáveis, o primeiro, a irresponsabilidade que pais jovens não dispõem (linhas 10-5), o segundo, a indignação que o E-N sente ao ver seu pai pedindo pra sua mãe estudar mesmo sabendo que ela tem quatro filhos para criar, alimentar e educar (linhas 39-42), terceiro, a decepção do primeiro emprego para o pai (linhas 123-136), quarto, a decepção com o seu patrão (linhas 207-9/112-223), quinto, o furto na sua residência (linhas 274-8), o sexto, o desespero da mulher por causa do furto (linhas 289-294), sétimo, a alegria de ter passado no concurso público (linhas 316-324) e o oitavo, foi a felicidade do pai expressa em um abraço (linhas 327-339).

## Pais jovens

10	porque hoje é, hoje e
11	sempre né, pais que começam a ter responsabilidades muito cedo, muito
12	jovens eles têm que abrir mão dos estudos, tem que abrir mão de vários
13	mecanismos de preparos pro mundo, então, eu fui essa ajuda, esse esteio pra
14	eles, pra que meu pai pudesse trabalhar e minha mãe também, porque depois
15	de mim tinha mais três irmãos, né, então era pesado só pros dois arca

## Indignação do E-N

39	eu lembro muito bem que
40	meu pai falava pra minha mãe estudar, ele falava: - mulher vai estudar, mas assim
41	era meio que irônico porque como é que uma mãe vai estudar com quatro filhos
42	pra criar, alimentá-los, educá-los e tudo

## A decepção do pai com o E-N

123	querendo ou não você se mela mesmo trabalhando nisso no serviço braçal, no
124	serviço de servente é cimento, é tinta, é isso, é aquilo, é poeira, e aí quando eu
125	cheguei em casa né, meu pai tava pra escola ainda e quando ele chegou que eu
126	entrei ele tava sentado né lendo um livro e eu passei por ele, ele olhou pra
127	mim e falou assim: - que que significa isso aí rapaz? Aí eu falei: - não, eu tava
128	trabalhando, trabalhando de que? Ele falou, aí eu: - não, eu tava ali pai,
129	trabalhando, aí meu pai: - de pião? E eu falei: - é, eu tava trabalhando ali, meu pai
130	olhou pra mim e falou assim: - cara do céu, pelo amor de Deus se eu soubesse
131	que tu queria ser pião com cinco ano de idade eu tinha botado uma caixa de
132	engraxate na tuas costas e uma caixa de isopor pra tu vender dindin saí da
133	minha frente, que eu não criei filho pra ser pião não rapaz! Eu dei um duro
134	danado e tu vem dizer pra mim que tu quer ser pião rapaz! Aí eu fiquei né
135	senhor, senhor, aí meu irmão sucessor foi e me chamou né: - cara do céu, aí ele
136	ainda me falou assim: - eu te falei cara, eu te falei que papai não ia gostar, te falei

## A indignação com seu patrão

207	eu fiquei cuidando que foi uns 8 meses nessa chácara e desses oito meses eu
208	recebi dois salários o patrão me enrolando ele chegava lá, eu perguntava: - cara
209	cadê meu salário e tal?
212	e aí
213	dia 20 de dezembro o que vai ter pra nós, vai ter alguma coisinha pra nós
214	porque já estamos passando necessidade aqui? Aí ele falou assim pra mim: - e
215	esse monte de manga aí? E esse monte de tucumã? Cara, isso desceu, assim no
216	meu pescoço, eu fiquei olhando, ele disse: - tem isso aí pra fazer e não tá feito,
217	tem aquilo outro ali que era uma roçada, mas o que eu fiz fechei a cara fui
218	fazer meu serviço e eu me lembro como se fosse hoje, eu olhei pro céu e falei:
219	- senhor eu não sei o que o senhor tem pra mim o ano que vem, em 2006, mas eu
220	peço meu pai não sei o que eu vou tá fazendo ano que vem, mas eu não quero
221	tá mais nessa situação, passando por isso, e nesse momento parece que os anjos
222	disseram amém, esse cara foi embora, não nos pagou e eu fiquei lá amargando
223	aquela notícia e situação que eu tava passando

## Furto na residência

274	aí chegando na nossa casa que faltava uns 40 metros que foi quando eu olhei
275	eu não quis nem acreditar que minha casa tava aberta, a casa tinham feito a
276	mudança, levaram tudo, só ficou a geladeira e a cama o resto levaram tudo, e aí
277	cara, foi quando eu vi que não tinha noção do meu lado religioso da minha fé
278	em Deus e do tanto que eu respeitava e tinha fé em Deus

## O desespero da mulher do E-N

289	ela falou
290	Assim: - não, como pode, como é que pode, eu to servindo a Deus to na igreja a
291	todo tempo e Deus deixa isso acontecer comigo, não pode, eu não aceito, eu não
292	aceito, aí eu falei assim: - meu amor, para com isso rapaz, tem mais Deus pra dar
293	vamos agradecer de estar vivo, e aí demorou pra mim colocar isso na cabeça
294	dessa mulher, mas aí consegui acalmá-la

## Alegria de ter passado no concurso público

316	um belo dia, eu to dormindo, e aí acordo com aquela gritaria: - tu passou cara! tu
317	passou, tu passou e o jornal em cima de mim! E eu passei em primeiro lugar
318	nesse concurso tava lá meu nome [...] cara do céu
319	uma vaga, uma vaga, e aí meu pai entrou em contato comigo sabendo que eu
320	tinha passado porque por meu pai ser professor educador, então todos os
321	concursos que tem ali eles estão a pá porque tem os alunos deles ali que faz né,
322	e aí eu queria tá naquele momento ali imaginando como é que não tava o
323	coração do meu pai em abrir o jornal e ver ali o nome do filho dele em
324	primeiro lugar né, e falar pros alunos dele, né.

### A reconciliação com o pai

327	e aí eu lembro que ali foi reativado ali porque querendo
328	ou não a gente dá muitas alegrias, muitas decepções pros nossos pais né, e
329	inclusive nesse processo de se encontrar no mundo, dentro da sociedade, se
330	encontrar financeiramente, no caráter em tudo, então eu tinha decepcionado
331	meu pai muito nessas áreas né, por ele ter investido tanto na gente, e aí ele
332	reacendeu a chama né, poxa, valeu a pena cara, hoje meu filho passou no
333	concurso e foi quando eu recebi o primeiro abraço que eu me entendo assim
336	meu pai me deu um abraço
337	mais um abraço que nunca esqueci aquele abraço até hoje, o tanto que ele
338	ficou orgulhoso ali de mim e demonstrou porque querendo ou não né, cara, é um
339	orgulho muito grande né, pros pais, pro pai e pra mãe

### NOEP 4

Existem nessa narrativa alguns eventos relatáveis que Labov (1997, p. 9) elenca como portadores de um grau maior de relatabilidade, ou seja, eventos que falem sobre: morte, tragédia, sexo e indignação moral. De início, já temos a indignação moral, pois o E-N e seus irmãos de criação sofreram muito quando crianças, dado que, a “mãe” deles os exploravam com o trabalho infantil e também os espancavam (linhas 17-21/32-6). Outro evento relatável que pode ser encontrado, é a indignação do E-N por não poder fazer nada para proteger a sua irmã que apanhava toda vez que seu marido chegava em casa (linhas 96-101/124-7/140-4), na sequência, a relatabilidade acontece quando o E-N conhece sua atual mulher e por não conseguirem esperar até o casamento acabam tendo relações sexuais, resultando em ter que morarem juntos antes de oficializar o casamento (linhas 342-8).

### Exploração e maus tratos das crianças

17	eu fui pra lá pra estudar e agradeço muito de eu estar estudando só que eu
18	trabalhava muito, quando eu chegava da escola já tinha que ir ajudar, porque ela
19	tinha um comércio e a gente ficava no comércio e só fechava de noitão, aí no outro
20	dia tinha que ir 4:30 da manhã pro mercado pra levar as coisas, umas bacias na
21	cabeça, e sete horas tinha que ir pra escola, chegava meio-dia: - vai trabalhar!
32	Ela só teve uma filha e criava quatro filhos, e esses quatro filhos era os que ela
33	botava era pra trabalhar, botava pra moer e a taca, nós apanhava todo santo dia,
34	todo santo dia a veia dava uma surra em nós, as vezes até eu não sabia por que que
35	eu tava apanhando (risos) mas ela batia assim mesmo porque se um apanhasse
36	todo mundo tinha que apanhar

### 7.2.3 Credibilidade

Para que em uma narrativa oral de experiência pessoal tenha credibilidade é necessário que haja um grau de seriedade, e eu pude perceber essa característica nas NOEP, pois a seriedade expressa pelos enunciadores-narradores se manifestam por meio das próprias experiências de vida em seus relatos, e isso pode ser observado com o uso da primeira pessoa e com as sequências dos fatos que seguem uma ordem cronológica, rica em detalhes narratológicos. Para melhor visualização desse aspecto do eixo funcional colocarei em negrito algumas das sentenças que os exemplificam.

#### NOEP1

A credibilidade se manifesta em alguns aspectos é nessa NOEP, além da seriedade do E-N, ao relatar os fatos há também a presença da primeira pessoa do singular e as marcas da oralidade que registram a cronologia dos fatos.

03	<b>a minha mãe</b> acabou sendo adotada por uma família rica
08	minha mãe já jovem conheceu <b>meu pai, aí foi</b> um namoro proibido
14	<b>Eu nasci, aí meu pai</b> teve que tirar minha mãe da família dela
15	<b>eu com 6 meses de idade,</b> aí lá em fortaleza nasceu mais duas irmãs minhas,
27	<b>aí chegamos aqui</b> em Porto Velho em 1987,
38	<b>e isso eu já tava com 11 anos,</b> mas acabei vindo pra Porto Velho e daqui não saí
43	<b>eu queria</b> mostrar pra minha mãe principalmente
52	<b>aí</b> minha mãe falou: - olha meu filho
55	<b>lá dentro</b> do mercado comecei
56	como serviços gerais, <b>aí fui mudando,</b> mudando até me firma no açougue
57	<b>aí passei</b> dez anos nesse emprego
65	já com <b>meus 34 anos</b> surgiu as Usinas no Rio Madeira,
72	<b>aí eu peguei</b> fiz o curso Acreditar da Odebrecht
82	<b>minhas munhecas</b> não aguentaram e das usinas
83	<b>eu não consegui</b> nada, saí com uma mão na frente outra atrás
84	<b>aí</b> quando <b>eu saí</b> da usina eu fui pro garimpo
108	<b>eu aqui tenho</b> minha casa na capital, tenho minha família que mora aqui também
132	<b>Eu me inspirei</b> em um guerreiro
137	Mas <b>eu reconheço</b> que isso aconteceu por culpa nossa de não ter corrido atrás

#### NOEP2

Nessa narrativa, existem também a presença do uso da primeira pessoa do singular em diversas sentenças e a presença das marcas da oralidade que indicam que a E-N segue um tempo cronológico.

01	<b>Minha história</b> de vida começa no Maranhão
02	minha infância foi sofrida
18	<b>eu estudava</b> em colégio de padre
20	com nove anos <b>eu fazia</b> leitura na igreja lotada
23	<b>minha mãe</b> vivia ali, cuidando de nós
27	<b>aí a gente</b> foi crescendo, crescendo
30	<b>aí a minha</b> mãe teve uma conversa com <b>meu pai</b>
40	e foi assim que <b>meu pai</b> terminou de nos criar até os nosso 17, 18 anos,
48	Quando <b>eu completei</b> 19 anos, eu saí da minha cidadezinha
51	aí eu vim me embora pra São Luiz,
54	com doze anos em Pinheiro <b>eu aprendi</b> a fazer unhas
58	então quando eu cheguei em São Luiz <b>eu já sabia</b> fazer unha
59	assim mesmo bem profissional né
74	com 22 anos eu tive o meu primeiro filho o [...]
83	Então depois de um tempo larguei o pai do
84	meu filho e <b>aí arrumei um novo marido</b> né que esse eu morei dez ano
97	Então esse meu segundo marido <b>me ajudou muito</b>
102	Sabe, <b>eu sempre</b> ouvi falar de Porto Velho, <b>sempre na minha vida</b>
118	<b>aí minha tia</b> ficava me chamando pra vir pra PVH
132	dia 13 de agosto de 2013 <b>eu cheguei aqui em Porto Velho</b> , e eu vim né
160	<b>aí num belo dia</b> , eu recebi um convite de trabalho
179	em agosto <b>eu cheguei</b> aqui, em
180	setembro <b>comecei a trabalhar</b> no centro da cidade e depois <b>eu fui</b> pra zona
181	Leste trabalhar, que <b>foi quando eu fui</b> morar na casa de outra tia minha
229	<b>Então, foi aí que foi</b> colocado na minha mente né, que <b>eu tinha</b> que estudar
230	hoje graças a Deus <b>eu posso</b>
331	dizer que sou uma Assistente Social, mas antes eu não era nada

### NOEP 3

Nessa NOEP, ocorre em diversas sentenças a presença do sujeito em primeira pessoa, dando credibilidade para a narrativa, existem também algumas marcas da oralidade para dar seguimento coerente, como por exemplo: “e aí”

02	<b>a minha trajetória</b> a minha biografia
03	<b>eu acho</b> ela muito engraçada né, primeiramente, filho de pai e mãe adolescente
04	<b>minha mãe</b> tinha 16 anos
05	<b>meu pai</b> parece que tinha 25 anos
07	Cresci, <b>filho mais velho</b> de quatro irmãos,
16	<b>E aí</b> eu fui crescendo
20	<b>eu sou</b> dos anos 80
34	<b>Meus pais</b> não tinham estudo
47	<b>aí meu pai</b> foi estudar com cinco bocas pra alimentar né
56	depois ele se formou
59	e <b>aí através</b> dele a <b>minha mãe</b> despertou o interesse também
93	<b>intirei os 18 anos</b> , ensino médio e todo aquela cobrança né do meu pai,
101	e <b>aí</b> aquela cobrança né, por tá de maior né

104	numa válvula de escape <b>recebi</b> uma proposta de emprego
109	<b>e aí eu topei</b> sem comunicar meu pai e minha mãe
111	<b>eu aceitei</b> esse trabalho de servente de pedreiro né,
143	<b>eu já tava</b> cansado de tá dentro da
144	casa do <b>meu pai</b> né, só pela comida né, pelo básico
161	ignorei a opinião do <b>meu pai</b>
162	dane-se pro que <b>meu pai</b> tá falando, e aí
163	<b>eu fiquei</b> três ano na construção civil
189	Fui pra Candeias <b>trabalhei</b> de ajudante de carpinteiro
225	<b>entrei</b> na cidade de Candeias
234	<b>fui pra</b> Porto Velho pedir o dinheiro emprestado
235	<b>consegui voltei</b> em Candeias fiz minha inscrição
316	um belo dia, <b>eu to dormindo e aí acordo</b> com aquela gritaria: - tu passou cara! tu
317	Passou, tu passou e o jornal em cima de mim! <b>E eu passei</b> em primeiro lugar

## NOEP 4

Assim como nos demais relatos, nessa NOEP notei a presença da primeira pessoa, o que traz uma credibilidade, como também observei as sentenças ordenadas de forma cronológica, que são postas tanto com conectivos formal, quanto com conectivos coloquiais. E, apesar de existirem eventos em que o narrador volte na linha do tempo, mesmo assim ele sempre consegue retomar o turno da fala, não deixando lacunas no tempo da narrativa.

02	<b>o meu pai</b> é [...] e <b>minha mãe</b> [...]
05	quando <b>eu ia</b> fazer sete anos
12	E <b>meus pais</b> não foram atrás de saber de mim
15	E a <b>minha madrinha</b> enganou os velhos, disse que eu ia pra lá pra estudar,
25	<b>eu falei</b> pra ela que ia embora
39	Então, <b>eu cheguei</b> na casa de meu pai e ele viu o filho dele homem <b>né</b>
55	<b>eu tive</b> que voltar e voltei a contragosto
66	<b>eu me sentia</b> atormentado com tanta disciplina e <b>eu sei</b> que eu saí do exército
74	<b>Aí</b> quando <b>eu saí</b> do exército eu me mandei pra Belém
79	aí <b>eu voltei né</b> , pra Imperatriz pensando que ela morava lá,
85	<b>aí eu</b> chegando em Goiânia, muito difícil ali no começo dos anos 80/82 final de 82
86	começo de 83 a situação tava difícil assim pra arrumar emprego e tinha sim
87	muito emprego, mas de vendedor e <b>eu não sei vender</b> nada pow,
148	<b>aí</b> de noite meu cunhado chegou e falou: - bora beber <b>meu cunhado</b> , bora beber? <b>Aí</b>
149	depois da bebedeira, peia na minha irmã porque <b>eu fui dormir</b> e minha irmã foi
150	apanhar,
188	e teve nesse percurso uma história engraçada que foi <b>eu me passar por sargento</b>
189	do exército pra consegui carona porque <b>eu ainda</b> tinha uma farda completa da
190	época que eu servi
220	<b>Eu disse:</b> - <b>não, mas eu não quero</b> ser funcionário público, Deus me livre de ser
221	funcionário público, porque <b>na minha cabeça</b> , na minha cultura eu passei minha
222	vida toda escutando da <b>minha família</b> que funcionário público era tudo malandro

223	que não trabalhava só ganhava dinheiro, e <b>eu não queria</b> ser chamado de malandro
224	<b>eu queria trabalhar.</b>
301	Nisso, <b>eu tinha</b> meus 22 ano, sei que só com o dinheiro da banca que eu
302	administrava o vei comprou um carro, e foi <b>aí</b> que os filhos cresceram o olho
303	dizendo que <b>eu devia</b> tá bem roubando do pai deles

#### 7.2.4 Causalidade

Como já mencionado na subseção 5.4 a causalidade é a resposta há uma possível pergunta “Como isso aconteceu?” que o E-N procura responder em relação aos eventos relatáveis de sua narrativa e para demonstrar que as NOEP possuem esse item exemplificarei através de uma tabela as causas e as conseqüências que consegui detectar nesses relatos.

##### NOEP 1

SEQUÊNCIA CAUSAL DOS EVENTOS	
Causa	Relacionamento dos pais
Conseqüência	Teve que ir embora de casa
Causa	Nascimento do E-N e de suas irmãs
Conseqüência	Os avós não aceitaram os netos (as)
Causa	Morte do pai em Porto Velho
Conseqüência	Retorno das crianças para Guari
Causa	Relacionamento conturbado com o padrasto
Conseqüência	A mãe arrumou o primeiro emprego para o filho
Causa	O nascimento dos filhos
Conseqüência	Arrumou outro emprego
Causa	Emprego de açougueiro e de pedreiro
Conseqüência	Desenvolvimento de uma doença nos punhos
Causa	Trabalho ilegal no garimpo
Conseqüência	Explosão das balsas

##### NOEP 2

SEQUÊNCIA CAUSAL DOS EVENTOS	
Causa	Trabalho dos pais
Conseqüência	Não acompanhou a infância dos filhos
Causa	Estudar em igreja católica
Conseqüência	Ter responsabilidade aos finais de semana com a igreja
Causa	Conversa que a mãe da E-N teve com o seu pai
Conseqüência	Mudança de emprego do pai
Causa	Obter a maior idade
Conseqüência	Sair do interior e morar na capital

Causa	Ter aprendido a fazer unhas com as coisas da mãe
Consequência	Conseguiu o primeiro emprego
Causa	Engravidou do primeiro filho
Consequência	Trauma em engravidar de novo
Causa	A vinda para Porto Velho
Consequência	Conseguiu o segundo emprego
Causa	Conheceu o atual marido
Consequência	Voltar a estudar e ter estabilidade na vida

## NOEP 3

SEQUÊNCIA CAUSAL DOS EVENTOS	
Causa	O pai voltar a estudar
Consequência	A mãe estudar também
Causa	Priorização dos estudos
Consequência	A decepção do E-N ao conseguir o primeiro emprego
Causa	Ignorar a opinião do pai
Consequência	Ser humilhado no emprego
Causa	Se matricular no concurso público
Consequência	Muitas peripécias para conseguir estudar
Causa	Passar no concurso público
Consequência	Retomar o orgulho do pai

## NOEP 4

SEQUÊNCIA CAUSAL DOS EVENTOS	
Causa	A madrinha não ter filho
Consequência	O pai deu o E-N para a madrinha criar
Causa	A adoção
Consequência	Exploração com trabalho infantil e maus tratos
Causa	Maior idade
Consequência	Foi embora de casa e entrou para o exército
Causa	Deixou o exército
Consequência	Encontrou a madrinha e a irmã
Causa	A irmã era espancada
Consequência	Foi embora para não cometer homicídio
Causa	Veio para Porto Velho
Consequência	Reencontrou suas irmãs e seu padrasto
Causa	Morou de favor
Consequência	Conheceu a sua esposa
Causa	Engravidou sua esposa
Consequência	Constituiu uma família
Causa	Trabalhou como pedreiro
Consequência	Conseguiu estudar
Causa	Fez sua inscrição no curso de matemática
Consequência	É professor atualmente

### 7.2.5 Atribuição Do Elogio E Da Culpa

Como afirma Labov (1997, p. 13) a atribuição de elogio e culpa, não se trata, todavia, de uma informação que conscientemente o narrador transmita a seus ouvintes, mas sim uma estrutura ideológica a partir da qual os eventos são vistos. Porém, é possível detectar tais atribuições nas decisões tomadas pelos E-N como pode ser observado nas NOEP a seguir.

#### NOEP1

Nessa NOEP há algumas transferências de experiências através da estrutura ideológica, começando com o namoro proibido entre os pais do E-N que resultou no nascimento de três crianças que posterior, não foram aceitas pelos avós, em seguida, o convívio do enunciador narrador com a tia que morava em Guari resultando, em ele não querer mais voltar para Porto Velho. Depois, a relação conturbada com o padrasto, na sequência, o nascimento dos filhos sem ter um relacionamento sério com nenhuma das mães e por fim, a indignação por terem explodido as balsas que estavam trabalhando no garimpo ilegal.

#### Namoro proibido

11	Eu sei que era um namoro proibido
12	porque minha mãe era adotada e era um ciúme da minha mãe porque trouxeram
13	ela do interior e tal, só sei que era um namoro meio conturbado, aí nisso veio eu

#### A rejeição das crianças pelos avós

24	minha mãe chegou com três crianças, aí a veia minha vó
25	já não gostou e disse que não cabia nós lá,

#### Morada com a tia em guari

31	Ela voltou na cidade dela em Guari e deixou eu e minhas irmãs com minha tia,
35	aí ela voltou lá pra busca nós, aí foi a hora que marcou porque quando ela voltou
36	lá eu já tava acostumado em morar em Guari no interior, lá no meio das bibocas
37	mermo marrapaz, eu não queria mais ir embora dali não, eu queria ficar por ali,
38	aí com uma longa briga e isso eu já tava com 11 anos, mas acabei vindo pra
39	Porto Velho e daqui não saí mais.

#### Relação com o padrasto

46	eu passei uma humilhação por conta de padrasto, tipo padrasto me chamar de
----	--

47	vagabundo dizendo: - dessa idade dentro de casa ainda sem trabalhar e tal e eu com
48	os meus 18 anos de maior era humilhado

#### Nascimento dos filhos

59	ai foi nascendo, o primeiro foi com 19 anos, mas ai foi tudo em sequencia com
60	19 anos tinha um caso de 6 mese ja largava, arrumava outra e tinha outro filho e
61	nisso foi ficando 3 crianças pra traz. Com a mãe do [...] eu fiquei 6
62	meses com a mãe da [...] mais seis ai com a outra mais 4 mês, ai nesse
63	intervalo trabalhando e não era nada casamento era só ficando, ai foi ficando os
64	Meninos

#### Indignação com a explosão das balsas

121	eu ficava olhando, eles ia lá colocavam as dinamites puxa o fio e explodiam tudo
122	dentro de dez minutos as balsa estavam tudo explodidas o que era o meio de
123	sobrevivência de muita gente,, o que tem de gente passando fome lá em São
124	Carlos e Nova Aliança,

#### NOEP 2

Nessa narrativa a transferência de experiência começa com o julgamento da E-N em relação à religião que os maranhenses possuem, pois ela deixa claro que dificilmente uma pessoa que nasce lá não será religiosa, e que esse status vem de berço. Em seguida, o julgamento pelo irmão não ter terminado os estudos por conta das drogas e bebidas, depois, a comparação com as capitais do Nordeste com a capital de Rondônia. Na sequência, a comparação e o julgamento com os salários entre as capitais, além de, sempre surgir nessa narrativa a facilidade que é arrumar emprego aqui em Porto Velho. E por fim, a indignação que ela sente por sua mãe não ter seguido estudar como gostaria, pois seguiu as ordens do marido que não apoiava mulheres a estudar.

#### Religião no maranhão

15	nós éramos religiosos, dificilmente uma pessoa que é nascida e criada no Nordeste
16	ele não vai ser religioso, porque isso já é de berço, a religião já é impregnada né, o
17	cristão e tal, gente lá é ensinado a ser religioso no catolicismo, lá a gente tem que

18	ser assim, eu estudava em colégio de padre de segunda a sexta e sábado tinha aula
19	de religião e catecismo e no domingo tinha que ir pra igreja, era sagrado, minha
20	rotina, com nove anos, eu fazia leitura na igreja lotada

#### A não formação do irmão mais velho

62	de nós quatro teve apenas um irmão que não quis saber de terminar os estudos, mas
63	por questão dele mesmo porque ele ia pra escola e gazetava aula e não conseguiu
64	terminar, mas por ele mesmo, minha mãe ainda insistiu muito, mas ele não quis
65	saber, foi logo pro mundo da cachaça né, teve o mundo da droga na vida desse meu
66	irmão também né, nessa fase, assim nós somos uma família de quatro irmão que
67	teve essa parte do meu irmão ir pro mundo das drogas.

#### Capitais do Nordeste e a capital de Rondônia

146	no primeiro momento, o impacto não foi legal de Porto Velho né, não foi, a
147	primeira impressão não foi legal, meu Deus, que lugar é esse totalmente diferente
148	de quando a gente vem de uma capital do nordeste de você morar e conhecer
149	porque as capitais do nordeste elas são eu te falo, elas são lindas, lindas demais só
150	não tem emprego

#### Comparação dos salários entre as capitais

172	Eu fui pra Claro trabalhar e lá eu fiquei, e fiquei em primeiro momento, assim a
173	mulher me falando que recebia o salário o ticket alimentação, o vale transporte e
174	falei assim: - caracas eu vou ganhar tudo isso! Porque era bom na época eu tirava
175	quase \$2.000 reais na Claro só de salário e ainda tinha vale transporte e ticket
176	alimentação um salário desse aí que lá no Maranhão não sei nem se tu tira com
177	nível superior, imagina aqui, ganhado isso só com o ensino médio né que era o
178	que eu tinha, e aí eu já me animei com esse salário

#### Indignação pela sua mãe não ter terminado os estudos

249	hoje minha mãe fala que pela ignorância do meu pai e ela por ser aquela esposa
250	submissa aceitou e nós pagamos cara por isso porque se minha mãe não tivesse
251	sido submissa a nossa vida teria sido diferente porque minha mãe teria terminado
252	os estudos dela se formado e iria trabalhar como professora, porque todas da
253	época de minha mãe conseguiram alcançar o sonho de ser professora, e hoje as
254	amigas da minha mãe são tudo aposentadas com um salário bom né, e minha mãe

255	não né, o que minha mãe teve foi ter que trabalhar pra fora, lavar roupa e passar
256	pra gente não passar necessidade.

### NOEP 3

O E-N apresenta o seu julgamento nas primeiras sentenças de sua narrativa, quando ele menciona a idade da mãe e afirma que o seu pai já era um cara viajado quando a conheceu, manifestando a sua postura moral. Depois, ocorre a preocupação em detalhar que a responsabilidade que ele tinha com os irmãos mais novos era algo singelo e não uma exploração. em seguida, a transferência de experiência surgiu com a interferência do meio ambiente onde ele morava com sua família para justificar o não crescimento profissional, o evento seguinte, é o julgamento por não ter passado no vestibular por conta de não ter realizado um ensino médio com todas as disciplinas, e para finalizar, um evento que transfere bastante experiência é a peregrinação que o E-N realiza desde a sua matrícula no concurso público até o seu êxito.

### Idade dos pais

03	primeiramente filho de pai e mãe adolescente na época, minha mãe tinha 16 anos
04	né, no caso quando me concebeu, me trouxe ao mundo e meu pai parece que tinha
05	25 anos, já era um cara já vivido né, um cara viajado é migrante do Nordeste pra
06	região Norte, e aí ralou muito para nos criar.

### O cuidar dos irmãos

18	era uma responsabilidade até aceitável que era apenas ficar dentro de casa, cuidar
19	dos meus irmãos, nada além disso né, não tinha esse negócio de ter que sair pra
20	trabalhar, ter que engraxar sapato que era o costume da época né, eu sou dos anos
21	80, vender dindin, amassar latinha pra vender pra ajudar dentro de casa, então
22	minha ajuda era manter os meus irmãos ali dentro de casa dando tranquilidade
23	para o meu pai e minha mãe buscar recurso pra dentro de casa, e aí isso foi até os
24	18 anos,

### O meio ambiente em que morava

93	inteirei os 18 anos, ensino médio e toda aquela cobrança né, do meu pai: - cara não
94	para por aí, mas só que na teoria é muito fácil você encher a cabeça do seu filho
95	de cobrança incentivo e tudo, mas na prática quando a gente se depara no local

96	que a gente vivia ali que era zona Leste, e o meio ali tinha muito interferência nas
97	nossas vidas querendo ou não o meio interfere 80% na nossa vida, e eu me deixei
98	influenciar pelo meio, terminei o ensino médio nunca reprovei nem um ano e
99	fiquei ali, ocioso ali, um ano, dois anos da minha vida ocioso nunca consegui o
100	primeiro emprego.

### Vestibular

145	meu pai sempre me incentivou a ir além do ensino médio e inclusive quando eu
146	terminei o ensino médio na época o vestibular era pago, aí ele foi e disse: - olha meu
147	filho você terminou seu ensino médio no tempo hábil né, dentro do esperado e eu
148	vou pagar o seu vestibular, e aí o que aconteceu eu fiz o vestibular, e não passei
149	porque assim eu tirei boas notas, mas eram se não me enganam dez matérias com
150	dez questões cada uma e dava 100 pontos e você não poderia zerar em nenhuma
151	das disciplinas e o que aconteceu eu fui muito bem, mas como ao fazer o ensino
152	médio tive uma grande dificuldade na matéria de química porque eu vi essa
153	disciplina no 3º ano e muito mal mente quase não tive aula dessa disciplina, aí
154	eu acabei zerando ela no vestibular e ali foi uma decepção que eu gerei pra mim
155	pros meus pais porra o cara passar 11 anos dentro de uma escola e não conseguir
156	ingressar né, com todos os aparatos com todos os suporte né, e tudo, aí né, isso já
157	foi a minha primeira decepção na vida

### As dificuldades para estudar e ser funcionário público

#### A primeira:

241	eu trouxe o meu tio e ele falou assim: - cara, tu vai fazer um concurso pra uma vaga
242	tu tá ficando doido é porra? Porque tu não faz pra trabalhador braçal que tem mais
143	vagas, tu só tá fazendo isso porque o dinheiro não é teu fosse teu tu ia fazer, aí eu
244	olhei pra ele e falei assim: - meu tio, é o seguinte, pião eu já sou tua acha que eu vou
245	fazer um concurso pra ser pião eu vou dá um tiro em uma coisa melhor cara e
246	assim eu selei o meu sonho me inscrevi no concurso que era apenas uma vaga.

#### A segunda:

260	aí eu peguei né, essa coleção de 5 livro e fui estudar pra prova, mas dois dias
261	depois peguei malária e nunca tinha pego malária na minha vida, e ai fiquei
262	pensando como eu ia estudar, só que não sabia eu que aquilo ali no espiritual, que

263	eu acredito, ia ser a minha oportunidade porque minha família festeira, como é
264	que eu ia arrumar tempo pra estudar, então foi um mal que veio pro bem porque
265	eu diagnosticado com malária não ia beber nem nada

A terceira:

274	aí chegando na nossa casa que faltava uns 40 metros que foi quando eu olhei eu
275	não quis nem acreditar que minha casa tava aberta, a casa tinham feito a mudança
276	levaram tudo, só ficou a geladeira e a cama o resto levaram tudo, e aí cara foi
277	quando eu vi que não tinha noção do meu lado religioso da minha fé em Deus e
278	do tanto que eu respeitava e tinha fé em Deus porque eu nunca tinha pisado meus
279	pés na igreja e meus pais são católicos não seguidores só são católicos por dizer
280	que são porque eu nunca vi meu pai indo pra igreja ou pegando uma bíblia, eles se
281	intitulam católicos, mas não são seguidores não são praticantes, e aí eu fiquei né,
282	quando entro dentro de casa essa minha mulher que estava vindo da igreja que
283	era uma mulher devota demais, era piolho de igreja na hora que ela se deparou
284	com aquela situação ela perdeu a fé em Deus ela blasfemou ali naquele momento
285	pela situação que a gente tava

#### NOEP 4

As primeiras marcas que essa NOEP apresenta em relação a transferência de experiência, ocorre quando o E-N é adotado por sua madrinha, pois segundo ele, a sua madrinha enganou os seus pais, mas como doar os seus filhos para parentes era normal naquela endo ele na época (década de 60) os seus pais não foram atrás dele. Em seguida, acontece um desabafo por parte do narrador, dado que, ele entende e agradece sua madrinha por só ter estudado em escolas públicas, mas ele afirma em seu relato que o tanto que trabalhava para ela era mais que o suficiente para ele mesmo pagar as mensalidades da escola, e que se ele trabalhasse com o seu pai seria mais feliz. Na sequência, a transferência de experiência vem da sua vontade de ir embora e a reviravolta que ele sentiu quando sua tia foi levá-lo para a casa dos seus pais, visto que, apesar de ela ter muito dinheiro o E-N não tinha as melhores vestisses, mas no momento em que sua madrinha foi levá-lo para a casa de seus pais, ela comprou um mala de cheia de roupas novas e deu para o E-N, nesse momento ele coloca a sua madrinha como antagonista. Outra manifestação desse item, é o envolvimento que ele teve com sua esposa, pois os dois ainda iam marca a data do casamento para só depois terem relações sexuais, mas eles não

conseguiram esperar e isso causou nos pais da esposa um certo desconforto, até porque o pai dela não queria esse casamento.

#### Enganado pela irmã

05	quando eu ia fazer sete anos a minha madrinha dando umas voltas lá pelo meu pai
06	disse que não tinha nenhum filho homem e pediu para eles deixarem eu passar
07	uns dias com ela
08	quando eu vi eu estava morando na cidade de Bacabal com a minha madrinha
13	meus pais não foram atras de saber de mim, porque minha madrinha era irmã
14	do meu pai, então eu tava dentro da família e também naquela época era comum
15	a família dar uns de seus entes né, filho para outros parentes cuidar. E a minha
16	madrinha enganou os velhos, disse que eu ia pra lá pra estudar

#### Trabalhar para pagar a escola particular

17	eu fui pra lá pra estudar e agradeço muito de eu estar estudando só que eu
18	trabalhava muito, quando eu chegava da escola já tinha que ir ajudar
21	chegava meio-dia, - vai trabalhar! E eu não reclamo, porque é eu fico observando
22	hoje em dia trabalhar não faz mal a ninguém e se não fizer bem, mal também não
23	vai fazer, mas se fosse com o meu pai eu era mais feliz porque ali eu tava
24	trabalhando pro zoto, né.

#### O retorno para a casa dos pais

25	eu falei pra ela que ia embora, e é até engraçado porque eu só tinha uma muda de
26	roupa, pois quando ela foi me levar lá pra casa do meu pai, ela comprou uma
27	mala de roupa pra mim, não que ela não tivesse posse, porque ela era muito rica,
28	minha madrinha/tia ela era tão rica que se eu enchesse as mãos de dinheiro
29	lá onde ela colocava os dinheiros que era debaixo do colchão ela não ia nem
30	perceber e nem saber quanto eu teria pego, do tanto de dinheiro que tinha lá, mas
31	ela era ordinária e não gostava de gastar o dinheiro dela não, principalmente, com
32	menino que não era filho dela(risos).

#### O casamento

339	aí em novembro, eu pedi a mão dela pro pai dela pra casar porque naquela época
340	tinha dessas coisas né (risos) aí o pai dela ficou meio assim e eu falei pra ele que
341	a gente queria ficar juntos para sempre, mas, aí o vei falou, falou, falou, mas

342	deixou, aí quando foi em final de dezembro rolou o rala e rola e ela contou pra
343	mãe dela, a mãe dela ficou nervosa porque a gente ainda ia marca a data do
344	casamento e que o pai dela ia ficar com raiva disso e tal, eu só sei que fomos
345	morar junto sem se casar, porque não tinha mais o que fazer

### 7.2.6 Ponto De Vista

O ponto de vista nas NOEP ocorre, a partir das expressões utilizadas pelos enunciadores narradores para expressarem as suas visões sobre os eventos vivenciados por eles. E, nas narrativas desta dissertação, os eventos são relatados à medida em que aconteceram e também demonstram serem cronologicamente. E para a compreensão, destacarei com um traço, as principais sentenças que apresentam o ponto de vista.

#### NOEP 1

36	quando ela voltou lá eu já tava acostumado em morar em Guari no interior, <u>lá no</u>
37	<u>meio das bibocas mermo</u> , marrapaz eu não queria mais ir embora dali não,
40	Aos 19 anos, surgiu o meu primeiro filho, <u>aí foi o tempo que eu criei juízo né,</u>
56	lá dentro do mercado comecei como serviços gerais, <u>aí fui mudando, mudando até</u>
56	<u>me firmar no açougue</u>
80	mas minhas mãos inchavam e doíam e isso também por consequência de ter
81	desossado muito boi, minhas munhecas não aguentaram e das usinas eu não
82	consegui nada, <u>saí com uma mão na frente outra atrás</u>
90	E essa questão de terem explodido nossas balsas <u>eu entendo que é político e um</u>
91	<u>erro nosso também,</u>
115	então tu saía catando o que tu pudesse dentro da balsa, <u>um sonho que é uma casa</u>
116	<u>dentro da balsa</u>
125	a maioria é tudo ribeirinho, aí então eles explodiram um sonho e uma tradição dos
126	ribeirinhos porque, isso aí já vinha a muitos anos o pessoal desse mesmo jeito,
127	destruiu sonho ali de pessoas que vão ter que voltar pra pesca, pro cultivo de banana
128	<u>e vão ser pé inchado de cachaça, de favelinha de sitiozinho.</u>
130	o helicóptero soltava gás que nem chuva em cima do povo, pro povo sair das balsas,
131	<u>o pessoal chorando, era muito desespero.</u>

#### NOEP 2

01	Minha história de vida começa no maranhão com muito sofrimento, <u>minha infância</u>
02	<u>foi sofrida</u>
07	pela dificuldade que nós passávamos a diretora na época que <u>era uma pessoa</u>
08	<u>maravilhosa,</u>
23	minha mãe vivia ali, cuidando de nós lavando roupa pro zoto, fazendo faxina pra
24	complementar a renda, porque era muito grande as dispersas era, muito grande <u>nós</u>
25	<u>vivíamos mesmo no limite de tudo, de tudo mesmo,</u>

54	em Pinheiro eu aprendi a fazer unhas porque como minha mãe não tinha condições
55	de pagar uma manicure ela sempre comprou as coisas delas, assim esmalte, alicate
56	essas coisas e eu curiosa querendo aprender <u>fui lá e começava a mexer nas coisas</u>
57	<u>dela e acabei aprendendo</u> , então quando eu cheguei em São Luiz eu já sabia fazer
58	<u>unha assim mesmo bem profissional né</u>
75	e sempre buscando, lutando na capital <u>porque não é fácil e no Maranhão é uma</u>
76	<u>situação bem difícil de tudo</u> , questão de trabalho questão de salários né,
90	aquelas casas antigas que lá mesmo até hoje eles conservam, então <u>quando você vai</u>
91	<u>ter um filho ali é pela misericórdia de Deus</u> , meu filho ali passou da hora de nascer
92	<u>é muito sofrimento, é muito sofrimento</u> , foi uma coisa assim que me traumatizou
93	muito
112	aí eu ficava com aquilo <u>né, o medo, o receio de ser um lugar muito longe né, meu</u>
113	<u>Deus</u> , como é que eu vou pra Porto Velho é muito longe
142	já cheguei em meio a um temporal aquela coisa, olhei pra baixo, só mato aquela
143	coisa assim muito verde: - <u>eu falei meu Deus, que lugar é esse? Que lugar é esse?</u>
145	<u>não foi a primeira impressão não foi legal, meu Deus, que lugar é esse totalmente</u>
146	<u>diferente de quando a gente vem de uma capital do nordeste</u>
177	imagina aqui ganhado isso só com o ensino médio né, que era o que eu tinha, <u>e aí eu</u>
178	<u>já me animei com esse salário fiquei assim abismada, me senti rica,</u>
199	<u>mas graças a Deus, hoje em dia ele é decidido</u> , mas assim, nesses nove anos que nós
200	estamos juntos né bem dia 4 de abril vai fazer nove anos que moramos juntos <u>aos</u>
201	<u>trancos e barrancos como diz minha mãe né</u> , mas assim eu até hoje tenho a certeza
202	<u>que foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida,</u>
257	a minha vinda pra Porto Velho foi um acolhimento de mãe com seu filho <u>essa cidade</u>
258	<u>me deu uma família e assim graças a Deus né me deu uma oportunidade de conhecer</u>
259	<u>uma pessoa que foi nascida e criada em Porto Velho né,</u>
260	e aqui eu sou uma pessoa que foi formada tenho uma profissão eu sou assistente
261	social atuante, eu sou conselheira do CONETICA, sou representante do conselho
262	Estadual do CREAS né <u>e assim muitas oportunidades que eu nunca teria no</u>
263	<u>Maranhão isso aí eu digo e consigo comprovar,</u>
264	<u>então esse é um Estado que me abraçou de uma forma que meu Deus</u> , eu vim sem
265	muitas esperanças realmente, no primeiro momento, achei tudo feio, mas eu não
266	sabia que iria ter toda essa transformação na minha vida,
275	é um lugar assim que eu amo de paixão, <u>eu amo Porto Velho.</u>

## NOEP 3

02	<u>a minha trajetória, a minha biografia eu acho ela muito engraçada, né.</u>
07	sempre fui o suporte, creio que sempre fui o suporte pro meu pai e minha mãe por
08	ser o mais velho, <u>não é fácil ser o irmão mais velho ao contrário do que as pessoas</u>
09	<u>acham né</u>
30	então já foi um ponto positivo pra nós nessa parte porque apesar de ter pai pobres,
31	pais inexperiente e jovens, mas eles sempre passaram pra nós essa questão né, <u>de</u>
32	<u>que a menor distância entre o pobre e o sucesso ainda era o estudo, então eles</u>
33	<u>passaram isso aí pra nós.</u>
39	eu lembro muito bem que meu pai falava pra mim mãe estudar, ele falava: - mulher
40	vai estudar, mas assim era meio que irônico porque <u>como é que uma mãe vai estudar</u>
41	<u>com quatro filhos pra criar, alimentá-los, educá-los e tudo,</u>
42	e aí eu lembro que quando meu pai inteirou 33 anos ele, <u>não foi apenas aquela</u>
43	<u>oportunidade teve outras, mas aquela oportunidade e o momento foi pá né para que</u>

44	<u>ele abraçasse a oportunidade e teve todo o suporte da minha mãe, e ela falou: - você</u>
45	<u>pode ir agora estudar que eu vou lhe dar todo o suporte pra que você vá e seja o que</u>
46	<u>Deus quiser,</u>
56	<u>depois ele se formou, ingressou na faculdade pública na UNIR, as duras penas né</u>
57	<u>porque não era fácil na época imagina hoje se já é difícil imagina naquela época,</u>
74	<u>e aí mesmo dessa forma eu e o meu outro irmão, ainda fomos contaminados pela</u>
75	<u>aquela cultura do trabalho de que tem que ralar pra sobreviver, tanto que até hoje</u>
76	<u>isso foi um problema na nossa vida que nós não conseguimos nos formar, não foi</u>
77	<u>por falta de oportunidade tivemos muitas oportunidades,</u>
89	<u>mas graças a Deus, fomos alcançados pelo exemplo deles que ainda conseguimos</u>
90	<u>hoje sermos funcionário público né, eu sou funcionário municipal a 17 anos e meu</u>
91	<u>irmão é funcionário estadual a dez anos,</u>
115	<u>beleza né fui pro meu trabalho fiquei feliz né porque esse trabalho não exigia muito</u>
116	<u>somente o condicionamento físico e era o que eu tinha em abundância na época e</u>
117	<u>eu muito feliz e contente de tá trabalhando me valorizei bacana</u>
163	<u>eu era muito questionado pelos meus colegas de trabalho: - cara do céu, não pelo</u>
164	<u>amor de Deus homi, eu to aqui hoje trabalhando de servente porque eu não sei nem</u>
165	<u>assinar meu nome tu tem o ensino médio homi, o que tu tá fazendo aqui?</u>
251	<u>aí fui visitar o meu pai chegando lá eu falei assim: - pai, é o seguinte, eu me inscrevi</u>
252	<u>num concurso ali, mas é só uma vaga ele olhou assim pra mim e falou: - e tu não</u>
253	<u>precisa não é só de uma? Vai estudar rapaz, se só tem uma vaga é a tua porra! Meu</u>
254	<u>pai falou isso pra mim e isso ficou dentro de mim, só tem uma vaga e essa vaga é</u>
255	<u>minha, é mesmo o, cara do céu só tem uma vaga e ela é minha!</u>
284	<u>com aquela situação ela perdeu a fé em Deus ela blasfemou ali naquele momento</u>
285	<u>pela situação que a gente tava passando e eu me preocupei muito apesar de não ser</u>
286	<u>uma pessoa religiosa falei: - mulher para com isso, vamos dar graças a Deus que</u>
287	<u>nos tamo vivo que nós não estávamos em casa quando isso aconteceu que nós não</u>
288	<u>fomos feito de refém</u>
339	<u>aí ele: - tu conseguiu meu filho, tu conseguiu me abraça, me abraça e poxa, tu</u>
340	<u>passou foi em primeiro e me deu aquele abraço e eu recebi e aquilo foi um balsamo</u>
341	<u>na minha alma cara não tava nem acreditando era um sonho</u>

## NOEP 4

31	<u>mas ela era ordinária e não gostava de gastar o dinheiro dela não, principalmente,</u>
32	<u>com menino que não era filho dela(risos).</u>
34	<u>todo santo dia a veia dava uma surra em nós, as vezes até eu não sabia porque que</u>
35	<u>eu tava apanhando (risos), mas ela batia assim mesmo porque se um apanhasse</u>
36	<u>todo mundo tinha que apanhar, mas também não reclamo não porque aquelas tacas</u>
37	<u>foram sagradas, porque esses meninos de hoje em dia que não apanha, não respeita</u>
38	<u>ninguém, isso é fato.</u>
61	<u>Dei graças a Deus quando eu inteirei 18 ano pra mim entrar no exército,</u>

85	aí eu chegando em Goiânia, muito difícil ali no começo dos anos 80/82 final de 82
86	<u>começo de 83 a situação tava dificultosa assim pra arrumar emprego e tinha sim</u>
87	muito emprego, mas de vendedor e <u>eu não sei vender nada pow</u> , e também não
88	sabia fazer nada porque apesar de eu trabalhar com a minha tia eu trabalhava no
89	comércio atendendo, repondo mercadoria
116	aí eu descobri já muitos anos depois que ela tinha botado dinheiro dela na popança
117	<u>e que (risos) eu sempre falo que a mulher quando completa os quarenta anos perde</u>
118	<u>o juízo(risos)</u> , e aí quando ela chegou nos quarenta anos essa mulher lascou o pau
119	a namorar menino novo
136	e eu fiquei pensando <u>meu Deus o dinheiro que eu tenho não dá pra pagar uma</u>
137	<u>passagem pra nenhum lugar</u>
141	eu disse que era melhor porque ali não dava pra ficar mais, porque senão eu ia
142	matar aquele cidadão que batia todo dia na minha irmã [...] que é viva até hoje, <u>mas</u>
143	<u>graças a Deus o marido dela já morreu e eu acho que morreu de tanto bater nela.</u>
144	

### 7.2.7 Objetividade

Um evento objetivo é aquele que se torna conhecido do narrador por meio da experiência dos sentidos. Um evento subjetivo é aquele em que o narrador é informado através da memória, da reação emocional ou na sensação interna. (LABOV, 1997, p. 14). Em outras palavras, nas NOEP, a riqueza de detalhes passada pelos E-N ao seu interlocutor ouvinte possui a subjetividade como comprovação daquilo que está sendo dito, realçando as condições necessárias para que a narrativa transmite suas experiências ao ouvinte e também a descrição e riqueza de detalhes que vão garantir a veracidade dos relatos, já que foram vividos pelos próprios narradores.

#### NOEP 1

Na primeira NOEP, notei que o enunciador narrador é bem direto na sua narrativa, e pude perceber também que quando ele recorria às memórias para relatar alguns eventos de sua biografia ocorria expressões de raiva, choro indignação, principalmente, quando lembra de como tudo aconteceu no garimpo. Nessa história, há também a subjetividade, mas para comprovar os fatos ocorridos.

### NOEP 2

Na segunda narrativa, a objetividade é muito presente, pois os fatos narrados pela enunciativa narradora são descritos com uma certa seriedade convencendo o ouvinte de que os seus relatos são genuínos, como afirma Ferreira Netto (2008) A transferência da experiência de um evento aos ouvintes ocorre na medida em que eles se conscientizam de que isso passa a ser sua própria experiência, e isso pode ser observado como por exemplo no momento do parto da narradora, pois naquelas sentenças ela consegue transferir aquele momento de angústia e sofrimento que passou naquele circunstância da sua vida.

### NOEP 3

Nessa NOEP, o narrador consegue manter o turno de fala por mais tempo por empregar uma linguagem mais objetiva e direta, atingindo em seu relato a credibilidade necessária para transferir suas experiências.

### NOEP 4

Nessa narrativa, o E-N consegue expressar em vários momentos a credibilidade necessária para transferir suas experiências, apesar dele narra os acontecimentos de sua biografia, às vezes, com uma certa ironia. Ele também em alguns fatos é bem direto e não expressa maiores detalhes dos eventos, e entendo, até certo ponto, pois em algumas circunstâncias na gravação ocorrem pausas bastantes longas, portanto, entendo que alguns desses eventos mexem bastante com E-N.

Ao final da análise das narrativas, constatei que elas possuem em seus *corpus*, o modelo que Labov (1997), Ferreira Netto (2008), Hanke (2003) e Couto e Vegini (2014), utilizam em suas teorias, ou seja, elas possuem o eixo formal que compreende o resumo, orientação, ação complicadora e coda. E o eixo funcional, que é composto pela avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição de elogio e da culpa, ponto de vista e objetividade, isto é, elas são genuinamente narrativas orais de experiências pessoais. Além do mais, os enunciadores narradores conseguiram organizar seus relatos de forma coesa e coerente, ordenando os eventos na medida em que a história estava sendo contada, como afirma Labov (1997).

### 7.3 INTERPRETANDO A MEMÓRIA INDIVIDUAL

Para realizar a análise individual dos participantes voltei-me para os teóricos Halbwchs (2006) e Ferreira Netto (2008), pois a meu ver foram os que melhores me deram respostas para examinar o meu corpus de análise com propriedade. Halbwchs (2006, p. 72), afirma que para “evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade”. E isso eu pude constatar nas NOEP dos participantes, pois todos ao recordarem suas lembranças recuperadas de suas memórias individuais a respeito de todas as dificuldades para se estabelecerem aqui em Porto Velho, estabelece um ponto de referência determinado pela sociedade. E, ao resgatarem suas experiências vividas através da memória individual, eles descrevem, respectivamente, a realidade que viram e sentiram:

NOEP01(linhas 26-8)

*[...] aí chegamos aqui em Porto Velho em 1987, aí quando foi em 89 meu pai morreu, aí nos ficamos rodados aqui eu, minha mãe e minhas duas irmã sozinhos sem parente, sem aderente, sem nada, minha mãe não tinha condições de criar nós, [...]*

NOEP02 (linhas 137-142/153-6)

*[...] e cheguei finalmente aqui e já cheguei em meio a um temporal, aquela coisa, olhei pra baixo só mato aquela coisa assim muito verde, eu falei meu Deus, que lugar é esse, que lugar é esse olha aí muita árvore, muita coisa, quando cheguei no aeroporto meu irmão estava me esperando foi me busca pra me levar lá pra casa da minha tia na zona sul, [...] já tinha uma amiga que tinha vindo antes que me acolheu também, e aí me buscava na casa de minha tia, nós saía pras boates me mostrando a cidade, me levou na Pinheiro Machado na Calçada da Fama né, que era considerada. [...]*

NOEP04 (linhas 186-7/190-3)

*[...] assim foi toda a minha caminhada até eu conseguir chegar em Porto Velho, pedindo carona e trabalhando por uma refeição [...] antes uma viagem dessas demora uns 15 dias pra fazer porque a estrada era ruim demais, mas eu consegui cheguei na Rodoviária de Porto Velho eu e minha mochila que eu chamava de mocó. Cheguei na rodoviária fiquei olhando, [...]*

A chegada desses participantes na cidade de Porto Velho ocorreu em momentos diferentes, o E-N 1 chegou na década de 80, mas ainda era criança e só lembra das dificuldades que passou junto da mãe e da irmã pelo fato de o pai ter falecido. O E-N 2 chegou na cidade em 2013, momento de maior desenvolvimento tanto estrutural da cidade como econômico

devido as Usinas Hidrelétricas estarem quase concluídas e o grande fluxo dos imigrantes haitianos. O E-N 4 chegou na cidade na década de 80 também, mas já adulto e vivenciou e sentiu como era difícil o percurso para chegar aqui em Porto Velho e vivenciou também um programa do governo que oferecia moradia e trabalho para os migrantes:

NOEP04 (linhas 193-204)

*[...] Cheguei na rodoviária fiquei olhando, na hora que eu pisei na calçada da rodoviária tinha uma Kombi com o nome nela “Governo do Estado de Rondônia” e me perguntaram o senhor é migrante? E eu disse: - sou, acabei de chegar em Porto Velho, pois então venha cá assinar aqui, vem de onde? Aí eu disse que vim do Maranhão [...] mandaram eu assinar uns papeis lá e disseram que eu tinha uma semana de diária de hotel paga, aí me levaram no hotel, [...] Eu achei incrível, aí disseram assim, olha a manhã de manhã 8:00 horas a gente passa aqui pra lhe pegar pra ir trabalhar, [...]*

Cada participante que foi indagado sobre contar a sua história de vida e tiveram que resgatar esses momentos da memória individual, assim se expressaram acima para descrever a realidade que viram e sentiram. E, para as dificuldades que cada E-N passou, nas narrativas encontrei pontos de referências, tais como: dificuldade em arrumar emprego, lugar para deixar as crianças, falta de costume com a natureza, estradas esburacadas e de difícil acesso.

### 7.3.1 Interpretando a Memória Coletiva

A memória é um elemento individual constituído no coletivo, ou seja, as memórias individuais são fragmentos da memória coletiva. A par disso, ao analisar as NOEP, observei que elas foram construídas através das relações de convivência nos diversos espaços sociais de onde cada participante viveu até chegar em porto Velho. Portanto, ao fazer essa análise percebi que foram esses fragmentos que me permitiram realizar a imagem de cada participante em relação a época em que cada um chegou e, posteriormente se reestabeleceram. O narrador 1 quando chegou para morar de vez em porto Velho tinha 11 anos, teve vários empregos, mas o relato que ele faz sobre o garimpo mescla memórias individuais e coletivas ou, nos termos de Ferreira Netto (2008, p. 50) ocorre um “amalgamento das lembranças”, pois a sucessão delas, mesmo as mais individuais, foram explicadas a partir das mudanças que ocorreram nas relações comunicativas com os diversos ambientes coletivos (HABWACHS, 2006, item 2.1, p. 45).

NOEP01 (Linhas 102-29)

*[...] o Bolsonaro assinou pra acabar com o garimpo ilegal ele não fez nada de errado ele só cumpriu com o que já vinha sendo feito no passado só que como ninguém conseguiu legalizar*

*não tinha direito nenhum, aí chegaram e explodiu. Só que eles não enxergam uma coisa, eles não enxergam tipo eu aqui tenho minha casa na capital, tenho minha família que mora aqui também, mas lá é uma tradição que passa de pai pra filho, de filho pra neto, é uma tradição dos ribeirinhos, isso aí se acontecesse de todo mundo morar em Porto Velho ia entrar num clima de ladrão porque muita gente ficou desempregada, muitas famílias, sabe qual era a covardia, eles chegavam com nós em cima da balsa e dizia: - vocês tem dez minutos pra tirar o que puderem e desocupar a balsa, agora sai, agora sai. Se alguém fosse falar eles pegavam o spray de pimenta e xi, xi, xi na gente, então tu saía catando o que tu pudesse dentro da balsa. Um sonho que é uma casa dentro da balsa, porque tem muita gente que mora assim, aí tinha fogão, geladeira, cachorro, gato tudo em cima, crianças que nasceram lá tiveram que sair pro barranco só com o que tinha conseguido pegar, que na maioria das vezes era só as roupas o que podia resgatar colocava nos sacos e ficava na beira do barranco, eu ficava olhando eles ia lá colocavam as dinamites puxa o fio e explodiam tudo dentro de dez minutos as balsa estavam tudo explodidas o que era o meio de sobrevivência de muita gente, o que tem de gente passando fome lá em São Carlos e Nova Aliança, outros já foram pra Humaitá, Manicoré que a maioria é tudo ribeirinho, aí, então eles explodiram um sonho e uma tradição dos ribeirinhos porque isso aí já vinha a muitos anos o pessoal desse mesmo jeito, destruiu sonho ali de pessoas que vão ter que voltar pra pesca, pro cultivo de banana e vão ser pé inchado de cachaça, de favelinha de sitiozinho. Só sei que foi um pesadelo o dia 12/10/2022 de manhã, cedo já chegou helicóptero, tanta covardia eles soltavam bomba de gás em nós, o helicóptero soltava gás que nem chuva em cima do povo, pro povo sair das balsas, o pessoal chorando, era muito desespero. [...]*

Embora, seja uma lembrança arquivada em sua mnemônica individual, esse evento possui características coletivas, pois esse fato só ocorreu porque ele estava inserido em um determinado tempo, espaço, ou seja, em um contexto social e cultural específico, isto é, as circunstâncias e os instrumentos que citou faziam sentido. Assim, não preciso fazer uma entrevista com muitos garimpeiros para saber se o que aconteceu marcou não só a vida de quem presenciou esse ocorrido mais também dos profissionais da área. Portanto, em seu relato existem fragmentos da mnemônica coletiva de grupo social e cultural, próprios das pessoas que desempenham essa função de garimpar. Logo, é nessa relação entre individual e o coletivo que se reconstitui a memória.

Os E-N também recorreram as suas memórias individuais para relatarem eventos drásticos, comumente experienciados por pessoas que viveram em um contexto semelhante, presentes, portanto, na mnemônica coletiva. O E-N 1 relatou a morte de um ente querido e a

relação com o padrasto; o E-N 2 falou de como era a rotina quando era criança no Nordeste e a submissão que a mãe tinha perante o pai; o E-N 3 contou o furto que sofreu; e o E-N 4 relatou a propaganda que viu na televisão para ser garimpeiro em Rondônia.

NOEP01 (linhas 26-8/44-6)

*[...] aí chegamos aqui em Porto Velho em 1987, aí quando foi em 89 meu pai morreu, aí nos ficamos rodados aqui eu, minha mãe e minhas duas irmã sozinhos [...] eu passei uma humilhação por conta de padrasto, tipo padrasto me chamar de vagabundo dizendo dessa idade dentro de casa ainda sem trabalhar e tal e eu com os meus 18 anos de maior era humilhado [...]*

NOEP02 (linhas 13-20/236-240)

*[...] mas por nós sermos umas pessoas assim bem religiosas, nós éramos religiosos, dificilmente uma pessoa que é nascida e criada no Nordeste ele não vai ser religioso, porque isso já é de berço, a religião já é impregnada né, o cristão e tal, gente lá é ensinado a ser religioso no catolicismo, lá a gente tem que ser assim, eu estudava em colégio de padre de segunda a sexta e sábado tinha aula de religião e catecismo e no domingo tinha que ir pra igreja, era sagrado, minha rotina, com nove anos eu fazia leitura na igreja lotada [...] minha mãe estudou até a 5º série quis mais ir pra frente, quando conheceu meu pai né, casou com 16 anos quis estudar pra ser uma professora se formar porque na época era o que as meninas queriam ser né, mas o meu pai por cultura machista, ignorante falou que mulher dele não estudava, não saía de casa pra ir pra escola [...]*

NOEP03 (linhas 268-271)

*[...] aí chegando na nossa casa que faltava uns 40 metros que foi quando eu olhei eu não quis nem acreditar que minha casa tava aberta a casa tinham feito a mudança levaram tudo, só ficou a geladeira e a cama o resto levaram tudo [...]*

NOEP04 (linhas 170-2)

*[...] aí disse eu quero ir pro Norte que eu vejo na televisão umas propagando dizendo que em Porto Velho tem ouro em qualquer lugar e eu quero ir pra lá garimpar, quero ganhar muito dinheiro com ouro [...]*

Como mencionado na introdução desse trabalho essas lembranças foram recuperadas através da pergunta disparadora: Conte-me sua história de vida? E essa pergunta possibilitou aos E-N rememorem o passado no presente, selecionando os eventos que consideraram importantes exteriorizarem.

#### 7.4 Interpretando a Cultura dos participantes

As narrativas orais de experiências pessoais que integram esta pesquisa, provêm da biografia dos enunciadores narradores. Portanto, elas são resultado do que eles aprenderam e/ou se transformaram enquanto sujeitos de uma época, ou seja, as culturas que fizeram parte. E conforme mencionado na seção seis, “o uso sem controle da noção de cultura provoca uma confusão conceitual”, ou seja, esse termo possui uma multiplicidade de sentidos (CUCHE 1999, p. 204). Para fins desta análise, me apoiarei nos estudos sobre cultura com os teóricos: Edward Tylor (1871), Cucho (1999), Laraia (2001) e Morin (2007).

A cultura, de acordo com Edward Tylor (1871) é um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, os direitos, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade, para Laraia (2001) cultura é todo o comportamento aprendido e transmitido no convívio humano e Morin (2007) enfatiza que a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração para geração e se reproduz em cada indivíduo, controlando a existência da sociedade e mantendo a complexidade psicológica e social. Em outras palavras, cultura é uma forma ou maneira de um grupo humano viver a vida diariamente, ou seja, nossos hábitos, comportamentos, modos de pensar, de agir, de se vestir, de construir casas, de caminhar, de comer, de rezar, isto é, vai variar de acordo com a cultura em que estamos inseridos.

Dessa maneira, ao cotejar esses conceitos as NOEP em análise pude observar que o Estado de Rondônia é formado por migrantes e filhos de migrantes oriundos de diversos Estados brasileiros. O E-N 1, veio do Amazonas, o E-N 2, veio do Maranhão, o E-N 3, é filho de nordestino e o E-N 4, veio do Piauí. Cada um dos migrantes trouxe uma cultura da sua região de origem, e conseqüentemente, devido à nova realidade e as novas ocupações a que foram submetidos, deixaram parte dessa cultura para trás e mesmo o filho de migrante, pois este teve contato com a sua cultura regional e com a cultura inserida pelo seu pai, imagino eu.

O E-N 1, quando chegou em Porto Velho para morar de vez, tinha 11 anos de idade (Linhas 37, 38). Ele relata que veio por motivos de seu pai não conseguir ter uma relação de boa convivência com a família de sua mãe. Entretanto, essa morada na capital durou pouco tempo, pois seu pai morreu. Com a morte de seu pai ele teve que retornar para Manaus e morar com a tia até que sua mãe tivesse condições de criá-lo, segundo ele, essa ideia no começo não o agradou, mas com o tempo ele se acostumou com a nova morada, pois como o enunciador mesmo afirma ele gostava de morar no meio das “bibocas”.

Nessas linhas consigo enxergar claramente o que o Larai (2001) afirma em relação ao se adaptar ao novo contexto social em que se está inserido, pois naquele momento o enunciador narrador teve que se adaptar à nova realidade imposta a ele, logo ele absorveu características culturais da localidade onde estava morando.

NOEP01 (linhas 26-38).

*[...]quando foi em 89 meu pai morreu, aí nos ficamos rodados aqui eu, minha mãe e minhas duas irmã sozinhos sem parente, sem aderente, sem nada, minha mãe não tinha condições de criar nós, de cuidar de nós e trabalhar, foi quando marcou minha infância. Ela voltou na cidade dela, em Guari, e deixou eu e minhas irmãs com minha tia e voltou pra cá pra Porto Velho para poder se estabilizar, porque não tinha como ela trabalhar e cuidar da gente, aí pegou ficou trabalhando se resgatou, se recuperou financeiramente, começou a trabalhar, montou um restaurante já tava com um fusquinha, aí ela voltou lá pra busca nós, aí foi a hora que marcou porque quando ela voltou lá eu já tava acostumado em morar em Guari no interior, lá no meio das bibocas mermo, marrapaz eu não queria mais ir embora dali não, eu queria ficar por ali, aí com uma longa briga e isso eu já tava com 11 anos, [...]*

Observando essa passagem, fica claro que o retorno para Porto Velho foi muito difícil, devido ter que se readaptar em outra cidade. Quando completou 19 anos, o E-N 1 relata os empregos que teve para conseguir sobreviver. O primeiro, foi de açougueiro no mercado Super10, que ficava localizado na rua amador dos reis, bairro Tancredo neves, Zona Leste da capital, onde trabalhou dez anos, até perceber que não tinha qualidade de vida, visto que, não conseguia ter tempo para socializar até mesmo com os familiares o que o levou a pedir demissão. O Segundo emprego, ocorreu com o surgimento das Usinas Hidrelétricas do rio Madeira, neste emprego ele trabalhou como pedreiro e ficou até os seus pulsos não aguentarem, pois, devido ter trabalhado tanto tempo como açougueiro adquiriu uma doença nas munhecas (linhas 46-56/70-8).

Todos esses trabalhos vivenciados pelo narrador demonstram que ele esteve em vários meios sociais, então, ele teve contado com regras, saberes e costumes, proporcionando para ele a cada novo emprego a política da boa convivência, ou seja, para ele permanecer nesses ambientes ele teve que se readaptar e adquirir a cultura de cada lugar em que permaneceu enquanto trabalhava.

Depois de um bom tempo desempregado o E-N, foi trabalhar no garimpo que estava localizado no Mucuim perto de São Carlos, nesse novo emprego, houve uma nova esperança de dias melhores, uma vez que, ele estava recebendo um bom dinheiro trabalhando como garimpeiro (linhas 82-5). Porém, esse emprego teve um impacto social muito grande, tanto no

E-N, quanto nos trabalhadores que ali estavam, o garimpo era ilegal. Entretanto, como o enunciador mesmo afirma houve um momento em que os políticos quiseram legalizar essa forma de trabalho, no entanto, apesar de terem todo o suporte para a regularização os ribeirinhos não conseguiram realizar a regularização e achavam que estava tudo bem, porém, com a posse do novo presidente da República Jair Messias Bolsonaro, o garimpo ilegal estava totalmente proibido (linhas 90-105). Com essa proibição, os garimpeiros não tiveram mais escolhas e nem tempo para conseguir a regularização, e a forma trágica que tiveram que receber essa notícia mudou a vida de muitas pessoas, tendo em vista que, não houve um aviso prévio, somente a explosão de todas as balsas que estavam trabalhando na ilegalidade. E as consequências dessa ação, obrigou muitos garimpeiros e famílias inteiras a viverem uma nova realidade, dado que, muitos tinham construído casas na própria balsa

NOEP01(linhas 106-129).

*[...]o Bolsonaro assinou pra acabar com o garimpo ilegal ele não fez nada de errado ele só cumpriu com o que já vinha sendo feito no passado só que como ninguém conseguiu legalizar não tinha direito nenhum, aí chegaram e explodiu. Só que eles não enxergam uma coisa, eles não enxergam tipo eu aqui tenho minha casa na capital, tenho minha família que mora aqui também, mas lá é uma tradição que passa de pai pra filho, de filho pra neto, é uma tradição dos ribeirinhos, isso aí se acontecesse de todo mundo morar em Porto Velho ia entrar num clima de ladrão porque muita gente ficou desempregada, muitas famílias, [...]*

No momento das explosões das balsas ocorrem diversas manifestações de demonstração de cultura, pois o E-N vai relatando que os costumes ali vinham de outras gerações e que acabar com aquele garimpo era acabar com uma comunidade inteira. Portanto, vi nesse relato momentos de angústias de pessoas que não sabiam o que fazer, pois tudo o que conheciam e tinham estava sendo destruído causando um desespero generalizado, uma vez que, o garimpo deixaria de existir e as pessoas que moravam ali teriam que adquirir novos costumes, saberes, artes, ou seja, teriam que aprender outras formas de viver a vida diariamente.

Para Laraia (2001, p. 45) O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam, ou seja, o ser humano consegue absorver todo o conhecimento em que é lido passado, além de conseguir também ingerir o meio social em que é inserido. E eu pude perceber essas características da cultura também na NOEP da E-N 2. Ela veio de São Luiz, capital do Maranhão, e estava recém desempregada. Ao chegar em Porto Velho, a sua vida passou por inúmeras transformações, conseguiu um emprego, alcançou o nível superior e tem uma união estável.

Aos 33 anos chegou em Porto Velho, influenciada pela tia que afirmava que a capital era um lugar de muitas oportunidades e que a E-N não ficaria sem emprego. Outra motivação foi dois de seus irmãos já morarem na capital há alguns anos (linhas 99-112). Entretanto, apesar de muitas motivações para vir para Porto Velho, a E-N tinha suas inseguranças e receios, pois achava o lugar longe e tinha um filho que dependia dela, porém, se convenceu que deveria conhecer essa capital em que todos falavam. Com a sua chegada, o seu primeiro impacto cultural foi com o espaço geográfico em que a cidade estava localizada, uma vez que, segundo a narradora afirma que há uma diferença enorme entre as capitais do Nordeste e a capital de Rondônia.

NOEP02 (linhas 137-150).

*[...]primeira vez na minha vida andando de avião sempre viaja, mas pelo interior do Maranhão, e cheguei finalmente aqui e já cheguei em meio a um temporal, aquela coisa, olhei pra baixo só mato aquela coisa, assim muito verde, eu falei: - meu Deus, que lugar é esse,? Que lugar é esse, olha aí muita árvore, muita coisa,? Quando cheguei no aeroporto meu irmão estava me esperando foi me busca pra me levar lá pra casa da minha tia na zona sul, e assim no primeiro momento o impacto não foi legal de Porto Velho né, não foi, a primeira impressão não foi legal, meu Deus, que lugar é esse totalmente diferente de quando a gente vem de uma capital do nordeste de você morar e conhecer porque as capitais do nordeste elas são, eu te falo, elas são lindas, lindas demais, só não tem emprego, trabalho, e você pra tá em uma capital dessas você tem que ter recurso porque é tudo muito caro, muito caro não tem remuneração, assim o salário é muito baixo se aqui um salário custa \$ 1.302 reais lá eles querem te pagar bem menos sabe, mas assim em questão de beleza as capitais de lá ganha.[...]*

Após a sua adaptação ao novo ambiente, afirmando o que Tylor e Laraia dizem, pois a adaptação de uma pessoa em uma nova morada é a absorção dos costumes, dos saberes, das regras, ou seja, essa narradora adquiriu a cultura de Porto Velho. Mais tarde, conseguiu um emprego antes de completar os 30 dias que havia programado para ficar na cidade. E, para sua surpresa o salário era muito bom, considerando que em seu relato ela afirma que se sentiu rica aqui em Porto Velho, pois nunca pensou em receber tão bem assim com apenas o ensino médio (linhas 156-173). Outra adaptação cultural que ocorreu na vida da E-N, foi em relação aos estudos, pois segundo ela, no maranhão, não tinha incentivo dos pais para cursar uma graduação e teve todo o incentivo e suporte para ter o nível superior quando conheceu o seu atual marido, que é natural de Porto Velho e filho de professores concursados, então, ele conseguiu mostrar pra ela que era necessário ir além do ensino médio para conseguir obter uma estabilidade financeira (linhas 205-232).

Diferente dos outros narradores, o E-N 3 é filho de pai migrante do Nordeste, no entanto, ele possui suas próprias características culturais, começando, com a educação que ele recebeu diferente do meio social onde morava, que era na Zona Leste de Porto Velho e a época em que estavam vivendo (linhas 18-21/91-8). Os pais do E-N sempre priorizavam a educação para conseguir vencer na vida, mas ele decidiu ir pelo caminho em que sofreu muitas divergências da vida. Como ele mesmo afirma, se deixou influenciar pelo meio, mas sofreu as consequências. A primeira adaptação cultural que o narrador sofreu foi com o seu primeiro emprego, uma vez que, trabalhava de servente de pedreiro e o meio, segundo ele, não condizia com o que ele tinha sido criado para viver (linhas 120-131/158-166). Segundo, as consequências de estar tão adaptado ao meio social em que vivia, ou seja, na chácara como caseiro que não se sentia capaz nem de entender um edital de concurso público.

NOEP03 (linhas 220-9).

*[...]quando foi no outro dia eu fui na área urbana da cidade comprar não me lembro o que e eu entrei na cidade de Candeias e eu falei: - cara essa cidade de Candeias só é pequena né mas olha o fluxo de gente nessa cidade, e aí a mulher do caixa falou assim: - não, é porque tá tendo um concurso público aqui, aí vem muita gente de Porto Velho fazer, aí eu disse assim: - como assim? E ela me deu o endereço e eu fui lá, cheguei lá eu peguei o edital, não sabia nem ver direito as profissões já tava bem ultrapassado nessa questão, muito envolvido com aquele trabalho né, então você vai ficando pra trás, vai ficando desatualizado, e aí eu peguei o edital e uma colega minha que tinha terminado o ensino médio comigo me auxiliou disse as vagas que tinha e tal o que eu fiz não tinha o dinheiro pra fazer a inscrição peguei a bicicleta fui pra Porto Velho pedir o dinheiro emprestado. Consegui, voltei em Candeias fiz minha inscrição, [...]*

Essa adaptação ao meio social em que este E-N esteve inserido, desconstruiu os costumes, modo de vestir, de falar e de viver a vida socialmente que os seus pais lhe haviam ensinado, ou seja, ele foi moldado a viver a vida em um ambiente urbano, mas devido as peripécias da vida acabou tendo que ser adaptado ao meio social em que teve oportunidade de emprego para poder sustentar a família, logo, percebo que não interessa o meio ambiente em que iremos viver, pois acabamos adquirindo características e absorvendo tudo que nos cerca. Porque em seguida, ele consegue se readaptar com a mudança de vida, pois precisaria estudar para o concurso, então teve que largar o emprego de caseiro e, por fim, viver em um ambiente social urbano, tendo em vista que, a sua nova realidade de vida era na zona urbana, pois ele passou no concurso público e iria ter contato com outras pessoas e ambientes sociais.

Na NOEP 4, os aspectos culturais iniciam com o costume da época em que o E-N nasceu, pois como ele mesmo afirma, foi doado para a madrinha porque na década de 60 era comum os pais doarem seus filhos para parentes criá-los (linhas 05-15). Em seguida, tem a tentativa de voltar para a casa dos pais, mas como o estudo naquele tempo era algo que poucos conseguiam usufruir ele não encontrou apoio para retornar.

NOEP04 (linhas 39-53).

*[...]Então, eu cheguei na casa de meu pai e ele viu o filho dele homem né, porque lá ela forjou um homem né, porque lá ela cobrava bastante, então a gente tinha responsabilidade, acordava cedo e já caçava o que fazer, então eu cheguei na casa de meu pai e ele é dono de terra tinha muito gado naquela época ele tinha muita criação: gado, bode, ovelha, cabra, égua, cavalo porque ele tinha muitas terras lá no Piauí, então, durante o tempo que passei lá na casa do meu pai que foram quinze dias quando amanhecia eu ia direto pra roça caça o que fazer e como eu não tinha tempo de ficar observando as conversas, quinze dias depois pra minha surpresa porque eu tinha fala pro meu pai e minha mãe que eu queria ficar lá com eles não queria voltar, mas aí no último dia dos quinze dias fizeram uma festa lá muito bonita e no meio da festa o meu pai pediu a atenção de toda a família e disse que tava muito feliz com o filho que tinha e que naquele dia aquela festa era em minha homenagem porque eu ia retorna pra continuar os estudos porque eu ia ser doutor, aí lógico a família apoiou e me mandaram de volta, e aí eu voltei pro meu inferno, porque pra mim morar com a minha madrinha era o inferno, mas a minha família não me apoiou e eu tive que voltar, e voltei a contragosto[...]*

Pensando na década de 60, e como era difícil os estudos, como uma família não apoiaria um filho em se tornar doutor. Esse costume relatado pelo E-N, causa uma certa estranheza na nossa época, e no nosso modo de pensar e agir, ou seja, na cultura em que estamos inseridos atualmente, tendo em vista que, a medida em que o tempo passa o modo de pensar também muda, conseqüentemente as culturas também vão mudando. Portanto, fica claro que algumas culturas vão se perdendo ao longo do tempo dando espaços a novas culturas.

Nessa narrativa percebi que o E-N esteve em contato com diversas culturas, uma vez que, saiu de sua terra natal Floriano, foi para Imperatriz depois para Amapá, sem seguida, Belém, Goiânia, Campo Novo, até que finalmente se estabilizou em Porto Velho (linhas 02, 09, 70, 74, 85, 170, 192), portanto, é inevitável que ele tenha carregado consigo alguns fragmentos mesmo que inconsciente desses lugares que passou. Logo, a sua narrativa consegue revelar traços culturais de cada lugar em que esteve. Tendo em vista que, ele acompanhou não só o modo de viver de cada localidade, mas também acompanhou o avanço tecnológico a cada

geração, por isso narrativas como esta merecem serem estudadas para registrar e preservar a história da humanidade.

Um dos signos e significados criados pelo homem que eu também percebi nas NOEP está relacionado com a fé, pois os E-N utilizam da religião, frequentemente em seu cotidiano seja para agradecer e/ou pedir bençãos, constituindo conseqüentemente nas narrativas um dos aspectos de sua cultura.

#### 7.4.1 Interpretando a Identidade Cultural

Na subseção 6.1, apresentei alguns conceitos referente a identidade cultural, utilizando como teóricos base, Hall (2001) afirmando que a essência do termo identidade que antes estabilizava o mundo social, se encontra em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Bauman (2005) diz que nos tornamos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como agem e a determinação de se manter firme a tudo isso, são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. E, é diante desses conceitos que passo a analisar esses aspectos contidos nas narrativas orais de experiências pessoais dos meus participantes. Conforme mencionado anteriormente, parte dos E-N vieram de outras localidades do Brasil, portanto, ao chegarem em Rondônia, receberam e compartilharam diversas experiências. E essa capacidade de mudança do sujeito concorda com o que Hall (2001) e Bauman (2005) acreditam, pois quando a identidade do sujeito se torna fragmentada, ela acaba abrindo um leque de possíveis identidades que uma pessoa pode adquirir inconscientemente ou conscientemente no decorrer de sua vida. O E-N 1 por exemplo, relata que aos 11 anos teve que vir para a capital, morar com a mãe quase que forçadamente, pois segundo ele afirma que gostava muito de morar em Guari, interior de Manaus, ou seja, ele já tinha construído uma identidade cultural naquele lugar, entretanto, ao vir para Porto Velho teve que ser fragmentado para se readaptar, ou seja, nessa nova cidade com o passar dos anos e suas experiências, ele obteve várias identidades, como por exemplo a de pai, marido, açougueiro, pedreiro, garimpeiro, entre outras (linhas 55-63/71-3/82-3).

Na narrativa do E-N 2, há alguns momentos em que sua identidade cultural precisou ser transformada para que houvesse novas identidades pessoais. E uma das primeiras transformações a ser apresentada acontece com o próprio crescimento da narradora, pois quando criança ela diz que era muito religiosa e que a religiosidade era algo imposto pelos pais,

porém com o seu crescimento e também a mudança para a capital do Maranhão houve o estreitamento com esse laço religioso, logo, ela adquiriu novas identidades, como por exemplo: amiga,

esposa, mãe, trabalhadora, enfim (linhas 51/67-73). Outra mudança que merece destaque para essa E-N, está relacionada com o seu atual marido, pois ela afirma que no Maranhão só lhe foi ensinado que você terminado o ensino médio, pronto, terminou os estudos, mas aqui em Porto Velho o seu marido, conseguiu quebrar essa solidez cultural que ela carregava consigo, mostrando que ela poderia ir mais além, portanto, houve essa ruptura no seu sujeito para uma nova identidade cultural (linhas 200-217).

Na NOEP 3, percebi que a identidade do E-N foi sofrendo transformações, ou melhor, ele foi agregando outras identidades, conforme as mudanças ocorridas em seu ambiente. E isso pode ser observado nos trechos em que ele, primeiro, precisou ser o suporte da casa para seus pais poderem conseguir alcançar uma estabilidade profissional (linhas 13-16), em seguida, teve que ter responsabilidades, pois adquiriu uma família (linhas 166-173) e depois houve uma mudança em sua identidade cultural para que houvesse a mudança de vida que ele tanto almejava, isto é, ele se considerou, filho responsável, servente de pedreiro, marido, pai, caseiro, estudante e atualmente funcionário público.

O E-N 4 sofreu muitas transformações no decorrer de sua vida, pois ele já atravessou muitas décadas, tendo em vista que, tem 62 anos. Portanto, em sua trajetória de vida como eu pude perceber ele acumulou muitas identidades culturais até mesmo pelo seu histórico de lugares que morou, isto é, ele a cada nova realidade sofreu transformações e teve que se adaptar. Primeiro, em ter que ir morar com sua tia aos sete anos (linhas 05-10), segundo, entrar para o exército (linhas 60-1), terceiro, vender plano funerário (linhas 127-8), quarto, trabalhar de faz tudo para conseguir se alimentar (linhas 184-6) entre outras. Portanto, esse enunciador deixa claro em seu relato que ele teve que adquirir ao longo de sua vida muitas identidades para conseguir sobreviver a cada ambiente e realidade em que lhe era imposto.

Dessa maneira, essas diversas identidades assumidas pelos E-N vão na direção da afirmação de Hall (2014, item 2.3, p. 58) de que os sujeitos “são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas”.

#### 7.4.2 Analisando o Hibridismo Cultural

Como mencionado na subseção 6.2 o hibridismo cultural está ligado a diversos fatores, principalmente, a expansão urbana e ao alto número de migrações no decorrer dos séculos

anteriores. Nas NOEP analisadas eu pude perceber os dois processos de hibridização. O E-N 1, sofreu tanto com a desterritorialização, no momento em que se sentia pertencente ao interior de Manaus, quanto a reterritorialização, com a vinda para Porto Velho, onde adquiriu, nova cultura e identidades, ou seja, ele teve que se readaptar às questões socioculturais da sua nova realidade. Já a E-N 2, experienciou a expansão urbana, uma vez que, saiu de Pinheiro interior do Maranhão para a capital com a certeza de que esse era um sonho de criança que tinha que ser realizado, ou seja, a globalização já estava intrinsecamente ligada a ela. Nessa NOEP, também existe os processos relacionados com a desterritorialização e reterritorialização, já que, a E-N é migrante do Nordeste para a região Norte, ou seja, ela sentia-se pertencente a uma localidade, mas por questões maiores, migrou para outro território e por ficar muitos anos nessa nova realidade, adquiriu consciente e inconsciente aspectos culturais e identitários, passando pelo processo de hibridismo cultural. Na NOEP 3, diferente das demais, o modo de hibridização do E-N 3, ocorreu por meio do trabalho, pois com a responsabilidade de ter adquirido uma família ele precisou trabalhar para levar o sustento para casa, então, por mais que ele se sentisse pertencente no mundo em que o estudo era a única porta que levava para o sucesso, foi no trabalho braçal que ele teve seu processo de hibridização, isto é, ele saiu da cidade para o interior, o que fez com que ele perdesse características urbanas e passasse a pertencer ao meio rural, pois como ele mesmo afirma o meio interfere 80% na vida do sujeito, então, com essa interferência o seu processo sociocultural ocorreu, na fala, na vestimenta e conseqüentemente no modo de vida.

Assim como na NOEP 2 o enunciador da NOEP 4, sofre tanto com o processo de desterritorialização, quanto com o processo de reterritorialização. O primeiro, ocorreu quando saiu de Floriano, interior do Piauí e percorreu diversas cidades experimentando da globalização, mesmo que por vontade contrária, tendo em vista que, ele não queria sair da casa de seus pais, mas mesmo assim houve essa experiência que o transformou em outro ser. O segundo, é perceptível com a migração do E-N do Nordeste para o Norte adquirindo consciente ou inconsciente aspectos culturais e identitários dessa região, até mesmo porque já fazem mais de 20 anos que ele reside na cidade de Porto Velho. Então, existe nele o sentimento de pertencimento ao Estado de Rondônia.

#### 7.4.3 Interpretando a Etnolinguística

Para a etnolinguística, houve a investigação dos relacionamentos entre a língua e visão de mundo, a partir do contexto em que a língua é produzida, analisando a sua adaptação ao contexto e seu poder de expressão, ou seja, é por meio da etnolinguística que é possível perceber

de que forma a visão de mundo de um grupo está relacionada às suas experiências. E nessas NOEP eu consegui visualizar a visão de mundo de cada participante, pois a partir da língua, eu consegui extrair informações como a realidade cultural de cada momento da vida dos quatro E-N, isto é, a linguagem é um símbolo utilizado pelos seres humanos em que se pode avaliar hábitos de um grupo, construindo, assim, uma realidade linguística. E para melhor exemplificar destacarei nas imagens abaixo as categorias e fases de cada participante.

NARRATIVA ORAL DE EXPERIÊNCIA PESSOAL – 1		
CATEGORIAS E FASES	EVENTOS	
CULTURA/ETNOLINGUÍSTICA	PAIS	Mãe indígena adotada e tirada da aldeia por uma família rica, pai migrante do Nordeste, vendedor do jogo do bicho. Não houve a aceitação do namoro, resultando em um namoro proibido que o fizeram fugir de casa para se casarem.
	INFÂNCIA	Nasceu em Manaus, mas logo foi morar em Fortaleza, depois de alguns anos, voltou para Manaus, mas só de passagem. Nos anos 80 veio para Porto Velho, com pouco tempo retornou para Guari, interior de Manaus, porque seu pai morreu e a mãe não tinha condições de criar ele e as suas irmãs sozinha.
	ADOLESCÊNCIA	Envolvimento com drogas e bebidas. Não terminou a educação básica.
	ADULTO/TRABALHO	Aos 19 anos, surgiu a primeira oportunidade de emprego, em uma casa de carne, que ficava localizada no bairro Tancredo Neves, trabalhou dez anos como açougueiro. Depois, em 2008 com o surgimento das Usinas do rio Madeira, fez um curso pela Odebrecht, e trabalhou como pedreiro bastante tempo, em seguida, adquiriu uma doença nos pulsos e não consegue mais exercer essa função, o que resultou em seu desligamento da empresa. Por fim, foi trabalhar em um garimpo ilegal, no Mucuím perto de São Carlos, mas também não teve êxito, pois por questões políticas e burocráticas o todas as balsas que trabalhavam ilegais foram explodidas, fazendo com que o E-N por mais que sinta muita dor, voltasse a trabalhar de pedreiro.

	CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA	Aos 19 anos, nasceu seu primeiro filho, o E-N relata que não teve nenhum relacionamento sério com nenhuma companheira mãe de seus filhos, fazendo com que a cada relacionamento nascesse uma criança, com isso ele teve dois filhos homens e uma filha mulher. Atualmente é casado há mais de dez anos, mas dessa relação não houve filhos.
	RESIDÊNCIA ATUAL	Mora em Porto Velho há mais de 20 anos, com 35 anos relata que voltou à sua cidade natal, mas apenas para visitar e matar a saudade. Afirma que o seu lugar é em Porto Velho e que não pensa jamais em sair dessa cidade.

NARRATIVA ORAL DE EXPERIÊNCIA PESSOAL – 2		
CATEGORIAS E FASES		EVENTOS
CULTURA/ETNOLINGÜÍSTICA	PAIS	Pais muito religiosos, o pai a princípio trabalhava viajando como motorista de ônibus, depois com a necessidade que a mãe sentiu para criar os filhos largou esse emprego e foi trabalhar na feira municipal de Pinheiro, a mãe por ser submissa ao marido estudou apenas até o quinto ano do ensino fundamental I, com isso para ajudar nas despesas da casa trabalhava fazendo faxina e lavando roupas pra fora.
	INFÂNCIA	Estudou em escola de padre até o quarto ano do ensino fundamental I, com nove anos de idade, sua rotina era, estudar de segunda a sexta, sábado tinha aula de religião e catecismo e no domingo fazia leitura da palavra na missa da igreja
	ADOLESCÊNCIA	Passou a ter mais contato com o pai, pois ele passou a trabalhar na Feira, então tinha mais tempo para ficar com os filhos e ajudar a mãe na criação deles.

	ADULTO/TRABALHO	Aos 19 anos saiu de Pinheiro, interior do Maranhão, para ir morar na capital, dividiu um apartamento com uma amiga e trabalhou em um salão de beleza. Com a vinda para Porto Velho, trabalhou na operadora Claro, depois conseguiu se formar em Serviços Sociais e atualmente é conselheira do CONECTICA e representante do conselho Estadual do CREAS.
	CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA	Quando foi morar em São Luís conheceu o seu primeiro marido e aos 22 anos engravidou, em pouco tempo houve a separação e conheceu outro rapaz, que teve um relacionamento de 11 anos. Com a vinda para Porto Velho, não teve como sustentar esse casamento a distância. Morando na casa de sua tia na zona Leste da cidade conheceu seu atual marido, depois de um ano juntos engravidou novamente e teve uma menina.
	RESIDÊNCIA ATUAL	Mora em Porto Velho há dez anos, aqui constituiu família, conseguiu se graduar, arranjou um emprego, e segundo ela, por mais que tivesse oportunidade para voltar para o Maranhão não voltaria, pois essa cidade lhe deu muitas oportunidades e ela se sentiu muito acolhida e amada.

NARRATIVA ORAL DE EXPERIÊNCIA PESSOAL – 3		
CATEGORIAS E FASES	EVENTOS	
CULTURA/ETNOLINGÜÍSTICA	PAIS	Pais jovens sem muitas experiências tiveram quatro filhos, e com muita luta e sofrimento, conseguiram através dos estudos a estabilidade e a vida que eles almejavam.
	INFÂNCIA	O E-N por ser o mais velho dos irmãos, relata que serviu de suporte para os pais poderem trabalhar, ou seja, ele ficava em casa cuidando dos irmãos para que seus pais trabalhassem, e foi assim a infância inteira até os pais conseguirem conquistar suas formações.
	ADOLESCENCIA	Na adolescência não houve muita mudança na rotina, pois os pais ainda tinham a necessidade de deixar o jovem cuidando dos irmãos mais novos.

ADULTO/TRABALHO	Aos 18 anos, prestou o vestibular e com a nota obtida não conseguiu ingressar na universidade, com isso sentiu-se decepcionado, e em vez de continuar estudando, aceitou a primeira proposta de emprego que surgiu, que foi de servente de pedreiro, em seguida, já envolvido nesse mundo da construção civil, acabou indo morar em Candeias do Jamari para trabalhar de caseiro em uma chácara, após se sentir humilhado pelo seu patrão que também não pagava o seu salário como o combinado, viu as portas serem abertas com um concurso público que aconteceria nessa cidade. Conseguiu fazer sua matrícula no concurso para agente epidemiológico e passou, conquistando assim, sua estabilidade financeira
CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA	Quando ainda trabalhava na construção civil, se relacionou com uma mulher que tinha três filhos, morou com ela alguns anos e depois de um assalto em sua residência a sua esposa o decepcionou muito a ponto de acontecer a separação. Depois, já concursado e morando em Candeias conheceu a sua atual esposa que em pouco tempo engravidou e teve seu segundo filho, uma menina.
RESIDÊNCIA ATUAL	Morou em Porto Velho mais de 15 anos, depois foi morar no interior, em Candeias do Jamari e agora retornou para a capital, pois conseguiu comprar a sua casa própria, que segundo ele é fruto do seu trabalho como agente epidemiológico.

NARRATIVA ORAL DE EXPERIÊNCIA PESSOAL – 4	
CATEGORIAS E FASES	EVENTOS
PAIS	
INFÂNCIA	Foi doado para sua madrinha pelos pais aos sete anos, não teve convivência com seus irmãos legítimos de pai e mãe, mas ao ser adotado conseguiu criar laços de irmãos com as crianças que já moravam com a sua madrinha.

ADOLESCÊNCIA	Estudou sempre em escolas particulares. Foi vítima do trabalho infantil e de maus tratos até atingir a maior idade para ingressar no exército
ADULTO/TRABALHO	Para sobreviver depois que saiu do exército teve trabalhos que jamais imaginou, primeiro, como vendedor de plano funerário, depois como faz tudo nas rodoviárias e postos de gasolinas, em seguida, datilógrafo e vendedor de frutas e verduras, por fim pedreiro e professor.
CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA	Com a chegada em Porto Velho, depois de um tempo conheceu sua esposa e no mesmo ano noivou, mas não marcou a data do casamento, pois não conseguiram esperar e acabaram indo morar juntos, mesmo porque ela ficou grávida do primeiro filho do casal. Depois de morando juntos constituíram uma família de seis pessoas.
RESIDÊNCIA O ATUAL	Mora em Porto Velho há mais de 25 anos, sente-se pertencente a essa cidade, adquiriu com a sua esposa um sítio onde passa muitos momentos felizes ao lado de seus familiares e amigos.

As análises etnolinguísticas apresentadas em cada NOEP deixaram transparecer o tripé entre língua, cultura e sociedade, uma vez que, os E-N falam um dialeto do português brasileiro, então o que eles falam objetivamente é o português, mas se os portugueses de Portugal ouvirem não entenderam nada, porque a variante do português que eles falam é um dialeto do português brasileiro falado em Porto Velho. Além de que, cada narrador possui a sua própria maneira de se expressar, pois cada um traz em sua bagagem, culturas e identidades que experienciaram em cada momento de suas vidas, portanto, o português deles não é só um português de Porto Velho mais também é a soma de consequência de todos os lugares em que vivenciaram. Em relação a cultura, os seus aspectos são dependentes do meio em que estão inserido, ou seja, o E-1 foi construindo a sua cultura portovelhense desde os 11 anos de idade, momento em que chegou

na cidade, a E-N 2 em 2013 quando chegou para passear e não regressou mais para Pinheiro, o E-N 3 possui uma cultura fragmentada, pois dispõe de aspectos de duas localidades Candeias e Porto Velho, tendo em vista que, reside na capital e trabalha no interior, logo, ele absorve propriedade culturais desses dois lugares e o E-N 4 construiu a sua cultura portovelhense desde 1983 que foi o ano em que chegou na capital, portanto, cada E-N absorveu a cultura da capital de Rondônia em uma época diferente, por esse motivo, dispõem em suas culturas tanto características culturais isolados quanto compartilhadas por viverem em uma mesma sociedade. Para a sociedade, eles vivem em uma mesma sociedade, mas com ambientes e padrão de vida diferentes causando conseqüentemente, uma diferença social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dei início a esta dissertação estabelecendo como objeto para análise as narrativas orais de experiências pessoais dos moradores de Rondônia e dos migrantes que chegaram ao Estado compartilhando sua cultura e absorvendo a cultura rondoniense com o objetivo geral de analisar através da memória as narrativas orais de experiências pessoais que surgem identificando nelas sua estrutura formal e estrutura funcional, ou seja, a sua organização interna e externa bem como revelar o que elas deixam transparecer acerca da cultura, identidade cultural, hibridismo cultural e etnolinguística dos moradores de Rondônia.

Para alcançar esse objetivo, desenvolvi primeiramente uma pesquisa bibliográfica para estabelecer um diálogo entre os teóricos que estudam as narrativas orais de experiências pessoais, e depois acrescentei a esse diálogo os estudos sobre memória, cultura, identidade cultural, hibridismo e etnolinguística. Em seguida, procurei responder o questionamento que deu início a esse estudo que foi: como esses sujeitos narradores mergulham na memória para que deixem aflorar as narrativas e, como por meio delas, emergi o fenômeno linguístico bio-psico-social para ter o entendimento da construção da cultura, identidade cultural, hibridismo cultural e etnolinguística no linguajar rondoniense? Diante desse questionamento, em relação aos estudos das narrativas, concentrei a minha atenção, principalmente, na teoria de Labov (1997) porque foi, no meu entendimento, o autor que mais deixou evidente como ocorre o processo de construção de uma narrativa, ou seja, ele melhor evidência como é construído o eixo formal e o eixo funcional. Para os estudos das mnemônicas individuais e coletivas me baseei nos estudos de Pollak (1992) e Halbwachs (2006) e constatei que as memórias individuais são fragmentos que completam as memórias coletivas, ou seja, para a mnemônica individual existir é preciso que a coletiva tenha existido em um tempo, espaço e contexto social.

Quanto aos estudos culturais, eles foram realizados, sobretudo, pela definição de Edward Tylor (1871), Cucho (1999), Laraia (2001) e Morin (2007), com base nesses autores entendi que cultura é uma forma ou maneira de um grupo humano viver a vida diariamente, ou seja, nossos hábitos, comportamentos, modos de pensar, de agir, de se vestir, de construir casas, de caminhar, de comer, de rezar, isto é, vai variar de acordo com a cultura em que estamos inseridos. No que concerne a definição de identidade cultural, busquei contribuições nos estudos de Hall (2001) e Bauman (2005) para compreender como acontece a construção da identidade dos sujeitos. Para os estudos do hibridismo cultural destaquei dois fatores para esse fenômeno sendo eles: a expansão urbana e ao alto número de migrações no decorrer dos séculos anteriores, e também elenquei uma das três vertentes indicada por Canclini (2015) que foi, a

desterritorialização onde ocorre o processo de perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais, ou seja, esses movimentos estão relacionados com o despreendimento daquilo que se conhece. E a reterritorialização que é a realocação em outro território, isto é, as práticas socioculturais adquiridas pelo sujeito nesse novo ambiente. Por fim, me debrucei no estudo sobre etnolinguística e diante dos teóricos estudados, entendi que trabalhar com a etnolinguística é saber que ela está intrinsecamente ligada com a ciência da linguagem e que a linguagem tem estreita relação com a identidade social e, ao falar, cada indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permitem a um interlocutor não só depreender seu estilo pessoal, mas também confirmá-la em um determinado grupo.

Após concluir a pesquisa bibliográfica, realizei a pesquisa de campo a partir da seguinte pergunta: “Você pode me contar sua história de vida?”. Baseados nessa pergunta disparadora os participantes sentiram a necessidade de narrar experiências de suas vidas eufóricas e disfóricas, ou seja, momentos felizes e outros nem tanto, como ensina Labov (1997). A utilização desse método resultou em dez narrativas que, no final de uma análise preliminar reduziram-se apenas em quatro NOEP, por entender que foram, de acordo com o aporte teórico utilizado, aquelas em que os E-N se mostraram mais eloquentes e as que possuíam mais eventos significativos para a construção e o desenvolvimento do Estado de Rondônia.

Como passo subsequente, elaborei o estudo analítico das NOEP, tendo como base a revisão bibliográfica. Para melhor analisar e discutir o meu objeto de pesquisa, dividi a seção de cotejamento das narrativas em subseções a fim de contemplar as teorias apresentadas no aporte teórico. Na seção seis, dediquei para fazer a apresentação dos meus participantes voluntários. Por exemplo: quem são? De onde vieram? Na seção 7.1 (pág. 45), mostrei as características que as NOEP apresentavam a respeito do eixo formal, ou seja, verifiquei se elas possuíam em sua estrutura o resumo, orientação, ação complicadora e coda. A vista disso, posso concluir que elas dispõem de todas as características da estrutura interna, e para melhor entendimento trouxe sentenças dos relatos que demonstram onde ocorre cada item desse eixo. Na subseção 7.2 (pág. 67), descrevo os aspectos do eixo funcional, ou seja, analisei se as narrativas apresentavam em sua estrutura externa a avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição de elogio e culpa, ponto de vista, objetividade e resolução. Nesta etapa, pude constatar também que os quatro relatos detêm o eixo funcional. E, somente depois de ter realizado essas análises e ter constatado que elas eram de fato genuinamente narrativas orais de experiências pessoais é que parti para o cotejamento sobre memória, cultura, identidade cultural, hibridismo e etnolinguística.

Na subseção 7.3 (pág. 96), ao fazer a análise das mnemônicas caracterizei os da memória individual e coletiva dos E-N desta. Esses participantes ao recordarem memórias individuais apresentaram pontos de referências comum, como por exemplo, a morte de um ente querido, a presença da religiosidade no Nordeste, a dificuldade no percurso para chegar em Porto Velho, entre outros. Todas essas referências confirmam que mesmo a memória sendo individual ela é um elemento organizado no coletivo, pois para existirem elas precisam ser situações que foram estabelecidas pela sociedade. Na subseção 7.4 (pág. 99) dissertei sobre os aspectos culturais entre os participantes voluntários, e observei que cada E-N traziam consigo sonhos, desejos, medos, expectativas de vida, ou seja, culturas distintas. E por alguns terem vindo de longe ao chegar em Porto Velho, deixaram parte de suas culturas para trás e tiveram que se adaptar ao novo ambiente em que viveriam. Portanto, as culturas desses E-N misturaram-se no espaço portovelhense e a partir dessa mistura foram criadas novas culturas que foram sendo transformadas por forças dos diversos momentos históricos e políticos que a capital atravessou. Nessa trajetória, observei também que assim como a cultura, a identidade dos sujeitos é dinâmica e igualmente sofre alterações conforme o contexto em que eles estão inseridos. Assim, as identidades dos E-N foram reveladas no momento em que eles incorporaram em suas falas, valores, costumes, crenças, expectativas, experiências e comportamentos para atender as suas próprias readaptações, ou seja, cada identidade se construiu a partir de cada momento novo na vida dos E-N. Logo, assumiram ao longo de suas vidas, no espaço atual de Porto Velho, diversas identidades, sendo elas: mãe, pai, servente de pedreiro, pedreiro, açougueiro, garimpeiro, caseiro, estudante, assistente social, vendedor de plano funerário, técnico de contabilidade, professor e assim por diante. Dessa forma, posso afirmar que as identidades do povo portovelhense foram construídas a partir das relações com o outro e permanecem instáveis e líquidas. Além, de serem híbridas, pois a construção e o desenvolvimento do Estado de Rondônia é um espaço onde há o encontro de diversas culturas que foram e continuam sendo transformadas para se adaptarem às novas realidades. Ademais, esses estudos só puderam ser concluídos, por meio da etnolinguística, pois como mencionado na subseção 5.3 (pág. 42), as visões de mundo, as crenças, as ideologias de uma sociedade que são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, evidencia que a língua representa as marcas sociais e culturais de um povo e que é por meio da língua que o homem expressa as ideias de sua geração, da comunidade, de seu tempo, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida e contribui para sua renovação e constante transformação.

Ademais da análise realizada a partir do aporte teórico, eu pude observar também os momentos eufóricos e disfóricos encontrados nas NOEP e destaquei os principais eventos relatados:

#### Euforia

TEMA	NOEP 1	NOEP 2	NOEP 3	NOEP 4
Casamento	X	X	X	X
Filhos	X	X	X	X
Emprego	X	X	X	X

#### Disforia

TEMA	NOEP 1	NOEP 2	NOEP 3	NOEP 4
Dificuldade financeira	X	X	X	X
Conflitos familiares	X	X	X	X
Separação (cônjuge)	X	X	X	
Separação (família)	X	X	X	X
Migração	X		X	X

Ao realizar essa comparação notei que todos os participantes se casaram e tiveram filhos, demonstrando grande euforia no momento de relatar cada um desses eventos. Quanto aos eventos disfóricos eles passaram por diversas dificuldades no decorrer de suas trajetórias, ou seja, todos os participantes tiveram problemas financeiros e também em algum momento de suas vidas tiveram a separação familiar tanto por algum conflito interno, quanto por terem realizado o processo de migração para Rondônia. Portanto, eu pude perceber similaridades entre as NOEP em relação aos eventos eufóricos e dissimilaridade nos eventos disfóricos.

Além disso, por ser tratar de um estudo hermenêutico, ou seja, que estuda a teoria da interpretação, que pode se referir tanto à arte da interpretação quanto à prática e treino de interpretação, que é o que propugnei a trabalhar, isto é, as considerações aqui apresentadas têm caráter especulativo; todavia, narrativas desse tipo permitem, e me permitiu, sentir a mesma sensação obtida por Labov quando afirmou logo no início de seu trabalho de 1997 que “é o esforço para compreender o poder irresistível de tais narrativas que me trouxe ao ensaio atual” (LABOV 1997, P.1).

Finalmente, ao concluir esta dissertação, me sinto privilegiada por ser uma mestrande da Universidade Federal de Rondônia que oferece uma linha de pesquisa que me permitiu ter realizado este estudo, uma vez que, analisei narrativas tão significativas dos moradores e dos

migrantes de Porto Velho que escolheram Rondônia para viverem. Assim, eu só posso me sentir orgulhosa de ser mais uma rondoniense e filha de pai migrante. Dessa forma, fica uma certeza: os pontos analisados explicam, mas somente em partes, a riqueza de detalhes narratológicos contidos nos relatos dos participantes voluntários. Portanto, trabalhos futuros são recomendados para que essas riquezas possam emergir e desvendar alguns poucos mistérios da mente humana.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Poética. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars poética, 2005.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: Análise estrutural da narrativa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (p.19-63).
- BRUNER, J. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BRUNER, J. S. Realidade Mental, Mundos Possíveis. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997 [Publicado originalmente em 1986].
- BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. Critical Inquiry. Trad. Waldemar Ferreira Netto, 1991.
- BRUNER, Jerome. Cultura da Educação. Lisboa: edições 70, 1996
- CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. 4 ed. São Paulo: edusp, 2013
- COSERIU, Eugênio. Fundamentos e tarefas da Sócio- e da Etnolinguística. I CONSEL. João Pessoa: 1978. (Mimeo).
- COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel. Rondônia, Um Estado De Fronteira Na Amazônia Ocidental Brasileira: Fluxos Migratórios Do Passado E A Imigração Haitiana No Início Do Século XXI- Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez., 2015.
- DICK, M<sup>a</sup> Vicentina de P. do Amaral. Aspectos de Etnolinguística: a toponímia carioca e paulistana contrastes e confrontos. São Paulo: USP.
- FONSECA, Dante R.; TEIXEIRA, Marco A. D. História regional (Rondônia). 2.ed. PortoVelho: Rondoniana, 2001.
- FLANNERY, Mércia Regina Santana. Uma introdução à Análise Linguística da Narrativa Oral: Abordagens e Modelos. Campinas: Pontes, 2015.
- FERREIRA NETTO, W. Tradição oral e produção de narrativas. São Paulo: Paulistana, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- GONDIN, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco zero, 1994
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- KROEBER, Alfred. O superorgânico, in Donald Pierson (org), Estudos de organização social, São Paulo, Livraria Martins Editora. 1993 "Anthropolog y". Scientific American, vol.83.
- LABOV, William. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. The Journal of Narrative and Life History. Trad.de Ferreira Netto. Volume 7. 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

- LINTON, Ralph. O Homem: Uma Introdução à Antropologia. 3 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1981.
- MEIRELES, D. M. Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia. 1993 Monografia (Especialização em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato grosso. Cuiabá; 1983.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Uberlino de. Integrar para não entregar: políticas públicas e Amazônia. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- OLIVEIRA, Ovídio A. História de desenvolvimento e colonização do Estado de Rondônia. 1 ed. Porto Velho: Geográfica, 2001.
- OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. Geografia de Rondônia Espaço & Produção. Porto Velho: Dinâmica, 2005.
- POLLAK, Michael. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212
- TEIXEIRA, M. A. D.; FONSECA, D. R. da. História regional – Rondônia. 3. ed. Porto Velho: ABG Editora, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. O homem desenraizado. Rio de Janeiro: Record, 1999
- VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-tradicao-oral-e-suametodologia.pdf>.
- VANSINA, Jan. La tradición oral (essai de méthode historique). Barcelona/ES: Editorial Labor S.A., 1982.
- VEGINI, V. Atos de significação (Jerome Bruner, [1990, 1997] - Trabalho técnico - desenvolvimento de material didático ou institucional. Porto Velho: 2018. (Slides). Disponível em: [independent.academia.edu/valdirvegini](http://independent.academia.edu/valdirvegini). Acesso em: 5 dez. 2018.
- VEGINI, Valdir; VEGINI, Rebeca Louize. Narrativas da tradição oral kujubiniense: memória, identidade e cultura. Revista Exitus, v. 7, p. 179-199, 2017.
- VEGINI, Valdir. O monstruoso Mapiñguari pan-amazônico: uma sucessão de adaptações aloindígenas. 1. ed. Porto-Velho: Temática, 2014.
- WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

## ANEXOS

## Anexo A – Narrativa 01

01	Como surgiu o [...] no caso um filho de um cearense com uma amazonense índia
02	mesmo do interior chamada [...], filha de índia original da aldeia, mas a minha
03	mãe acabou sendo adotada por uma família rica que mexia com soldado da
04	borracha, naquele tempo da malva da juta. Aí aconteceu que minha mãe foi
05	adotada na aldeia que era no interior em Guari Laranjeira, que é interior de
06	Manaus, aí minha mãe foi adotada por essa família e foi para Manaus, eles tinha
07	um galpão em Guari, mas a sede era em Manaus que era pra mandar pra Portugal
08	pra fora do Brasil, minha mãe já jovem conheceu meu pai, aí foi um namoro
09	proibido, meu pai era vendedor do jogo do bicho da loteria, naquela tempo não
10	tinha computador essas coisas, ele andava nos Estados tudim ,São Paulo, Rio de
11	Janeiro, ele era vendedor. Eu sei que era um namoro proibido, porque minha mãe
12	era adotada e era um ciúme da minha mãe porque trouxeram ela do interior e tal,
13	só sei que era um namoro meio conturbado, aí nisso, veio eu. Eu nasci, aí meu
14	pai teve que tirar minha mãe da família dela e aconteceu de tirar ela demais e
15	levar pra fortaleza, eu com 6 meses de idade. Aí lá em fortaleza nasceu mais duas
16	irmãs minhas a [...] e a [...], como a família cresceu lá minha vó e meu avô que
17	assumi minha mãe, que criou ela, pagou avião pra nós vir embora de volta pra
18	Manaus, aí, mas como fomos pra fortaleza só eu e na volta já veio mais duas
19	irmãs minhas que nós passemos 4 ano em fortaleza, aí nessas alturas eu já tava
20	com 4 anos de idade, aí com essa idade fomos para Manaus, chegando lá, meu
21	pai não se deu de novo com a família de minha mãe, e arrastou de novo minha
22	mãe só que agora aqui pra Porto Velho, na década de 80 nos chegemos aqui em
23	Porto Velho, quando deu essa confusão lá de novo, porque minha mãe chegou
24	com três crianças, aí a veia minha vó já não gostou e disse que não cabia nós lá.
25	Só sei que ficou as duas meninas como cearense e eu como amazonense, aí
26	chegemos aqui em Porto Velho em 1987, aí quando foi em 89 meu pai morreu,
27	aí nos ficemos rodados aqui eu, minha mãe e minhas duas irmã sozinhos sem
28	parente, sem aderente, sem nada, minha mãe não tinha condições de criar nós,
29	de cuidar de nós e trabalhar, foi quando marcou minha infância. Ela voltou na
30	cidade dela, em Guari, e deixou eu e minhas irmãs com minha tia e voltou pra

31 cá pra Porto Velho para poder se estabilizar, porque não tinha como ela trabalhar  
32 e cuidar da gente, aí pegou ficou trabalhando se resgatou, se recuperou  
33 financeiramente, começou a trabalhar, montou um restaurante já tava com um  
34 fusquinha, aí ela voltou lá pra busca nós, aí foi a hora que marcou porque quando  
35 ela voltou lá eu já tava acostumado em morar em Guari no interior, lá no meio  
36 das bibocas mermo, marrapaz eu não queria mais ir embora dali não, eu queria  
37 ficar por ali, aí com uma longa briga e isso eu já tava com 11 anos, mas acabei  
38 vindo pra Porto Velho e daqui não saí mais. Aos 19 anos, surgiu o meu primeiro  
39 filho, aí foi o tempo que eu criei juízo, né. Foi o tempo que eu vi que aquilo que  
40 era do meu passado de infância dentre droga, bebida, tudo isso o mundo perdido  
41 que eu vivia, eu entendi que aquilo num era uma vida porque eu queria mostrar  
42 pra minha mãe, principalmente, porque o primeiro emprego quem arrumou pra  
43 mim foi minha mãe e ela falou pra mim honrar o nome dela que até arrumar pra  
44 mim o primeiro emprego eu passei uma humilhação por conta de padrasto, tipo  
45 padrasto me chamar de vagabundo dizendo dessa idade dentro de casa ainda sem  
46 trabalhar e tal e eu com os meus 18 anos de maior era humilhado, aí minha mãe  
47 dizia: - meu filho, é o seguinte eu vou arrumar um emprego pra ti lá no mercado  
48 que eu compro, sou cliente lá a muito tempo. É o Super 10 lá na amador dos reis,  
49 e eu tava com 19 anos, do lado do Tancredo Carne , aí ela chegou com o senhor  
50 Renato que morreu lá no Candeias também, esse que foi meu gerente lá no  
51 mercado, aí minha mãe falou: - olha meu filho é o seguinte vamos parar com isso  
52 aí, vou arrumar um emprego pra ti tu honra o meu nome lá é o teu primeiro  
53 emprego sege horando. Aí eu fiquei com aquilo dentro de mim, trabalhei de boa  
54 fui crescendo lá dentro do mercado comecei como serviços gerais aí fui  
55 mudando, mudando até me firma no açougue, aí foi minha primeira profissão  
56 açougueiro, aí passei dez anos nesse emprego com esses dez anos de carteira  
57 assinada nasceu meus moleques que eu já tava em condições de trabalhar e  
58 cuidar deles, aí foi nascendo, o primeiro, foi com 19 anos , mas aí foi tudo em  
59 sequência com 19 anos, tinha um caso de 6 meses já largava, arrumava outra e  
60 tinha outro filho e nisso foi ficando 3 crianças pra trás. Com a mãe do [...] eu  
61 fiquei 6 meses, com a mãe da [...] mais seis, aí com a outra mais 4 mês, aí nesse  
62 intervalo trabalhando e não era nada casamento era só ficando, aí foi ficando os  
63 meninos, aí quando eu tava com dez anos de açougueiro já com meus 34 anos

64 surgiu as Usinas no Rio Madeira, aí eu disse: - rapaz que negócio de açougue!  
65 Porque eu trabalhava todo dia e pra mim eu precisava curtir a vida eu me senti  
66 dez anos da minha vida preso, assim só me dedicando a esse trabalho mais  
67 porque também meus meninos tudo precisava de mim. O açougue abria seis  
68 horas e fechava as oito horas da noite, de segunda a segunda, eu folgava uma vez  
69 na semana, uma terça, uma quarta não aproveitava nada, aí quando surgiu as  
70 Usinas eu disse: - rapaz eu vou mudar de profissão porque é o seguinte chega de  
71 negócio de açougue. Aí eu peguei fiz o curso Acreditar da Odebrecht, fiz o curso  
72 de pedreiro, deu certo, fui um dos primeiros da turma, aí eu fui pra ser pedreiro  
73 de acabamento porque eu tive nota boa no curso, aí fiquei quatro anos e oito  
74 meses nesse emprego, aí nesse intervalo, eu fiz curso lá dentro de eletricitista,  
75 carpinteiro e atendimento ao cliente, higiene e segurança no trabalho, aí eu tenho  
76 esses quatro certificados. Mas, eu adquiri trabalhando na Odebrecht uma doença  
77 nos punhos por fazer movimentos repetitivos, tenho os laudos e tudo, aí de lá pra  
78 cá não consegui mais trabalhar tentei arrumar outros empregos, mas minhas  
79 mãos inchavam e doíam e isso também por consequência de ter desossado muito  
80 boi, minhas munhecas não aguentaram e das usinas eu não consegui nada, saí  
81 com uma mão na frente outra atrás e até hoje tô aí tentando assinar a carteira,  
82 não consegui, e hoje eu sou autônomo, aí quando eu saí da usina eu fui pro  
83 garimpo, cheguei no garimpo trabalhando de boa mesmo, tirando meus mil, mil  
84 e quinhentos reais por semana, aí quando foi agora no dia das crianças acabaram  
85 com tudo. O garimpo era clandestino no Mucuím perto de São Carlos,  
86 explodiram as nossas balsas tudo, hoje eu tô desempregado, rodado, hoje se eu  
87 te falar que amanhã tem que pegar e comprar minha ferramentas de pedreiro de  
88 novo pra ver se consigo um dinheiro, rum. E essa questão de terem explodido  
89 nossas balsas eu entendo que é político e um erro nosso também, mermo assim,  
90 porque na época uns seis anos atrás o pessoal representante chegou na gente, o  
91 pessoal do Lula que o era o pessoal do PT chegou lá com a gente era um  
92 representante da marinha pegou e falou: - vocês vão ter que respeitar a reserva.  
93 Mediu a reserva pra gente com o satélite e a topografia e disse que a gente tinha  
94 que obedecer o Cai N'agua, ilha, área de índio, reserva dos índios, aí demarcou  
95 tudinho. - Agora vocês vão poder trabalhar nessas áreas liberadas só que pra isso  
96 vocês vão ter que ir na marinha registrar a balsa de vocês na marinha colocar

97 lixeira institor de incêndio e assinar a carteira de quem tá trabalhando na balsa,  
98 quantos funcionários trabalham na balsa? Nós somos três funcionários e uma  
99 cozinheira ele falou: - pois a gente quer todo mundo de carteira assinada pra isso  
100 vão lá que vocês já vão poder fazer firma porque tudo vai ser fácil. Mas só que  
101 ninguém deu ouvido, ninguém foi atrás de registrar nada, e aí pegaram como  
102 ninguém foi atrás de nada e esse novo comandante aí que é o Bolsonaro assinou  
103 pra acabar com o garimpo ilegal ele não fez nada de errado ele só cumpriu com  
104 o que já vinha sendo feito no passado só que como ninguém conseguiu legalizar  
105 não tinha direito nenhum, aí chegaram e explodiu. Só que eles não enxergam  
106 uma coisa, eles não enxergam tipo eu aqui tenho minha casa na capital, tenho  
107 minha família que mora aqui também, mas lá é uma tradição que passa de pai  
108 pra filho, de filho pra neto, é uma tradição dos ribeirinhos, isso aí se acontecesse  
109 de todo mundo morar em Porto Velho ia entrar num clima de ladrão porque  
110 muita gente ficou desempregada, muitas famílias, sabe qual era a covardia, eles  
111 chegavam com nós em cima da balsa e dizia: - vocês tem dez minutos pra tirar  
112 o que puderem e desocupar a balsa, agora sai, agora sai. Se alguém fosse falar  
113 eles pegavam o spray de pimenta e xi, xi, xi na gente, então tu saía catando o  
114 que tu pudesse dentro da balsa. Um sonho que é uma casa dentro da balsa, porque  
115 tem muita gente que mora assim, aí tinha fogão, geladeira, cachorro, gato tudo  
116 em cima, crianças que nasceram lá tiveram que sair pro barranco só com o que  
117 tinha conseguido pegar, que na maioria das vezes era só as roupas o que podia  
118 resgatar colocava nos sacos e ficava na beira do barranco, eu ficava olhando eles  
119 ia lá colocavam as dinamites puxa o fio e explodiam tudo dentro de dez minutos  
120 as balsa estavam tudo explodidas o que era o meio de sobrevivência de muita  
121 gente, o que tem de gente passando fome lá em São Carlos e Nova Aliança,  
122 outros já foram pra Humaitá, Manicoré que a maioria é tudo ribeirinho, aí, então  
123 eles explodiram um sonho e uma tradição dos ribeirinhos porque isso aí já vinha  
124 a muitos anos o pessoal desse mesmo jeito, destruiu sonho ali de pessoas que  
125 vão ter que voltar pra pesca, pro cultivo de banana e vão ser pé inchado de  
126 cachaça, de favelinha de sitiozinho. Só sei que foi um pesadelo o dia 12/10/2022  
127 de manhã, cedo já chegou helicóptero, tanta covardia eles soltavam bomba de  
128 gás em nós, o helicóptero soltava gás que nem chuva em cima do povo, pro povo  
129 sair das balsas, o pessoal chorando, era muito desespero. Eu me inspirei em um

130	guerreiro eu, minha filha e meu genro nós encarava os homens eles, mandavam
131	bomba de gás e nos afundava na água, quando a fumaça passava nós subia pra
132	balsa de novo pra tentar evitar que eles explodissem a balsa pra dar uma chance
133	pro povo pegar as coisas deles porque dá outra vez deram a chance pra nós que
134	era pra legalizar e ninguém foi atrás. Mas eu reconheço que isso aconteceu por
135	culpa nossa de não ter corrido atrás de legalizar a balsa para o garimpo legal. E
136	isso tudo, esse pesadelo durou três dias e só fizeram lá, aqui no Cai N'água acho
137	que por ser perto da cidade e eles com medo de explodir a Fogás e a ponte,
138	fizeram só lá, aqui eles só ligavam o motor com água dentro e afundava a balsa,
139	aí quando ela chega no fundo ainda dá pra recuperar o moto, mesmo molhando,
140	então aqui perto da cidade eles estão fazendo isso. E, é isso, tô agora aqui na
141	cidade, desempregado e só trabalho quando aparece uns servicinhos de pedreiro.
142	

#### Anexo B (Narrativa 02)

01	Minha história de vida começa no maranhão, com muito sofrimento, minha
02	infância foi sofrida porque assim meu pai sempre trabalhou muito, ralou muito,
03	pra fora viajando nos acompanhou pouco, quando a gente era pequeno, nós
04	fomos mais tempo criado em casa com minha mãe, né. Estudamos em colégio
05	de padre, seguimos uma doutrina do catolicismo, sabe ali a gente aprendeu a
06	rezar o terço a fazer tudo lá, desde o jardim de infância até o quarto ano, nós
07	somos em quatro irmãos sendo três meninos e eu, e pela dificuldade que nós
08	passávamos a diretora na época que era uma pessoa maravilhosa, a escola era
09	paga, mas ela só cobrava de dois filhos a mensalidade da minha mãe, e aí, mas
10	assim era particular mais só pagava um valor simbólico, e, assim não era nada
11	muito cara, agora hoje sim ele é um colégio caro. Apesar de humilde, minha
12	mãe sempre nos deu, assim nessa parte de estudo ela sempre quis que a gente
13	tivesse o melhor, tinha sim outras escolas, da prefeitura do Estado, mas por nós
14	sermos umas pessoas, assim bem religiosas, nós éramos religiosos, dificilmente
15	uma pessoa que é nascida e criada no Nordeste ele não vai ser religioso, porque
16	isso já é de berço, a religião já é impregnada, né o cristão e tal, gente lá é
17	ensinado a ser religioso no catolicismo, lá a gente tem que ser assim, eu
18	estudava em colégio de padre de segunda a sexta e sábado tinha aula de religião

19 e catecismo e no domingo tinha que ir pra igreja, era sagrado, minha rotina, com  
20 nove anos eu fazia leitura na igreja lotada, e ,assim a gente foi indo meu pai  
21 vivia viajando trabalhando fora motorista nessas empresas Camargo Correa,  
22 Odebrecht, essas empresas, assim, né. E minha mãe vivia ali, cuidando de nós  
23 lavando roupa pro zoto, fazendo faxina pra complementar a renda, porque era  
24 muito pouco, as dispersas era muito grande nos vivíamos mesmo no limite de  
25 tudo, de tudo mesmo, nós nunca passamos, assim fome pá dizer hoje não tem  
26 arroz, nem feijão, nem um ovo, mas dificuldade nós passamos muito, e aí a  
27 gente foi crescendo, crescendo, e aí vendo aquelas situações, e quando a gente  
28 foi ficando maiorzinho já, assim adolescente com doze treze anos, aí a minha  
29 mãe teve uma conversa com meu pai e já falou: - agora é hora de você ficar em  
30 casa os meninos já estão crescendo precisam de um acompanhamento do pai,  
31 né, sabe sou eu sozinha aqui não vou dar conta, né aquela fase da adolescência.  
32 Então, meu pai veio pra casa, deixou o trabalho fora e veio pra casa. E lá meu  
33 pai foi trabalhar na feira municipal de Pinheiro, trabalhar de carroça fazendo  
34 frete, porque na época não tinha essa questão de você compra ali no mercado e  
35 já tem alguém pra levar suas compras, antigamente não tinha isso, tudo você  
36 tinha que pagar uma pessoa pra levar, se você comprasse um saco de cimento  
37 no material de construção você tinha que pagar o carroceiro, não sei se aqui  
38 vocês tinha isso, na feira comprava as coisas você tinha que pagar pro carroceiro  
39 levar, e foi assim que meu pai terminou de nos criar, até os nosso 17, 18 anos,  
40 trabalhando na feira de carroceiro, porque meus pais nunca quis que nós  
41 trabalhasse, isso foi uma coisa que minha mãe sempre priorizou pra nós, nós  
42 nunca trabalhamos quando éramos criança, nunca precisamos, assim nunca  
43 colocou a gente pra vender nada na feira ou na rua, porque minha mãe trabalhou  
44 muito, era minha mãe de uma lado e meu pai do outro, minha mãe passava roupa  
45 pros outros, fazia faxina e lavava roupa pra fora essa era a rotina da minha mãe  
46 entendeu, pra nos dar esse estudo, sabe, então a gente não trabalhava só tinha  
47 que estudar. Quando eu completei 19 anos eu saí da minha cidadezinha pequena  
48 lá no interior do Maranhão chamada Pinheiro e eu vim embora pra capital,  
49 aquele sonho de menina, né, eu não quero mais viver aqui vou embora, aí eu  
50 vim me embora pra São Luiz, lá também encontrei muitas dificuldades  
51 chegando, fui morar com uma amiga dividindo um apartamentozinho, uma

52 quitinete no caso, não é nem apartamento, comecei a trabalhar, porque com doze  
53 anos em Pinheiro eu aprendi a fazer unhas porque como minha mãe não tinha  
54 condições de pagar uma manicure ela sempre comprou as coisas dela esmalte,  
55 alicate essas coisas e eu curiosa querendo aprender fui lá e começava a mexer  
56 nas coisas dela e acabei aprendendo, então quando eu cheguei em São Luiz eu  
57 já sabia fazer unha assim mesmo bem profissional, né. Aí uma colega disse: -  
58 tem um salão ali que tá precisando de manicure tu não quer ir fazer unha lá por  
59 enquanto e tal? E eu comecei a fazer unha lá, né já tinha terminado o ensino  
60 médio como minha mãe queria, porque assim de nos quatro teve apenas um  
61 irmão que não quis saber de terminar os estudos, mas por questão dele mesmo  
62 porque ele ia pra escola e gazetava aula e não conseguiu terminar, mas por ele  
63 mesmo, minha mãe ainda insistiu muito, mas ele não quis saber, foi logo pro  
64 mundo da cachaça né, teve o mundo da droga na vida desse meu irmão também  
65 né, nessa fase assim nós somos uma família de quatro irmão que teve essa parte  
66 do meu irmão ir pro mundo das drogas. Mas aí eu vim pra São Luiz né, fui  
67 buscar novas oportunidades e tudo, comecei a trabalhar nesse salão e essa minha  
68 amiga que nós morávamos juntas conhecia a futura vó do meu primeiro filho,  
69 dona [...], aí eu fiz amizade com a dona [...], assim, primeiro eu conheci ela e  
70 depois eu conheci o seu filho que é o pai da meu filho, [...]. Eu tive um  
71 relacionamento com esse rapaz bastante tempo, né e depois eu fiquei grávida,  
72 com 22 anos eu tive o meu primeiro filho o [...], e sempre buscando, lutando na  
73 capital porque não é fácil e no Maranhão é uma situação bem difícil de tudo,  
74 questão de trabalho, questão de salários, né lá o salário é bem menor do que  
75 aqui em Rondônia e isso já dá pra perceber quando eu cheguei logo aqui e já vi  
76 assim essa diferença, porque quando eu cheguei aqui eu já fui trabalhar na Claro  
77 e por um salário que eu recebia gratificação, auxílio né, alimentação, vale  
78 transporte, porque quando eu trabalhei no salão fazendo unha ,eu cobrava  
79 \$15,00 reais e ainda tinha que dividir, a gente tinha que trabalhar bastante pra  
80 adquirir mesmo ali e muitas vezes não dava nem um salário entendeu porque  
81 no salão e dividido meio a meio. Então, depois de um tempo larguei o pai do  
82 meu filho, e aí arrumei um novo marido né, que esse eu morei dez ano que é o  
83 padrasto do [...] e que foi uma pessoa que criou o meu filho e que tem uma  
84 história, assim de acompanhamento com o meu filho, porque o [...] desde o

85 primeiro momento quando nasceu já nasceu doente, desde o parto teve muitos  
86 problemas. E detalhes o [...] nasceu na Santa Casa de Misericórdia que é uma  
87 casa assim que é da época dos portugueses, dos franceses do início da história  
88 do São Luiz, aquelas casas antigas que lá mesmo até hoje eles conservam, então  
89 quando você vai ter um filho ali é pela misericórdia de Deus, meu filho ali  
90 passou da hora de nascer, é muito sofrimento, é muito sofrimento, foi uma coisa  
91 assim que me traumatizou muito eu demorei muito pra ter outro filho, porque  
92 eu fiquei tão traumatizada desse menino do primeiro parto né, sabe de sofrer  
93 tanto, de sofrer tanto, e assim com sete meses o meu filho deu a primeira crise  
94 de convulsão e de lá pra cá assim foi só luta com o meu filho tratamento. Então,  
95 esse meu segundo marido me ajudou muito, quando eu fui morar com ele meu  
96 filho tinha cinco meses e moramos juntos até o meu filho completar dez anos.  
97 No caso quando eu vim pra Porto Velho meu filho tinha 11 anos e esse meu  
98 companheiro foi quem ficou cuidando do meu filho, mas nós não tínhamos mais  
99 nada juntos já éramos separados. Sabe eu sempre ouvi falar de Porto Velho,  
100 sempre na minha vida, porque pra cá veio o meu irmão caçula que já está a  
101 muito anos aqui, depois veio o meu irmão mais velho né o [...] que é o [...] que  
102 chama, e fora outros familiares meus que já estão aqui a muitos anos. Então,  
103 todo mundo falando muito de Porto Velho vamos embora pra lá e tal porque lá  
104 é bom que, o comercio de Porto Velho é ótimo, se você colocar um  
105 churrasquinho na porta da sua casa você consegue vender, entendeu, Porto  
106 Velho te dá oportunidade de trabalho, só não trabalha se você for uma pessoa  
107 preguiçosa e que não quiser, mais lá tem muito trabalho, muito emprego, e aí  
108 sempre foi isso, e aí veio uma amiga minha que se formou, terminou a  
109 faculdade, aí eu ficava com aquilo né o medo, o receio de ser um lugar muito  
110 longe, né. Meu Deus, como é que eu vou pra Porto Velho é muito longe, e aí eu  
111 comecei a conversa com a minha tia [...] que é até falecida hoje e morava lá na  
112 zona sul de PVH, e ela começou a conversar comigo e tal e eu tava lá no  
113 Maranhão já era separada, mas eu tinha uma pessoa um relacionamento um  
114 namorado né, e aí eu vivia lá com o [...] e nessa época eu estava desempregada  
115 estava só recebendo os meus direitos né, aí minha tia ficava me chamando pra  
116 vir pra PVH dizendo que eu ia gostar muito, ixi se tu vir pra cá tu vai gostar  
117 muito tu vai amar, tu vai não sei o que, Porto Velho é isso, é aquilo outro a gente

118 tá aqui. E quando foi um dia, aí eu conversando com meu irmão caçula ele disse:  
119 - se tu quiser vir eu te dou uma passagem de avião, pago a tua passagem de  
120 vinda e tu paga só a de volta, aí eu fui e falei com o padrasto do meu filho e  
121 falei que eu queria ir em Porto Velho que o pessoal estava me chamando e tal e  
122 perguntei se não tinha como ele cuidar de [...] pra eu ir lá, entendeu, que assim  
123 ele tinha mais tempo de cuidar do [...] pra mim do que o pai do [...] o próprio  
124 pai dele porque ele saía de manhã e só chegava de noite e ele não, trabalha por  
125 conta própria né, dono do próprio negócio dele, aí ele disse que cuidava do  
126 Lucas pra mim ir, aí eu disse a então tá bom, meu irmão foi e comprou a  
127 passagem pra mim e custou eu até me lembro na época foi \$500,00 reais, nove  
128 anos atrás. Aí ele comprou a passagem pra mim e eu vim em 2013 me lembro  
129 como se fosse hoje, dia 13 de agosto de 2013 eu cheguei aqui em Porto Velho,  
130 e eu vim né, e eu tinha esse namorado meu lá em São Luiz que me perguntou  
131 se eu vinha pra Porto Velho mesmo e eu disse que vinha sim, mas só pra passar  
132 30 dias e que depois eu voltava, ele foi me embarcar no aeroporto e tal né me  
133 embarcou direitinho e disse: - poxa tua vai mesmo pra esse lugar tão longe, mas  
134 porquê? Ai eu vou lá, eu quero ir eu quero conhecer Porto Velho, eu quero  
135 saber como é que é, rapaz e eu vim, mas assim no meio do percurso eu já tipo,  
136 assim, quis me arrepender porque eu achei muito longe, né, primeira vez na  
137 minha vida andando de avião sempre viaja, mas pelo interior do Maranhão, e  
138 cheguei finalmente aqui e já cheguei em meio a um temporal, aquela coisa, olhei  
139 pra baixo só mato aquela coisa, assim muito verde, eu falei: - meu Deus, que  
140 lugar é esse,? Que lugar é esse, olha aí muita árvore, muita coisa,? Quando  
141 cheguei no aeroporto meu irmão estava me esperando foi me busca pra me levar  
142 lá pra casa da minha tia na zona sul, e assim no primeiro momento o impacto  
143 não foi legal de Porto Velho né, não foi, a primeira impressão não foi legal, meu  
144 Deus, que lugar é esse totalmente diferente de quando a gente vem de uma  
145 capital do nordeste de você morar e conhecer porque as capitais do nordeste elas  
146 são, eu te falo, elas são lindas, lindas demais, só não tem emprego, trabalho, e  
147 você pra tá em uma capital dessas você tem que ter recurso porque é tudo muito  
148 caro, muito caro não tem remuneração, assim o salário é muito baixo se aqui  
149 um salário custa \$ 1.302 reais lá eles querem te pagar bem menos sabe, mas  
150 assim em questão de beleza as capitais de lá ganha. Quando eu cheguei aqui que

151 eu olhei, eu falei rapaz não, eu não vou gostar desse lugar, esse lugar é feio, eu  
152 não vou gostar é muito mato, olhei assim de cima né, mas resolvi ficar aqui e  
153 assim eu fiquei né, passei uns dias na casa dessa minha tia, na zona sul, e  
154 passeando e já tinha uma amiga que tinha vindo antes que me acolheu também,  
155 e aí me buscava na casa de minha tia, nós saía pras boates me mostrando a  
156 cidade, me levou na Pinheiro Machado na Calçada da Fama né, que era  
157 considerada. E aí num belo dia eu recebi um convite de trabalho, quando eu já  
158 estava retornando pro Maranhão, que foi o momento que eu achei que já devia  
159 ir embora pra casa, pois também já tava quase dando os 30 dias e tal. Eu já vou,  
160 e minha cunhada a mulher do meu irmão caçula, o [...], foi e me chamou pra  
161 trabalhar na Claro, falou, bora ficar aqui tem uma vaga aqui, trabalha aqui, eu  
162 falei com a mulher aqui e ela disse que é pra tu trazer o teu currículo, na hora  
163 que eu levei o currículo de tarde, quando foi no outro dia de manhã a mulher  
164 me ligou me chamando e contratando pra trabalhar na Claro, porque assim, as  
165 oportunidades de trabalho aqui é muito grande, muito grande mesmo, vou te  
166 falar uma coisa aqui a pessoa só não trabalha mesmo assim se ele não quiser  
167 porque trabalho tem muito, tem muito mesmo de todas as áreas que quiser e eu  
168 fui pra Claro trabalhar e lá eu fiquei, e fiquei em primeiro momento, assim a  
169 mulher me falando que recebia o salário, o ticket alimentação, o vale transporte  
170 e falei assim, caracas eu vou ganhar tudo isso! Porque era bom na época eu  
171 tirava quase \$2.000 reais na Claro só de salário e ainda tinha vale transporte e  
172 ticket alimentação, um salário desse aí que lá no Maranhão não sei nem se tu  
173 tira com nível superior, imagina aqui ganhado isso só com o ensino médio né,  
174 que era o que eu tinha, e aí eu já me animei com esse salário fiquei, assim  
175 abismada, me senti rica, porque assim, em agosto eu cheguei aqui, em setembro  
176 comecei a trabalhar no centro da cidade e depois eu fui pra zona Leste trabalhar  
177 que foi quando eu fui morar na casa de outra tia minha porque ficava mais perto  
178 do meu trabalho, e foi nessa casa da minha tia que eu conheci o meu atual  
179 marido, mas assim minha tia já tinha falado de mim pra esse rapaz que foi na  
180 época que ele estava solteiro e minha tia chamou ele pra tomar uma cerveja na  
181 casa dela dizendo que tinha chegado uma sobrinha dela do Maranhão e que ele  
182 precisava conhecer, nisso tivemos alguns desencontros porque quando ele foi  
183 na casa da minha tia me conhecer era de dia e eu estava trabalhando e no final

184 de semana que ele foi eu tinha viajado pra Bolívia, mas acabou que um dia eu  
185 lá na casa da minha tia a gente tava tomando umas cervejas e eu fui e liguei pra  
186 ele, já tava meio alta né, e falei pra ele vir pra minha tia porque eu queria  
187 conhecer ele e tal já disse que queria ficar com ele, aí menino ele veio foi na  
188 mesma hora , aí quando chegou já ficamos por ali juntos, olha tu acredita que  
189 assim quando ele chegou que começamos a beber ele falou pra mim que o  
190 coração dele tinha me escolhido e que quando isso acontece é pra valer e já  
191 disse pra gente casar , eu ri muito da cara dele, ele disse pra gente se juntar ir  
192 morar junto, eu perguntei se ele tava ficando doido, eu nem conhecia ele direito  
193 e já ia casar, eu esnobei na hora, né, dei uma de gracinha. E aí a gente ficou ali  
194 naquele período né, depois ele se afastou porque ele era meio indeciso né, mas  
195 graças a Deus, hoje em dia ele é decidido, mas, assim nesses nove anos que nós  
196 estamos juntos, né. Bem dia 4 de abril vai fazer nove anos que moramos juntos  
197 aos trancos e barrancos como diz minha mãe né, mas assim eu até hoje tenho a  
198 certeza que foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida, primeiro a de ter  
199 escolhido vir pra Porto Velho que é uma cidade que me acolheu uma cidade que  
200 me deu oportunidade porque eu vim pra cá eu era uma pessoa e hoje eu sou  
201 outra totalmente diferente. Aqui em porto Velho eu consegui, primeiramente,  
202 eu vim do Maranhão com o ensino médio nua e crua sem conhecimento de nada,  
203 nada mesmo, assim, trazendo aqueles, assim na mente apenas aquela cultura  
204 maranhense né, mas assim no Maranhão tem oportunidade de fazer faculdade  
205 e eu tive essa oportunidade e condições, mas eu nunca quis, mas eu nunca quis  
206 porque nunca foi ensinado pra mim que eu precisava ir além dos ensino médio,  
207 essa era a minha criação, e isso é uma coisa de criação é uma coisa cultural e,  
208 assim pra mim isso parecia muito longe, a minha mãe sempre foi ensinada que  
209 tinha que chegar até o ensino médio, mas minha mãe só tem até a 5 série, então  
210 assim, lá terminou o ensino media já tá bom, terminou os estudos e lá é assim  
211 na nossa época era assim terminou já tinha estudo sabe é desse jeito, e aí quando  
212 eu vim pra cá eu vi que totalmente diferente e que eu não tinha estudo de nada  
213 eu achava que tinha estudo mais eu não tinha estudo de nada, de nada. Muitas  
214 vezes eu falo assim de que no maranhão eu tive muitas oportunidades de fazer  
215 uma faculdade, mas isso não era de mim porque isso não foi incluído na minha  
216 educação e isso foi implantado aqui em Porto velho e quem implantou isso na

217 minha vida foi o meu marido que é morador nativo de Porto Velho, ele quando  
218 me conheceu e fomos morar juntos ele disse assim:- a gente vamos estudar. Eu  
219 fiquei meia assim porque como estudar se eu já fiz o ensino médio, ele chegou  
220 até a brincar comigo perguntando se eu tinha vindo de lá com o ensino médio e  
221 eu até mostrei o meu certificado pra ele, mas então, ele disse que tínhamos que  
222 ter uma formação e que eu precisava me formar, então, foi aí que foi colocado  
223 na minha mente né, que eu tinha que estudar porque eu não tinha nada, quem  
224 eu era, hoje graças a Deus, eu posso dizer que sou uma Assistente Social, mas  
225 antes eu não era nada, só tinha o ensino médio e ele falou: - eu vou priorizar pra  
226 que você estude, primeiramente se forme e depois eu vou fazer a minha parte  
227 se der né ele falou, as eu vou te priorizar. Então, partiu daqui de Porto Velho,  
228 do meu marido que eu tinha que estudar, e aí foi uma coisa tão interessante  
229 porque, assim quando ele falou isso pra mim, assim as pessoa elas fazem muita  
230 diferença né, cultura porque meu marido vem de história de família de pais  
231 concursados de pais formados, então tem uma diferença de mim, meu pai mal  
232 sabia ler, ele foi só ensinado a saber escrever o nome pra não ser um analfabeto  
233 de colocar o dedo, porque era colocado ali: (- tu tem menos que aprender a  
234 escrever teu nome), mas meu pai era analfabeto de tudo a única coisa que meu  
235 pai tinha era conhecimento de mundo de vivência e experiência, minha mãe  
236 estudou até a 5º série quis mais ir pra frente, quando conheceu meu pai, né.  
237 Casou com 16 anos, quis estudar pra ser uma professora se formar porque na  
238 época era o que as meninas queriam ser, né, mas o meu pai por cultura  
239 machista, ignorante falou que mulher dele não estudava, não saía de casa pra ir  
240 pra escola, então por isso nós passamos muita dificuldade porque naquela época  
241 que era muito bom de minha mãe ser uma professora atua na área o meu pai não  
242 deixou, hoje minha mãe fala que pela ignorância do meu pai e ela por ser aquela  
243 esposa submissa aceitou e nós pagamos cara por isso porque se minha mãe não  
244 tivesse sido submissa a nossa vida teria sido diferente porque minha mãe teria  
245 terminado os estudos dela se formado e iria trabalhar como professora, porque  
246 todas da época de minha mãe conseguiram alcançar o sonho de ser professora,  
247 e hoje as amigas da minha mãe são tudo aposentadas com um salário bom né, e  
248 minha mãe não né, o que minha mãe teve foi ter que trabalhar pra fora, lavar  
249 roupa e passar pra gente não passar necessidade. Hoje, pra mim olhando pra trás  
250

251	me digo que houve muitas mudanças na minha vida e que, primeiramente, assim
252	a minha vinda pra Porto Velho foi um acolhimento de mãe com seu filho essa
253	cidade me deu uma família e, assim graças a Deus né, me deu uma oportunidade
254	de conhecer uma pessoa que foi nascida e criada em Porto velho, né. E aqui eu
255	sou uma pessoa que foi formada, tenho uma profissão eu sou assistente social
256	atuante, eu sou conselheira do CONETICA, sou representante do conselho
257	Estadual do CREAS né, e assim muitas oportunidades que eu nunca teria no
258	Maranhão, isso aí eu digo e consigo comprovar, então esse é um Estado que me
259	abraçou de uma forma que meu Deus, eu vim sem muitas esperanças, realmente,
260	no primeiro momento, achei tudo feio, mas eu não sabia que iria ter toda essa
261	transformação na minha vida, hoje, eu tenho casa própria aqui na Capital, tenho
262	um marido, uma família porque tive uma filha e trouxe o meu filho pra vir morar
263	aqui também, tenho uma profissão, e digamos assim, isso tudo durante vamos
264	dizer, assim que durante esses 10 anos, né eu tive toda essa trajetória que foi,
265	assim uma trajetória somente beneficente pra mim sabe e sempre que eu puder
267	falar dessa cidade que assim nem se eu tivesse milhares de oportunidade pra
268	voltar pro Maranhão eu não voltava porque é um lugar, assim que eu amo de
269	paixão, eu amo Porto Velho.

### Anexo C (Narrativa 03)

01	Primeiramente, [...] e tenho muito orgulho desse sobrenome [...] é que é do meu
02	pai né, a minha trajetória, a minha biografia eu acho ela muito engraçada, né.
03	Primeiramente, filho de pai e mãe adolescente na época, minha mãe tinha 16
04	anos, né, no caso quando me concebeu, me trouxe ao mundo e meu pai parece
05	que tinha 25 anos, já era um cara já vivido né, um cara viajado. É migrante do
06	Nordeste pra região Norte, e aí ralou muito para nos criar. Cresci, filho mais
07	velho de quatro irmãos, sempre fui o suporte, creio que sempre fui o suporte pro
08	meu pai e minha mãe por ser o mais velho, não é fácil ser o irmão mais velho
09	ao contrário do que as pessoas acham né, ser o irmão mais velho é o terceiro
10	pilar de uma casa, porque hoje é, hoje e sempre, né. Pais que começam a ter
11	responsabilidades muito cedo, muito jovens, eles tem que abrir mão dos estudos
12	tem que abrir mão de vários mecanismos de preparos pro mundo, então eu fui
13	essa ajuda esse esteio pra eles, pra que meu pai pudesse trabalhar e minha mãe

14 também, porque depois de mim tinha mais três irmãos, né, então era pesado só  
15 pros dois arca com toda essa responsabilidade, então coube a mim auxilia-los.  
16 E aí eu fui crescendo, mas apesar deles ter me dado toda essa responsabilidade,  
17 era uma responsabilidade até aceitável que era apenas ficar dentro de casa,  
18 cuidar dos meus irmãos, nada além disso, né, não tinha esse negócio de ter que  
19 sair pra trabalhar, ter que engraxar sapato que era o costume da época né, eu sou  
20 dos anos 80, vender dindin, amassar latinha pra vender pra ajudar dentro de casa,  
21 então minha ajuda era manter os meus irmãos ali dentro de casa dando  
22 tranquilidade para o meu pai e minha mãe buscar recurso pra dentro de casa, e  
23 aí isso foi até os 18 anos, e lá em casa é escadinha, né, no caso, na época eu  
24 tinha 18, meu irmão 17, meu outro irmão 14 e minha irmã 10 anos, era muito  
25 próximo um do outro, e eu fui o suporte, mas apesar de tudo isso o lema era  
26 estudar né, ficar dentro de casa estudando porque todo o sacrifício que fosse  
27 necessário era responsabilidade do nosso pai e da nossa mãe, nossa única  
28 responsabilidade que nós tínhamos era de estudar e ficar dentro de casa  
29 protegendo um ao outro. Tá, então já foi um ponto positivo pra nós nessa parte  
30 porque apesar de ter pai pobres, pais inexperiente e jovens, mas eles sempre  
31 passaram pra nós essa questão né, de que a menor distância entre o pobre e o  
32 sucesso ainda era o estudo, então eles passaram isso aí pra nós. Meus pais não  
33 tinham estudo, meu pai era mestre de obras né, trabalhava em construção civil  
34 e minha mãe era do lar, dona de casa, esse desenvolvimento através dos filhos  
35 crescendo que tem aquela fase ali dos filhos tá muito dependente ali dos pais,  
36 então o foco dos pais é criar até o momento em que a gente possa confiar em  
37 deixar eles mais desenvolvidos para que eles pudessem procurar outros meios  
38 pra melhorar a situação da família. Nesse intervalo, eu lembro muito bem que  
39 meu pai falava pra mim mãe estudar, ele falava: - mulher vai estudar. Mas assim  
40 era meio que irônico porque como é que um mãe vai estudar com quatro filhos  
41 pra criar, alimentá-los, educá-los e tudo, e aí eu lembro que quando meu pai  
42 inteirou 33 anos, não foi apenas aquela oportunidade teve outras, mas aquela  
43 oportunidade e o momento foi pá né para que ele abraçasse a oportunidade e  
44 teve todo o suporte da minha mãe, e ela falou: - você pode ir agora estudar que  
45 eu vou lhe dar todo o suporte pra que você vá e seja o que Deus quiser. Aí meu  
46 pai foi estudar com cinco bocas pra alimentar, né. E, ele teve que começar do

47 zero, incentivado pelo trabalho dele porque ele teve um patrão, que ele teve na  
48 época, e aí o patrão falou assim: - olha você é um cara inteligente, você é um  
49 mestre de obras é um cara que trabalha na construção civil você é um pião (que  
50 é o termo né que utilizava com as pessoas nessa época) você é um pião  
51 diferenciado, então porque que você não estuda e tal? E o cara viu esse  
52 diferencial nele e resolveu investir, do nada incentivá-lo, aí foi quando juntou  
53 né, ele ter colocado isso no seio familiar e minha mãe mais depressa falou: -  
54 não você vai, você tem esse potencial e vai ter toda a ajuda da família. E aí se  
55 deu, ele foi estudar, depois ele se formou, ingressou na faculdade pública na  
56 UNIR, as duras penas né, porque não era fácil na época imagina hoje se já é  
57 difícil imagina naquela época, um pai pobre ingressar na faculdade, e aí através  
58 dele a minha mãe despertou o interesse também, onde entra eu como  
59 protagonista né, meu pai já consolidado, formado, e em desenvolvimento de sua  
60 profissão, estava começando, aí minha mãe entra também querendo realizar o  
61 sonho, vendo que aquilo ali dava futuro, o estudo. Então, minha mãe também  
62 não perdeu tempo, ela foi atrás de se formar, e é aí que entra eu como  
63 protagonista de ajuda-los né, e no começo a gente ficava pelos cuidados de  
64 nossa mãe e agora ficamos sobe cuidados de vizinhos e tal, uma pessoa mais  
65 responsável que ficava monitorando, vendo como a gente ficava sozinho em  
66 casa né, e um curso ele leva tempo né, um curso leva quatro anos né, então eles  
67 foram ganhando confiança em mim que sou o irmão mais velho, e aí foram né  
68 a luta se formaram, depois de formados ficaram cheios de sonhos, vieram as  
69 conquistas, vieram as melhorias, em tudo, no geral, na alimentação, na cultura  
70 da família, no posicionamento da família pros irmãos, cunhados, tia, tios, vó, e  
71 aí aquilo ali sempre foi repassado pra nós, né, e ele sempre diziam: - olha volto  
72 a dizer pra vocês que a menor distância entre o pobre e o sucesso é o estudo. E  
73 aí mesmo dessa forma eu e o meu outro irmão, ainda fomos contaminados pela  
74 aquela cultura do trabalho de que tem que ralar pra sobreviver, tanto que até  
75 hoje isso foi um problema na nossa vida que nós não conseguimos nos formar,  
76 não foi por falta de oportunidade tivemos muitas oportunidades, mas querendo  
77 ou não aquela situação impactou na nossa visão de futuro a gente ficou preso a  
78 isso de vivenciar aquele período crítico de consolidação da família e de ter o  
79 sucesso através dos estudos e tanto que né, nós somos uma família de irmão que

80 tivemos duas gerações a geração das vacas magras e a geração das vacas gordas  
81 né, a geração das vacas magra era quando a gente via todo aquele padecer todo  
82 aquele lutar do nosso pai pra poder levar comida pá dentro de casa e tal e os  
83 nossos dois irmãos mais novos eles já pegaram aquela fase de presenciando meu  
84 pai elaborando aula pra dá no outro dia, minha mãe indo pra faculdade e tal e  
85 desses quatros irmãos são: os mais novos formados e nós que somos os  
86 primeiros né eu como primogênito e o outro meu sucessor ainda não somos  
87 formados, mas graças a Deus, fomos alcançado pelo exemplo deles que ainda  
88 conseguimos hoje sermos funcionário público né, eu sou funcionário municipal  
89 a 17 anos e meu irmão é funcionário estadual a dez anos, então querendo ou  
90 não, nós conseguimos vencer né, meus pais, os frutos deles deram orgulho  
91 querendo ou não. Agora, vou pra minha trajetória, inteirei os 18 anos ensino  
92 médio e todo aquela cobrança né, do meu pai, cara não para por aí, mas só que  
93 na teoria é muito fácil você encher a cabeça do seu filho de cobrança incentivo  
94 e tudo, mas na prática quando a gente se depara no local que a gente vivia ali  
95 que era zona leste, e o meio ali tinha muito interferência nas nossas vidas,  
96 querendo ou não o meio interfere 80% na nossa vida, e eu me deixei influenciar  
97 pelo meio, terminei o ensino médio nunca reprovei nem um ano e fiquei ali  
98 ocioso ali, um ano, dois anos da minha vida ocioso, nunca consegui o primeiro  
99 emprego e tal, e aí aquela cobrança né, por ta de maior né, como é que vai ser  
100 nunca precisei trabalhar e agora vamos, meu pai falava: - vamos lá meu filho,  
101 vamos lá, vamos procurar o que fazer. E nisso, num ato né, não vou colocar  
102 como desespero mais numa válvula de escape recebi uma proposta de emprego,  
103 recebi a minha primeira proposta de emprego e eu fiquei muito feliz de ter  
104 recebido essa proposta de emprego, tendo em vista que, eu já tava já ali ocioso  
105 já, né, só com o ensino médio coisa que naquela época era raro você ter o ensino  
106 médio, mas aí apareceu a minha primeira proposta de emprego mediante o meio  
107 que eu vivia, e aí eu topei sem comunicar meu pai, minha mãe, topei né,  
108 participar desse trabalho e o trabalho era um trabalho de servente de pedreiro, e  
109 aí eu aceitei esse trabalho, de servente de pedreiro né, sem experiência  
110 nenhuma, com a carteira assinada, e aí fui pro meu trabalho, topei o desafio né,  
111 poxa eu fui trabalhar né, não tinha farda arrumaram farda pra mim trabalhar,  
112 arrumaram bota, arrumaram todo o EPI necessário né, pra mim trabalhar e isso

113 era no ano de 2003, beleza né, fui pro meu trabalho fiquei feliz né, porque esse  
114 trabalho não exigia muito somente o condicionamento físico e era o que eu tinha  
115 em abundância na época e eu muito feliz e contente de tá trabalhando me  
116 valorizei bacana e sem muita experiência me meleí todo de tinta, de massa e  
117 tudo, mas aquilo ali eu me olhava eu achava que aquilo ali ia ter um impacto  
118 né, quando eu chegasse em casa, na minha residência, na minha casa, na casa  
119 do meu pai que era onde eu morava, e aí eu fiz questão de me melar de me  
120 lambuzar mesmo na profissão de me entregar! Porque querendo ou não você se  
121 mela mesmo trabalhando nisso no serviço braçal, no serviço de servente é  
122 cimento, é tinta, é isso, é aquilo, é poeira, e aí quando eu cheguei em casa né,  
123 meu pai tava pra escola ainda e quando ele chegou que eu entrei ele tava sentado  
124 né, lendo um livro e eu passei por ele, ele olhou pra mim e falou assim: - que  
125 que significa isso aí rapaz? Aí eu falei: - não eu tava trabalhando. - trabalhando  
126 de que? Ele falou. Aí eu: - não, eu tava ali pai, trabalhando. Aí meu pai: - de  
127 pião? E eu falei: - é eu tava trabalhando ali. Meu pai olhou pra mim e falou  
128 assim: - cara do céu, pelo amor de Deus, se eu soubesse que tu queria ser pião  
129 com cinco ano de idade eu tinha botado uma caixa de engraxate na tuas costas  
130 e uma caixa de isopor pra tu vender dindin sai da minha frente, que eu não criei  
131 filho pra ser pião não rapaz!, eu dei um duro danado e tu vem dizer pra mim que  
132 tu quer ser pião rapaz! Aí eu fiquei né senhor, senhor, aí meu irmão sucessor foi  
133 e me chamou né, cara do céu, aí ele ainda me falou assim: - eu te falei cara, eu  
134 te falei que papai não ia gostar te falei, mas, aí eu falei: -- porra cara, mais eu to  
135 trabalhando cara, dignamente e tal, mas aquilo soou tão negativo naquele lar  
136 que eu fiquei ali, fui tomei meu banho chorei né, fiquei, assim né, tomei aquela  
137 mijada do meu pai né, fiquei assim, mas tá né, ouvi a crítica, mas aceita, entendi  
138 né, depois de tempo entendi né, o que meu tava falando, mas só que no momento  
139 a gente nunca entende né, acha que é um preconceito que a gente tá passando  
140 que não querem entender nosso lado e tal, nossa situação, e eu tava precisando,  
141 eu já tava cansado de ta dentro da casa do meu pai né, só pela comida né, pelo  
142 básico, eu queria ter minhas coisinhas, mas assim meu pai sempre me  
143 incentivou a ir além do ensino médio e inclusive quando eu terminei o ensino  
144 médio na época o vestibular era pago, aí ele foi e disse: - olha meu filho você  
145 terminou seu ensino médio no tempo hábil né, dentro do esperado e eu vou

146 pagar o seu vestibular. E aí o que aconteceu, eu fiz o vestibular e não passei  
147 porque assim eu tirei boas notas, mas eram se não me enganam dez matérias  
148 com dez questões cada uma, e dava 100 pontos e você não poderia zerar em  
149 nenhuma das disciplinas e o que aconteceu, eu fui muito bem, mas como ao  
150 fazer o ensino médio tive uma grande dificuldade na matéria de química porque  
151 eu vi essa disciplina no 3º ano e muito mal mente quase não tive aula dessa  
152 disciplina, aí eu acabei zerando ela no vestibular e ali foi uma decepção que eu  
153 gerei pra mim e pros meus pais, porra o cara passar 11 anos dentro de uma  
154 escola e não conseguir ingressar né, com todos os aparatos, com todos os  
155 suporte né, e tudo, aí né, isso já foi a minha primeira decepção na vida, porque  
156 eu vi todos os meu colegas ingressando na universidade e eu ficando pra trás, e  
157 aí o tempo vai passando fui ficando pra trás, mas aí foi quando veio a questão  
158 do trabalho nisso passou um ano, passou dois, passou três, eu trabalhava nas  
159 firmas, ignorei a opinião do meu pai, eu tinha que trabalhar mesmo dane-se pro  
160 que meu pai tá falando, e aí eu fiquei três ano na construção civil e eu era muito  
161 questionado pelos meus colegas de trabalho: - cara do céu, não pelo amor de  
162 Deus, homi eu to aqui hoje trabalhando de servente porque eu não sei nem  
163 assinar meu nome tu tem o ensino médio homi o que tu ta fazendo aqui? E o  
164 cara falava isso pra mim perguntava se eu era revoltado e tal porque eu podia  
165 trabalhar em uma loja de vendedor, (- tu pode fazer isso ou aquilo tu pode  
166 trabalhar num posto de frentista pode ser n profissões, né) e aquilo sempre  
167 ficava martelando na minha cabeça sempre e sempre, e aí eu arrumei família  
168 nesse intervalo e vai só piorando porque você sem experiência, sem profissão e  
169 ainda arruma né, compromisso, mulher e tudo, e aí vai só aumentando a tua  
170 responsabilidade e diminuindo as tuas visões né, a tua melhoria de vida pro  
171 futuro. E aí quando foi um belo dia eu tava trabalhado em uma firma e eu era  
172 recém contratado dessa firma, então o patrão já tinha as pessoas de confiança,  
173 mas eu sempre fui um cara destemido e chamei o patrão e falei que eu não podia  
174 ficar desempregado porque eu tinha família, tinha filho pra criar, então falei pra  
175 ele dispensa quem tu quiser ai cara, mas não me dispensa porque eu preciso do  
176 meu emprego, aí o cara falou: - olha cara a única opção que eu tenho pra ti é tu  
177 trabalhar no Candeias, 20 km da capital, mas, aí né eu já tava envolvido naquele  
178 compromisso de cuidar de mulher e de filho, e eu conheci essa jovem ela tinha

179 28 anos e eu 20 ela tinha 3 filhos sendo que 2 moravam com ela e um com o  
180 pai, mas eu assumi essa responsabilidade né, a contra gosto da família porque o  
181 pai e a mãe nunca quer né, que a gente vá se envolver dessa forma, né. Em vez  
182 de aproveitar as oportunidade mais só que a gente nunca quer né, não enxerga  
183 assim sei lá, quer teimar isso é do jovem, aí fui pra Candeias desenvolver um  
184 trabalho lá na casa do patrão era uma chácara e não sabendo eu que ali foi onde  
185 eu ia passar o meu deserto ou melhor o meu período de transformação. Fui pra  
186 Candeias trabalhei de ajudante de carpinteiro aprendi o ofício da profissão,  
187 nesse período concluímos a obra, mas aí é o seguinte como a obra era em  
188 Candeias o que eu tinha pra me locomover era uma bicicleta pra ir e voltar,  
189 então eu não dava conta de ir e voltar todo dia e tinha esse senhor que eu  
190 trabalhava com ele e ele tinha de 62 anos, seu [...] ia e voltava todo dia pra  
191 Candeias de bicicleta e eu mais novo não tinha a mesma coragem que ele, aí eu  
192 falava assim: - não, eu vou ficar por aqui, eu ficava na sede da chácara onde a  
193 gente trabalhava e só ia embora na sexta, que era quando eu ficava com a minha  
194 família sexta, sábado e domingo, e aí o que aconteceu acabou o trabalho eu  
195 pensei vou ser despedido né, aí meu patrão vendo a minha vulnerabilidade o  
196 meu desespero de me manter empregado falou assim: - cara o que eu tenho pra  
197 ti aqui pra mim não te dispensar é ser caseiro aqui da chácara se tu quiser, se tu  
198 não quiser beleza, aí eu falei: - não, beleza, e fiquei cuidando da chácara ali eu  
199 fui desenvolver meus hobby, porque não precisava fazer nada só cuidar pra não  
200 deixar roubarem as coisa e tal, aí eu fui desenvolver meu hobby que era pescar  
201 ficar por ali e tal, que era coisa que eu gostava mesmo de fazer porque minha  
202 vó tinha sítio e na minha infância eu ia muito pra lá e eu sempre gostei de tá  
203 envolvido com essas coisas da natureza, nesse intervalo que eu fiquei cuidando  
204 que foi uns 8 meses nessa chácara e desses 8 meses eu recebi dois salários o  
205 patrão me enrolando ele chegava lá, eu perguntava: - cara cadê meu salário? E  
206 tal? E só enrolação, aí chegou um dia e ele chegou lá né, na fazenda com carne  
207 cerveja e me chamou pra comer porque eu tava trabalhando né, chegou o patrão  
208 você tem que tá fazendo alguma coisa né, e nisso trabalhamos um pouquinho  
209 ali com ele né, e nisso eu fui perguntar: - e aí dia 20 de dezembro o que vai ter  
210 pra nós? Vai ter alguma coisinha pra nos porque já estamos passando  
211 necessidade aqui? Aí ele falou assim pra mim: - e esse monte de manga aí? E

212 esse monte de tucumã? Cara isso desceu assim no meu pescoço eu fiquei  
213 olhando, ele disse: - tem isso aí pra fazer e não tá feito, tem aquilo outro ali, que  
214 era uma roçada, mas o que eu fiz fechei a cara fui fazer meu serviço e eu me  
215 lembro como se fosse hoje, eu olhei pro céu e falei: - senhor eu não sei o que o  
216 senhor tem pra mim o ano que vem, em 2006, mas eu peço meu pai, não sei o  
217 que eu vou tá fazendo ano que vem, mas eu não quero tá mais nessa situação  
218 passando por isso, e nesse momento parece que os anjos disseram amém, esse  
219 cara foi embora, não nos pagou e eu fiquei lá amargando aquela notícia e  
220 situação que eu tava passando, e quando foi no outro dia eu fui na área urbana  
221 da cidade comprar não me lembro o que e eu entrei na cidade de Candeias e eu  
222 falei: - cara essa cidade de Candeias só é pequena né mas olha o fluxo de gente  
223 nessa cidade, e aí a mulher do caixa falou assim: - não, é porque tá tendo um  
224 concurso público aqui, aí vem muita gente de Porto Velho fazer, aí eu disse  
225 assim: - como assim? E ela me deu o endereço e eu fui lá, cheguei lá eu peguei  
226 o edital, não sabia nem ver direito as profissões já tava bem ultrapassado nessa  
227 questão, muito envolvido com aquele trabalho né, então você vai ficando pra  
228 trás, vai ficando desatualizado, e aí eu peguei o edital e uma colega minha que  
229 tinha terminado o ensino médio comigo me auxilio disse as vagas que tinha e  
230 tal o que eu fiz não tinha o dinheiro pra fazer a inscrição peguei a bicicleta fui  
231 pra Porto Velho pedir o dinheiro emprestado. Consegui, voltei em Candeias fiz  
232 minha inscrição, eu peguei o edital abri e deu bem onde é a profissão que eu sou  
233 hoje agente de combate a endemias, quando eu olhei mais uma decepção porque  
234 era uma vaga, aí eu falei: - caraca velho, uma vaga pra um cara que tá quase a  
235 cinco anos desatualizado, longe do mercado de trabalho longe dos estudos, aí  
236 eu falei: - meu Deus do céu, e no mesmo edital tinha lá 40 vagas pra trabalhador  
237 braçal eu me lembro que nessa vinda pra Porto Velho eu trouxe o meu tio e ele  
238 falou assim: - cara tu vai fazer um concurso pra uma vaga tu tá ficando doido é  
239 porra? Porque tu não faz pra trabalhador braçal que tem mais vagas, tu só tá  
240 fazendo isso porque o dinheiro não é teu, fosse teu tu ia fazer. Aí eu olhei pra  
241 ele e falei assim: - meu tio é o seguinte pião eu já sou tua acha que eu vou fazer  
242 um concurso pra ser pião eu vou dá um tiro em uma coisa melhor cara, e, assim  
243 eu selei o meu sonho me inscrevi no concurso que era apenas uma vaga. Fiquei  
244 ali né já desanimado porque querendo ou não aquela palavra entrou na minha

245 mente né, pow eu sou doido né, eu recebi né, essa palavra negativa né, como é  
246 que eu faço um concurso pra uma vaga, e aí eu fiquei amargando ali uns três  
247 dias, né, aí fui visitar o meu pai chegando lá eu falei assim: - pai, é o seguinte  
248 eu me inscrevi num concurso ali mas é só uma vaga, ele olhou assim pra mim e  
249 falou: - e tu não precisa não é só de uma? Vai estudar rapaz, se só tem uma vaga  
250 é a tua porra! Meu pai falou isso pra mim e isso ficou dentro de mim, só tem  
251 uma vaga e essa vaga é minha, é mesmo o, cara do céu, só tem uma vaga e ela  
252 é minha! E aí meu pai me dando essa injeção querendo ou não uma crítica  
253 construtiva, e aí ele foi lá na sua vasta biblioteca né, um cara preparado  
254 acostumado né, nos ensino, acostumado a lecionar, acostumado a formar né,  
255 pessoas pro futuro foi lá dentro e me trouxe uma coleção de livros né, e eu  
256 lembro, soluções concurso, aí eu peguei né, essa coleção de cinco livro e fui  
257 estudar pra prova, mas dois dias depois peguei malária e nunca tinha pego  
258 malária na minha vida, e ai fiquei pensando como eu ia estudar, só que não sabia  
259 eu que aquilo ali no espiritual, que eu acredito, ia ser a minha oportunidade  
260 porque minha família festeira, como é que eu ia arrumar tempo pra estudar,  
261 então foi um mal que veio pro bem porque eu diagnosticado com malária não  
262 ia bebe nem nada e era época das festas de final de ano, minha mãe me chamou  
263 pra passar a ceia de Natal na casa dela eu fui, mas não tava muito bem né, porque  
264 estava com todos os sintomas de malária e nisso fiquei até perto de meia noite,  
265 aí resolvi ir pra casa, quando eu chego em casa eu percebi a minha casa toda  
266 aberta, e nisso minha esposa era muito religiosa e tinha ido pra igreja naquele  
267 dia e tinha me chamado pra ir pra igreja também só que eu falei: - vou nada eu  
268 não curto essas coisas tu vai tá, mas vai lá e eu vou pra minha mãe e quando tu  
269 terminar tu passa na minha mãe que a gente vem embora junto tá beleza? E isso  
270 aconteceu , aí chegando na nossa casa que faltava uns 40 metros que foi quando  
271 eu olhei eu não quis nem acreditar que minha casa tava aberta, a casa tinham  
272 feito a mudança levaram tudo, só ficou a geladeira e a cama o resto levaram  
273 tudo, e aí cara foi quando eu vi que não tinha noção do meu lado religioso da  
274 minha fé em Deus e do tanto que eu respeitava e tinha fé em Deus, porque eu  
275 nunca tinha pisado meus pés na igreja e meus pais são católicos, não seguidores,  
276 só são católicos por dizer que são porque eu nunca vi meu pai indo pra igreja ou  
277 pegando uma bíblia, eles se intitulam católicos, mas não são seguidores, não

278 são praticantes, e aí eu fiquei né, quando entro dentro de casa essa minha  
279 mulher que estava vindo da igreja que era uma mulher devota demais, era piolho  
280 de igreja na hora que ela se deparou com aquela situação ela perdeu a fé em  
281 Deus ela blasfemou ali naquele momento pela situação que a gente tava  
282 passando e eu me preocupei muito apesar de não ser uma pessoa religiosa falei:  
283 - mulher para com isso, vamos dá graças a Deus que nos tamo vivo que nós não  
284 estávamos em casa quando isso aconteceu que nós não fomos feito de refém  
285 que nos né, tamos hoje vivo isso aqui a gente conquista depois, e ela falou assim:  
286 - não, como pode, como é que pode, eu to servindo a Deus, to na igreja a todo  
287 tempo e Deus deixa isso acontecer comigo não pode eu não aceito, eu não  
288 aceito! Aí eu falei assim: - meu amor para com isso rapaz tem mais Deus pra  
289 dar, vamos agradecer de estar vivo, e aí demorou pra mim colocar isso na cabeça  
290 dessa mulher, mas aí consegui acalmá-la, mas aí eu fiquei né aquilo ali me  
291 marcou demais, porque cara do céu, naquele momento ali o que eu falo e já foi  
292 perguntado porque eu larguei ela e foi isso naquele momento ali aquela mulher  
293 morreu pra mim porque eu não podia conviver com uma mulher desse jeito  
294 cara uma pessoa dessa forma, e aí dei continuidade ao meu processo de estudo  
295 né, ainda com ela estudei, estudei e estudei muito e com ela, e aí chegou o  
296 grande dia de fazer minha prova o grande dia da prefeitura, e aí eu não tava  
297 bebendo, todo mundo bebendo Natal, Ano Novo e eu lá estudando, papirando,  
298 estudando. Chegou o grande dia da prova, e aí quando foi dada a permissão pra  
299 abrir a prova que era 50 questões 25 de português e 25 de matemática, resolvi  
300 minha prova, mas cara do céu parecia que a banca organizadora do concurso  
301 tinha elaborado aquela prova daqueles livros que meu pai me deu, parecia que  
302 eles tinham utilizado aqueles livros que meu pai me deu e tirado todas as  
303 questões de lá daquelas apostilas que eu olhei lá e comecei até ri pensei senhor  
304 olha aí, olha aí respondi rindo, eu me lembro que eu fiquei sem responder uma,  
305 só que eu me lembro até hoje que questão era que era uma que perguntava quais  
306 desses números é o número primo e no momento eu não me lembrei o conceito  
307 dos números primos, mas na hora que eu entreguei a prova eu lembrei o que era  
308 um número primo que é o número dividido por um e por ele mesmo, mas eu já  
309 tinha preenchido o gabarito, então não tinha mais jeito eu me lembro que essa  
310 questão não tinha respondido, e aí dia nove de fevereiro que foi o dia que eu fiz

311 a prova. Fui aguarda o resultado, um belo dia eu to dormindo, e aí acordo com  
312 aquela gritaria: - tu passou cara! Tu passou! Tu passou e o jornal em cima de  
313 mim! E eu passei em primeiro lugar nesse concurso tava lá meu nome[...] e cara  
314 do céu uma vaga, uma vaga, e aí meu pai entrou em contato comigo sabendo  
315 que eu tinha passado porque por meu pai ser professor educador, então todos os  
316 concursos que tem ali eles estão a pá porque tem os alunos deles ali que faz né,  
317 e aí eu queria ta naquele momento ali imaginando como é que não tava o  
318 coração do meu pai em abrir o jornal e ver ali o nome do filho dele, em primeiro  
319 lugar né, e falar pros alunos dele né, e realmente ele demostrou e me procurou  
320 depois e falou que ia me dar todo o suporte e me levou pra entregar os  
321 documentos e tudo porque tem todo aquele protocolo pra fazer, entregar o  
322 documento e tudo né, e aí eu lembro que ali foi reativado, ali porque querendo  
323 ou não a gente dá muitas alegrias, muitas decepções pros nossos pais né, e  
324 inclusive nesse processo de se encontrar no mundo, dentro da sociedade se  
325 encontrar financeiramente, no caráter, em tudo, então eu tinha decepcionado  
326 meu pai muito nessas áreas né, por ele ter investido tanto na gente, e aí ele  
327 reacendeu a chama né, poxa, valeu a pena cara, hoje meu filho passou no  
328 concurso e foi quando eu recebi o primeiro abraço que eu me entendo, assim,  
329 mas lógico que recebi muitos abraços do meu pai e tudo, muitos incentivos e  
330 tudo, mas naquele momento ali dentro daquela prefeitura propriamente dita ali  
331 naquele setor de RH da prefeitura de Candeias, meu pai me deu um abraço, mais  
332 um abraço que nunca esqueci aquele abraço até hoje o tanto que ele ficou  
333 orgulhoso ali de mim e demostrou porque querendo ou não né cara é um orgulho  
334 muito grande né, pros pais, pro pai, pra mãe, e aí ele: - tu conseguiu meu filho,  
335 tu conseguiu, me abraça, me abraça e poxa tu passou foi em primeiro. E me deu  
336 aquele abraço e eu recebi e aquilo foi um balsamo na minha alma, cara não tava  
337 nem acreditando era um sonho, e aí eu conquistei né, e to hoje já a 16 anos, foi  
338 o divisor de águas da minha vida que é da onde eu vivo, hoje sou funcionário  
339 público e dali eu conquistei minha casa própria, minha habilitação tudo, minha  
340 organização financeira tudo, porque o que eu tenho hoje eu devo a essa  
341 prefeitura né, conheci a minha esposa nesse tempo, eu tenho um filho fora do  
342 casamento e essa é a minha história né, venci.

## Anexo D (Narrativa 04)

01	Primeiramente, [...] e tenho muito orgulho desse sobrenome [...] é que é do meu
02	pai né, a minha trajetória, a minha biografia eu acho ela muito engraçada, né.
03	Primeiramente, filho de pai e mãe adolescente na época, minha mãe tinha 16
04	anos, né, no caso quando me concebeu, me trouxe ao mundo e meu pai parece
05	que tinha 25 anos, já era um cara já vivido né, um cara viajado. É migrante do
06	Nordeste pra região Norte, e aí ralou muito para nos criar. Cresci, filho mais
07	velho de quatro irmãos, sempre fui o suporte, creio que sempre fui o suporte pro
08	meu pai e minha mãe por ser o mais velho, não é fácil ser o irmão mais velho
09	ao contrário do que as pessoas acham né, ser o irmão mais velho é o terceiro
10	pilar de uma casa, porque hoje é, hoje e sempre, né. Pais que começam a ter
11	responsabilidades muito cedo, muito jovens, eles tem que abrir mão dos estudos
12	tem que abrir mão de vários mecanismos de preparos pro mundo, então eu fui
13	essa ajuda esse esteio pra eles, pra que meu pai pudesse trabalhar e minha mãe
14	também, porque depois de mim tinha mais três irmãos, né, então era pesado só
15	pros dois arca com toda essa responsabilidade, então coube a mim auxilia-los.
16	E aí eu fui crescendo, mas apesar deles ter me dado toda essa responsabilidade,
17	era uma responsabilidade até aceitável que era apenas ficar dentro de casa,
18	cuidar dos meus irmãos, nada além disso, né, não tinha esse negócio de ter que
19	sair pra trabalhar, ter que engraxar sapato que era o costume da época né, eu sou
20	dos anos 80, vender dindin, amassar latinha pra vender pra ajudar dentro de casa,
21	então minha ajuda era manter os meus irmãos ali dentro de casa dando
22	tranquilidade para o meu pai e minha mãe buscar recurso pra dentro de casa, e
23	aí isso foi até os 18 anos, e lá em casa é escadinha, né, no caso, na época eu
24	tinha 18, meu irmão 17, meu outro irmão 14 e minha irmã 10 anos, era muito
25	próximo um do outro, e eu fui o suporte, mas apesar de tudo isso o lema era
26	estudar né, ficar dentro de casa estudando porque todo o sacrifício que fosse
27	necessário era responsabilidade do nosso pai e da nossa mãe, nossa única
28	responsabilidade que nós tínhamos era de estudar e ficar dentro de casa
29	protegendo um ao outro. Tá, então já foi um ponto positivo pra nós nessa parte
30	porque apesar de ter pai pobres, pais inexperiente e jovens, mas eles sempre

31 passaram pra nós essa questão né, de que a menor distância entre o pobre e o  
32 sucesso ainda era o estudo, então eles passaram isso aí pra nós. Meus pais não  
33 tinham estudo, meu pai era mestre de obras né, trabalhava em construção civil  
34 e minha mãe era do lar, dona de casa, esse desenvolvimento através dos filhos  
35 crescendo que tem aquela fase ali dos filhos tá muito dependente ali dos pais,  
36 então o foco dos pais é criar até o momento em que a gente possa confiar em  
37 deixar eles mais desenvolvidos para que eles pudessem procurar outros meios  
38 pra melhorar a situação da família. Nesse intervalo, eu lembro muito bem que  
39 meu pai falava pra mim mãe estudar, ele falava: - mulher vai estudar. Mas assim  
40 era meio que irônico porque como é que um mãe vai estudar com quatro filhos  
41 pra criar, alimentá-los, educá-los e tudo, e aí eu lembro que quando meu pai  
42 inteirou 33 anos, não foi apenas aquela oportunidade teve outras, mas aquela  
43 oportunidade e o momento foi pá né para que ele abraçasse a oportunidade e  
44 teve todo o suporte da minha mãe, e ela falou: - você pode ir agora estudar que  
45 eu vou lhe dar todo o suporte pra que você vá e seja o que Deus quiser. Aí meu  
46 pai foi estudar com cinco bocas pra alimentar, né. E, ele teve que começar do  
47 zero, incentivado pelo trabalho dele porque ele teve um patrão, que ele teve na  
48 época, e aí o patrão falou assim: - olha você é um cara inteligente, você é um  
49 mestre de obras é um cara que trabalha na construção civil você é um pião (que  
50 é o termo né que utilizava com as pessoas nessa época) você é um pião  
51 diferenciado, então porque que você não estuda e tal? E o cara viu esse  
52 diferencial nele e resolveu investir, do nada incentivá-lo, aí foi quando juntou  
53 né, ele ter colocado isso no seio familiar e minha mãe mais depressa falou: -  
54 não você vai, você tem esse potencial e vai ter toda a ajuda da família. E aí se  
55 deu, ele foi estudar, depois ele se formou, ingressou na faculdade pública na  
56 UNIR, as duras penas né, porque não era fácil na época imagina hoje se já é  
57 difícil imagina naquela época, um pai pobre ingressar na faculdade, e aí através  
58 dele a minha mãe despertou o interesse também, onde entra eu como  
59 protagonista né, meu pai já consolidado, formado, e em desenvolvimento de sua  
60 profissão, estava começando, aí minha mãe entra também querendo realizar o  
61 sonho, vendo que aquilo ali dava futuro, o estudo. Então, minha mãe também  
62 não perdeu tempo, ela foi atrás de se formar, e é aí que entra eu como  
63 protagonista de ajuda-los né, e no começo a gente ficava pelos cuidados de

64 nossa mãe e agora ficamos sobe cuidados de vizinhos e tal, uma pessoa mais  
65 responsável que ficava monitorando, vendo como a gente ficava sozinho em  
66 casa né, e um curso ele leva tempo né, um curso leva quatro anos né, então eles  
67 foram ganhando confiança em mim que sou o irmão mais velho, e aí foram né  
68 a luta se formaram, depois de formados ficaram cheios de sonhos, vieram as  
69 conquistas, vieram as melhorias, em tudo, no geral, na alimentação, na cultura  
70 da família, no posicionamento da família pros irmãos, cunhados, tia, tios, vó, e  
71 aí aquilo ali sempre foi repassado pra nós, né, e ele sempre diziam: - olha volto  
72 a dizer pra vocês que a menor distância entre o pobre e o sucesso é o estudo. E  
73 aí mesmo dessa forma eu e o meu outro irmão, ainda fomos contaminados pela  
74 aquela cultura do trabalho de que tem que ralar pra sobreviver, tanto que até  
75 hoje isso foi um problema na nossa vida que nós não conseguimos nos formar,  
76 não foi por falta de oportunidade tivemos muitas oportunidades, mas querendo  
77 ou não aquela situação impactou na nossa visão de futuro a gente ficou preso a  
78 isso de vivenciar aquele período crítico de consolidação da família e de ter o  
79 sucesso através dos estudos e tanto que né, nós somos uma família de irmão que  
80 tivemos duas gerações a geração das vacas magras e a geração das vacas gordas  
81 né, a geração das vacas magra era quando a gente via todo aquele padecer todo  
82 aquele lutar do nosso pai pra poder levar comida pá dentro de casa e tal e os  
83 nossos dois irmãos mais novos eles já pegaram aquela fase de presenciando meu  
84 pai elaborando aula pra dá no outro dia, minha mãe indo pra faculdade e tal e  
85 desses quatros irmãos são: os mais novos formados e nós que somos os  
86 primeiros né eu como primogênito e o outro meu sucessor ainda não somos  
87 formados, mas graças a Deus, fomos alcançado pelo exemplo deles que ainda  
88 conseguimos hoje sermos funcionário público né, eu sou funcionário municipal  
89 a 17 anos e meu irmão é funcionário estadual a dez anos, então querendo ou  
90 não, nós conseguimos vencer né, meus pais, os frutos deles deram orgulho  
91 querendo ou não. Agora, vou pra minha trajetória, inteirei os 18 anos ensino  
92 médio e todo aquela cobrança né, do meu pai, cara não para por aí, mas só que  
93 na teoria é muito fácil você encher a cabeça do seu filho de cobrança incentivo  
94 e tudo, mas na prática quando a gente se depara no local que a gente vivia ali  
95 que era zona leste, e o meio ali tinha muito interferência nas nossas vidas,  
96 querendo ou não o meio interfere 80% na nossa vida, e eu me deixei influenciar

97 pelo meio, terminei o ensino médio nunca reprovei nem um ano e fiquei ali  
98 ocioso ali, um ano, dois anos da minha vida ocioso, nunca consegui o primeiro  
99 emprego e tal, e aí aquela cobrança né, por ta de maior né, como é que vai ser  
100 nunca precisei trabalhar e agora vamos, meu pai falava: - vamos lá meu filho,  
101 vamos lá, vamos procurar o que fazer. E nisso, num ato né, não vou colocar  
102 como desespere mais numa válvula de escape recebi uma proposta de emprego,  
103 recebi a minha primeira proposta de emprego e eu fiquei muito feliz de ter  
104 recebido essa proposta de emprego, tendo em vista que, eu já tava já ali ocioso  
105 já, né, só com o ensino médio coisa que naquela época era raro você ter o ensino  
106 médio, mas aí apareceu a minha primeira proposta de emprego mediante o meio  
107 que eu vivia, e aí eu topei sem comunicar meu pai, minha mãe, topei né,  
108 participar desse trabalho e o trabalho era um trabalho de servente de pedreiro, e  
109 aí eu aceitei esse trabalho, de servente de pedreiro né, sem experiência  
110 nenhuma, com a carteira assinada, e aí fui pro meu trabalho, topei o desafio né,  
111 poxa eu fui trabalhar né, não tinha farda arrumaram farda pra mim trabalhar,  
112 arrumaram bota, arrumaram todo o EPI necessário né, pra mim trabalhar e isso  
113 era no ano de 2003, beleza né, fui pro meu trabalho fiquei feliz né, porque esse  
114 trabalho não exigia muito somente o condicionamento físico e era o que eu tinha  
115 em abundância na época e eu muito feliz e contente de tá trabalhando me  
116 valorizei bacana e sem muita experiência me meleu todo de tinta, de massa e  
117 tudo, mas aquilo ali eu me olhava eu achava que aquilo ali ia ter um impacto  
118 né, quando eu chegasse em casa, na minha residência, na minha casa, na casa  
119 do meu pai que era onde eu morava, e aí eu fiz questão de me melar de me  
120 lambuzar mesmo na profissão de me entregar! Porque querendo ou não você se  
121 mela mesmo trabalhando nisso no serviço braçal, no serviço de servente é  
122 cimento, é tinta, é isso, é aquilo, é poeira, e aí quando eu cheguei em casa né,  
123 meu pai tava pra escola ainda e quando ele chegou que eu entrei ele tava sentado  
124 né, lendo um livro e eu passei por ele, ele olhou pra mim e falou assim: - que  
125 que significa isso aí rapaz? Aí eu falei: - não eu tava trabalhando. - trabalhando  
126 de que? Ele falou. Aí eu: - não, eu tava ali pai, trabalhando. Aí meu pai: - de  
127 pião? E eu falei: - é eu tava trabalhando ali. Meu pai olhou pra mim e falou  
128 assim: - cara do céu, pelo amor de Deus, se eu soubesse que tu queria ser pião  
129 com cinco ano de idade eu tinha botado uma caixa de engraxate na tuas costas

130 e uma caixa de isopor pra tu vender dindin sai da minha frente, que eu não criei  
131 filho pra ser pião não rapaz!,eu dei um duro danado e tu vem dizer pra mim que  
132 tu quer ser pião rapaz! Aí eu fiquei né senhor, senhor, aí meu irmão sucessor foi  
133 e me chamou né, cara do céu, aí ele ainda me falou assim: - eu te falei cara, eu  
134 te falei que papai não ia gostar te falei, mas, aí eu falei: -- porra cara, mais eu to  
135 trabalhando cara, dignamente e tal, mas aquilo soou tão negativo naquele lar  
136 que eu fiquei ali, fui tomei meu banho chorei né, fiquei, assim né, tomei aquela  
137 mijada do meu pai né, fiquei assim, mas tá né, ouvi a crítica, mas aceita, entendi  
138 né, depois de tempo entendi né, o que meu tava falando, mas só que no momento  
139 a gente nunca entende né, acha que é um preconceito que a gente tá passando  
140 que não querem entender nosso lado e tal, nossa situação, e eu tava precisando,  
141 eu já tava cansado de ta dentro da casa do meu pai né, só pela comida né, pelo  
142 básico, eu queria ter minhas coisinhas, mas assim meu pai sempre me  
143 incentivou a ir além do ensino médio e inclusive quando eu terminei o ensino  
144 médio na época o vestibular era pago, aí ele foi e disse: - olha meu filho você  
145 terminou seu ensino médio no tempo hábil né, dentro do esperado e eu vou  
146 pagar o seu vestibular. E aí o que aconteceu, eu fiz o vestibular e não passei  
147 porque assim eu tirei boas notas, mas eram se não me enganam dez matérias  
148 com dez questões cada uma, e dava 100 pontos e você não poderia zerar em  
149 nenhuma das disciplinas e o que aconteceu, eu fui muito bem, mas como ao  
150 fazer o ensino médio tive uma grande dificuldade na matéria de química porque  
151 eu vi essa disciplina no 3º ano e muito mal mente quase não tive aula dessa  
152 disciplina, aí eu acabei zerando ela no vestibular e ali foi uma decepção que eu  
153 gerei pra mim e pros meus pais, porra o cara passar 11 anos dentro de uma  
154 escola e não conseguir ingressar né, com todos os aparatos, com todos os  
155 suporte né, e tudo, aí né, isso já foi a minha primeira decepção na vida, porque  
156 eu vi todos os meu colegas ingressando na universidade e eu ficando pra trás, e  
157 aí o tempo vai passando fui ficando pra trás, mas aí foi quando veio a questão  
158 do trabalho nisso passou um ano, passou dois, passou três, eu trabalhava nas  
159 firmas, ignorei a opinião do meu pai, eu tinha que trabalhar mesmo dane-se pro  
160 que meu pai tá falando, e aí eu fiquei três ano na construção civil e eu era muito  
161 questionado pelos meus colegas de trabalhado: - cara do céu, não pelo amor de  
162 Deus, homi eu to aqui hoje trabalhando de servente porque eu não sei nem

163 assinar meu nome tu tem o ensino médio homi o que tu ta fazendo aqui? E o  
164 cara falava isso pra mim perguntava se eu era revoltado e tal porque eu podia  
165 trabalhar em uma loja de vendedor, (- tu pode fazer isso ou aquilo tu pode  
166 trabalhar num posto de frentista pode ser n profissões, né) e aquilo sempre  
167 ficava martelando na minha cabeça sempre e sempre, e aí eu arrumei família  
168 nesse intervalo e vai só piorando porque você sem experiência, sem profissão e  
169 ainda arruma né, compromisso, mulher e tudo, e aí vai só aumentando a tua  
170 responsabilidade e diminuindo as tuas visões né, a tua melhoria de vida pro  
171 futuro. E aí quando foi um belo dia eu tava trabalhado em uma firma e eu era  
172 recém contratado dessa firma, então o patrão já tinha as pessoas de confiança,  
173 mas eu sempre fui um cara destemido e chamei o patrão e falei que eu não podia  
174 ficar desempregado porque eu tinha família, tinha filho pra criar, então falei pra  
175 ele dispensa quem tu quiser ai cara, mas não me dispensa porque eu preciso do  
176 meu emprego, aí o cara falou: - olha cara a única opção que eu tenho pra ti é tu  
177 trabalhar no Candeias, 20 km da capital, mas, aí né eu já tava envolvido naquele  
178 compromisso de cuidar de mulher e de filho, e eu conheci essa jovem ela tinha  
179 28 anos e eu 20 ela tinha 3 filhos sendo que 2 moravam com ela e um com o  
180 pai, mas eu assumi essa responsabilidade né, a contra gosto da família porque o  
181 pai e a mãe nunca quer né, que a gente vá se envolver dessa forma, né. Em vez  
182 de aproveitar as oportunidade mais só que a gente nunca quer né, não enxerga  
183 assim sei lá, quer teimar isso é do jovem, aí fui pra Candeias desenvolver um  
184 trabalho lá na casa do patrão era uma chácara e não sabendo eu que ali foi onde  
185 eu ia passar o meu deserto ou melhor o meu período de transformação. Fui pra  
186 Candeias trabalhei de ajudante de carpinteiro aprendi o ofício da profissão,  
187 nesse período concluímos a obra, mas aí é o seguinte como a obra era em  
188 Candeias o que eu tinha pra me locomover era uma bicicleta pra ir e voltar,  
189 então eu não dava conta de ir e voltar todo dia e tinha esse senhor que eu  
190 trabalhava com ele e ele tinha de 62 anos, seu [...] ia e voltava todo dia pra  
191 Candeias de bicicleta e eu mais novo não tinha a mesma coragem que ele, aí eu  
192 falava assim: - não, eu vou ficar por aqui, eu ficava na sede da chácara onde a  
193 gente trabalhava e só ia embora na sexta, que era quando eu ficava com a minha  
194 família sexta, sábado e domingo, e aí o que aconteceu acabou o trabalho eu  
195 pensei vou ser despedido né, aí meu patrão vendo a minha vulnerabilidade o

196 meu desespero de me manter empregado falou assim: - cara o que eu tenho pra  
197 ti aqui pra mim não te dispensar é ser caseiro aqui da chácara se tu quiser, se tu  
198 não quiser beleza, aí eu falei: - não, beleza, e fiquei cuidando da chácara ali eu  
199 fui desenvolver meus hobby, porque não precisava fazer nada só cuidar pra não  
200 deixar roubarem as coisa e tal, aí eu fui desenvolver meu hobby que era pescar  
201 ficar por ali e tal, que era coisa que eu gostava mesmo de fazer porque minha  
202 vó tinha sítio e na minha infância eu ia muito pra lá e eu sempre gostei de tá  
203 envolvido com essas coisas da natureza, nesse intervalo que eu fiquei cuidando  
204 que foi uns 8 meses nessa chácara e desses 8 meses eu recebi dois salários o  
205 patrão me enrolando ele chegava lá, eu perguntava: - cara cadê meu salário? E  
206 tal? E só enrolação, aí chegou um dia e ele chegou lá né, na fazenda com carne  
207 cerveja e me chamou pra comer porque eu tava trabalhando né, chegou o patrão  
208 você tem que tá fazendo alguma coisa né, e nisso trabalhamos um pouquinho  
209 ali com ele né, e nisso eu fui perguntar: - e aí dia 20 de dezembro o que vai ter  
210 pra nós? Vai ter alguma coisinha pra nos porque já estamos passando  
211 necessidade aqui? Aí ele falou assim pra mim: - e esse monte de manga aí? E  
212 esse monte de tucumã? Cara isso desceu assim no meu pescoço eu fiquei  
213 olhando, ele disse: - tem isso aí pra fazer e não tá feito, tem aquilo outro ali, que  
214 era uma roçada, mas o que eu fiz fechei a cara fui fazer meu serviço e eu me  
215 lembro como se fosse hoje, eu olhei pro céu e falei: - senhor eu não sei o que o  
216 senhor tem pra mim o ano que vem, em 2006, mas eu peço meu pai, não sei o  
217 que eu vou tá fazendo ano que vem, mas eu não quero tá mais nessa situação  
218 passando por isso, e nesse momento parece que os anjos disseram amém, esse  
219 cara foi embora, não nos pagou e eu fiquei lá amargando aquela notícia e  
220 situação que eu tava passando, e quando foi no outro dia eu fui na área urbana  
221 da cidade comprar não me lembro o que e eu entrei na cidade de Candeias e eu  
222 falei: - cara essa cidade de Candeias só é pequena né mas olha o fluxo de gente  
223 nessa cidade, e aí a mulher do caixa falou assim: - não, é porque tá tendo um  
224 concurso público aqui, aí vem muita gente de Porto Velho fazer, aí eu disse  
225 assim: - como assim? E ela me deu o endereço e eu fui lá, cheguei lá eu peguei  
226 o edital, não sabia nem ver direito as profissões já tava bem ultrapassado nessa  
227 questão, muito envolvido com aquele trabalho né, então você vai ficando pra  
228 trás, vai ficando desatualizado, e aí eu peguei o edital e uma colega minha que

229 tinha terminado o ensino médio comigo me auxilio disse as vagas que tinha e  
230 tal o que eu fiz não tinha o dinheiro pra fazer a inscrição peguei a bicicleta fui  
231 pra Porto Velho pedir o dinheiro emprestado. Conseguí, voltei em Candeias fiz  
232 minha inscrição, eu peguei o edital abri e deu bem onde é a profissão que eu sou  
233 hoje agente de combate a endemias, quando eu olhei mais uma decepção porque  
234 era uma vaga, aí eu falei: - caraca velho, uma vaga pra um cara que tá quase a  
235 cinco anos desatualizado, longe do mercado de trabalho longe dos estudos, aí  
236 eu falei: - meu Deus do céu, e no mesmo edital tinha lá 40 vagas pra trabalhador  
237 braçal eu me lembro que nessa vinda pra Porto Velho eu trouxe o meu tio e ele  
238 falou assim: - cara tu vai fazer um concurso pra uma vaga tu tá ficando doido é  
239 porra? Porque tu não faz pra trabalhador braçal que tem mais vagas, tu só tá  
240 fazendo isso porque o dinheiro não é teu, fosse teu tu ia fazer. Aí eu olhei pra  
241 ele e falei assim: - meu tio é o seguinte pião eu já sou tua acha que eu vou fazer  
242 um concurso pra ser pião eu vou dá um tiro em uma coisa melhor cara, e, assim  
243 eu selei o meu sonho me inscrevi no concurso que era apenas uma vaga. Fiquei  
244 ali né já desanimado porque querendo ou não aquela palavra entrou na minha  
245 mente né, pow eu sou doido né, eu recebi né, essa palavra negativa né, como é  
246 que eu faço um concurso pra uma vaga, e aí eu fiquei amargando ali uns três  
247 dias, né, aí fui visitar o meu pai chegando lá eu falei assim: - pai, é o seguinte  
248 eu me inscrevi num concurso ali mas é só uma vaga, ele olhou assim pra mim e  
249 falou: - e tu não precisa não é só de uma? Vai estudar rapaz, se só tem uma vaga  
250 é a tua porra! Meu pai falou isso pra mim e isso ficou dentro de mim, só tem  
251 uma vaga e essa vaga é minha, é mesmo o, cara do céu, só tem uma vaga e ela  
252 é minha! E aí meu pai me dando essa injeção querendo ou não uma crítica  
253 construtiva, e aí ele foi lá na sua vasta biblioteca né, um cara preparado  
254 acostumado né, nos ensino, acostumado a lecionar, acostumado a formar né,  
255 pessoas pro futuro foi lá dentro e me trouxe uma coleção de livros né, e eu  
256 lembro, soluções concurso, aí eu peguei né, essa coleção de cinco livro e fui  
257 estudar pra prova, mas dois dias depois peguei malária e nunca tinha pego  
258 malária na minha vida, e ai fiquei pensando como eu ia estudar, só que não sabia  
259 eu que aquilo ali no espiritual, que eu acredito, ia ser a minha oportunidade  
260 porque minha família festeira, como é que eu ia arrumar tempo pra estudar,  
261 então foi um mal que veio pro bem porque eu diagnosticado com malária não

262 ia bebe nem nada e era época das festas de final de ano, minha mãe me chamou  
263 pra passar a ceia de Natal na casa dela eu fui, mas não tava muito bem né, porque  
264 estava com todos os sintomas de malária e nisso fiquei até perto de meia noite,  
265 aí resolvi ir pra casa, quando eu chego em casa eu percebi a minha casa toda  
266 aberta, e nisso minha esposa era muito religiosa e tinha ido pra igreja naquele  
267 dia e tinha me chamado pra ir pra igreja também só que eu falei: - vou nada eu  
268 não curto essas coisas tu vai tá, mas vai lá e eu vou pra minha mãe e quando tu  
269 terminar tu passa na minha mãe que a gente vem embora junto tá beleza? E isso  
270 aconteceu , aí chegando na nossa casa que faltava uns 40 metros que foi quando  
271 eu olhei eu não quis nem acreditar que minha casa tava aberta, a casa tinham  
272 feito a mudança levaram tudo, só ficou a geladeira e a cama o resto levaram  
273 tudo, e aí cara foi quando eu vi que não tinha noção do meu lado religioso da  
274 minha fé em Deus e do tanto que eu respeitava e tinha fé em Deus, porque eu  
275 nunca tinha pisado meus pés na igreja e meus pais são católicos, não seguidores,  
276 só são católicos por dizer que são porque eu nunca vi meu pai indo pra igreja ou  
277 pegando uma bíblia, eles se intitulam católicos, mas não são seguidores, não  
278 são praticantes, e aí eu fiquei né, quando entro dentro de casa essa minha  
279 mulher que estava vindo da igreja que era uma mulher devota demais, era piolho  
280 de igreja na hora que ela se deparou com aquela situação ela perdeu a fé em  
281 Deus ela blasfemou ali naquele momento pela situação que a gente tava  
282 passando e eu me preocupei muito apesar de não ser uma pessoa religiosa falei:  
283 - mulher para com isso, vamos dá graças a Deus que nos tamo vivo que nós não  
284 estávamos em casa quando isso aconteceu que nós não fomos feito de refém  
285 que nos né, tamos hoje vivo isso aqui a gente conquista depois, e ela falou assim:  
286 - não, como pode, como é que pode, eu to servindo a Deus, to na igreja a todo  
287 tempo e Deus deixa isso acontecer comigo não pode eu não aceito, eu não  
288 aceito! Aí eu falei assim: - meu amor para com isso rapaz tem mais Deus pra  
289 dar, vamos agradecer de estar vivo, e aí demorou pra mim colocar isso na cabeça  
290 dessa mulher, mas aí consegui acalmá-la, mas aí eu fiquei né aquilo ali me  
291 marcou demais, porque cara do céu, naquele momento ali o que eu falo e já foi  
292 perguntado porque eu larguei ela e foi isso naquele momento ali aquela mulher  
293 morreu pra mim porque eu não podia conviver com uma mulher desse jeito  
294 cara uma pessoa dessa forma, e aí dei continuidade ao meu processo de estudo

295 né, ainda com ela estudei, estudei e estudei muito e com ela, e aí chegou o  
296 grande dia de fazer minha prova o grande dia da prefeitura, e aí eu não tava  
297 bebendo, todo mundo bebendo Natal, Ano Novo e eu lá estudando, papirando,  
298 estudando. Chegou o grande dia da prova, e aí quando foi dada a permissão pra  
299 abrir a prova que era 50 questões 25 de português e 25 de matemática, resolvi  
300 minha prova, mas cara do céu parecia que a banca organizadora do concurso  
301 tinha elaborado aquela prova daqueles livros que meu pai me deu, parecia que  
302 eles tinham utilizado aqueles livros que meu pai me deu e tirado todas as  
303 questões de lá daquelas apostilas que eu olhei lá e comecei até ri pensei senhor  
304 olha aí, olha aí respondi rindo, eu me lembro que eu fiquei sem responder uma,  
305 só que eu me lembro até hoje que questão era que era uma que perguntava quais  
306 desses números é o número primo e no momento eu não me lembrei o conceito  
307 dos números primos, mas na hora que eu entreguei a prova eu lembrei o que era  
308 um número primo que é o número dividido por um e por ele mesmo, mas eu já  
309 tinha preenchido o gabarito, então não tinha mais jeito eu me lembro que essa  
310 questão não tinha respondido, e aí dia nove de fevereiro que foi o dia que eu fiz  
311 a prova. Fui aguarda o resultado, um belo dia eu to dormindo, e aí acordo com  
312 aquela gritaria: - tu passou cara! Tu passou! Tu passou e o jornal em cima de  
313 mim! E eu passei em primeiro lugar nesse concurso tava lá meu nome[...] e cara  
314 do céu uma vaga, uma vaga, e aí meu pai entrou em contato comigo sabendo  
315 que eu tinha passado porque por meu pai ser professor educador, então todos os  
316 concursos que tem ali eles estão a pá porque tem os alunos deles ali que faz né,  
317 e aí eu queria ta naquele momento ali imaginando como é que não tava o  
318 coração do meu pai em abrir o jornal e ver ali o nome do filho dele, em primeiro  
319 lugar né, e falar pros alunos dele né, e realmente ele demonstrou e me procurou  
320 depois e falou que ia me dar todo o suporte e me levou pra entregar os  
321 documentos e tudo porque tem todo aquele protocolo pra fazer, entregar o  
322 documento e tudo né, e aí eu lembro que ali foi reativado, ali porque querendo  
323 ou não a gente dá muitas alegrias, muitas decepções pros nossos pais né, e  
324 inclusive nesse processo de se encontrar no mundo, dentro da sociedade se  
325 encontrar financeiramente, no caráter, em tudo, então eu tinha decepcionado  
326 meu pai muito nessas áreas né, por ele ter investido tanto na gente, e aí ele  
327 reacendeu a chama né, poxa, valeu a pena cara, hoje meu filho passou no

328	concurso e foi quando eu recebi o primeiro abraço que eu me entendo, assim,
329	mas lógico que recebi muitos abraços do meu pai e tudo, muitos incentivos e
330	tudo, mas naquele momento ali dentro daquela prefeitura propriamente dita ali
331	naquele setor de RH da prefeitura de Candeias, meu pai me deu um abraço, mais
332	um abraço que nunca esqueci aquele abraço até hoje o tanto que ele ficou
333	orgulhoso ali de mim e demonstrou porque querendo ou não né cara é um orgulho
334	muito grande né, pros pais, pro pai, pra mãe, e aí ele: - tu conseguiu meu filho,
335	tu conseguiu, me abraça, me abraça e poxa tu passou foi em primeiro. E me deu
336	aquele abraço e eu recebi e aquilo foi um balsamo na minha alma, cara não tava
337	nem acreditando era um sonho, e aí eu conquistei né, e to hoje já a 16 anos, foi
338	o divisor de águas da minha vida que é da onde eu vivo, hoje sou funcionário
339	público e dali eu conquistei minha casa própria, minha habilitação tudo, minha
340	organização financeira tudo, porque o que eu tenho hoje eu devo a essa
341	prefeitura né, conheci a minha esposa nesse tempo, eu tenho um filho fora do
342	casamento e essa é a minha história né, venci.

#### Narrativa 04 (NOEP4)

01	Bom, meu nome é [...] tenho 62 anos e nasci na cidade de Floriano Piauí, o meu
02	pai é [...] e minha mãe [...], sou de uma família de 11 filhos e eu sou o
03	antepenúltimo dos homens né, porque são 4 homens e 7 mulheres eu sou o
04	terceiro dos homens e estão todos vivos, e o mais interessante de tudo é que
05	quando eu ia fazer sete anos a minha madrinha dando umas voltas lá pelo meu
06	pai disse que não tinha nenhum filho homem e pediu para eles deixarem eu
07	passar uns dias com ela e isso foi no final da década de 60 e quando eu vi eu
08	estava morando na cidade de Bacabal com a minha madrinha e fiquei morando
09	com ela como se fosse filho dela e perdi o contato com a minha família e
10	somente em 1976 eu me aborreci com ela e disse que ia embora juntei minhas
11	coisas e falei: - eu vou embora, eu vou embora, eu já era adolescente mesmo. E
12	meus pais não foram atrás de saber de mim porque minha madrinha era irmã do
13	meu pai, então eu tava dentro da família e também naquela época era comum a
14	família dar uns de seus entes né, filho para outros parentes cuidar. E a minha
15	madrinha enganou os véis, disse que eu ia pra lá pra estudar, só que realmente
16	eu fui pra lá pra estudar e agradeço muito de eu estar estudando só que eu

17 trabalhava muito, quando eu chegava da escola já tinha que ir ajudar porque ela  
18 tinha um comércio e a gente ficava no comércio, e só fechava de noite, aí no  
19 outro dia tinha que ir 4:30 da manhã pro mercado pra levar as coisas, umas  
20 bacias na cabeça, e sete horas tinha que ir pra escola, chegava meio dia, vai  
21 trabalhar, e eu não reclamo porque eu fico observando hoje em dia trabalhar não  
22 faz mal a ninguém e se não fizer bem, mal também não vai fazer, mas se fosse  
23 com o meu pai eu era mais feliz porque ali eu tava trabalhando pro zoto, né.  
24 Mas voltando, eu falei pra ela que ia embora, e é até engraçado porque eu só  
25 tinha uma muda de roupa, pois quando ela foi me levar lá pra casa do meu pai  
26 ela comprou uma mala de roupa pra mim, não que ela não tivesse posse, porque  
27 ela era muito rica, a minha madrinha/tia ela era tão rica que se eu enchesse as  
28 mãos de dinheiro lá onde ela colocava os dinheiros, que era debaixo do colchão,  
29 ela não ia nem perceber e nem saber quanto eu teria pego, do tanto de dinheiro  
30 que tinha lá, mas ela era ordinária e não gostava de gastar o dinheiro dela não,  
31 principalmente, com menino que não era filho dela(risos). Ela só teve uma filha  
32 e criava quatro filhos e esses quatro filhos era os que ela botava pra trabalhar,  
33 botava pra moer e a taca, nós apanhava todo santo dia, todo santo dia a veia  
34 dava uma surra em nós, as vezes até eu não sabia porque eu tava apanhando  
35 (risos) mas ela batia assim mesmo porque se um apanhasse todo mundo tinha  
36 que apanhar, mas também não reclamo não, porque aquelas tacas foram  
37 sagradas, porque esses meninos de hoje em dia, que não apanha, não respeita  
38 ninguém, isso é fato. Então, eu cheguei na casa de meu pai e ele viu o filho dele  
39 homem né, porque lá ela forjou um homem né, porque lá ela cobrava bastante,  
40 então a gente tinha responsabilidade, acordava cedinho e já caçava o que fazer,  
41 então eu cheguei na casa de meu pai e ele é dono de terra tinha muito gado  
42 naquela época ele tinha muita criação: gado, bode, ovelha, cabra, égua, cavalo  
43 porque ele tinha muitas terras lá no Piauí, então, durante o tempo que passei lá  
44 na casa do meu pai que foram quinze dias quando amanhecia eu ia direto pra  
45 roça caça o que fazer e como eu não tinha tempo de ficar observando as  
46 conversas, quinze dias depois pra minha surpresa porque eu tinha fala pro meu  
47 pai e minha mãe que eu queria ficar lá com eles não queria voltar, mas aí no  
48 último dia dos quinze dias fizeram uma festa lá muito bonita e no meio da festa  
49 o meu pai pediu a atenção de toda a família e disse que tava muito feliz com o

50 filho que tinha e que naquele dia aquela festa era em minha homenagem porque  
51 eu ia retorna pra continuar os estudos porque eu ia ser doutor, aí lógico a família  
52 apoiou e me mandaram de volta, e aí eu voltei pro meu inferno, porque pra mim  
53 morar com a minha madrinha era o inferno, mas a minha família não me apoiou  
54 e eu tive que voltar, e voltei a contragosto e realmente nunca estudei em escola  
55 pública só estudei em escola particular, mas porra a gente trabalhava muito  
56 acredito que com o nosso serviço dava pra pagar o valor da mensalidade da  
57 escola e escolas boas, muito boas. Só que antes de eu voltar eu falei pro meu  
58 pai que eu disse: - olhe meu pai o senhor pode ter certeza que eu nunca mais  
59 volto aqui. E deixei minha mãe chorando e meus irmãos e segui a vida né,  
60 morando com mia tia. Dei graças a Deus quando eu inteirei 18 ano pra mim  
61 entrar no exército, aí eu já tinha terminado meu ensino médio e era técnico em  
62 contabilidade, entrei no exército fui cabo, aí fiz a escola de sargento, sou da  
63 turma de 79, e no exército não sei o que aconteceu eu fiquei três anos, mas tive  
64 que sair porque lá também a disciplina era muito rígida e eu já vinha dum  
65 ambiente onde eu me sentia atormentado com tanto disciplina e eu sei que eu  
66 saí do exército muito novo e eu ganhei muito dinheiro no exército até porque  
67 um sargento naquela época ganhava quase 20 salários mínimos e tinha uma boa  
68 casa e levei até uma irmã minha pra morar mais eu, consegui porque na época  
69 era muito comum os pessoal do Nordeste estarem no garimpo e lá na cidade de  
70 Macapá onde eu morava tava abrindo um garimpo naquela região do extremo  
71 norte do Brasil, e nessas andanças lá eu topei com ela perto da Serra do Navio  
72 ela era esposa de um dono de draga garimpeiro e a gente ficamos morando junto  
73 lá. Aí quando eu saí do exército eu me mandei pra Belém e ela ficou lá no  
74 Amapá. Chegando em Belém, eu fique em Belém alguns dias, depois fui pra  
75 Imperatriz em Bacabal onde na minha adolescência eu morei e estudei o Ensino  
76 médio, mas a minha madrinha a gente não tinha mais contato, desde que eu  
77 entrei no exército, ou seja, nós estávamos três anos que não conversávamos, aí  
78 eu voltei, né, pra Imperatriz pensando que ela morava lá, mas ela não morava  
79 mais em Imperatriz, cheguei lá eu fiquei atordoado porque quem morava na  
80 casa era outra família e eu fiquei, assim me perguntando como assim essa casa,  
81 a casa que eu fui criado e cresci, mas aí eu pedi pra ver a casa e lembrei muitas  
82 coisas matei a saudade e saí, aí eu tinha muitos amigos lá né, e fiquei na casa de

83 um amigo meu e ele me falou que a minha madrinha tinha ido pra Goiânia, aí  
84 eu desci pra Goiânia e já não era mais militar do exército, aí eu chegando em  
85 Goiânia muito difícil ali no começo dos anos 80/82 final de 82 começo de 83 a  
86 situação tava dificultosa, assim pra arrumar emprego e tinha sim muito  
87 emprego, mas de vendedor e eu não sei vender nada pow, e também não sabia  
88 fazer nada porque apesar de eu trabalhar com a minha tia eu trabalhava no  
89 comércio atendendo, repondo mercadora e em Goiânia uma cidade muito  
90 grande e eu ainda não tinha, assim visto uma cidade tão grande né, quer dizer  
91 só Belém né, mas Goiânia é muito mais grande do que Belém. E eu não consegui  
92 arranjar emprego e passou-se um mês, dois meses, três meses e eu sem arranjar  
93 emprego e eu já não tinha um centavo e morando na casa da minha madrinha,  
94 só que a minha madrinha também não tinha casa e morava na casa da filha dela  
95 a única filha dela mesmo e eu descobri que a filha dela era deficiente, ela tinha  
96 um grau de deficiência não sei dizer o que era mais tinha tipo autismo, mas não  
97 era de muita intensidade só sei que ela tem essa deficiência né, e eu só sei que  
98 o marido dela espancava ela todo dia e eu ficava vendo aquilo e não podia falar  
99 nada porque eu tava na casa dele e eu ficava vendo ele maltratar a minha irmã  
100 que tudo bem não era irmã legítima mais era irmã de criação e a minha madrinha  
101 devido a esse fato ela sumia e só voltava na hora de dormir e ela trabalhava.  
102 Agora, eu não sei como aquela mulher perdeu tudo porque ela tinha muito  
103 dinheiro, mas assim pra vocês verem quanto inocente era o ser humano naquela  
104 época né, hoje eu sei que tudo que ela perdeu na cidade de Bacabal que onde  
105 ela morava ela era dona da metade da cidade, a minha madrinha era tão rica na  
106 cidade de Bacabal que quando eu saía pro clube eu só dizia assim: - eu sou  
107 filho da Dona [...], pode colocar na conta da [...], assim eu chegava em uma  
108 churrascaria pra comer era só eu falar que era filho da Dona [...], então todo  
109 mundo já sabia de quem eu era filho, aí de repente, porque ela rica na década  
110 de 70 e depois na década de 80 não ter mais dinheiro foi estranho até porque ela  
111 foi a dona do maior mercado da cidade de Imperatriz, ela tinha 16 casas nessa  
112 cidade, só pra aluguel, e um mercado com mais de cinquenta boxes pra alugar e  
113 assim eu entrei no exército saí fora fiquei três anos saí fora e quando saí a mulher  
114 não morava mais em Imperatriz já tinha vendido tudo e tava morando de favor  
115 em Goiânia, aí eu descobri já muitos anos depois que ela tinha botado dinheiro

116 dela na popança e que (risos)eu sempre falo que a mulher quando completa os  
117 quarenta anos perde o juízo(risos) e aí quando ela chegou nos quarenta anos  
118 essa mulher lascou o pau a namorar menino novo, e isso já todo mundo dizia né  
119 os vizinhos amigos, porque eu fui querer saber o motivo dessa falta de dinheiro  
120 e todo mundo falou que ela se envolveu com muito rapaz novo e que comprava  
121 carro e viajava, ou seja, gastou sendo feliz pelo menos, eu acredito, porque  
122 quando eu a encontrei ela já tava pobre, pobre, pobre trabalhando de cobradora  
123 de ônibus em Goiânia. Aí eu vendo né aquela situação no ano de 1983 minha  
124 madrinha pobre, cobradora de ônibus e eu desempregado minha irmã  
125 apanhando todo santo dia, porque quando o marido dela chegava já era batendo  
126 nela e eu não aguentava aquilo, mas tava sem nenhum cruzeiro, aí eu disse: -  
127 agora lascou-se. Aí eu consegui arranjar um serviço pra vender plano funerário  
128 na empresa Pax Paz Eterna, que pelo menos eu ganhava o almoço todo dia e  
129 assim não ia naquela casa ver aquela esculhambação e eu passava o dia fora. Eu  
130 consegui vender uma meia dúzia de caixão e com esse dinheiro eu disse: - eu  
131 vou embora, e isso em abril de 1983 e eu disse: - eu vou embora, eu vou embora  
132 pra onde ainda não sei. E, assim do exército a única lembrança que eu tinha e  
133 ainda tenho até hoje, fevereiro de 2023, e eu ainda tenho um uniforme completo  
134 de sargento do exército que tá guardado na casa da minha sogra e é relíquia. E  
135 eu fiquei pensando, meu Deus o dinheiro que eu tenho não dá pra pagar uma  
136 passagem pra nenhum lugar nem pra Cuiabá, porque a passagem de Goiânia pra  
137 Cuiabá custava 17000 mil cruzeiro e eu tinha quinze ainda faltava dois, aí eu  
138 esperei minha madrinha chegar e disse pra ela que eu ia embora e ainda não  
139 sabia pra onde eu só sei que eu queria ir embora ganhar o bredo, ganhar o  
140 mundo, aí ela disse: - é meu filho se é melhor pra você, e eu disse que era melhor  
141 porque ali não dava pra ficar mais porque senão eu ia matar aquele cidadão que  
142 batia todo dia na minha irmã [...] que é viva até hoje, mas graças a Deus o  
143 marido dela já morreu e eu acho que morreu de tanto bater nela. Aí eu perguntei  
144 pra minha madrinha se ela não tinha esses dois mil pra me arrumar ela disse: -  
145 tem não meu filho, mas eu sabia que ela tinha porque eu já tinha descoberto que  
146 ela tinha não sei quantos milhão na Caixa, mas ela disse que não tinha fazer o  
147 que né, aí eu disse: - vou embora amanhã. Aí de noite meu cunhado chegou e  
148 falou: - bora beber meu cunhado, bora beber, aí depois da bebedeira peia na

149 minha irmã porque eu fui dormi e minha irmã foi apanhar, aí no outro dia de  
150 manhã eu disse: - mana veia como tu aguenta um negócio desse? e ela tinha  
151 dois filhos, dois garotinhos, aí eu falei: - mana eu vou embora, e ela perguntou:  
152 - pra onde? Eu disse que não sabia ainda mais que eu ia embora e ela perguntou  
153 se eu tinha dinheiro e eu disse: - tenho não, mas eu vou embora, eu vou a pé  
154 mais eu vou eu não aguento ficar aqui não vendo esse negócio aí, só que eu não  
155 sei como é que saí de Goiânia porque eu não conheço essa cidade, apesar de eu  
156 ter andado muito nela eu não sabia como saía de lá porque eu já tinha tentado  
157 sair várias vezes e não conseguia não achava a BR, aí eu disse: - é vou esperar  
158 meu cunhado chegar pra ele me dizer como que saí, mas pra minha infelicidade  
159 meu cunhado não chegou nesse dia, e o dia passando e deu uma hora, deu duas  
160 horas e nada do meu cunhado chegar, e aí eu disse: - mana venha cá, me dê um  
161 abraço. Era 16:00 horas da tarde só não me lembro o dia mais era em Abril, e  
162 eu disse: - eu vou embora, e ela disse: - vai já escurecer, e eu disse: - e eu vou  
163 assim mesmo eu não aguento dormi mais nenhuma noite aqui. Eu disse: - eu  
164 vou lá conversa com o [...] pra ele me dizer como que eu faço pra sair daqui de  
165 Goiânia, e o serviço dele dava mais ou menos uns dois quilômetros de distância  
166 da casa, e aí eu fui lá no meu cunhado e ele disse: - e ai bora tomar uma? Eu  
167 falei: - bicho, eu vim aqui só pra tu me dizer como é que eu faço pra sair aqui  
168 de Goiânia, ele disse: - como assim, pow? E eu falei pra ele que tava indo  
169 embora pra qualquer lugar que não fosse em Goiânia, aí ele disse: - tu que ir pro  
170 Sul ou tu que ir pro Norte? Aí disse: - eu quero ir pro Norte que eu vejo na  
171 televisão umas propagando dizendo que em Porto Velho tem ouro em qualquer  
172 lugar e eu quero ir pra lá garimpar, quero ganhar muito dinheiro com ouro, aí  
173 ele disse: - tá bom! Aí eu disse pra ele: - mano vei só que tem um detalhe eu  
174 não sei como é que faz pra sair aqui de Goiânia no rumo de Porto Velho, e nisso  
175 tava vindo um ônibus e ele mandou eu pegar esse ônibus que ia pra BR, aí eu  
176 pedi um vale transporte dele e o ordinário só me deu um, mas tá bom né, fazer  
177 o que, entrei no ônibus perdi a parada que ele falou onde era pra mim descer e  
178 tive que descer no meio da Br onde não tinha nada. Andei e avistei uma placa  
179 com o nome Guapó 27 quilômetros, e foi pra lá que eu fui, e todo carro que  
180 passava eu dava com a mão pedindo carona até que parou um caminhão e  
181 perguntou pra onde eu ia e eu falei que ia pra Jataí o homem falou que não ia

182 até lá, mas que poderia me dar uma carona, aí depois de um tempo ele me deixou  
183 em um posto né, e foi embora e nesse posto eu vi que tinha uma churrascaria,  
184 como eu não tinha dinheiro eu fui pedir pra fazer qualquer coisa em troca de um  
185 prato de comida e deu certo isso limpei a cozinha toda pro dono da churrascaria  
186 e depois ele me deu comida e, assim foi toda a minha caminhada até eu  
187 conseguir chegar em Porto Velho, pedindo carona e trabalhando por uma  
188 refeição. Teve nesse percurso uma história engraçada que foi eu me passar por  
189 sargento do Exército pra consegui carona porque eu ainda tinha uma farda  
190 completa da época que eu servi, e assim eu peguei uma carona no carro do  
191 exército até um certo ponto porque antes uma viagem dessas demorava uns 15  
192 dias pra fazer porque a estrada era ruim demais, mas eu consegui cheguei na  
193 Rodoviária de Porto Velho eu e minha mochila que eu chamava de mocó.  
194 Cheguei na rodoviária, fiquei olhando, na hora que eu pisei na calçada da  
195 rodoviária tinha uma Kombi com o nome nela “Governo do Estado de  
196 Rondônia” e me perguntaram: o senhor é migrante? E eu disse: - sou, acabei de  
197 chegar em porto Velho, pois então venha cá assinar aqui, vem de onde? Aí eu  
198 disse: - que vim do Maranhão, que era de onde eu vinha mesmo porque eu passei  
199 na minha madrinha só de passagem, mandaram eu assinar uns papeis lá e  
200 disseram que eu tinha uma semana de diária de hotel paga, aí me levaram no  
201 hotel, aí eu disse: - caraca, você chega aqui e já ganha diária no hotel! Aí uma  
202 semana paga de hotel, aí eu fiquei assim, fui pro hotel tomei um banho, muito  
203 feliz, um quarto só pra mim, só pra mim um quarto! Eu achei incrível, aí  
204 disseram assim: - olha a manhã de manhã 8:00 horas a gente passa aqui pra lhe  
205 pegar pra ir trabalhar, aí eu fiquei assim pra ir trabalhar? (risos)Aí quando foi  
206 no outro dia de manhã tinha um ônibus lá “Governo do Estado de Rondônia”  
207 porque os hospedes daquele hotel era tudo migrante, aí tufáíamos dentro do  
208 ônibus e levou a gente lá pra praça da Esplanada das secretarias onde hoje é o  
209 CPA, mas antes era tudo de madeira lá, entramos lá e tinha um monte de mesa  
210 e começaram a falar: - olha quem é motorista pra cá, quem é pedreiro,  
211 carpinteiro, encanador e foi dizendo né. Aí agora lascou-se porque eu não sabia  
212 fazer nada dessas coisas, não falou nada que eu soubesse fazer, não chamou  
213 técnico de contabilidade porque se tivesse chamado eu tinha ido né bicho, Aí  
214 ficou só eu lá e perguntaram o que eu sabia fazer eu disse: - eu sei datilografar

215 e pronto me colocaram em uma máquina de datilografia e eu comecei a fazer os  
216 documentos porque eu era bom em datilografar, eu fiz o curso pelo SENAC, aí  
217 o pessoal falou assim: - então, tá bom você vai ser nosso datilografo pegue seus  
218 documentos pra nós assinar a carteira e tal, aí eu disse: - mas eu não quero  
219 trabalhar aqui não, o homem me olhou e falou assim: - como assim rapaz você  
220 vai ser funcionário público? Funcionário público? Eu disse: - não! Mas eu não  
221 quero ser funcionário público, Deus me livre de ser funcionário público, porque  
222 na minha cabeça, na minha cultura eu passei minha vida toda escutando da  
223 minha família que funcionário público era tudo malandro que não trabalhava só  
224 ganhava dinheiro, e eu não queria ser chamado de malandro eu queria trabalhar.  
225 Aí falaram pra mim que eu tinha que sair do hotel porque eu não queria ser  
226 funcionário e eu tive que sair né, só que no caminho de volta pro hotel eu  
227 perguntei do motorista se tinha uma empresa aqui chamada MIBRASA e ele  
228 disse que tinha sim e eu pedi pra ele me deixar lá nessa firma e ele disse: - rapaz  
229 é no meu caminho. Quando chegamos lá já era meio-dia a firma já tava fechada,  
230 mas eu fiquei por ali mesmo, a firma era na frente da 17ª brigada, e aí eu fui lá  
231 pra igreja matriz de Porto Velho passar hora. E eu queria ir nessa firma porque  
232 eu me lembrei que o meu padrasto que era o pai das minhas irmãs de criação, e  
233 aí eu lembrei que em 1972, ele tinha largado de minha madrinha e veio pra Porto  
234 Velho ser funcionário dessa empresa, então eu pensei vai que ele tá por aqui  
235 ainda né, e isso era 83, aí deu duas horas a empresa abriu eu fui lá e pedi a  
236 informação de saber se no quadro de funcionaria tinha um cidadão chamado  
237 [...], e disseram que tinha sim ,mas ele trabalhava na firma de Campo Novo e  
238 era gerente de aprovisionamento do setor, perguntaram meu nome e o que eu  
239 era dele eu falei que era filho de criação e tal. Aí ligaram pra ele, ele confirmou  
240 que era meu pai, mas só que tinha um problema porque só ia sair um ônibus pra  
241 esse assentamento no outro dia, mas tua acredita que ele mandou um avião teco-  
242 teco vir me buscar, e eu fiquei assim pow, meu ti é rico (risos) mandaram eu  
243 aguarda que camionete ia me levar no aeroclube pra pegar o avião, aí tá né,  
244 cheguei em Campo Novo no final da tarde e tava lá meio mundo de gente me  
245 esperando, meu ti, alguns amigos [...] minha irmã estava lá também que eu nem  
246 sabia porque eu nunca mais tinha tido contato com ela, a [...] também tava lá e  
247 eu disse meu Deus que maravilha encontrei as minhas irmãs! Meu tio já tinha

248 outra mulher e teve mais um filho chamado [...] aí foi uma festa né, a minha  
249 chegada e realmente o meu padraço né, era bem afeiçoado nessa empresa né,  
250 lá era um cento de mineração o que era muito comum na época aqui em  
251 Rondônia, aí passei uma semana né, uns dez dias, aí ele perguntou se eu não  
252 queria trabalhar na cantina da cidade, aí eu perguntei se não tinha um serviço  
253 de gerencia (risos) porque eu no exército, o meu serviço era da instrução, e aí  
254 ele falou que não tinha, e eu falei pra ele que não ia dá certo de eu ficar lá, aí eu  
255 passava o dia todinho sem fazer nada um tédio da moléstia porque ia todo  
256 mundo trabalhar. Até que eu resolvi ir embora pra Porto Velho, de novo, aí ele  
257 disse: - é meu filho, se você quer ir embora amanhã tem ônibus, e eu disse que  
258 ia embora no outro dia mesmo, ele me deu um dinheiro bom e eu fui embora de  
259 ônibus, na estrada uma árvore tinha caído e tivemos que corta ela pra poder  
260 seguir viagem, e nisso subiu no ônibus mais quatro cidadãos e um deles sentou  
261 do meu lado e viemos conversando bastante e ele me perguntou o que eu vinha  
262 fazer em Porto Velho, eu falei que ainda não sabia porque eu não conhecia  
263 ninguém e vinha pra arrumar um serviço, aí no nome dele tinha [...] e meu nome  
264 é [...] e ele ficava falando rapaz eu acho que somo é parente e eu dizia somos  
265 não, porque meu nome é [...] e [...] tem muitos agora [...] não só tem eu, eu sou  
266 o único (risos). Mas tudo bem é porque como tu não tem pra onde ir tu pode  
267 morar lá em casa, minha casa é grande, aí eu disse: - é teu pai e a tua mãe? Não  
268 se preocupa mainha a gente conversa com ela, chega lá eu vou falar pra minha  
269 mãe que tu é parente dela, que tu é primo dela que veio do Acre, eu disse: - eita,  
270 porra! (muitos risos) Aí fomo o nome da mãe dele era [...] ai ele disse: - olha,  
271 eu vou chegar primeiro falo com mainha pra confirmar tudo pro papai que tu é  
272 parente dela lá do Acre e que veio passar uns dias aqui com a gente e veio atrás  
273 de serviço, então tá bom eu concordei e fomos, chegando lá fui muito bem  
274 recebido a dona [...] eu acho que ela não era muito certa do juízo, ficou assim  
275 meia interessada por mim sei lá (risos) aí falaram pro véi e foi aquela festa com  
276 a minha chegada, todo mundo festejando a chegada do parente da dona [...] aí  
277 tá né. O velho tinha uma frutaria, ele tinha uma banca de fruta no mercado e ele  
278 vendia fruta e verdura em um carrinho na rua, aí como eu nunca gostei de ficar  
279 parado, aí eu perguntei pra ele se eu podia ajudar ele e ele me perguntou se eu  
280 já tinha trabalhado em mercado e de fato minha infância foi trabalhando no

281 mercado da minha madrinha, aí deu certinho. Aí ele falou que eu ia ficar  
282 responsável pela banca de frutas que ficava no mercado e ele ia continuar na  
283 rua, eu perguntei dele se os filhos dele não ajudava, ele disse: - rapaz os meus  
284 meninos são tudo vagabundos não me ajudam em nada! Isso aqui fica  
285 abandonado e eu fico no carrinho vendendo na rua, pois eu falei pra ele que a  
286 gente ia melhorar as coisas porque eu tinha muitas experiências em banca de  
287 mercado. A primeira coisa que eu fiz foi ir no galpão que fornecia as coisas pra  
288 ele e fiz um contrato lá com o japoneses pra eles surti a banca todinha, aí assim  
289 fizeram né, quando o seu [...] chegou a banca tava surtida de coisas pra vender,  
290 tinha de tudo, porque a gente ia lá comprava tudo pra pagar no outro dia com o  
291 apurado igual a minha madrinha fazia no mercado dela, esse homem ficou assim  
292 sem entender direito mais deixou as coisas pra mim resolver. Eu mandei ele se  
293 preocupar com as vendas do carrinho que com a banca do mercado se  
294 preocupava eu, porque ele ficou meio nervoso de não dá pra pagar as coisas no  
295 outro dia, eu só sei que três meses depois as coisas já estavam de vento em  
296 poupa a banca já dava lucro. E em julho de 83 eu conheci a minha nega, na casa  
297 da dona [...], mas o irmão do meu amigo dizia que namorava com ela, ela hoje  
298 em dia diz que não, mas na época né, não sei, ele ficava abraçando ela, mas ela  
299 não dava muita bola pra ele, empurrava ele, mas eu não podia falar nada porque  
300 afinal eu era tio dele (ele era meu parente). Nisso eu tinha meus 22 ano, sei que  
301 só com o dinheiro da banca que eu administrava o vei comprou um carro, e foi  
302 aí que os filhos cresceram o olho dizendo que eu devia tá bem roubando do pai  
303 deles porque devia tá dando muito mais dinheiro, mas só que é claro que eu  
304 pegava a minha mixaria né, afinal eu trabalhava lá, e eu não roubava, só tirava  
305 o meu salário, nisso quando foi em setembro, estamos no bar da [...] que era o  
306 point na época, eu tava lá pedi uma dose de Martini porque eu sempre gostei  
307 de bebida doce, tava com o meu sobrinho e perguntei dele o que ele ia bebe e  
308 ele pediu uma chumbada, e era uma sexta-feira dia de forrozão, aí eu pedi uma  
309 garrafa de champagne porque eu sempre gostei de ostentar né, aí a gente tá lá  
310 sentado bebendo e passa aquela morena da porra, aí o [...] falou que era a nega  
311 dele e já chamou ela pra nossa mesa, mas ela falou que ia pra outra discoteca e  
312 tal só sei que a gente combinou de ir nós tudin pra essa discoteca, e aí a gente  
313 foi, chegou lá eu comprei as entradas a gente entrou, como eu gostava de cerveja

314 também pedi uma pra nossa mesa e ela e meu sobrinho ficaram tomando essa  
315 tal de chumbada que era cachaça com catuaba, nisso quando eu levantei da vista  
316 meu sobrinho deixava a nega sentada lá comigo e ia dançar no salão com outras  
317 meninas, aí foi a deixa, eu perguntei dela se eles estavam juntos ela respondeu  
318 que não, aí maravilha pra mim, já me agarrei com ela. E o [...] quando voltou  
319 quis frescar mas a nega deu logo um chega pra lá nele, aí ele foi pro salão de  
320 novo e voltou com outra mulher e ficamos nós quatro lá bebendo, dançando  
321 porque eu fui dançar com a minha moreninha agora, né, a música menina  
322 veneno. Aí depois disso começou o nosso romance, aí até enquanto eu e ela não  
323 tinha envolvimento nenhum nega era a pessoa mais pura e mais respeitosa que  
324 tinha ali naquele pedaço de Porto Velho, a partir do dia que eu me envolvi com  
325 essa mulher, os meu “sobrinhos”, minha “irmã” e todo mundo passou a falar  
326 mal da nega, todo mundo começou a lasca o pau nela e eu ficava mais meu Deus  
327 do céu que tentação, porque ficaram com raiva de mim também e resumindo,  
328 eu tive que sair da casa, eu tive que abandonar o trabalho na feira porque assim  
329 eles achavam que tavam rico né, porque já tinham até comprado carro com a  
330 feira, ou seja, me excluíram, eu fiquei de boa, né, fazer o que, foi aí que eu  
331 lembrei que era técnico de contabilidade né, e sabia exercer a função, foi aí que  
332 eu aluguei um apartamento no centro da cidade peto da casa da nega, e foi aí  
333 que eu indo pra casa da nega vi em um estabelecimento um cartaz dizendo que  
334 precisava de técnico de contabilidade, marminino eu fui lá e consegui esse  
335 emprego, e foi o meu primeiro emprego de carteira assina e olha que o salário  
336 era bom em, e a nega ela trabalhava fazendo faturamento pra uma empresa de  
337 atacadista e deu certinho porque o meu trabalho era pertinho da casa do pai dela,  
338 então a gente se via todo dia, aí em novembro eu pedi a mão dela pro pai dela  
339 pra casar porque naquela época tinha dessas coisas né (risos) aí o pai dela ficou  
340 meio assim e eu falei pra ele que a gente queria ficar juntos para sempre, mas  
341 aí o vei falou, falou, falou, mas deixou, aí quando foi em final de dezembro  
342 rolou o rala e rola e ela contou pra mãe dela a mãe dela ficou nervosa porque a  
343 gente ainda ia marca a data do casamento, e que o pai dela ia ficar com raiva  
344 disso e tal, eu só sei que fomos morar junto sem se casar, porque não tinha mais  
345 o que fazer, e então eu juntei minhas coisas tudo e em dezembro de 1983 eu fui  
346 morar na casa da minha sogra, mas só que nisso pra felicidade ou infelicidade a

347 nega já tava era prenha, e foi na nossa primeira vez, parecia que o menino já  
348 tava era no bolso, porque eu mal conheci a mulher já engravidei ela, minha  
349 nossa! Aí pronto né, naquela época se uma funcionaria engravidasse tomava as  
350 contas e isso aconteceu com a nega, levou as contas, aí ficou prenha e  
351 desempregada, mas ainda bem que pagaram os direitos dela tudo direitinho e eu  
352 tava empregado, o bucho começou a crescer e o ano já era 84. Nisso a mulher  
353 do meu patrão morreu e ele ficou, assim meio desnorteado e acabou fechando o  
354 estabelecimento e eu fiquei desempregado pra nossa tristeza também, aí fiquei  
355 um tempo desempregado porque não aparecia nada na minha área até que  
356 resolvi trabalhar de qualquer coisa porque eu tava precisando, e aí eu fui na  
357 empresa de mineração, cheguei lá falei que era técnico de contabilidade mais  
358 eles falaram que não tinha vaga pra isso, mas tinha vaga de ajudante de serviço  
359 geral, e aí eu perguntei: - o que ajudante de serviço geral fazia? E eles disseram  
360 que ajudava em tudo e foi esse emprego mesmo que eu abracei porque tava  
361 precisando né, meu serviço lá era varrer, limpa banheiro, limpar os escritórios.  
362 Um dia, pediram pra eu pintar umas prateleiras, eu pintei, aí os camaradas com  
363 brincadeira lá derrubaram um escada no carro de um dos encarregados e  
364 ameaçou, e foi aí que eu disse que desamassava e pintava, porque quando criança  
365 eu era muito curioso e perto de casa tinha um lugar que fazia esse tipo de  
366 serviço, mas a princípio o homem desacreditou, mas acabou deixando eu  
367 desamassar e pintar, aí ele gostou muito do meu serviço e perguntou se eu queria  
368 ir pro setor, eu perguntei: - o que era isso? E ele disse que era a Vila dos  
369 mineradores e que lá tinha tudo inclusive casa para os trabalhadores, eu fiquei  
370 assim né, ele falou que o salário era melhor, mas eu falei pra ele que não tinha  
371 nada e ele disse que não tinha problema que lá eu ia conseguir tudo, eu cheguei  
372 em casa perguntei da nega se ela topava? E ela falou que sim! Foi ai que fomos  
373 pra essa Vila e eu fui como pintor de automóvel, me deram uma casa muito boa,  
374 me deram colchão e comida, aí me levaram no escritório e foi quando o  
375 administrador perguntou: - como assim que eu tinha sido contratado como  
376 pintor se lá eles não precisavam desse serviço. Aí agora lascou-se, mas ele falou  
377 pra mim não me preocupar que ele já sabia de que que eu ia trabalhar, aí ele  
378 falou que eu ia trabalhar com veneno, eu falei: - com assim veneno? Ele disse:  
379 - vai ser assim, tem uma máquina aqui que a gente coloca malatou, aí você vai

380 passar esse veneno nas duas vilas que tem aqui, duas vezes por semana, no final  
381 da tarde, e você vai ficar responsável por esse depósito não de essa chave pra  
382 ninguém porque lá tem veneno de todo jeito, até aí tudo bem, aí ele me explicou  
383 tudo direitinho quanto eu ia ganhar e tal, aí eu perguntei dele: - sim, mas e  
384 durante o dia o que eu vou fazer? aí ele mandou eu pesca, capinar, fazer uma  
385 horta em casa, ou seja, fazer o que eu quiser porque o veneno era só duas vezes  
386 por semana, e ele falou também pra mim que no outro dia depois do veneno eu  
387 tinha que pegar uma requisição e até então, eu não sabia pra que era essa  
388 requisição, até que eu fui no lugar que entregava a requisição e ela me dava  
389 direito a quatro latas de leite ninho porque eu tinha que tomar bastante leite  
390 porque eu trabalhava com veneno, tá bom, né. Aí passou muito tempo, e aí fiz  
391 outro filho e ficava muito tempo em casa e isso foi me entediando porque eu  
392 ficava muito tempo em casa e pião se ele tiver comendo todo dia tá ruim pra  
393 ele, e eu fui esse pião e tava ruim pra mim que tava comendo todo dia, com uma  
394 casa boa, com tudo dentro e resolvi pedir demissão, o pessoal ficou surpreso,  
395 mas fazer o que me deram as contas. Voltamos pra casa da minha sogra, agora  
396 com duas crianças, acabamos passando necessidade porque o dinheiro do acerto  
397 acabou e eu não conseguia arrumar trabalho nem a nega porque tinha que cuidar  
398 das crianças, e também chegamos bem na época do plano do Sarnei que  
399 congelou um monte de coisa e não tinha emprego em Porto Velho também, e aí  
400 lascou-se pra nós, pensei em ir pra Boa vista porque tava começando um  
401 garimpo, aí a nega falou: - mais homi tu esqueceu que a tua experiência com o  
402 garimpo não foi boa, tu quase é morreu com isso, porque assim eu fui pro  
403 garimpo com um conhecido meu e só lá eu descobri que morria gente demais  
404 porque eles ficavam embaixo d'água com uma mangueira puxando a areia e  
405 quando a máquina puxava área demais você ia junto e morria por lá mesmo o  
406 pessoal não queria nem saber só queria saber do ouro, e foi aí que eu falei: -  
407 Deus me livre, morro pobre mais não quero mais saber de garimpo, mas aí tá,  
408 né, eu precisava trabalhar, foi aí que eu virei pedreiro e fui um pedreiro  
409 respeitado, consegui até uma equipe que trabalhava comigo direto né, e né  
410 falando não eu era muito bom em tudo que eu me propunha a fazer, e foi aí que  
411 eu trabalhei pra um homem que me deu uma oportunidade muito boa não só pra  
412 mim mais pra toda a minha equipe porque ele viu em nós muito potencial eu

413 acho, porque ele perguntou onde cada um queria trabalhar pra melhorar de vida  
414 porque ele era muito influenciador na cidade, cada um escolheu o que queria e  
415 eu escolhi estudar porque eu sempre vi nos estudos uma oportunidade de  
416 melhorar de vida, mas eu tive um grande obstáculo que foi a perda de toda a  
417 minha documentação escolar nessas minhas viagens toda, mas coloquei na mão  
418 de Deus e ele me ajudou e eu conheci pessoas certas que me ajudaram e foi,  
419 então que fiz o vestibular da UNIR, fiz e passei, passei em quarto colocação  
420 para o curso de matemática e eu escolhi esse curso porque eu já tava com três  
421 filho e um pra nascer e me falaram que professor de matemática não ficava  
422 desempregado foi por isso que eu fiz pra essa área. Passei, me matriculei,  
423 comecei o curso no início de 1992 e em agosto, no segundo semestre como eu  
424 era um aluno muito dedicado e esforçado um dos meus professore me indicou  
425 para o chefe de departamento e na época o chefe de departamento foi lá na sala  
426 perguntou se eu tinha coragem de encarar uma sala de aula e eu em hesitar  
427 respondi que sim, e foi aí que ele me levou na SEDUC e me apresentou como  
428 professor de matemática e eu fiquei estudando pela manhã na UNIR e a noite  
429 dando aula na escola Risoleta Neves, eu me lembro como se fosse hoje, eu entrei  
430 em uma sala de aula pela primeira vez como professor no dia 26 de agosto as  
431 19:30 minutos eu me vejo dentro da sala de aula e esse é o dia mais feliz da  
432 minha vida eu me senti tão, em dando aula que quando chegou em casa eu falei  
433 pra nega que era isso que eu queria fazer pro resto da minha vida, ali eu descobri  
434 a minha profissão! Professor! Eu sou professor, passei em outros concursos,  
435 mas não quis assumir nenhum fiquei como professor mesmo e sou professor até  
436 hoje, completei 30 anos de professor e ainda sou muito feliz e sempre digo pros  
437 meus alunos: - tomara que vocês realizem os seus sonhos porque eu realizei o  
438 meu e sou muito feliz na profissão que exerço e tudo que eu tenho eu consegui  
439 o salário de professor. E, assim como eu sou filho de um homem que possui  
440 muita terra eu tinha na minha cabeça que eu precisava conquista a minha  
441 terrinha e eu consegui conquistar, graças ao meu trabalho que é ser professor,  
442 e lá nessa minha terrinha mais da nega se tornou o encontro das nossas famílias  
443 e assim comemoramos, festejamos muito e curtimos bastante toda a nossa  
444 família, porque eu sou uma pessoa realizada em tudo, tenho 4 filhos e os dois  
445 filhos mais velhos são funcionários públicos um é cabo da PM e o outro trabalha

446	na prefeitura do Candeias e estão encaminhados na vida e os dois filhos mais
447	novos são formados em Português, um tá terminando a pós graduação na IFRO
448	e a outra que é uma menina a mais nova vai se qualificar daqui uns dias como
449	Mestra que é o meu orgulho maior, então o que é que eu quero mais da vida,
450	somente paz de espírito e muito obrigado.